Este cabeçalho pode valer-lhe mais de mil contos

Diário de Lisboa

dicas da noite

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS

QUINTA-FEIRA, 1 DE ABRIL DE 1971 N.º 17 340 ANO 50.º PREÇO 1$50

luz verde nos caminhos da FORTUNA
1 X 2
TOTOBOLA

VASTA OFENSIVA DE PAZ NOS ESTADOS UNIDOS

WASHINGTON, 1 — (F. P.) — O dia de hoje deve assinalar o início de uma vasta ofensiva de paz nos Estados Unidos. Todas as organizações pacifistas vão tentar conjugar os seus esforços para pôr termo á guerra da Indochina.

Para levar a cabo esse objectivo, isto é, obrigar o presidente Nixon a retirar todas as tropas americanas do Vietnam — aconteça o que acontecer na conferência de Paris e quanto á doutrina de «vietnamização» — a coligação pretende:

1 — Estabelecer a unidade nas próprias fileiras pacifistas.

2 — Recrutar para a causa o maior número possível de indecisos.

Há um ano que o movimento pacifista americano dá provas de inacção e de falta de unidade. É verdade que tem sido mais ou menos desarmado pela política oficial das retiradas a conta-gotas e pelos parcos resultados positivos que essa política conseguiu: redução dos efectivos militares e diminuição das baixas no Vietnam.

O fracasso recente da intervenção no Laos veio, porém, dar força ao movimento e tanto no Congresso como fora dele as «pombas» levantam cabeça.

A «ofensiva da Primavera», como lhe chamam, deve durar até ao fim de Maio. A agenda prevê uma dezena de grandes manifestações em Washington e em Nova York e um grande número de desfiles e reuniões no resto do país.

O dr. Geraldes Cardoso, durante a conferência de Imprensa, responde ás perguntas apresentadas

O XEQUE MUJIBUR RAHMAN, dirigente do Paquistão Oriental, cuja secessão as forças paquistanesas ocidentais estão a combater. A Aviação teria bombardeado diversas cidades. (Ler na pág. 18)

Marcello Caetano preside no Porto a reunião da A.N.P.

A Comissão Central da Acção Nacional Popular reúne-se, amanhã, no Porto, sob a presidência do sr. prof. Marcello Caetano.

Depois da reunião, ao fim da tarde, os presidentes das comissões de distrito do Norte, que englobam os distritos de Viana do Castelo, Braga, Vila Real, Bragança, Porto, Aveiro, Viseu Guarda e Coimbra, apresentarão cumprimentos ao presidente da Comissão Central da A. N. P.

Por iniciativa das comissões locais, realizar-se-á, seguidamente, um jantar, no qual participarão os membros da Comissão Central, da Comissão Executiva, da Junta Consultiva, os presidentes das comissões de distrito e das comissões municipais dos distritos já referidos e, ainda, os membros de todas as comissões locais do distrito do Porto.

No final do jantar, o sr. prof. Marcello Caetano fará um discurso.

Assassinado em Hamburgo um ex-cônsul boliviano

HAMBURGO, 1 — (R.) — O ex-cônsul geral da Bolívia em Hamburgo, Roberto Quintanilla, foi morto, hoje de manhã, na sua residência, com dois tiros no peito, disparados por uma mulher.

A mulher foi vista ainda a fugir da casa e perdeu uma cabeleira grisalha nas escadas. O ex-cônsul preparava-se para regressar á Bolívia, depois de ter abandonado as suas funções.

«Há relação entre as bombas deflagradas em Lisboa e a sabotagem de Tancos»

— foi afirmado em conferência de Imprensa no S. E. I. T.

Sessenta perguntas formuladas por órgãos da Informação nacionais e estrangeiros foram hoje respondidas, no decorrer de uma conferência de Imprensa, pelo director-geral da Informação, dr. Geraldes Cardoso, e representantes dos diversos Ministérios. As perguntas abrangeram os mais diversos sectores da vida nacional, nomeadamente a lei do inquilinato, o aumento do custo da vida, as ligações com o Mercado Comum, o emparcelamento territorial, o petróleo de Cabinda e a sabotagem na Base de Tancos.

(Continua na 8.ª página)

não se esqueça de quem vende

LEITOR DO Diario de Lisboa

A nova iniciativa do «Diário de Lisboa» integra-se, como já tivemos ocasião de explicar, mais de uma vez, no programa das comemorações do primeiro cinquentenário do nosso jornal e destina-se, como também já tivemos ocasião de explicar, a proporcionar a quantos o lêem habitualmente, a possibilidade de adquirirem bens difìcilmente acessíveis à grande maioria das pessoas. Não se entenderia, portanto, que esquecessemos os vendedores do «Diário de Lisboa» — os simpáticos ardinas que o fazem chegar às mãos dos seus leitores, faça chuva ou faça sol, e os

(Continua na pág. seguinte)

«A integração do Barclays Bank (de Moçambique) no Banco Comercial de Angola oferecerá melhores condições para a intervenção, no mercado mundial, do dinheiro que urge canalizar para as necessidades económicas nacionais»

— afirmou Arthur Cupertino de Miranda na Assembleia do Banco Comercial de Angola

(Ler na página central)

HOJE 32 PAGS.—VISADO PELA CENSURA

ÚLTIMAS NOTICIAS — LER NA PÁG. 19

VISITA DE PUPILOS DO EXÉRCITO AO CENTRO ELECTRÓNICO DO BANCO BORGES & IRMÃO

Acompanhados do sr. major Orlando Portugal Guerreiro, professor da cadeira de Cálculo Comercial e Financeiro do Instituto Técnico Militar dos Pupilos do Exército, um grupo de alunos finalistas do Curso de Contabilidade daquele estabelecimento de ensino visitou o Centro Electrónico de Processamento de Dados do Banco Borges & Irmão, em Lisboa.

Recebidos pelo sr. Carlos Alberto da Fonseca Couras, director adjunto dos Serviços Administrativos, que os acompanhou na demorada e interessada visita, os estudantes tiveram oportunidade de ver em funcionamento aquele importante departamento da Instituição bancária, sobre cuja finalidade e utilização receberam completos esclarecimentos.

(Cont. da página anterior)

inúmeros vendedores que temos no País inteiro.

Impunha-se, por outras palavras, que os vendedores do «Diário de Lisboa» fossem incluídos no número dos que vão beneficiar das nossas iniciativas e que beneficiassem, também, de algumas das vantagens que vamos proporcionar às pessoas a quem vendem o jornal.

Com este objectivo em vista, resolveu o «Diário de Lisboa» atribuir prémios especiais aos vendedores que tenham sido indicados como seus vendedores habituais pelos leitores a quem venham a ser atribuídos prémios no decorrer da iniciativa actualmente em curso. Trata-se de uma decisão justa para a qual chamamos a atenção de todos os participantes, já que sem o seu concurso não a poderemos concretizar.

Os prémios destinados aos vendedores do «Diário de Lisboa» só serão atribuídos aos vendedores que os participantes premiados na nossa iniciativa tiverem indicado expressamente como seus vendedores habituais, motivo por que pedimos a todos os leitores que se não esqueçam dos seus vendedores.

Na prática, cada participante deverá indicar no seu boletim-duplo de identificação o nome ou a designação do vendedor, agente ou tabacaria a quem ou onde adquire habitualmente o «Diário de Lisboa».

Os leitores do «Diário de Lisboa» que na 1.ª fase tiverem omitido esta informação ao preencher os seus boletins duplos de identificação ainda estão a tempo de proporcionar um prémio aos seus vendedores habituais — basta, para isso, que nos enviem os seus nomes e moradas num postal. O que pedimos é que este postal seja preenchido com a maior clareza e que o nome do participante que o remete coincida rigorosamente com o nome que ele indicou no seu boletim-duplo de identificação — de outra forma podem surgir complicações inúteis.

Ao pedir aos nossos leitores que se não esqueçam de indicar os nomes dos seus vendedores habituais, estamos, bem vistas as coisas, a pedir-lhes que colaborem connosco num acto de justiça elementar — são eles que lhes fazem chegar o «Diário de Lisboa» às mãos todos os dias, por vezes com dificuldades de que o público raras vezes se apercebe e sempre com um sorriso ou um gracejo de boa disposição.

A simples indicação do nome e da morada do vendedor a quem um participante premiado compra habitualmente o jornal pode proporcionar-lhe um prémio a que ele só com muita dificuldade teria acesso. Esta indicação que, apesar de tudo, não requer senão um esforço mínimo, pode efectivamente contribuir para o enriquecimento da vida de uma pessoa que trabalha todo o dia e que raras vezes enriquece...

Não se esqueça, portanto, do seu vendedor.

ENSAIOS DE ESCREVIVER

O Problema Racial nos Estados Unidos / Simbolismo Português / Camilo Pessanha / António Nobre / Três Artistas do Porto / Albertine Sarrazin / Imagens da Mulher na Literatura Portuguesa do Século XX
A Condição e Situação do Escritor
A Juventude no Mundo Actual
e outros ensaios

Colecção As Palavras e as Coisas
284 páginas | 70$00

URBANO TAVARES RODRIGUES

A PALMA DA MÃO
(Sumário dos Dias Inquietos)

Demonstração do empenhamento decidido de Urbano Tavares Rodrigues na humanização do mundo, este volume fala-nos das mil e uma coisas que preenchem o tempo em que vivemos e que constituem as nossas preocupações quotidianas.

Colecção Ofício de Viver
262 páginas | 60$00

PORTUGAL INOVA / APARTADO 466 / PORTO

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

ciclo de música coral

16 DE ABRIL	**CORO DE CÂMARA GULBENKIAN** Direcção de MICHEL CORBOZ Obras de **Monteverdi, Hindemith** e polifonia portuguesa
20 DE ABRIL	**CORO BACH** Direcção de PIERRE SALZMANN Obras de **Palestrina, Orlando di Lasso, Scarlatti, Schütz,** etc.
22 DE ABRIL	**CORO DA JUVENTUDE MUSICAL PORTUGUESA** Direcção de FRANCISCO D'OREY Obras de **William Boyce, Victoria, Lopes Graça, E. Widmann,** etc.
27 DE ABRIL	**SCHOLA CANTORUM POLYPHONIA** Direcção do CÓNEGO JOSÉ AUGUSTO ALEGRIA Obras de **Frei Manuel Cardoso, Lopes Morago, Duarte Lobo, Diogo Melgaz, Palestrina, Marenzio,** etc.
30 DE ABRIL	**CORO GULBENKIAN** Direcção de MICHEL CORBOZ, PIERRE SALZMANN e JOSÉ AQUINO Obras de **Orlando di Lasso, Palestrina, Vitoria, Monteverdi, Carlos Seixas, F. A. Almeida, Brahms,** etc.

concertos para jovens intérpretes

28 DE ABRIL	**SANTIAGO SABINO**, violoncelo / **ANTÓNIO MÁRIO BARBOSA**, piano Obras de **Vivaldi, Schumann, Brahms, Prokofieff**
5 DE MAIO	**LÚCIA SOVERAL**, piano Obras de **D. Scarlatti, C. Seixas, Beethoven, Brahms, Debussy**
12 DE MAIO	**JORGE MOYANO MARQUES**, piano Obras de **Alban Berg, Bethoven, Schumann, Cesar Franck**
14 DE MAIO	**THOMAS IGLOI**, violoncelo / **NOÉMIA BREDERODE**, piano Obras de **Boccherini, J. S. Bach, Ginastera, Beethoven**

- TODOS OS CONCERTOS SE REALIZAM NO AUDITÓRIO DOIS, ÀS 18.30 HORAS, COM EXCEPÇÃO DO DE 30 DE ABRIL, QUE TERÁ LUGAR NO **GRANDE AUDITÓRIO**, À MESMA HORA
- **Preços: 15$00 e 10$00 — 50% de desconto a estudantes**
- Bilhetes desde já à venda na Sede da Fundação Gulbenkian (Av. Berna), todos os dias úteis, das 13 às 20 horas (A Bilheteira estará encerrada de 8 a 11 de Abril).
- **Espectáculos para** maiores de 6 anos.

AUTOMÓVEIS — «ARMAS DE GUERRA»

Por MORTON MINTZ

(Exclusivo «The Washington Post» «D. L.»)

WASHINGTON — O principal responsável governamental pela segurança rodoviária acusou os fabricantes de automóveis de causarem «dilacerações e perturações» nos ciclistas e peões, por conceberem carros, cuja frente se assemelha a uma «arma de guerra».

Quando depunha perante a Comissão Comercial do Senado, este alto funcionário projectou «slides» nos quais se comparavam os perfis de «capots» e das frentes dos carros americanos de 1971 com antigas armas medievais.

Este alto funcionário insiste no facto de esses perfis protuberantes de arestas vivas serem particularmente perigosos para as crianças, cujas cabeças ficam mais ou menos ao nível dessas massas «hostis».

A industria automóvel teria também «ignorado deliberadamente» um princípio conhecido há milhares de anos — o facto de um choque ser muito menos perigoso se for distribuído por uma certa superfície em vez de se concentrar num angulo agudo.

O antigo responsável pela segurança rodoviária declarou, no seu depoimento que os gastos de reparação de um carro que tenha um acidente a uma velocidade de 8 km por hora são 5090 mais elevados num modelo de 1971 que nos modelos de 1970

Experiências realizadas em laboratório mostram que a reparação da frente de um modelo 71 que tenha sofrido um acidente custa cerca de 332 dólares (cerca de 9 594$80) contra 216 dólares (cerca de 7242$40).

Para os acidentes com a parte detrás do carro os custos eram respectivamente de 329 e 219 dólares (cerca de 9 578$10 e de 7 329$10).

O especialista da segurança rodoviária lembrou que a velocidade de 8 km á hora era quase a de um peão. É também essa a velocidade com que se dá o choque com o chão, quando se salta de uma altura de 30 centímetros.

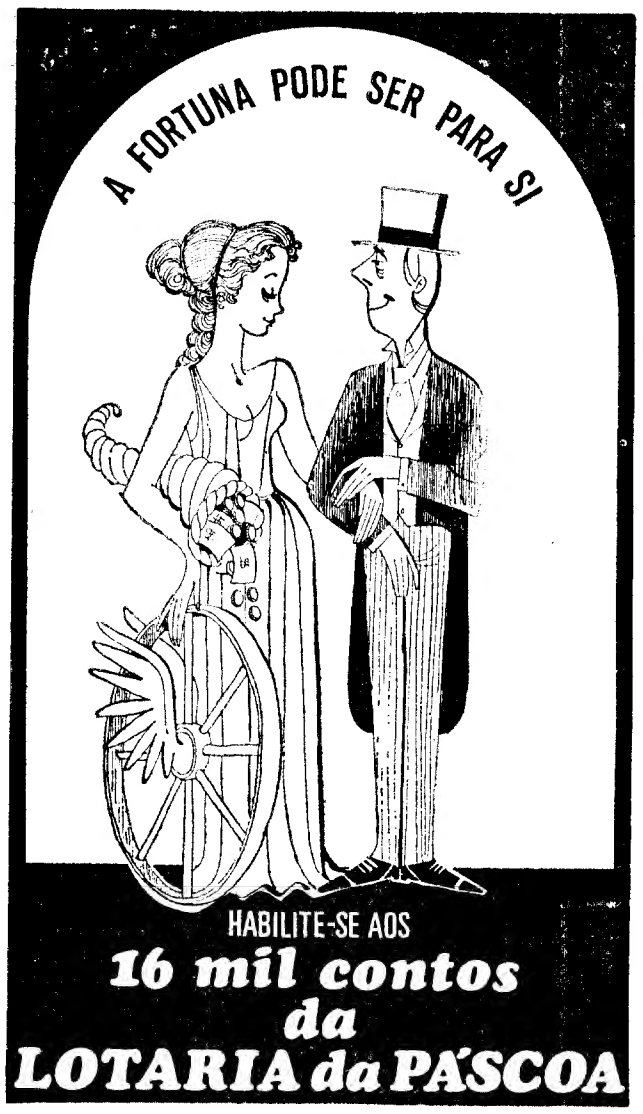
O mesmo especialista afirmou que o aumento dos gastos de reparação dos modelos de 1971 não se devia ao aumento do custo da mão-de-obra ou das peças, mas sim á «delicadeza da concepção» dos carros.

Projectou filmes rodados durante experiências de acidentes para mostrar que os fabricantes da industria automóvel concebiam os seus veículos de maneira a «garantirem vendas imensas de peças soltas» que só eles fabricam.

Esta audição da comissão comercial do Senado visava o estudo de um projecto de lei do senador Philip Hart (democrático do Michigan), projecto que, a ser adoptado, obrigaria os construtores, a partir de 1 de Julho de 1974, a equipar os seus modelos de pára-choques de maneira a que um carro chocasse (á velocidade de 8 km/h.) com uma barreira sem sofrer quaisquer danos.

Segundo o mesmo especialista, os prejuizos são aumentados pelo facto de certo numero de modelos, como os «Chevrolet Impala», os «Ford Galaxie» e os «Volkswagen» terem pára-choques situados a alturas diferentes, nas dianteiras e nas traseiras.

Quanto aos modelos americanos luxuosos como os «Skylark» da «Berick» cujos pára-choques, segundo a publicidade, permitem absorver choques quatro vezes superiores aos que os modelos de 1970 aguentam, o mesmo técnico revelou que o «Skylark» foi o que mais sofreu nos testes realizados. O «Montego» da Mercury sofreu 2900$00 da danos no radiador e no reflector.



NOTA do dia

A REFORMA

A ASSEMBLEIA NACIONAL vai reabrir, depois da Páscoa, para correr a ponta final da actual sessão legislativa, já prorrogada, com vista a discutir as propostas de alteração ao texto constitucional, de que a Câmara Corporativa já concluiu a apreciação num longo parecer de 110 páginas devido na sua maior parte ao procurador dr. Afonso Queiró, professor da Faculdade de Direito de Coimbra, que fora nomeado relator. Em resumo, a situação tornou-se já conhecida: a Câmara Corporativa dá parecer contrário aos projectos apresentados por dois grupos de deputados e dá parecer favorável, na generalidade, ao projecto do Governo. Parecer favorável, sim, embora com a recomendação de algumas alterações no texto proposto pelo Governo.

O ponto que parece ter levantado mais lenta discussão entre os procuradores é o que se refere às alterações propostas em matéria de política ultramarina. A fórmula contida na proposta do Governo, no sentido de que as províncias ultramarinas poderão ter a designação de «Estados», de acordo com a tradição nacional, quando o progresso do seu meio social e a complexidade da sua administração justifiquem essa qualificação honorífica, parece ter sido abundantemente discutida, a avaliar pelo acervo de citações e abonações de que vem recheado esse trecho do parecer. Aliás, a discussão já se fizera, ainda no tempo em que a Monarquia estava para lavar e durar. Mais precisamente, como agora se recorda no parecer, nos últimos vinte anos do século passado.

Os actuais procuradores evocam a polémica e a teima de Vilhena para fazer vingar o seu ponto de vista, ao qual opõem, com certo apuro de pormenor, a áspera crítica então formulada por Chaves e Castro: «A muito pouco se reduzia a reforma das províncias ultramarinas» (a de Vilhena), «mudava-se-lhes o nome, fazia a sua divisão em províncias e estas em distritos e intendências, criava-se uma ou outra comarca e entregava-se a administração do Estado a um comissário régio». Eis a que ficou reduzida a organização do Estado da Africa Oriental, tão pomposamente inculcada e que nada produziu, sendo-lhe aplicável o «parturiunt montes, nascetur ridiculus mus». Que é como quem diz: a montanha pariu um rato.

A Câmara não elimina, todavia, a designação de «Estados», reduzindo-lhe porém, expressamente o significado, que considera simplesmente honorífico, como o foram as designações de «Reino do Algarve», «Reino do Brasil», «Estado da India». E pergunta-se no parecer: «Poderá pensar-se em que estas fórmulas honoríficas são politicamente inconvenientes? Nunca se verificarão secessões políticas ou perdas de territórios nacionais por causas desta ordem». (...) «Aventar ou recear inconvenientes para a consagração prevista no texto proposto é admitir que um nada (um título ou honra) baste por si só para desencadear ou acelerar um movimento de independência». (...) «Não se crê que um semelhante temor seja realista. Não haja portanto, medo das palavras!»

O texto contraproposto pela Câmara Corporativa contemporiza formalmente: «... podendo ser designados por Estados, de acordo com a tradição nacional, quando o progresso do seu meio social e a complexidade da sua administração justifiquem essa qualificação honorífica». É o artigo 133.º do projecto governamental, para que os procuradores oferecem nova redacção. Esta terá sido, como parece recolher-se da leitura do parecer, a parte mais controvertida da proposta do Governo, o que se depreende não só da extensão da parte do parecer que lhe corresponde, como de haver sobre ela cinco declarações de voto, em que aparece como chefe de fila o procurador Antunes Varela, professor do Direito em Coimbra, antigo ministro da Justiça, membro do Conselho de Estado. Teremos depois da Páscoa a discussão na Assembleia Nacional.

PISCINA DO TAMARIZ
REABRIU HOJE
Tratamento de água sob a direcção técnica do eng.º químico B. de Mesquita
Informações na TAMARIZ — Telef. 261665

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

novo casino estoril

NOVO CASINO ESTORIL

SALA DE JOGOS
TODOS OS DIAS DAS 15 ÀS 3 HORAS

"SLOT MACHINES"
ACESSO LIVRE MAIORES DE 21 ANOS

GEORGES REICH

NINO SANCHEZ
VEDETA DA RÁDIO E DA TV ESPANHOLA

RUDI HORN
FAMOSA ATRACÇÃO MUNDIAL

LENITA GENTIL

JIRINAS COMBO · "OS MODS"
FERRER TRINDADE E SUA ORQUESTRA

ELKE MONAMOUR
SÓ NO WONDER BAR

NO GRANDE SALÃO RESTAURANTE ÀS 23,30 H. maiores de 17 anos
NO WONDER BAR À 1,0H. maiores de 21 anos
TELEFONE 264521

Hoje, às 22.15 h., no salão restaurante, espectáculo transmitido pela R. T. P. com os artistas acima mencionados e, ainda,

SAMANTA JONES ● LES DOLLIES

AJUDANTES DE MONTADOR OFFSET

PRECISAM-SE

Resposta, com informações detalhadas, ao n.º 752 deste Jornal.

AJUDANTE DE IMPRESSOR OFFSET

PRECISA-SE

Resposta, com informações detalhadas ao n.º 753 deste Jornal.

SELECIONADO PARA OS "OSCARS" DA ACADEMIA COM 4 NOMEAÇÕES

POR IMPOSIÇÃO DO PRODUTOR ESTE FILME SÓ PODE SER ESTREADO NUM ÚNICO CINEMA

DEVIDO À SUA ALTA QUALIDADE CINEMATOGRÁFICA E PARA QUE TODO O SEU IMPACTO NÃO SEJA QUEBRADO ESTE FILME SERÁ EXIBIDO SEM INTERVALO

SE NÃO VIR MAIS NADA ESTE ANO, DEVE VER FIVE EASY PIECES - Life Magazine

DESTINOS OPOSTOS
ADULTOS
(FIVE EASY PIECES)

A COLUMBIA FILMES apresenta uma produção BBS com JACK NICHOLSON
KAREN BLACK SUSAN ANSPACH
Arg. ADRIEN JOYCE Hist. BOB RAFELSON e ADRIEN JOYCE
Prod. BOB RAFELSON e RICHARD WECHSLER
Prod. BERT SCHNEIDER Dir. BOB RAFELSON
COLOR

AMANHÃ NO SÃO LUIZ

TRINDADE
Hoje às 21.45 horas (Adultos)
Só até 11 de Abril — Final da temporada
O original de Bernardo Santareno
O DUELO
Pela Companhia do Teatro Nacional D. Maria II
Sábado e Domingo Tarde às 16 horas

Um jogo de vidas e paixões, por glória, mulheres e dinheiro!

AS RODAS DA LOUCURA
"THE CHALLENGERS"
com
DARREN McGAVIN · SEAN GARRISON · NICO MINARDOS
SUSAN CLARK · SAL MINEO · JULIET MILLS e FARLEY GRANGER
Realização de LESLIE H. MARTINSON · TECHNICOLOR · Maiores de 12 anos

2.ª SEMANA! POLITEAMA

REAPARECE HOJE O GRUPO 4

O Teatro Maria Matos apresenta a partir de hoje à noite, durante uma curta série de espectáculos, a peça «As Irmãzinhas», de Eduardo Manet, encenada por Costa Ferreira.

Só até ao dia 11 voltam ao contacto do publico os fundadores do grupo — Irene Cruz, João Lourenço, Morais e Castro e Rui Mendes.

AUDIÇÃO DE MÚSICA SACRA

A Terceira Igreja Evangélica Baptista de Lisboa, na Rua Filipe Folque, 36 (ao Saldanha) promove, amanhã, ás 21 e 30, uma audição de música sacra, com a participação dos grupos corais da Convenção Baptista Portuguesa e da Igreja Baptista de Queluz. Serão ainda apresentados diversos números de música cantados a solo e em quarteto. O organista João Pinto de Carvalho tocará algumas composições de J. S. Bach. A entrada é livre.

OS «GAIATOS» NO MONUMENTAL

É já no próximo dia 22 de Abril, ás 18 e 30, que os Gaiatos do Padre Américo realizam no cinema Monumental o seu já tradicional espectáculo.

Dado que a lotação do Monumental costuma esgotar, recomenda-se aos interessados a conveniência de se munirem de bilhetes sem perda de tempo, nos costumados locais de venda: Ourivesaria 13, Telef. 861939; Franco Gravador, T. 361406; e Montepio Geral, T. 323 001.

BANCO DE CRÉDITO COMERCIAL E INDUSTRIAL

Relatório e Contas

Senhores Accionistas:

1. O exercício de 1970 foi dolorosamente assinalado pelo falecimento de um dos fundadores deste Banco e seu Vice-Presidente do Conselho de Administração, o Senhor Conde da Covilhã, o que constituiu para todos nós perda irreparável, não só pelos laços pessoais de amizade e de admiração que as suas extraordinárias qualidades e a irradiação da sua personalidade suscitavam em todos aqueles que tiveram o privilégio de com ele lidar de perto, mas igualmente pelo que o brilho da sua esclarecida inteligência e a integridade do seu carácter representavam como orientadores dos negócios desta instituição.

É, pois, com viva emoção que recordamos, no limiar deste Relatório, a figura e a obra do nosso muito querido Amigo e Vice-Presidente, a cuja memória prestamos a mais sentida homenagem, no propósito de prosseguir a linha de actuação por ele definida ao longo de toda uma vida exemplarmente votada a contribuir para o progresso e o desenvolvimento do nosso País.

2. Em paralelo com o crescimento das economias de Angola e Moçambique, o Banco de Crédito expandiu no decurso do exercício de 1970 a sua rede de estabelecimentos e ampliou o volume das suas operações, no desempenho da missão de apoio às actividades económicas locais, procurando adoptar uma orientação selectiva na distribuição do crédito, com particular realce para os sectores da produção e do comércio exportador.

3. Foram inaugurados 21 novos estabelecimentos (13 em Angola e 8 em Moçambique), dos quais 8 agências — Quibala, Salazar, Gabela, Vila Norton de Matos, Caconda, Vila Pery, Nacala e Songo (Cabora Bassa) —, e 13 dependências urbanas, que abriram em Luanda, Lourenço Marques e Beira.

4. A firme expansão do Banco reflecte-se na expressão das rubricas do balanço que mais directamente se relacionam com a sua actividade como instituição creditícia: em relação ao termo do exercício anterior, verificou-se uma progressão de 51% nas disponibilidades de caixa, de 37% na carteira comercial e de 31% nos depósitos — cujo valor absoluto em 31 de Dezembro de 1970 ultrapassava já os 4 milhões de contos.

5. Primeiro banco comercial português em cujos estatutos se previu a possibilidade de actuação regular no plano do crédito a médio e longo prazos, o Banco de Crédito solicitou em 1970, ao abrigo de legislação recentemente promulgada, autorização para a abertura de departamentos financeiros nas duas províncias em que se desenvolve a sua actividade. Propõe-se, assim, alargar ao âmbito do mercado financeiro a acção de apoio à formação de capital, que tem vindo a exercer ao longo dos anos com base em volumes crescentes de recursos, através das operações que são próprias da banca comercial.

6. Um outro traço saliente da evolução do Banco de Crédito em 1970 reside na inauguração de escritórios de representação que passa a manter em Joanesburgo, Paris e Caracas, conjuntamente com o Banco Borges & Irmão, os quais poderão proporcionar eficaz assistência aos respectivos clientes em contactos e transacções internacionais e constituir mais uma via para a consecução de financiamentos úteis ao desenvolvimento económico nacional.

	Caixa e Depósitos nos Bancos Emiss.	Carteira Comercial	Depósitos
1965	41 391 681$62	113 900 856$05	195 469 771$13
1966	162 805 095$99	361 962 049$06	733 649 539$45
1967	386 833 577$73	675 368 187$03	1 328 247 727$42
1968	599 923 997$95	1 168 275 501$25	2 431 107 172$29
1969	640 901 159$27	1 557 252 763$27	3 115 309 468$61
1970	973 041 254$81	2 134 425 560$82	4 151 204 858$03

7. Através de gabinete de estudos especializado, o Banco de Crédito prosseguiu, também em colaboração com o seu associado metropolitano, na tarefa de elaboração e divulgação de dados relativos à evolução dos mercados monetário e financeiro dos principais territórios portugueses.

8. O resultado do exercício, depois de deduzidas as amortizações e provisões, eleva-se a Esc. 21 218 341$90, importância para a qual propomos a aplicação seguinte:

Reserva legal	3 500 000$00
Outros Fundos de Reserva ...	7 500 000$00
Dividendo	10 000 000$00
Conta Nova	218 341$90

9. No termo de mais um exercício, em que a despeito da intensificação da concorrência, que não deixou de se projectar no domínio dos custos da actividade bancária, se processou com seguro dinamismo a expansão da instituição, agradecemos a válida cooperação do Conselho Fiscal e manifestamos aos colaboradores e empregados de todas as categorias o nosso vivo apreço pela sua competente e dedicada actuação.

A todos os nossos clientes reiteramos a expressão da nossa estima pela amizade e confiança sempre manifestadas.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

BALANÇO EM 31 DE DEZEMBRO DE 1970		ACTIVO
DISPONÍVEL E REALIZÁVEL		
Caixa e Depósitos nos Bancos Emissores	902 314 824$56	
Depósitos noutras instituições de Crédito	45 726 430$25	
Promissórias de Fomento Ultramarino	25 000 000$00	973 041 254$81
Correspondentes no Estrangeiro	101 309 597$25	
Ouro, Moedas e Notas Diversas	4 629 774$11	
Carteira de Títulos e Cupões	165 507 500$00	
Carteira Comercial	2 134 425 560$82	
Letras sobre o Estrangeiro	21 208 547$51	
Correspondentes no País	4 688 548$45	
Empréstimos e Contas Correntes Caucionados	975 914 698$00	
Devedores e Credores	106 828 763$67	
Outros Valores Realizáveis	4 850 279$49	3 519 363 269$30
		4 492 404 524$11
IMOBILIZADO		
Participações Financeiras	37 266 400$00	
Imobilizações Diversas	132 907 812$17	
Amortizações (a deduzir)	33 337 770$24	136 836 441$93
OUTRAS CONTAS DO ACTIVO		
Contas Diversas		901 681 995$75
		5 530 922 961$79
CONTAS DE ORDEM		
Valores de Conta Alheia	633 987 212$56	
Valores Recebidos em caução	1 618 452 707$98	
Devedores por Garantias e Avales Prestados	703 041 836$42	
Devedores por Aceites	29 852 314$48	
Devedores por Créditos Abertos	142 788 499$82	
Outras Contas de Ordem	282 488 108$22	3 410 610 679$48
		8 941 533 641$27

O Director da Contabilidade: **Luís Alberto Gonçalves Ambrósio**

PASSIVO		
EXIGÍVEL		
Depósitos à Ordem — Moeda Nacional	2 469 632 707$49	
Depósitos à Ordem — Moeda Estrangeira	975 070$86	
Depósitos a Prazo — Moeda Nacional	1 680 597 079$68	4 151 204 858$03
Cheques e Ordens a Pagar	22 840 028$63	
Exigibilidades Diversas	5 997 111$41	
Correspondentes no País	5 696 302$13	
Empréstimos e Contas Correntes Caucionados	1 331 225$21	
Devedores e Credores	280 572 734$47	316 437 401$85
		4 467 642 259$88
NÃO EXIGÍVEL		
Contas Diversas e Provisões		801 562 360$01
CAPITAL E RESERVAS		
Capital	200 000 000$00	
Fundo de Reserva Legal	10 500 000$00	
Outros Fundos de Reserva	30 000 000$00	240 500 000$00
RESULTADOS		
Lucros e Perdas		
Saldo do exercício anterior	394 140$81	
Resultados do exercício	20 824 201$09	21 218 341$90
		5 530 922 961$79
CONTAS DE ORDEM		
Credores por Valores de Conta Alheia	633 987 212$56	
Credores por Valores Recebidos em Caução	1 618 452 707$98	
Garantias e Avales Prestados	703 041 836$42	
Aceites	29 852 314$48	
Créditos Abertos	142 788 499$82	
Outras Contas de Ordem	282 488 108$22	3 410 610 679$48
		8 941 533 641$27

O Conselho de Administração: **Dr. Miguel Gentil Quina** - Presidente
Manuel Rodrigues Lagos - Vice-Presidente
Aristide Sain
Dr. Manuel Armando Marques Guedes
Dr. José da Silva Braga

CONTA DE LUCROS E PERDAS DO EXERCÍCIO DE 1970		DÉBITO
Juros e comissões a n/ cargo	102 776 349$42	
Contribuições e impostos	7 417 193$80	
Despesas com o pessoal	118 393 254$16	
Despesas gerais	47 033 729$63	
Encargos diversos	47 182$18	
Provisões e amortizações	10 724 740$54	286 392 449$73
Saldo		21 218 341$90
		307 610 791$63

O Director da Contabilidade: **Luís Alberto Gonçalves Ambrósio**

CRÉDITO		
Saldo do exercício anterior		394 140$81
Juros e comissões a n/ favor	277 142 698$79	
Resultados em operações cambiais	14 037 344$63	
Rendimento de títulos de crédito	8 563 980$20	
Outros rendimentos, receitas e lucros	7 472 627$20	307 216 650$82
		307 610 791$63

O Conselho de Administração

RELATÓRIO E PARECER DO CONSELHO FISCAL

Senhores Accionistas:

No desempenho da nossa missão, procedemos ao longo do último exercício à verificação das contas e valores bem como dos critérios valorimétricos adoptados, que merecem a nossa aprovação. O relatório, balanço e contas apresentados pelo Conselho de Administração reflectem adequadamente os progressos verificados na evolução do Banco de Crédito e evidenciam a posição por este alcançada no âmbito das instituições financeiras portuguesas:

Associando-nos às palavras de sentido pesar pelo falecimento do Vice-Presidente do Conselho de Administração, Senhor Conde da Covilhã, propomos:

1.º Que se aprovem o relatório, balanço e contas relativas ao exercício de 1970;

2.º Que seja aprovada a proposta para aplicação do saldo da conta de resultados apresentada pelo Conselho de Administração;

3.º Que se aprove um voto de justo louvor ao Conselho de Administração, pela forma criteriosa como tem gerido os assuntos sociais;

4.º Que se aprove um voto de louvor a todos os colaboradores e empregados, pela sua competência e dedicação.

O CONSELHO FISCAL

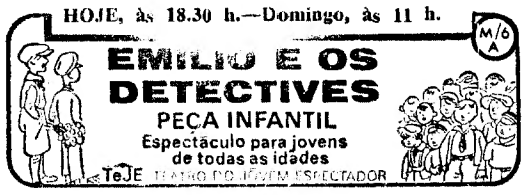
Associado do **Banco Borges & Irmão**

TODAS AS NOITES, AS 21.45 HORAS (Maiores de 17 anos)

SÁBADO, 2 «MATINÉES»
AS 16 HORAS e AS 18.30 HORAS
(à noite não há espectáculo)

MAIS DE 50 REPRESENTAÇOES

5 ÚLTIMOS ESPECTÁCULOS NAS FERIAS DA PASCOA
HOJE, às 18.30 h.—Domingo, às 11 h.



MARQUE JÁ OS SEUS BILHETES — TELEF. 53 85 86
(crianças, 20$00 — adultos, 40$00)

Teatro Maria Matos TELEF. 717017 HOJE ÀS 21,45 HORAS

REAPARECE O INVULGAR ESPECTÁCULO **as irmãzinhas** M/ 17

DISCUTIDA OBRA DE EDUARDO MANET
ENCENADA POR COSTA FERREIRA
CENÁRIO DE OCTÁVIO CLÉRIGO
INTERPRETAÇÃO:
IRENE CRUZ, JOÃO LOURENÇO
MORAIS E CASTRO E RUI MENDES

NOTAVEL REALIZAÇÃO DO **grupo 4**

ATENÇÃO
HORÁRIO ESPECIAL DE SÁBADO, 3:
2 «matinées» às 16 e às 18.30 horas:
Excepcionalmente não há espectáculo às 21.45 h.
As duas «matinées» de sábado terão preços reduzidos, tendo ainda os jovens até aos 24 anos 50% de desconto

BREVEMENTE — Maiores 17 anos
JOGOS DE SOCIEDADE
APAIXONANTE COMÉDIA DRAMATICA
PARA 150 MINUTOS DE INTENSA VIBRAÇÃO

cial CENTRO DE LINGUAS

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize comboios eléctricos.

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

«QUEM SE METE COM RAPAZES...»

TÍTULO ORIGINAL — «Faccia da Schiaffi».
REALIZAÇÃO — Armando Crispino, 1970 (Itália).
INTÉRPRETES — Gianni Morandi, Duílio, Laura Belli, etc.
DISTRIBUIÇÃO — Talma Filmes.
ESTREIA — Cinema Avis (26-3-1971).

Depois de muito cantar, Gianni Morandi achou que já era altura de «representar». Em vez do cantor que intervém num filme, eis que «*Faccia da Schiaffi*» nos revela o (pretenso) actor.

Gianni Morandi: se é máu como cantor, é péssimo como actor. Por isso mesmo, leitor amigo, não se meta em fitas: «*Quem se mete com rapazes ...*».

«A RAPARIGA DOS ALPES»

REALIZAÇÃO — Werner Jacobs (Alemanha Federal).
INTÉRPRETES — Eva Maria Singhammer, Lotte Ledl, Gertrud Mittermavr, Gustav Kunth, etc.
ESTREIA — Cinema Vox (29.3.1971).

O cinema para crianças parece estar condenado a ser piegas, sentimentaão, pitoresco, etc. «Heidi» já foi Shirley Temple. Agora é Eva Maria Singhammer. Entre ambas, um abismo. Menina dos Alpes suiços, Heidi vem para a cidade. Do confronto entre a vida do campo e a vida da cidade a ilusão mais reaccionária: os perigos da cidade, a nostálgia da pureza bucólica.

Werner Jacobs é um realizador alemão bastante medíocre. Depois da lágrima e antes do sorriso, vai facultando ao seu publico um chorrilho de bilhetes postais ilustrados. Que mais haverá a dizer desta película? — L. A.

PRECAUÇÕES NO FESTIVAL DA EUROVISÃO

LONDRES, 1. — (A. N. I.) — Os organizadores do Festival da Eurovisão que se efectua em Dublin, Republica da Irlanda, no sábado, estão a tomar precauções especiais para evitar a sabotagem do festival por terroristas do Exército Republicano Irlandês, clandestino.

O espectáculo será televisionado para 29 países e visto por uns 500 milhões de telespectadores. Os canais de transmissão estão a ser mantidos em segredo.

HOWARD HAWKS
dirigiu JOHN WAYNE em
«RIO BRAVO» e «EL DOURADO»
Oferece-nos agora na melhor tradição do western
50% DE ACÇÃO
50% DE EMOÇÃO

RIO LOBO

JOHN WAYNE em "RIO LOBO"
MAIORES 12 anos
A Cinema Center Films apresenta
com Jorge Rivero · Jennifer O'Neill · Jack Elam · Victor French · Susana Dosamantes
arg. Burton Wohl e Leigh Brackett · hist. de Burton Wohl · música de Jerry Goldsmith
prod. e real. Howard Hawks (Technicolor)
EM PLENA PASCOA ESTREIA DE UM GRANDE FILME EM DOIS GRANDES CINEMAS
ALVALADE HOJE AS 21.45 H EDEN
Em complemento:
«TOMAR — CIDADE VERDE», produção de Miguel Spiguel, realização de António Ruano

Um filme verdadeiro sobre um verdadeiro problema!
RENAUD VERLEY · JANE BIRKIN

os caminhos de KATMANDOU
(LES CHEMINS DE KATMANDOU)
com
PASCALE AUDRET · SERGE GAINSBOURG · DAVID O'BRIEN
ELSA MARTINELLI · ARLENE DAHL
Um filme de ANDRE CAYATTE · EASTMANCOLOR · ADULTOS
EXCLUSIVO FILMES LUSOMUNDO
5.ª SEMANA!
VOX

TEATRO VARIEDADES TEL. 326037
HOJE: AS 21.45 H.
4.ª SEMANA
UMA COMÉDIA DE GARGALHADA PERMANENTE
de Francis Veber
o contrato
(Adultos)
com RIBEIRINHO ● HENRIQUE SANTANA ● e es-teatro declamado SIMÃO DE OLIVEIRA
SÁBADO, AS 21.45 H. DOMINGO: AS 16 H.

TEATRO CAPITÓLIO TEL. 327493
HOJE: AS 21.45 h.
(Adultos)
DOMINGO: A TARDE, AS 16 H.

11.ª SEMANA

TEATRO MONUMENTAL TEL. 555133
VASCO MORGADO apresenta brevemente em ESTREIA, uma comédia de Barillet & Grédy numa tradução de Jerónimo Bragança

com Milú lado a lado com Irene Isidro, Armando Cortez, Maria Adelina, Guida Maria, Luís Pinhão, Óscar Caetano, António Machado, António Semedo e a colaboração especial de Maria Paula
Uma encenação de Armando Cortez
Cenas de António Casimiro (Adultos)

TEATRO LAURA ALVES TEL. 864756
HOJE: AS 21.45 h.
SÓ ATÉ DOMINGO
M/12 ANOS

de ARIANO SUASSUNA
SÁBADO E DOMINGO «MATINÉE» AS 16 H.

Neste teatro, brevemente: VASCO MORGADO apresenta
(Adultos)

SÓ AS BORBOLETAS SÃO LIVRES
de LEONARD GERSHE
Em todos os palcos do mundo
A COMÉDIA DO ANO
encenação de António de Cabo

TEATRO GIL VICENTE
CASCAIS — 280919
Últimos dias
Todas as noites, às 21.45
Domingo, às 16 e 21.45
A MALUQUINHA DE ARROIOS
de André Brun
pelo TEATRO EXPERIMENTAL DE CASCAIS
Adultos
Brevemente: IVONNE, princesa de Borgonha, de GOMBROWICZ

CANAL DA CRÍTICA

POR MÁRIO CASTRIM

• JÁ TODOS ESTAMOS CONSUMIDOS.
• TRAZER COISAS TEMÁTICAS PARA PORTUGAL NÃO DÁ
• E O MAIS QUE ADIANTE SE VERÁ, PARA PROVEITO E EXEMPLO

«Frente a Frente» é uma das mais importantes rubricas da televisão não apenas de Portugal, mas do mundo inteiro. A posição que lhe atribuem no mapa de programas, à hora de maior audiência, prova bem a conta em que a tomam. É mais que uma rubrica: é um símbolo.

As personalidades mais gradas da nossa época já lá rentaram, já lá falaram, Para enriquecer a lista, faltava um nome: Perdigão Queiroga. Dizer Perdigão Queiroga é ter um resumo visual da história do cinema europeu: 10 filmes, sem contar o resto, que é importante: toda uma vida dedicada à imagem, à câmara, à fita virgem, na ânsia incontida de desflorar novos rumos para a cinematografia nacional.

Por isso, os muitos e vários milhões de telespectadores portugueses assistiram ontem maravilhados ao desbobinar dos conceitos do cineasta. Cineasta combativo, de crista levantada para Mensurado a fazer sempre as mesmas perguntinhas — a problemática, a temática, a crítica...

Perdigão Queiroga, quase no início, referiu-se ao filme de Cunha Teles, suponho que «O Cerco», embora este nome não fosse pronunciado. Assim: *«O problema é igual ao de todos os filmes portugueses antigos, com mais graça ou mais graça.»* O filme tinha uma novidade: *«as personagens viviam em casas modernas...»* O conteúdo? O conteúdo era igual a todos. *«E pergunta: «Há mais autenticidade neste filme do que no «João Ratão?»*

Quanto à transigência, não: eles, os veteranos, não transigiam — eram obrigados. *«Como nós é que pagamos o dinheiro, temos de ter cuidado com os filmes que fazemos.»*

José Mensurado, sempre na vanguarda dos grandes problemas, diz que não sei quê, uma sociedade de consumo... Queiroga replica que nesta sociedade de consumo já todos estamos consumidos.

E relata, a propósito de cinema novo e dos rapazes interessados nisso, a história mirabolante daquele grupo de jovens que lhe foi pedir para os deixar fazer uma fita. Depois de várias peripécias, resolveu-se o próprio Queiroga a dar uma ajuda na filmagem daquela cena em que um homem, que se supunha estar a ver as pernas a uma rapariga, fazia esgares assim umas coisas...

Os moços não acertavam. Queiroga foi tomar uma bica e quando voltou... mas passemos-lhe a palavra: *«Veio no meio do estúdio uma rapariga alta, sentada, com as saias levantadas, a verem-se as pernas todas. «Que é isto aqui»? Desculpe, e tal. Ela punha-se ali de perna à mostra para ele ver e fazer os esgares como deve ser. «Olhe, meu amigo, então isto acaba aqui.» Para um tipo ficar meio aparvalhado, se a rapariga tem de pôr as pernas à mostra, amanhã, se tem de dar um tiro, tem de matar o actor para o gajo representar bem».*

A cena está descrita mas Queiroga não apontou um único nome dos intervenientes. É mais seguro assim. Claro que a sua análise ao comportamento do público perante a fita, continua. Na sua opinião, o público ri quando ouve dizer em português «Meu amor, eu amo-te, minha querida», porque não está habituado. Ouve em língua estrangeira e gosta. É assim. Gosta de ver espionagens e tiros nas fitas estrangeiras, mas se vê *um tipo aos tiros no Rossio acha logo ridículo, porque não há tiros no Rossio há 50 anos.*

E acrescenta: *«Trazer coisas temáticas para Portugal, não dá.»*

O seu próprio exemplo é flagrante, nessa história de coisas temáticas. E conta-nos: *«Quando me falam em fitas de temática, lembro-me de duas fitas que já produzi que foram das que mais gostei. Esta não tem fados, não tem cantigas, não tem velhos actores conhecidos... nem tinha público. Numa quinta-feira, fiquei teso.»*

E remata:

— Já fiquei duas vezes arruinado por fitas de temática...

Muito mais haveria a registar para a posteridade das afirmações de Perdigão Queiroga, homem desassombrado e lúcido, com uma visão aguda dos problemas do nosso tempo.

A crítica *cerrada e unânime* feita a *traição inverosímil* também não foi poupada e só a cruel falta de espaço me impede de transcrever as palavras sábias e sensatas que Perdigão Queiroga lhe consigna. A crítica, uma vez mais, postou-se a denegrir uma obra portuguesa, o que é perfeitamente inadmissível.

Só lhe quero perguntar uma coisa: referiu-se você ao facto de a «Traição inverosímil» haver constituído um êxito no Teatro. Não discuto. Mas onde aconteceu isso? Quando? Tenho uma memória tão fraca...

Quanto ao mais, repito, foi um prazer ouvir este cineasta dissertar sobre os problemas do cinema nacional.

MÁRIO CASTRIM

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — 1.º Programa Metropolitano — Às 16: Noticiário; 16 e 5: Programa da juventude; 17 e 30: «Faluo», Programa Infantil, por Ana Maria; 8 e 5: O convidado de hoje: Patxi Andión; 18 e 20: Espectáculo-Teatro, por Figueiredo de Barros 18 e 40: Música popular portuguesa; 19 e 10: Música de Zarzuela: 2.º acto de «Maruxa»; 19 e 43: Melodias por orquestras; 20: Diário Sonoro: 20 e 20: O conjunto «The Who»; 20 e 30: 7.º Episódio do Folhetim «Ben-Hur»; 20 e 51: Melodias pelo trompetista Gilles Pellegrini; 21: Junção com o programa estereofónico (MF); 1: Fecho.

2.º Programa Metropolitano — Às 16: Que quer ouvir; 18: Música portuguesa — Obras para bailado, 19: O Conto e os seus intérpretes, por Maria Helena de Freitas; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Concerto por um trio constituído por: Oliver Colbentson, violino; Werner Heide, piano e Hans Deinzer, clarinete — Contrastes (Bela Bartok); 20 e 37: Noël Lee interpreta uma obra de Aaron Copland — Variações para piano 1930; 21: Momento 71; 21 e 20: Música só música; 21 e 50: Dia a dia com a Ciência pelo dr. Marques da Costa, 22 e 10: Guitarradas, pelo Conjunto de António Luís Gomes; 22 e 30: Novidades em discos, texto e selecção de Paulo Medeiros; 22 e 58: Fecho

Programa Estereofónico—MF 1 — Às 21: Música de piano, de Debussy, por Jörg Demus; 21 e 15: Transmissão do Teatro Nacional de S. Carlos, das óperas em um acto «O Prisioneiro», de Dallapiccola e «Il Tabarro», de Puccini; 1: Fecho

Programa em MF-2 — Às 22 e 58: Desdobramento; 23 e 5: Êxitos da Europa; 23 e 30: Canções que o Mundo canta; 0 h: Noticiário, 0 e 5: Ao encontro da melodia; 0 e 30: Variedades; 1: Fecho

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s — Às 16 e 04: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Lisboa à tarde; 19 e 15: Contraponto; 19 e 30: Rádio Jornal; 20 e 07: Selecção para o seu jantar; 20 e 30: Semana 7, 20 e 45: Rádio Placard; 21 e 03: Diálogo; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca, 23 e 05: Mensagens bíblicas; 23 e 19: Grande roda; 0 e 2: «P. B. X.»; 2: A noite é nossa; 6 e 7: Diário rural; 7 e 03: Talismã.

Modulação de frequência — 97,4 mc/s — Às 16 e 04: — Programa C. D. C.; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 4: Em órbita; 21 e 2: Boa noite em FM; 22 e 2: Programa à Gô Gô; 0 e 02: Em órbita-dois; 1 e 02: Banda Sonora; 2 e 02: Perspectiva; 3 e 02: Fecho

Emissor de Miramar — 383,6 m — 782 kc/s — Às 16 e 04: Programa C. D. C.; 18. Depois do chá; 18 e 30: Ele e o seu mundo; 18 e 45: Matinée teatral; 19 e 03: Miscelânea; 9 e 20: Robbialac; 19 e 35. Estúdio 64; 20 e 10: Norte dia o dia; 21 e 05: Só-Rádio; 21 e 40: Contrastes musicais; 21 e 45: O arauto da verdade; 22 e 3: O Santo; 22 e 15: Cristo para todas as nações; 22 e 30: Tirocínio: 23 e 04: Clube da Juventude

RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 m — 1286 kc/s — Às 16: Radiorama; 18 e 5: Acerte connosco; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 30: Página um; 20 e 55: Meditando; 21: Jazz; 21 e 30: Curso de Língua Alemã; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama, 22 e 45: Música variada; 23: A 23.ª hora.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — onda média — 188 m — 1544 kc/s — 94, 4 mc/s — **Rádio Peninsular** — das 7 às 8 e das 12 às 14 e 30; **Rádio Voz de Lisboa** — Das 10 às 12 e das 19 e 30 às 22: **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 8 às 10 e das 22 às 2; **Rádio Graça** — Das 14 e 30 às 19 e 30.

SERVENTES DE IMPRESSÃO OFFSET

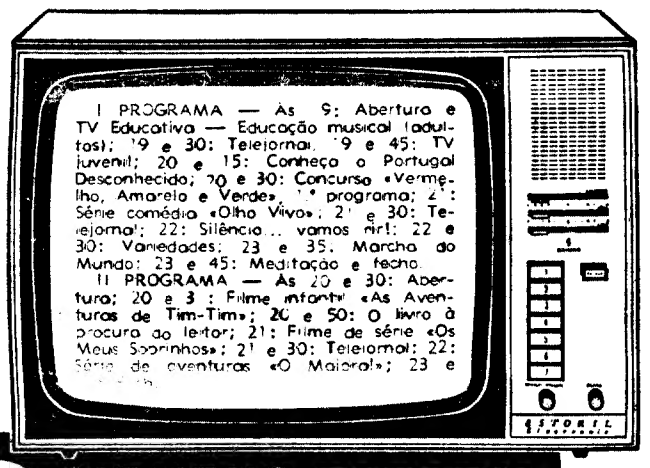
PRECISAM-SE

Resposta, com informações detalhadas ao n.º 754 deste Jornal.

ESTUDANTES!
IV CONCURSO ESCOLAR DE PINTURA E DESENHO
CLANE

TV dia a dia

HOJE PODE VER...



SIEMENS ESTORIL electronic

AMANHÃ PODE VER...

I PROGRAMA — *1.º período* — Às 12 e 45: Abertura e desenhos animados; 13: Feminino singular; 13 e 15: Filme de série «Uma Mãe para Eddie»; 13 e 45: Telejornal, 1.ª edição; 14: Minidecoração; 14 e 15: Logo à noite, e 14 e 20: Fecho

2.º período — Às 19: Abertura e TV Educativa — Física Moderna; 19 e 30: Telejornal, 2.ª edição; 19 e 45: TV juvenil — «Robin dos Bonques»; 20 e 10: Cartaz TV; 20 e 30: Inquérito — O Instituto Nacional de Investigação Industrial, 2.ª parte; 20 e 55: Imagens da poesia europeia, pelo dr. David Mourão Ferreira; 21 e 30: Telejornal, 3.ª edição; 22: Série de aventuras «O Jogo da Vida»; 23 e 30: Marcha do Mundo, e 23 e 40: Meditação e fecho.

II PROGRAMA — Às 20 e 30: Abertura; 20 e 31: filme infantil «As Aventuras de Tim-Tim»; 20 e 40: Minidecoração; 21: Filme de série «Uma Mãe para Eddie»; 21 e 30: Telejornal; 22: Fados com a participação de Maria do Espírito Santo; 22 e 20: A História do Istão, e 23 e 20: Fecho.

A CONFERÊNCIA DE IMPRENSA NA S. E. I. T.

DUAS HORAS PARA RESPONDER A 60 PERGUNTAS

(Continuação da 1.ª página)

Conforme se interrogou o dr. Geraldes Cardoso, «como exigir dos jornais ou das agências que digam a verdade se de fonte segura sabemos que a ignoram muitas vezes? (...) Esta ideia de uma informação moderna, exacta, actual, é aquela que defende o Governo, o qual deu o seu apoio á celebração destes encontros com os órgãos da Imprensa.»

«As conferências com os órgãos da Informação, aqui estão, pois, para os ajudar, senhores jornalistas, a elaborar a informação verídica que desejais. Não vão ser elas, evidentemente remédio para todos os males e não se destinam, como é óbvio, nem a substituir a busca da notícia (por aqueles meios que só aos jornais cabe usar), nem a definir a política do Governo (que tem o seu lugar próprio nas declarações ministeriais)».

Uma das primeiras perguntas referiu-se á lei do inquilinato que vigora em Lisboa e no Porto, e, em resumo, foi respondido que o Governo considera que o facto de não existirem aumentos, de 5 em 5 anos, nas duas cidades em causa, acaba por prejudicar os inquilinos, na medida em que desencoraja a construção civil e faz com que os senhorios peçam rendas mais elevadas. Assim, «uma justa e ligeira actualização periódica das rendas, não deixada ao arbítrio dos senhorios, mas fixada por comissões de avaliação, parece, pois, a solução mais justa e conveniente aos intereses gerais.»

No que respeita ás relações económicas luso-brasileiras e luso-espanholas, foi referido, em relação ás primeiras, o texto para evitar a dupla tributação, a próxima visita do ministro da Fazenda do Brasil e o acordo cultural; em relação ás segundas, falou-se em Mercado Comum ibérico e disse-se que se acordou em «estudar a forma de organizar institucionalmente, em conformidade com os seus compromissos internacionais, as relações económicas entre os dois países, a partir do momento em que se concluam as negociações de Portugal com a C. E. E.»

A propósito de uma pergunta relacionada com a exploração do petróleo de Cabinda, ficou-se a saber que o nosso País ocupa o 29.º lugar entre os países produtores.

Abordando o problema do emparcelamento do território, foi esclarecido que o mesmo afecta já, no continente, 100 000 hectares da sua superfície.

Um dos problemas mais preocupantes, o do agravamento do custo de vida, foi objecto de prolongada explicação, dizendo-se ser «fenómeno universal». No capítulo de previstas barreiras a opor a essa tendência, falou-se nomeadamente em restrição do consumo imediato, utilização da política fiscal para favorecer investimento e reinvestimento, providências para dinamização da agricultura e regulamentação das vendas a prestações.

Uma agência italiana preocupou-se em saber o que sucedeu em relação á adjudicação da empreitada de construção das 8 auto-estradas. Foi respondido que o relatório da comissão encarregada do assunto está a ser examinado pelo ministro das Obras Públicas.

No capítulo da luz eléctrica, que muitas localidades ainda não possuem, bem como água canalizada e vias de acesso, foi dito que se incrementaram quanto possível os investimentos rurais, e invocada a dispersão dos aglomerados populacionais.

Em relação á sabotagem á aBse de Tancos, o dr. Geraldes Cardoso afirmou o seguinte: «Podemos hoje informar que a forma como o ataque foi efectuado, leva a afirmar que ele foi feito por indivíduos conhecedores da vida da aBse Aérea eda técnica de sabotagem com minas e armadilhas. Da sabotagem resultaram algumas destruições, sendo as aeronaves na sua maioria recuperáveis. Calcula-se que fizeram parte do grupo de sabotadores um mínimo de três indivíduos: um técnico em sabotagem com minas e armadilhas, um especialista de helicópteros e um vigilante. As investigações continuam na base dos dados técnicos recolhidos, mas não podem ser revelados mais pormenores por medida de segurança.

Sobre este assunto, reproduzem-se, a seguir, as perguntas e respostas que lhe dizem respeito:

P. — É certo que já foram descobertos os autores da sabotagem?

R. — Está perfeitamente identificado um dos autores da sabotagem de Tancos e que foi exactamente aquele cuja fotografia e identificação os jornais publicaram, e as autoridades encontram-se na pista dos outros.

P. — Poderá fornecer mais detalhes biográficos sobre o homem que foi indicado como suspeito: por exemplo, sabe-se se estava envolvido em algum movimento político?

R. — Ângelo de Sousa, frequentou um estabelecimento de ensino técnico no Porto e já nessa altura manifestava ideias pró-comunistas. Depois foi empregado bancário e continuou a manifestar as mesmas ideias. Para além disto sabe-se que a sua namorada está em Londres, onde milita em movimentos maoistas e é grande admiradora de «Che» Guevara.

— A Polícia tem alguma ideia da identidade do ARA? Crê-se não existir qualquer ligação entre as bombas de Lisboa em Outubro e Novembro passado e o caso de Tancos?

— A ARA não corresponde próprìamente a uma nova organização revolucionária ou terrorista. E' um agrupamento de indivíduos «membros» do «partido comunista português», que dele receberam apoio e liberdade para iniciar uma linha de acção violenta.

Há, assim, evidentemente, uma relação de base entre as bombas há tempos deflagradas em Lisboa e o caso de Tancos.

Foi acrescentado que as aeronaves são, na sua maioria recuperáveis e que em Portugal, onde não existe pena de morte, os autores do atentado incorreram em penas que não podem exceder 24 anos.

Solidariedade entre industriais no caso da apreensão dos iogurtes

A fábrica de Iogurtes Lisboa ofereceu-se para testemunhar pela sua concorrente, a fábrica de Iogurte Grande Ponto, na acção judicial que os iogurtes Veneza moveram a esta empresa. Conforme noticiámos a Fábrica de Iogurte Veneza acusou a Grande Ponto de embalar o produto em boiões idênticos aos dela, *«com o propósito de confundir, de prejudicar, fazendo concorrência desleal.»* A história é um pouco diferente desta acusação (segundo o proprietário da Grande Ponto), pois, o uso de tais boiões é resultado de um acordo verbal entre várias fábricas de iogurtes do País, e a firma fornecedora daqueles recipientes, Ricardo Santos Galo, da Marinha Grande, que propôs o fabrico de um modelo único só com dizeres diferentes. O acordo possibilitou preço unitário muito barato para todos.

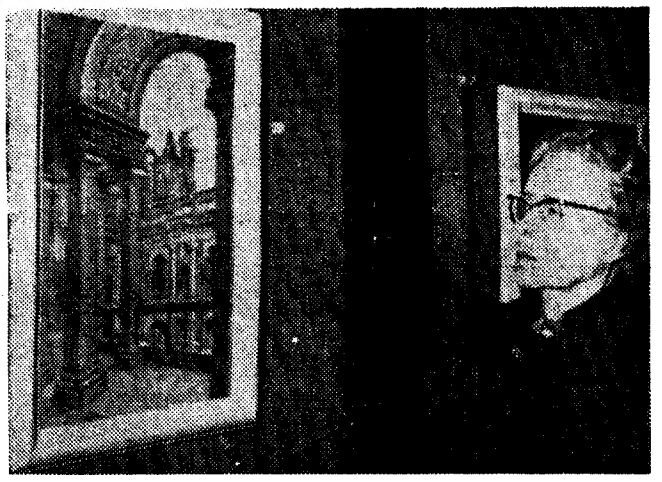
Apesar disso, foram recentemente apreendidos 20 mil boiões de iogurte á firma Grande Ponto, que assim se encontra com a produção e distribuição paralisadas.

Presentemente, o fabricante das embalagens de vidro está a proceder á produção de um novo boião, para a Grande Ponto reiniciar a sua actividade.

Em breve esta empresa procederá a um esclarecimento para o publico e clientes sobre o que se passou.

O sr António Oliveira, proprietário do Grande Ponto, acrescentou nada saber sobre o destino dos boiões apreendidos, que tinham dentro iogurte de seu fabrico, no valor de 55 contos. Se não foi frigorificado, está nesta altura impróprio para consumo.

Artes plásticas



A artista junto de um dos seus trabalhos

Helena de Bourbon e Meneses expõe quadros no Casino Estoril

Com uma longa e notável actividade artística, numerosas vezes elogiada pela crítica e quase sempre apreciada pelo publico, a artista Helena de Bourbon e Meneses volta agora ao convívio dos seus admiradores com uma exposição ontem inaugurada na galeria do Casino Estoril.

O certame reune cinco desenhos, treze óleos e três retratos, ficando patente ao publico até ao próximo dia 7 inclusive.

De uma vivacidade de espírito pouco vulgar numa mulher de 79 anos, a artsta esteve presente á cerimónia inaugural do certame, a que presidiu o sr. dr. Manuel Teles, administrador da Estoril-Sol, e á qual se associou um numero elevado de convidados.

A exposição de quatro artistas no Palácio Foz

Tem sido muito visitada a exposição dos artistas Maria Fernanda Amada, Artur Bual, Artur José e Gordillo nas salas do segundo andar do Palácio Foz.

Exposição de pintura, desenho, ceramicas e jóias tem interesse grande pela variedade e nível dos artistas expositores, muitas das peças expostas tendo já sido adquiridas para colecções particulares

BOM APETITE

Restaurante CASTANHEIRA
E. da Torre - Lumiar - 790168
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
AOS SABADOS E DOMINGOS ORQUESTRA PRIVATIVA DESTE RESTAURANTE
(Maiores de 15 anos)

CAFÉ «IMPAR»
NO
BAR RIBATEJO
PRAÇA DO AREEIRO, 11-D
ABRE AS 7 HORAS

a furna
almoços jantares e ceias até às 3 da madrugada
fechado aos domingos
r. ferreira lapa, 38 D (à duque de loulé) tel. 53 44 66-56 19 49

CHURRASCO
ABERTO ATÉ ÀS 3.30 H.
Rua das Portas St.ª Antão, 83
Telef. 323059

TEATRO ABC
TEL. 366745
ADULTOS
Teatral JOSÉ MIGUEL, LDA.
VÁ VER HOJE A REVISTA DO ANO!
AS 20.45 H.
ÀS 23 HORAS
Frangas na Grelha
Uma produção de HUMBERTO CUNHA interpretada por um cartaz de ouro
IVONE SILVA • NICOLAU BREYNER
ANITA GUERREIRO
ÓSCAR ACÚRCIO
ANABELA • LUIS HORTA • MARIA TAVARES
• a colaboração especial de
TONY DE MATOS
Domingo: «matinée» às 16 horas
IVONE SILVA

AMÊNDOAS PARA A PÁSCOA...
MAIS UM PRÉMIO GRANDE
3.774 = 480 CONTOS
VENDIDO PELO
CAMPIÃO
A casa de lotarias mais antiga do Mundo
Habilite-se ao folar da Páscoa
16 000 contos por 2.000$00

O QUE É ISTO?

Andar sem travões na carreira B.-B.

O caso deu-se há dias, numa carreira da tarde. O autocarro da empresa concessionária faz caminho entre Benfica e a Brandoa. Logo, entre a Brandoa e Benfica. Por ironia, o povo (como tudo é velho e feio) chama-lhe o autocarro B. B.

Pois, a coisa aconteceu na descida íngreme da Calçada do Tojal.

Por falta de travões, o condutor do autocarro (B. B.) n.º 63 recusou-se a descer a Calçada, parando e obrigando os 43 passageiros dessa carreira a fazer, a pé, os últimos 400 metros que aí, os separam dos transportes colectivos urbanos.

Pouco, de facto, para quem vence à vontade a distância, mas muito para os que, ocasionalmente, viajam com um motorista menos cuidadoso com a integridade física ou as vidas dos passageiros. Autocarro nestas condições não é caso único, naquelas carreiras. Os moradores queixam-se-nos. Um deles contou-nos até que, ainda há dias, à partida da Brandoa, o condutor do autocarro n.º 75, ao tentar recusar-se também a seguir viagem sem travões, foi impedido pelo fiscal da carreira, sob a ameaça de vir a ser despedido se insistisse na recusa...

O que é isto? E até quando?

FADOS EM DISCO

Mais fados em novos discos editados pela «Alvorada».

O veterano Julio Peres aparece na interpretação de «Minha mãe é pobrezinha», «Luto nas guitarras», «Velho tinteiro» e «Rosa cantadeira».

Por seu turno a jovem Dina do Carmo gravou «A beira do cais», «Maria do Céu» (de Joaquim Pimentel), «Fujo de ti» e «Rua da multidão».

Outro nome nove é Cruz Monteiro. «Cada dia marca as horas», «Passei pela tua rua», «Cabecinha tonta» e «Recordando a Mouraria», são os seus desempenhos num 45 rotações.

O conjunto de guitarras de Jorge Fontes (com José Maria, António Chainho e Raul Silva), gravou, por ultimo, «Rabelos no Douro», «Guitarras na madrugada», «Nas voltinhas do Algarve» e «Guitarras bailando».

Em três linhas

Foram desdobrados, os serviços das actuais Repartições de Finanças dos Concelhos de Almada e de Vila Nova de Gaia em duas repartições, cada uma com duas secções.

///

Vai ser instalada no Montijo uma delegação da Intendência de Pecuária de Setubal, junta da qual funcionarão os Serviços de Combate á Peste Suína Africana.

///

Podem os interessados requerer o seu provimento nos lugares de segundo-conservador e de director (segundo-conservador), respectivamente, dos Museus Nacional de Soares dos Reis, no Porto, e de José Malhoa, nas Caldas da Rainha.

///

Foi reconduzido no cargo de presidente do Município da Batalha o sr. Luís Tomás Santos de Oliveira; e o sr. dr. António José de Sousa Ribeiro Simões, substitui na vice-presidência da Câmara de Vouzela o sr. dr. António Simões, exonerado a seu pedido.

///

Em 6 do corrente, ás 16 horas, na sede da Comissão de Construções Hospitalares haverá o concurso público para a arrematação do fornecimento e montagem dos aparelhos elevadores do Hospital Regional de Castelo Branco. A base de licitação é de 1 905 000$00.

///

Foi prorrogado por mais um ano o período de instalação do Dispensário de Higiene Mental de Setubal, do Instituto de Assistência Psiquiátrica.

///

Podem ser entregues, durante vinte dias, na Camara Municipal de Coimbra, propostas para o fornecimento de mobiliário destinado ao restaurante das Piscinas Municipais, etc.

///

Foi concedido ao escultor Jorge Vieira o título de professor agregado da Escola Superior de Belas-Artes, de Lisboa. E para a secção de Pintura foi concedido igual título ao pintor António Lino.

///

Foi concedida à administração do Jardim Zoológico e de Aclimação em Portugal a comparticipação de esc. 400 000$00, para a execução de diversos trabalhos e melhoramentos nas suas instalações.

///

O sr. eng. electrotécnico José Cansado da Silva Valente, da Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, foi nomeado para o lugar de vogal deste Conselho Superior, das Obras Publicas.

///

Está concluido o edifício dos C. T. T. da Lousã, que será entregue, pelo Ministério das Obras Publicas, á empresa publica dos Correios e Telecomunicações de Portugal.

A ASSEMBLEIA DE NITRATOS DE PORTUGAL

Presidida pelo sr. D. Manuel de Bragança, reuniu-se a assembleia geral de Nitratos de Portugal, S. A. R. L., que aprovou por unanimidade o relatório e contas do conselho de administração e o parecer do conselho fiscal referentes ao exercício de 1970.

Durante o acto (a que estiveram presentes o delegado do Governo junto da Sacor, eng. Costa Macedo, e o representante da mesma empresa, eng. Canto Moniz), falaram o presidente da mesa e o presidente do conselho de administração, sr. general Gomes de Araujo.

O sr. D. Manuel de Bragança referiu-se ao facto de o relatório omitir intencionalmente qualquer referência ao falecimento do Presidente Salazar, devido á intenção do conselho de administração de se homenagear aquele estadista em assembleia geral, para que tal ficasse exarado em acta.

Por sua vez, o sr. general Gomes de Araujo fez largas considerações sobre a vida da empresa e justificou os resultados apresentados.

DARIO DE BARROS

DARIO DE BARROS EM LISBOA

Regressado de Paris e Londres, após várias actuações em Televisão e Rádio, voltou a Lisboa o actor-cantor Dario de Barros, que, para a «Studio» gravou um «L. P.» com 14 trechos: «O menino da sua mãe» (Fernando Pessoa-Carlos Franca), «Olhos marotos», «Tempo recordado», «Sonho afadistado» (todos de Carlos Franca), «Receita para fazer um herói» (Reinaldo Ferreira), «A noite é nossa, amor» (Dario de Barros-Carlos Franca), «Quatro verdades» (António Aleixo-C. Ramos), «Deixa que eu cante o meu fado» (Heitor Teixeira-Frederico de Brito), «A brisa também é vento» (Fernando Luso Soares), «Lua de Sangue» (Fausto Correia Leite-Carlos Franca), «Canção com lágrimas» (Manuel Alegre), «É urgente mais flores» (João Apolinário-Acácio Gomes), «Piquenique de burguesas» (Cesário Verde-Alfredo Marceneiro) e «Imagem de Saudade» (Dario de Barros).

I SALÃO NACIONAL

ATRIBUÍDOS OS PRÉMIOS DE FOTOGRAFIA DE PESCA

Realiza-se depois de amanhã, ás 17 horas, na Junta de Turismo da Costa do Sol, a inauguração do 1.º Salão Nacional de Fotografia de Pesca. Presidirá o Chefe do Estado.

A exposição tem o patrocínio da Secretaria de Estado da Informação e Turismo e da Junta Central das Casas dos Pescadores e estará aberta ao público até ao dia 11 de Abril.

Foram classificados os seguintes trabalhos:

CLASSE A (provas a preto e branco) — 1.º, «Senhora dos Remédios», de Fernando Nunes, de Lisboa; 2.º, «75 anos, 1 cigarro», de Manuel Peres, de Lisboa; 3.º «Regresso Forçado», de Bernardino Pres, do Porto; 4.º, «Tá Terra, Tá Mar», de Manuel Peres, de Lisboa; 5.º, «A chata», de Fernando Nunes, de Lisboa, e 6.º, «Fim de faina», de Manuel Lemos Ueixoto, de Lisboa.

CLASSE B (provas a cores sobre papel) — 1.º, (não foi atribuído); 2.º, «Os vigilantes», de Jorge S. Marques, de Lisboa; 3.º, «Bonança», de António Maria Sousa Silva, da Amadora; 4.º, «A pausa», de Manuel Peres, de Lisboa.

CLASSE C (diapositivos a cores) 1.º, «Prata do mar», de Fernando Nunes, de Lisboa; 2.º, «Remadas», de Fernando Nunes, de Lisboa; 3.º, «Mastro», do dr. Manuel Abranches, de Lisboa; 4.º, «Boias», do dr. Manuel Abranches; 5.º «Lota farta», de Manuel Peres, de Lisboa e 6.º, «Depois da faina», de Fernando G. Motrena de Setubal.

ENCONTRO DE PROFESSORES EVENTUAIS E PROVISÓRIOS

Vai realizar-se um Encontro de Professores Eventuais e Provisórios no Ginásio da Escola Preparatória Francisco da Arruda, amanhã, ás 15 horas.

o fado e o folclore – restaurantes típicos

VIELA

cantam. Sérgio, Berta Cardoso, Beatriz Ferreira, Tucha Mascarenhas e Elisete Cascais * Tocam: António Bessa e Fernando Reis **Consumo mínimo 60$00 * Rua das Taipas, 14 * Tel. 32 72 56.**

BALEEIRA

Elenco seleccionado — almoços a 25$00 *** À noite, consumo mínimo 40$00 — Av. Marginal, 21-22 (Dafundo) — Telef. 21 32 59 * Encerra ás quartas-feiras.**

MIL E UM

cantam: Henrique Manuel, Fátima do Rosário, Zita Maria, Fernanda Machado, Maria Eva, Fernanda Silva, Adriana Franco, José de Barros, Artur dos Santos e Moisés Campelos Tocam: Alfredo Alves e Joaquim Pinto — **Cons. mínimo 40$00 * Trav. da Espera, 8 — telef. 35 4 64 * Encerra ás 5 da madrugada.**

TAVERNA DO EMBUÇADO

elenco: João Ferreira Rosa, Vicente da Camara, João Braga, Ana Rosmaninho e António de Mello-Corrêa Tocam: Fontes Rocha, José Luís Nobre Costa e Pedro Leal * **Encerra aos domingos * Consumo mínimo: 90$00 * Beco dos Cortumes, 10 * Telef. 86 0816.**

LAR PORTUGUÊS

cantam: José Borges, Natália dos Anjos, Rossana Lima, Armando Miranda Tocam: Acácio Gomes e Amadeu Ramim Folclore pelo Conjunto Típico do «Lar Português» * **Cons. mín. 50$00. R. da Barroca, 133 * Telfs.: 36 97 60 e 30532 * Encerra ás 3.as feiras.**

LUSO

elenco: Maria da Fé, Fernando Maurício, Glória Maria, Augusto Ermida, Odete Mendes, Plínio Sérgio (em fados de Coimbra) e Manuel Mestre, Domingos Camarinha (guitarra) e Jorge Barradas (viola) Conjunto privativo de Danças Regionais, dirigido por António Cunha *** Travessa da Queimada, 10-16 * Telfs.: 362889-328503.**

ADEGA MACHADO

cantam: Esmeralda Amoedo, Ivete Pessoa, Nazaré Maria, Tina Ferreira, Fados de Coimbra por João Queiroz. Trio Arautos Fandango pelo Grupo de Vila Franca de Xira *** Cons. mín. 70$00 * Rua do Norte, 91 * Telefs.: 30095-328713 * Encerra á segunda-feira**

TIMPANAS

cantam: Trio Odemira, João Fernando, Emílio Reis, Luís Braga e Benvindo Cruz Tocam: Pedro Caldeira Cabral e Fernando Alvim. Danças pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira Canções do Minho por Quim Barreiros *** Cons. mín. 61$50 (taxas incl.) * Rua Gilberto Rola, 24 * Telefones: 67 66 55 e 67 24 31.**

ADEGA MESQUITA

cantam: Fernando Pinto, Maria Amélia Proença, Francisco Martinho e Alcindo de Carvalho. Tocam: Jaime Santos e António Proença Danças regionais por conjunto privativo *** Rua «Diário de Noticias», 107 * Telef.: 32 83 07. * Encerra aos domingos.**

restaurantes, bares, «boites» e «dancings»

ADAGGIO

A presença de António Macedo. Pop—Soul e Underground * sempre os últimos êxitos em discos, recebidos directamente de Inglaterra, Estados Unidos e Brasil * **Aberto todos os dias, das 16 ás 20 e das 22 ás 3.30 h. * Rua Carlos dos Reis, 51-A * Telef. 775695.**

CLUBE ANDALUZ

Boite com atracções espanholas * Música constante * Calçada Marquês de Abrantes, 64-66 * Telefone 667264.

[illegible]

Musica constante * **Av. Mare- * Telef. 367136 * Encerra ás 3 horas.**

MAXIME

Conjunto 6 * Reacção [illegible]

a furna
música gravada
ceias até as [illegible]

TAMILA

[illegible]

O QUE É ISTO?

Andar sem travões na carreira B.-B.

O caso deu-se há dias, numa carreira da tarde. O autocarro da empresa concessionária faz caminho entre Benfica e a Brandoa. Logo, entre a Brandoa e Benfica. Por ironia, o povo (como tudo é velho e feio) chama-lhe o autocarro B. B.

Pois, a coisa aconteceu na descida íngreme da Calçada do Tojal.

Por falta de travões, o condutor do autocarro (B. B.) n.º 63 recusou-se a descer a Calçada, parando e obrigando os 43 passageiros dessa carreira a fazer, a pé, os últimos 400 metros que aí, os separam dos transportes colectivos urbanos.

Pouco, de facto, para quem vence à vontade a distância, mas muito para os que, ocasionalmente, viajam com um motorista menos cuidadoso com a integridade física ou as vidas dos passageiros. **Autocarro nestas condições não é caso único, naquelas carreiras. Os moradores queixam-se-nos. Um deles contou-nos até que, ainda há dias, à partida da Brandoa, o condutor do autocarro n.º 75, ao tentar recusar-se também a seguir viagem sem travões, foi impedido pelo fiscal da carreira, sob a ameaça de vir a ser despedido se insistisse na recusa...**

O que é isto? E até quando?

FADOS EM DISCO

Mais fados em novos discos editados pela «Alvorada».

O veterano Júlio Peres aparece na interpretação de «Minha mãe é pobrezinha», «Luto nas guitarras», «Velho tinteiro» e «Rosa cantadeira».

Por seu turno a jovem Dina do Carmo gravou «A beira do cais», «Maria do Céu» (de Joaquim Pimentel), «Fujo de ti» e «Rua da multidão».

Outro nome novo é Cruz Monteiro. «Cada dia marca as horas», «Passei pela tua rua», «Cabecinha tonta» e «Recordando a Mouraria», são os seus desempenhos num 45 rotações.

O conjunto de guitarras de Jorge Fontes (com José Maria, António Chainho e Raul Silva), gravou, por último, «Rabelos no Douro», «Guitarras na madrugada», «Nas voltinhas do Algarve» e «Guitarras bailando».

Em três linhas

Foram desdobrados, os serviços das actuais Repartições de Finanças dos Concelhos de Almada e de Vila Nova de Gaia em duas repartições, cada uma com duas secções.

///

Vai ser instalada no Montijo uma delegação da Intendência de Pecuária de Setúbal, junto da qual funcionarão os Serviços de Combate à Peste Suína Africana.

///

Podem os interessados requerer o seu provimento nos lugares de segundo-conservador e de director (segundo conservador), respectivamente dos Museus Nacional de Soares dos Reis, no Porto, e de José Malhoa, nas Caldas da Rainha.

///

Foi reconduzido no cargo de presidente do Município da Batalha o sr. Luís Tomás Santos de Oliveira; e o sr. dr. António José de Sousa Ribeiro Simões, substitui na vice-presidência da Câmara de Vouzela o sr. dr. António Simões, exonerado a seu pedido.

///

Em 6 do corrente, às 16 horas, na sede da Comissão de Construções Hospitalares haverá o concurso público para a arrematação do fornecimento e montagem dos aparelhos elevadores do Hospital Regional de Castelo Branco. A base de licitação é de 1 905 000$00.

///

Foi prorrogado por mais um ano o período de instalação do Dispensário de Higiene Mental de Setúbal, do Instituto de Assistência Psiquiátrica.

///

Podem ser entregues, durante vinte dias, na Camara Municipal de Coimbra, propostas para o fornecimento de mobiliário destinado ao restaurante das Piscinas Municipais, etc.

///

Foi concedido ao escultor Jorge Vieira o título de professor agregado da Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa. E para a secção de Pintura foi concedido igual título ao pintor António Lino.

///

Foi concedida à administração do Jardim Zoológico e de Aclimação em Portugal a comparticipação de esc. 100 000$00, para a execução de diversos trabalhos e melhoramentos nas suas instalações.

///

O sr. eng. electrotécnico José Cansado da Silva Valente, da Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, foi nomeado para o lugar de vogal deste Conselho Superior das Obras Públicas.

///

Está concluído o edifício dos C. T. T. da Lousã, que será entregue, pelo Ministério das Obras Públicas, à empresa pública dos Correios e Telecomunicações de Portugal.

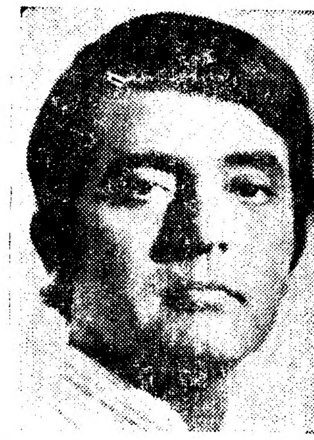
A ASSEMBLEIA DE NITRATOS DE PORTUGAL

Presidida pelo sr. D. Manuel de Bragança, reuniu-se a assembleia geral da Nitratos de Portugal, S. A. R. L., que aprovou por unanimidade o relatório e contas do conselho de administração e o parecer do conselho fiscal referentes ao exercício de 1970.

Durante o acto (e que estiveram presentes o delegado do Governo junto da Sacor, eng. Costa Macedo, e o representante da mesma empresa, eng. Couto Moniz), falaram o presidente da mesa e o presidente do conselho de administração, sr. general Gomes de Araújo.

O sr. D. Manuel de Bragança referiu-se ao facto de o relatório omitir intencionalmente qualquer referência ao falecimento do Presidente Salazar, devido à intenção do conselho de administração de se homenagear aquele estadista em assembleia geral, para que tal ficasse exarado em acta.

Por sua vez o sr. general Gomes de Araújo fez largas considerações sobre a vida da empresa e justificou os resultados apresentados.



DARIO DE BARROS

DARIO DE BARROS EM LISBOA

Regressado de Paris e concluídas algumas actuações em Televisão e Rádio, voltou a Lisboa o actor-cantor Dario de Barros, que, para a «Studio» gravou um álbum com 11 trechos: «O menino da sua mãe» (Fernando Pessoa-Carlos Franca), «Olhos marotos», «Tempo recordado», «Sonho afadistado» (todos de Carlos Franca), «Receita para fazer um herói» (Reinaldo Ferreira), «A noite é nossa, amor» (Dario de Barros-Carlos Franca), «Futuro verdades» (António Aleixo-C. Ramos), «Deixa que eu cante o meu fado» (Heitor Teixeira-Frederico de Brito), «A brisa também é vento» (Fernando Luís Soares), «Lua de Sangue» (Ernesto Correia Leite-Carlos Franca), «Canção com lágrimas» (Manuel Alegre), «É urgente mais flores» (João Apolinário-Acácio Gomes), «Piquenique de burguesas» (Cesário Verde-Alfredo Marceneiro) e «Imagem de Saudade» (Dario de Barros).

I SALÃO NACIONAL

ATRIBUÍDOS OS PRÉMIOS DE FOTOGRAFIA DE PESCA

Realiza-se depois de amanhã, ás 17 horas, na Junta de Turismo da Costa do Sol, a inauguração do 1.º Salão Nacional de Fotografia de Pesca. Presidirá o Chefe do Estado.

A exposição tem o patrocínio da Secretaria de Estado da Informação e Turismo e da Junta Central das Casas dos Pescadores e estará aberta ao público até ao dia 11 de Abril.

Foram classificados os seguintes trabalhos:

CLASSE A (provas a preto e branco) — 1.º, «Senhora dos Remédios», de Fernando Nunes, de Lisboa; 2.º, «75 anos, 1 cigarro», de Manuel Peres, de Lisboa; 3.º «Regresso Forçado», de Bernardino (Pres. do Porto; 4.º, «Tá Terra, Tá Mar», de Manuel Peres, de Lisboa; 5.º, «A chata», de Fernando Nunes, de Lisboa, e 6.º, «Fim de faina», de Manuel Lemos Ueixoto, de Lisboa.

CLASSE B (provas a cores sobre papel) — 1.º, (não foi atribuído); 2.º, «Os vigilantes», de Jorge S. Marques, de Lisboa; 3.º, «Bonança», de António Maria Sousa Silva, da Amadora; 4.º, «A pausa», de Manuel Peres, de Lisboa.

CLASSE C (diapositivos a cores) 1.º, «Praia do mar», de Fernando Nunes, de Lisboa; 2.º, «Remadas», de Fernando Nunes, de Lisboa; 3.º, «Mastro», do dr. Manuel Abranches de Lisboa; 4.º, «Boias», do dr. Manuel Abranches; 5.º «Lota farta», de Manuel Peres, de Lisboa e 6.º, «Depois da faina», de Fernando G. Moreira de Setúbal.

ENCONTRO DE PROFESSORES EVENTUAIS E PROVISÓRIOS

Vai realizar-se um Encontro de Professores Eventuais e Provisórios no Ginásio da Escola Preparatória Francisco da Arruda, amanhã, ás 15 horas.

o fado e o folclore — restaurantes típicos

VIELA
cantam: Sérgio, Berta Cardoso, Beatriz Ferreira, Tucha Mascarenhas e Elisete Cascais ❊ Tocam: António Bessa e Fernando Reis **Consumo mínimo 60$00 ❊ Rua das Taipas, 14 ❊ Tel. 32 72 56.**

BALEEIRA
Elenco seleccionado — almoços a 25$00 ❊ **À noite, consumo mínimo 40$00 — Av. Marginal, 21-22 (Dafundo) — Telef. 21 32 59 ❊ Encerra ás quartas-feiras.**

MIL E UM
cantam: Henrique Manuel, Fátima do Rosário, Zita Maria, Fernanda Machado, Maria Eva, Fernanda Silva, Adriana Franco, José de Barros, Artur dos Santos e Moisés Campelos Tocam: Alfredo Alves e Joaquim Pinto — **Cons. mínimo 40$00 ❊ Trav. da Espera, 8 — telef. 35 4 64 ❊ Encerra ás 5 da madrugada.**

TAVERNA DO EMBUÇADO
elenco: João Ferreira Rosa, Vicente da Camara, João Braga, Ana Rosmaninho e António de Mello-Corrêa Tocam: Fontes Rocha, José Luís Nobre Costa e Pedro Leal ❊ **Encerra aos domingos ❊ Consumo mínimo: 90$00 ❊ Beco dos Cortumes, 10 ❊ Telef. 86 0816.**

LAR PORTUGUÊS
cantam: José Borges, Natália dos Anjos, Rossana Lima, Armando Miranda Tocam: Acácio Gomes e Amadeu Ramim Folclore pelo Conjunto Típico do «Lar Português» ❊ **Cons. min. 50$00. R. da Barroca, 133 ❊ Telfs.: 36 97 60 e 30532 ❊ Encerra ás 3.as feiras.**

LUSO
elenco: Maria da Fé, Fernando Maurício, Glória Maria, Augusto Ermida, Odete Mendes, Plínio Sérgio (em fados de Coimbra) e Manuel Mestre, Domingos Camarinha (guitarra) e Jorge Barradas (viola) Conjunto privativo de Danças Regionais, dirigido por António Cunha ❊ **Travessa da Queimada, 10-16 ❊ Telfs.: 362889-328503.**

ADEGA MACHADO
cantam: Esmeralda Amoedo, Ivete Pessoa, Nazaré Maria, Tina Ferreira Fados de Coimbra por João Queiroz. Trio Arautos Fandango pelo Grupo de Vila Franca de Xira ❊ **Cons. min. 70$00 ❊ Rua do Norte, 91 ❊ Telefs.: 30095-328713 ❊ Encerra á segunda-feira**

TIMPANAS
cantam: Trio Odemira, João Fernando, Emílio Reis, Luís Braga e Benvindo Cruz Tocam: Pedro Caldeira Cabral e Fernando Alvim Danças pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira Canções do Minho por Quim Barreiros ❊ **Cons. min. 61$50 (taxas incl.) ❊ Rua Gilberto Rola, 24 ❊ Telefones: 67 66 55 e 67 24 31.**

ADEGA MESQUITA
cantam: Fernando Pinto, Maria Amélia Proença, Francisco Martinho e Alcindo de Carvalho. Tocam: Jaime Santos e António Proença Danças regionais por conjunto privativo ❊ **Rua «Diário de Notícias», 107 ❊ Telef. 32 83 07 ❊ Encerra aos domingos.**

restaurantes, bares, «boites» e «dancings»

ADAGGIO
A presença de António Macedo Pop—Soul e Underground ❊ sempre os ultimos êxitos em discos, recebidos directamente de Inglaterra, Estados Unidos e Brasil ❊ **Aberto todos os dias, das 16 ás 20 e das 22 ás 3.30 h. ❊ Rua Carlos dos Reis, 51-A ❊ Telef. 775695.**

CLUBE ANDALUZ
Boite com atracções espanholas ❊ Música constante ❊ Calçada Marquês de Abrantes, 64-66 ❊ Telefone 667264.

SANZALA
Um pouco de Africa em Lisboa — Musica constante ❊ **Av. Mare- ❊ Telef 367136 ❊ Encerra ás 3 horas**

MAXIME
Conjunto 6 ❊ Reacção e Maximiliano ❊ «Show» turístico ❊ Variedades internacionais ❊ Praça da Alegria, ... 55366.

a furna
música gravada
ceias até ás 3 da manhã
... aos domingos
r. ferreira lapa, 38 d
(à duque de loulé)
53 44 66 ... 56 19 49

TAMILA
Mário e s/ Conjunto ❊ Avenida Duque de Loulé, 69—Tel. 534117 ❊ Matinées todos os dias ❊ Encerra aos domingos.

CASINO DO ESTORIL
Jogo autorizado ❊ Variedades internacionais ❊ Telefs. 264521-264526-264596-264621-264946.

HIPOPPÓTAMO
Av. Ant. Augusto de Aguiar, 3-A ❊ Telef. 48384 ❊ Conj. Hélder Reis ❊ Encerrada aos domingos.

TERRAÇO DAS ESTRELAS (HOTEL EMBAIXADOR)
Conjunto Manuel Viegas ❊ Avenida Duque de Loulé, 73 ❊ Telef. 530171.

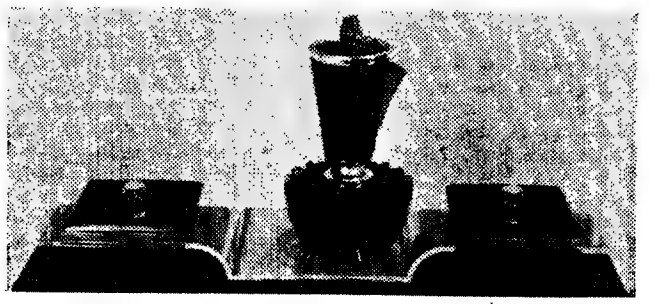
LEITOR DO "DIÁRIO DE LISBOA" UM SERÁ MILIONÁRIO

UM DOS PARTICIPANTES na iniciativa «Leitor do Diário de Lisboa» será milionário. Efectivamente, é essa a grande oportunidade que oferecemos aos muitos milhares de leitores que tomam parte na iniciativa com que abrimos o ciclo comemorativo do cinquentenário do nosso Jornal. Com efeito, o primeiro prémio da iniciativa, o maior até hoje instituído na história da Imprensa portuguesa, é constituído por um andar no Parque Residencial e Turístico de Miraflores (com mobiliário Gibo) e um luxuoso automóvel «Mercedes-Benz-220», tudo com valor total superior a mil contos. Outros prémios valiosíssimos estão ao alcance dos leitores do nosso Jornal que, com grande entusiasmo, tomaram parte nesta iniciativa. São muitos milhares de pessoas habilitadas ao sorteio de óptimos prémios.

A classificação por ordem alfabética e numérica dos cupões de identificação, tomando em linha de conta a sua ordem de chegada aos nossos serviços, tem sido, necessàriamente, morosa, demorando o envio dos cartões de identidade de «Leitor do Diário de Lisboa» com o número que os habilitará ao sorteio.

Devemos, no entanto, insistir num esclarecimento: os cartões de identidade chegarão à posse dos seus destinatários antes da data marcada para a realização do sorteio que vai tornar milionário um dos leitores do «Diário de Lisboa».

ISQUEIROS «MARUMAN» (1 de mesa e 4 de bolso) SÃO PRÉMIOS DA NOSSA INICIATIVA



Cinco isqueiros «Maruman» (1 de mesa e 4 de bolso) também são prémios da nossa iniciativa, e constituem a colaboração que Representações Idris Karim prestaram à nossa iniciativa. Os isqueiros eléctricos «Maruman» (de mesa e de bolso) constituem afirmação da técnica japonesa em alta qualidade e bom gosto de apresentação.

TAP

TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES

NECESSITA

Mecânicos de avião

que reunam os seguintes requisitos:

— Curso industrial ou equivalente oficial e especialidade
— Nacionalidade portuguesa
— Serviço militar cumprido ou dele isento
— Menos de 36 anos de idade

OFERECE:

— Bom ambiente de trabalho
— Alta valorização profissional
— Contactos com novas técnicas
— Vencimento compatível com as condições exigidas
— Benefícios sociais
— Salários diferidos

Só serão consideradas as candidaturas que respondam inteiramente às exigências postas.

Inscrições no Serviço do Pessoal
Rua do Conde de Redondo, 79-1.º
Lisboa

Instrumento do progresso
A Feira de Hannover oferece-lhe algo que teria de procurar durante largo tempo.

Uma informação completa:
os ramos afins são também importantes.

As últimas novidades de todos os sectores económicos.

E uma recepção cordial.
Um grande número de serviços facilitam-lhe a viagem, visita, orientação e trabalho na Feira. Se pretende investir com êxito visite a Feira de Hannover! Esta viagem poupa-lhe muitas viagens!

Novidade! Abertura da feira quinta-feira

FEIRA DE HANNOVER '71

Quinta-Feira 22.4
Sexta-Feira 30.4
O mercado mundial da indústria.

A tela adquirida pela Comissão de Turismo

Um quadro de Lino António adquirido pela Comissão de Turismo de Leiria

LEIRIA, 1 — Em Dezembro do ano findo demos a notícia de que haveria toda a conveniência para a cidade de Leiria em adquirir um quadro do pintor Lino António, intitulado «Nós», que representava os artistas mais válidos das artes plásticas locais, a saber: o professor cinzelador Narciso Costa, o professor desenhador e modelador Luís Fernandes, o pintor António Varela — todos já falecidos — e o autor da tela.

Para esse fim havia apenas metade da verba — vinte contos —, dado que o possuidor do quadro exigia quarenta. Três meses se passaram entretanto, e eis que aqueles anseios se concretizaram. A Comissão Regional de Turismo de Leiria, a quem a tela estava confiada após a exposição de trabalhos daquele artista, resolveu agora adquirir o importante trabalho artístico, que reserva para figurar na Casa de Cultura (ou Museu) a criar nesta cidade.

Ainda bem que as coisas se proporcionaram, encaminhando esta valiosa obra para o património artístico de Leiria. A tela, enquanto aguarda destino definitivo e de harmonia com os propósitos que levaram á sua aquisição, ficou na posse da mesma Comissão.

ACENTUADA EXPANSÃO DA «RAR» EM 1970

A «RAR» — Refinarias de Açúcar Reunidas, S. A. R. L., do Porto, acaba de publicar o relatório e as contas referentes a 1970.

O total das vendas da empresa cifrou-se em 51 649 toneladas, ou seja, um aumento de 16,35 por cento em relação ao ano anterior. O saldo da conta de Ganhos e Perdas foi de 12 163 contos, quantia que foi distribuída pelo Fundo de Reserva Legal e pelo Fundo de Reserva Livre. O lucro, relativamente a 1969, aumentou em cerca de 30 por cento.

O montante de salários pagos atingiu cerca de 18 mil contos, e 2 mil contos foram dispendidos em pensões, reformas e subsídios, para além do que está legalmente estabelecido. Os subsídios para refeições ao pessoal subiram a 470 contos.

O relatório dá conta da entrada em actividade da sociedade ACEMBEX — Açúcar, Embalagem e Exportação, S. A. R. L., com sede no Porto, resultante da associação da RAR com a firma britânica Tate & Lyle Enterprises, Ltd., que iniciou já o seu trabalho de comercialização dos açúcares da RAR.

Notícia relevante do relatório é a do pedido apresentado pela ACEMBEX para a instalação de uma fábrica de whisky no nosso País, a partir de melaços residuais produzidos na RAR, com a capacidade anual de 500 toneladas. O whisky a produzir contará com o patrocínio e a autorização do uso da marca e dos processos de fabrico de uma reputada produtora de whisky.

De salientar, ainda, no relatório, o facto de toda a produção da rama da Açucareira de Moçambique, S. A. R. L., em 1970, ter sido recebida pela RAR, que tomou uma posição accionista nesta empresa moçambicana, e esta, por sua vez, passou a participar do capital accionista da RAR. A Açucareira de Moçambique colocou-se em segundo lugar, no seu primeiro ano de actividade, na produção ultra-marina [illegible]

O CRESCENTE DESENVOLVIMENTO DA INDÚSTRIA DE CARNES NOBRE

A Indústria de Carnes Nobre, Ld.ª, de Rio Maior, que dispõe de modernas instalações de matadouro industrial, está a comercializar em larga escala, para além dos produtos de salsicharia e charcutaria, carnes verdes de várias espécies. Sabe-se dos problemas que, presentemente, se registam neste sector e a importância crescente que vem adquirindo a expansão de actividades como as da Indústria de Carnes Nobre.

É de salientar também o papel que esta firma vem desempenhando no fomento da pecuária na zona de Rio Maior, a fim de assegurar fornecimento de matéria-prima de forma a garantir um abastecimento regular ao mercado. Estimulou-se, assim, naquela zona uma actividade que, de uma fase incipiente, passou a uma fase já altamente evoluída, capaz de assegurar o fornecimento de milhares de cabeças de gado por ano.

A demonstrar o crescente desenvolvimento da Indústria de Carnes Nobre é de assinalar o fornecimento feito por aquela firma ao paquete «Santa Maria» de vinte e cinco toneladas dos seus produtos destinadas ao abastecimento daquele navio, que partiu recentemente para um cruzeiro ás Caraíbas e no qual participam algumas centenas de turistas americanos

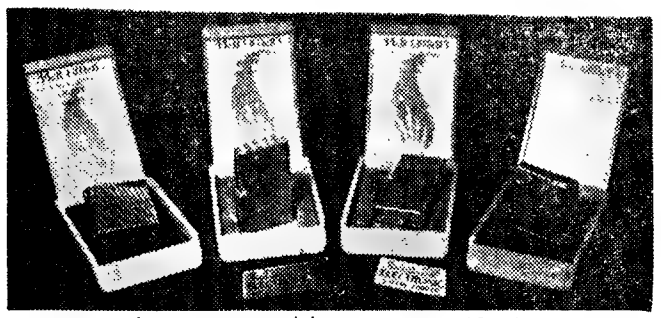
LEITOR DO "DIÁRIO DE LISBOA" UM SERÁ MILIONÁRIO

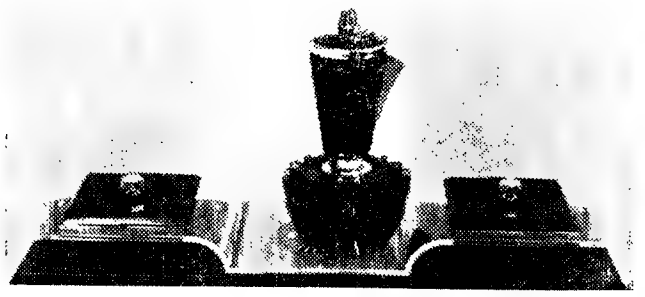
UM DOS PARTICIPANTES na iniciativa «Leitor do Diário de Lisboa» será milionário. Efectivamente, é essa a grande oportunidade que oferecemos aos muitos milhares de leitores que tomam parte na iniciativa com que abrimos o ciclo comemorativo do cinquentenário do nosso Jornal. Com efeito, o primeiro prémio da iniciativa, o maior até hoje instituído na história da Imprensa portuguesa, é constituído por um andar no Parque Residencial e Turístico de Miraflores (com mobiliário Gibo) e um luxuoso automóvel «Mercedes-Benz-220», tudo com valor total superior a mil contos. Outros prémios valiosíssimos estão ao alcance dos leitores do nosso Jornal que, com grande entusiasmo, tomaram parte nesta iniciativa. São muitos milhares de pessoas habilitadas ao sorteio de óptimos prémios.

A classificação por ordem alfabética e numérica dos cupões de identificação, tomando em linha de conta a sua ordem de chegada aos nossos serviços, tem sido, necessàriamente, morosa, demorando o envio dos cartões de identidade de «Leitor do Diário de Lisboa» com o número que os habilitará ao sorteio.

Devemos, no entanto, insistir num esclarecimento: os cartões de identidade chegarão à posse dos seus destinatários antes da data marcada para a realização do sorteio que vai tornar milionário um dos leitores do «Diário de Lisboa».

ISQUEIROS «MARUMAN» (1 de mesa e 4 de bolso) SÃO PRÉMIOS DA NOSSA INICIATIVA





Os isqueiros «Maruman» (1 de mesa e 4 de bolso) também são prémios da nossa iniciativa, e constituem a colaboração que Representações Idris Karim prestaram à nossa iniciativa. Os isqueiros eléctricos «Maruman» (de mesa e de bolso) constituem afirmação da técnica japonesa em alta qualidade e bom gosto de apresentação.

TAP

TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES

NECESSITA

Mecânicos de avião

que reunam os seguintes requisitos:

- Curso industrial ou equivalente oficial e especialidade
- Nacionalidade portuguesa
- Serviço militar cumprido ou dele isento
- Menos de 36 anos de idade

OFERECE:

- Bom ambiente de trabalho
- Alta valorização profissional
- Contactos com novas técnicas
- Vencimento compatível com as condições exigidas
- Benefícios sociais
- Salários diferidos

Só serão consideradas as candidaturas que respondam inteiramente às exigências postas.

Inscrições no Serviço do Pessoal
Rua do Conde de Redondo, 79-1.º
Lisboa

Instrumento do progresso
A Feira de Hannover oferece-lhe algo que teria de procurar durante largo tempo.
Uma visão geral — e não apenas um conhecimento limitado de cada um dos ramos!

Uma informação completa:
os ramos afins são também importantes.
As últimas novidades de todos os sectores técnicos e económicos.
No espaço mais reduzido. No período de tempo mais curto.

E uma recepção cordial.
Um grande número de serviços facilitam-lhe a viagem, visita, orientação e trabalho na Feira. Se pretende investir com êxito visite a Feira de Hannover! Esta viagem poupa-lhe muitas viagens!

Novidade: Abertura da feira quinta-feira

FEIRA DE HANNOVER '71
Quinta-Feira 22.4
Sexta-Feira 30.4
O mercado mundial da indústria.

Câmara de Comércio e Indústria Luso-Alemã,
Deutsch-Portugiesische Industrie- und Handelskammer,
Avenida Elias Garcia, 123-1.º, Lisboa 1
☎ 772587/778168

A tela adquirida pela Comissão de Turismo

Um quadro de Lino António adquirido pela Comissão de Turismo de Leiria

LEIRIA, 1 — Em Dezembro do ano findo demos a notícia de que haveria toda a conveniência para a cidade de Leiria em adquirir um quadro do pintor Lino António, intitulado «Nós», que representava os artistas mais válidos das artes plásticas locais, a saber: o professor cinzelador Narciso Costa, o professor decorador e modelador Luís Fernandes, o pintor António Vieira — todos já falecidos — e o autor da tela.

Para esse fim havia apenas metade da verba — vinte contos — dado que o possuidor do quadro exigia quarenta. Três meses se passaram entretanto, e eis que aqueles anseios se concretizaram. A Comissão Regional de Turismo de Leiria, a quem a tela estava confiada após a exposição de trabalhos daquele artista, resolveu agora adquirir o importante trabalho artístico, que reserva para figurar na Casa de Cultura (ou Museu) a criar nesta cidade.

Vinda bem que as coisas se proporcionaram, encaminhando esta valiosa obra para o património artístico de Leiria. A tela, enquanto aguarda destino definitivo e de harmonia com os propósitos que levaram à sua aquisição, ficou na posse da mesma Comissão.

ACENTUADA EXPANSÃO DA «RAR» EM 1970

A «RAR» — Refinarias de Açúcar Reunidas, S. A. R. L., do Porto, acaba de publicar o relatório e as contas referentes a 1970.

O total das vendas da empresa cifrou-se em 51 649 toneladas, ou seja, um aumento de 16,35 por cento em relação ao ano anterior. O saldo da conta de Ganhos e Perdas foi de 12 163 contos, quantia que foi distribuída pelo Fundo de Reserva Legal e pelo Fundo de Reserva Livre. O lucro, relativamente a 1969, aumentou em cerca de 30 por cento.

O montante de salários pagos atingiu cerca de 13 mil contos, e 2 mil contos foram dispendidos em pensões, reformas e subsídios, para além do que está legalmente estabelecido. Os subsídios para refeições ao pessoal subiram a 470 contos.

O relatório dá conta da entrada em actividade da sociedade ACEMBEX — Açúcar, Embalagem e Exportação, S. A. R. L., com sede no Porto, resultante da associação da RAR com a firma britânica Tate & Lyle Enterprises, Ltd., que iniciou já o seu trabalho de comercialização dos açúcares da RAR.

Notícia relevante do relatório é a do pedido apresentado pela ACEMBEX para a instalação de uma fábrica de whisky no nosso País, a partir de melaços residuais produzidos na RAR, com a capacidade anual de 500 toneladas. O whisky a produzir contará com o patrocínio e a autorização do uso da marca e dos processos de fabrico de uma reputada produtora de whisky.

De salientar, ainda, no relatório, o facto de toda a produção da rama da Açucareira de Moçambique, S. A. R. L., em 1970, ter sido recebida pela RAR, que tomou uma posição accionista nesta empresa moçambicana, e esta, por sua vez, passou a participar do capital accionista da RAR. A Açucareira de Moçambique colocou-se em segundo lugar, no seu primeiro ano de actividade, na produção ultramarina de rama.

O CRESCENTE DESENVOLVIMENTO DA INDÚSTRIA DE CARNES NOBRE

A Indústria de Carnes Nobre, Ld.ª, de Rio Maior, que dispõe de modernas instalações de matadouro industrial, está a comercializar em larga escala, para além dos produtos de salsicharia e charcutaria, carnes verdes de várias espécies. Sabe-se dos problemas que, presentemente, se registam neste sector e a importância crescente que vem adquirindo a expansão de actividades como as da Indústria de Carnes Nobre.

É de salientar também o papel que esta firma vem desempenhando no fomento da pecuária na zona de Rio Maior, a fim de assegurar fornecimento de matéria-prima de forma a garantir um abastecimento regular ao mercado. Estimulou-se, assim, naquela zona uma actividade que, de uma fase incipiente, passou a uma fase já altamente evoluída, capaz de assegurar o fornecimento de milhares de cabeças de gado por ano.

A demonstrar o crescente desenvolvimento da Indústria de Carnes Nobre é de assinalar o fornecimento feito por aquela firma ao paquete «Santa Maria» de vinte e cinco toneladas dos seus produtos destinadas ao abastecimento daquele navio, que partiu recentemente para um cruzeiro ás Caraíbas e no qual participam algumas centenas de turistas americanos.

Guarda Montada em Whitehall

Venha a Londres este ano, pelo menos uma vez.

Viagens de sete dias, incluindo uma visita de meio dia à cidade, desde Esc. 3.948$00.

Venha juntar-se a oito milhões de Londrinos, nos prazeres e tradições da mais extraordinária cidade do mundo para umas férias.

Venha e terá mais que umas simples férias.

Terá um milhão de experiências novas e encontrará um ambiente como não há igual no mundo.

E venha preparado para a incomparável vida nocturna.

Espectáculos em mais de 50 teatros. Ballet. Concertos. Animados restaurantes e discotecas. E, à sua escolha, os 7.000 «pubs» de Londres.

Venha, alugue um carro e, no espaço de um dia, sem necessidade de pressas, descubra ainda mais da Inglaterra. Oxford, Stratford, Windsor, Canterbury ou Cambridge.

Venha de Lisboa com a BEA que lhe oferece uma vasta escolha de viagens Windsor Tours, tudo incluído.

Passe, assim que puder, pela sua Agência de Viagens para mais informações ou para marcar a sua passagem. Ou então envie-nos o cupão abaixo e teremos o maior prazer em lhe enviar o seu folheto.

Voe

Windsor Tours

À BEA
Av. da Liberdade, 23-27 — Lisboa
Gostaria de ter mais informações sobre viagens Windsor Tours à Inglaterra

Nome .....

.....

Morada .....

.....

Localidade .....

Venha este ano à

Passe melhor as suas férias.

A assembleia geral do Banco Comercial de Angola aprovou por unanimidade o Relatório, Balanço e Contas relativos ao Exercício de 1970

Nas instalações do Banco Comercial de Angola, em Lisboa, com a presença de numerosos accionistas, realizou-se a assembleia geral ordinária daquela instituição de crédito ultramarina para apreciação, do Relatório, Balanço e Contas e Parecer do Conselho Fiscal relativos ao exercício de 1970.

Presidiu ao acto o embaixador Augusto de Castro, secretariado pelos srs. Alberto Seabra da Costa e dr. Trigo de Negreiros.

Encontravam-se também, em nome do conselho de administração, os srs. Arthur Cupertino de Miranda, presidente; prof. doutor Gonçalves de Proença, vice-presidente; dr. Teixeira Pais, Artur Luís Cupertino de Miranda e dr. Pereira Pinto, administradores. Presentes ainda os membros do conselho fiscal.

A abrir os trabalhos, o embaixador Augusto de Castro começou por ler a ordem do dia após o que o sr. Arthur Cupertino de Miranda, em nome do conselho de administração, dirigindo-se á assembleia de accionistas, analisou detalhadamente os multiplos aspectos que caracterizam a economia angolana.

Usando da palavra, o sr. Arthur Cupertino de Miranda ainda antes da ordem do dia, começou por dirigir-se ao presidente da assembleia geral, embaixador Augusto de Castro a quem saudou efusivamente como alta figura nacional a quem o País deve inestimáveis serviços no jornalismo e na actividade diplomática. O orador teve também palavras de muito apreço para os accionistas, pondo em relevo o apoio que sempre o conselho de administração deles tem recebido no exercício da sua actividade.

O sr. Arthur Cupertino de Miranda passou, em seguida, a fazer uma análise minuciosa ao condicionalismo económico-financeiro da província de Angola salientando, designadamente, o esforço que através de uma política de consideração prioritária tem vindo a ser feito no nosso Ultramar, procurando incentivar todo um processo de desenvolvimento capaz de vencer as dificuldades que se nos opõem, bem como a necessidade de uma política de aproveitamento paralelo dos recursos naturais em todos os campos da actividade económica, susceptível de culminar numa estrategia global de desenvolvimento.

Seguidamente o orador enunciou alguns dos mais importantes acontecimentos ocorridos em 1970, destacando, entre eles, o surto de progresso económico que continua a observar-se em todo o espaço português «não obstante a persistência das dificuldades relacionadas quer com a defesa da integridade da Nação, a complexidade de alguns problemas de origem financeira, designadamente o problema das transferências e a difícil tarefa que é a planificação de toda a economia nacional em ordem [illegible] equilibrado e harmónico desenvolvimento. [illegible] tos relevantes do [illegible] referiu também [illegible] vez maior de[illegible] internacionais [illegible] ques e os movimentos de aproximação económica luso-espanhola e luso-brasileira, em que tão decididamente se empenharam as instituições bancárias dos países interessados, com particular relevo para o Banco Português do Atlantico, fundador e associado do Banco Comercial de Angola

Passando depois a analisar as dificuldades com que deparou o processo de integração económica «filiadas no acentuado desnivelamento económico entre o espaço metropolitano e o ultramarino», o orador ocupou-se dos problemas com que depara a política de financiamento da economia ultramarina, considerando com particular atenção os que resultam «da insuficiência do crédito a médio e longo prazos, provocando um excessivo recurso ao curto prazo renovável, incapaz de estimular a expansão e a segurança da actividade produtiva», e os que advêm da «carência de estudos e projectos válidos de investimento»

«Em apoio à exportação, seria também de desejar que se pudesse contar para breve nos territórios ultramarinos com o respectivo seguro de crédito»

Noutro passo do seu discurso, o sr. Arthur Cupertino de Miranda acentuou.

«Ao primeiro objectivo se propõem os departamentos financeiros a criar pelos Bancos comerciais; além das instituições especiais de crédito nesse sentido orientadas, e ao segundo, as iniciativas de promoção económica em curso através da criação de organismos adequados para estudo e avaliação de projectos. Quanto aos departamentos financeiros, porém, saudando embora com maior esperança a sua criação, desde já se expressa o receio de que, por si sós, não consigam desempenhar integralmente o papel importante que lhes está consignado, não sómente pela relativa limitação dos recursos financeiros disponíveis, como até, pela incerta estabilidade de grande parte desses recursos. Pelo que toca aos organismos de estudo e promoção económica, impõe-se uma estruturação ámpla e eficiente, de modo a despertar iniciativas, estudar os financiamentos dos empreendimentos, interessar elementos válidos na sua realização, imprimir-lhes utilidade económica e capacidade de competição, alcançar as melhores soluções tecnológicas».

E mais adiante:

«De assinalar também o papel que no arranque assim considerado, pode ser chamada a desempenhar a administração publica através da formação de empresas de economia mista, estimulando e insuflando confiança nos investidores indecisos.»

Também os Bancos comerciais têm uma função a desempenhar. É certo que eles não devem estar jungidos a empresas industriais, com o risco de se envolverem em [illegible] responsabilidade [illegible] e provocarem mesmo distorções e desequilíbrios na distribuição do crédito. Mas a promoção e até a participação [illegible] nas empresas mais representativas do desenvolvimento económico em muitos casos incentivará o progresso.

De considerar, por ultimo, com empenho, o financiamento das industrias voltadas á exportação nas várias modalidades que o mesmo comporta, designadamente a concessão de crédito ás unidades que produzem para o exterior, permitindo-lhes, melhorar as instalações e os equipamentos ou facilitar o pré-financiamento e o financiamento das operações de exportação dos bens e serviços que impliquem processos produtivos morosos e defrontem concorrência internacional.

A completar este apoio á exportação, de desejar seria também que se pudesse contar para breve nos territórios ultramarinos, com o respectivo seguro de crédito.»

«Nas vendas para o exterior, Angola registou um acréscimo de cerca de 28 %»

Depois desta intervenção de carácter geral, o orador passou a ocupar-se especialmente da economia angolana, analisando em pormenor os indicadores mais salientes da sua evolução, reveladores de um dinamismo notável durante o ano de 1970. E a propósito afirmou: «Mercê desse progresso; o comércio externo experimentou, então, um período de expansão até hoje ainda não igualado, com um somatório de importações e exportações que deverá ultrapassar os 22 milhões de contos; sendo de destacar as vendas para o exterior cujo índice de elevação se situa num acréscimo de cerca de 28 por cento contra 20,5 registado entre 1968 e 1969.

Tendo em consideração os países de destino, a exportação repartiu-se em cerca de 60,6% para o estrangeiro e 37,5% para a zona do escudo destacando-se no primeiro caso, como é natural os países importadores de café, (no topo os E. U. A. e a Holanda).»

«O valor bruto da produção da indústria extractiva» Passou de 2,1 milhões de toneladas em 1968, para 3,5 milhões em 1969 e 4,4 milhões em 1970»

Acentuou ainda o presidente do conselho de administração do B. C. A.:

«Deve-se este incremento notável da exportação angolana ao ritmo igualmente acelerado que marcou a sua actividade económica nos sectores referidos das industrias extractivas e das produções essenciais do sector agrícola.

Em termos absolutos e pela sua expressão monetária, o valor bruto da produção, da industria extractiva passou de 2,1 milhões em 1968, para 3,5 milhões em 1969 e 4,4 milhões em 1970.

Não foi tão expressivo o crescimento observado no sector das industrias transformadoras, cujo ritmo de expansão parece ter experimentado certo abrandamento. Mesmo assim o valor bruto acumulado das industrias [illegible] deve apresentar [illegible] da ordem dos [illegible] valendo-se mais prom[illegible] as perspectivas de investimento para o ano em curso.»

«Foram constituídas em Angola, em 1970, cerca de 401 sociedades, contra 288 em 1969»

Disse em seguida o sr. Cupertino de Miranda:

«Com efeito, embora o numero de sociedades dissolvidas em 1970 tenha quase igualado a soma das sociedades extintas em 1968 e 1969, com um capital correspondente a 29 297 contos, o numero das que foram constituídas no ano transacto é superior ao do ano anterior — cerca de 401 em 1970 contra 288 em 1969, — somando respectivamente, 378 899 contos e 361 110 contos.

Em paralelismo com as exportações também as importações experimentaram no ano de 1970 um aumento sensível superando largamente o índice de crescimento do ano anterior: 13% em 1970 contra 4,5% em 1969. Aumento que se deve em grande parte ao acréscimo verificado nas importações de equipamentos e produtos essencialmente destinados ao fomento da economia angolana.»

«Com balanças comerciais negativas em 1967 e 1968, o comércio angolano beneficiou, no ano findo, de um saldo positivo da ordem de 1,5 milhões de contos»

Analisando os condicionalismos que influenciam a balança comercial da província disse o sr. Cupertino de Miranda:

«O fenómeno de maior interesse nesse capítulo da balança comercial é, no entanto, sem duvida, a acentuação que já se vinha verificando desde o ano anterior, do excesso das exportações sobre as importações, beneficiando o comércio externo angolano com um saldo positivo da ordem de 1,5 milhões de contos no ano findo, contra 129 000 contos em 1969.

Facto tanto mais de registar, quanto é certo que a balança comercial angolana foi negativa em 1967 e 1968, embora por causas que devem ser imputadas ao enorme esforço de apetrechamento que durante esses anos foi efectuado, de modo a dotar as industrias extractivas e transformadoras bem como as infra-estruturas portuárias e transportes com os equipamentos necessários ao seu eficaz desenvolvimento, como efectivamente veio a comprovar-se pelos resultados alcançados».

E mais á frente: «De referir também com interesse, pelo seu significado, a evolução operada á origem dos produtos importados, em que se assinalou uma acentuação, embora ligeira, do valor percentual, das importações de origem estrangeira, consequência, certamente, das dificuldades observadas no mecanismo de compensação do sistema monetário nacional. Na verdade, enquanto em 1970 os produtos importados da zona do escudo representaram 38,2% do total, contra [illegible] em 1969 e [illegible] ra ocuparam 61,8% desse total contra 60,4% em 1969 e 1968.»

E referindo a problemática do mercado monetário:

«Ainda dentro do contexto da análise da economia angolana merece uma referência particular o mercado monetário cujos principais índices definidores se revelam através da evolução operada na criação dos meios de pagamento com destaque para a formação de depósitos, cuja formação nos Bancos Comerciais se tem processado nos anos de 1969 e 1970, a um ritmo de aumento percentual da ordem dos 37,6% e 36,2%, respectivamente.

Da mesma forma, também o crédito concedido pelos Bancos comerciais cresceu, nos períodos referidos 34,1% e 36,3%, o que bem revela a importancia da contribuição prestada por tais instituições ao desenvolvimento da economia angolana, contribuição a que nem sempre se tem feito a devida justiça e apreciado o seu justo valor.

Em termos globais pode estimar-se em mais de 18 milhões de contos a oferta de moeda em fins de 1970, dos quais cerca de 14,3% milhões em meios imediatos de pagamento (circulação fiduciária e disponibilidades á vista) e 3,3 milhões em meios quase-imediatos (depósitos a prazo e com pré-aviso).

De sublinhar o decréscimo percentual observado na circulação monetária que ocupando, em 1968, 17,3% do valor global dos meios de pagamento, baixou para 14,4% em 1969, e para 11,6% em 1970.»

«É-nos muito grato assinalar o sentido da valorização que continua a observar-se na nossa instituição, em termos que a situaram na posição de primeiro Banco comercial com sede no Ultramar»

Passando da análise da economia angolana para a actividade específica do Banco, fortemente influenciada pelos parâmetros económicos e financeiros acima referidos, disse o sr. Cupertino de Miranda:

«É-nos, antes de mais, muito grato assinalar o sentido de valorização que se continua a observar na nossa instituição, em termos que decisivamente a situaram na invejável posição de primeiro Banco comercial como sede no Ultramar.

Resulta essa situação, sobretudo, do contributo valioso que o Banco Comercial de Angola continua a prestar à economia angolana, transferindo para os seus sectores produtivos percentagem muito significativa da poupança da Província.

Mantiveram-se, com efeito, elevados os índices de presença do nosso Banco nos valores globais dos depósitos e no crédito concedido, expressos, respectivamente, em 42% da massa monetária confiada à Banca comercial e 43% de todo o crédito proporcionado.

Tem particular significado a este respeito, a evolução observada em matéria de depósitos, cujo somatório subiu de 3 642 743 contos em 1969 para 4 709 544 em 1970, ou seja uma subida da ordem dos 29%, facto que, sem dúvida, se fica a dever à confiança que o nosso Banco merece, pelo alto nível de qualidade dos seus serviços, e, não obstante os termos cada vez mais incompreensíveis com que a concorrência bancária neste sector da captação de numerário, se vem processando. Concorrência que tem sido acompanhada com o maior interesse e, também, com a maior preocupação quanto às consequências futuras que por si só é susceptível de desencadear em prejuízo do salutar desenvolvimento económico da Província».

«No sector das operações activas procuramos sobretudo incentivar os empreendimentos de maior interesse para a economia de Angola»

Prosseguindo na sua exposição acerca da actividade do B. C. A., acentuou:

«Também no sector das operações activas se revelou a actuação do nosso Banco muito viva, procurando, sobretudo, incentivar os empreendimentos de maior interesse para a economia de Angola ou voltados para a exportação, bem como os de maior expressão no seu desenvolvimento futuro.

Terá interesse a este propósito anotar a evolução operada no domínio da carteira comercial, que, tendo começado, em 1957, com um desconto de letras da ordem dos 274 188 contos, atingiu, em 1970, na mesma rubrica, o valor de 6,7 milhões de contos.

Integram-se, ainda, na política de expansão do Banco, constituindo índice significativo do seu crescimento, o aumento de capital verificado no ano transacto, que permitirá, com a aprovação do presente relatório e contas, elevar o capital e reservas da Instituição para a verba expressiva de 356 000 contos; o alargamento da sua actividade a Moçambique, onde se espera, durante o ano em curso, abrir agências em Lourenço Marques, Beira e Nampula; e, finalmente, a operação, em vias de concretização, de integração do nosso Banco do activo e passivo das dependências que o prestigioso Barclays Bank DCO, vinha explorando há quase um século na Província portuguesa do Índico e de que resultará uma representação sua no nosso capital accionista.

Pelo seu relevante significado, tais factos dispensam comentários, bastando, por si, para assinalar de modo definitivo o ano de 1970, que bem pode considerar-se, em relação ao futuro, como um marco destacado na vida do nosso Banco.

A integração do Barclays Bank, de Moçambique, oferecerá melhores condições para a intervenção no mercado mundial do dinheiro que urge canalizar para as necessidades económicas nacionais»

E, expondo mais desenvolvidamente a política de gestão:

«Acrescentaremos apenas o relevo que o novo capital vai possibilitar ao Banco Comercial de Angola, particularmente através da criação dos Departamentos Financeiros destinados a operar no médio e

(Continua na ultima página)

A assembleia geral do Banco Comercial de Angola aprovou por unanimidade o Relatório, Balanço e Contas relativos ao Exercício de 1970

Nas instalações do Banco Comercial de Angola, em Lisboa, com a presença de numerosos accionistas, realizou-se a assembleia geral ordinária daquela instituição de crédito ultramarina para apreciação, do Relatório, Balanço e Contas e Parecer do Conselho Fiscal relativos ao exercício de 1970.

Presidiu ao acto o embaixador Augusto de Castro, secretariado pelos srs. Alberto Seabra da Costa e dr. Trigo de Negreiros.

Encontravam-se também, em nome do conselho de administração, os srs. Arthur Cupertino de Miranda, presidente; prof. doutor Gonçalves de Proença, vice-presidente; dr. Teixeira Pais, Artur Luís Cupertino de Miranda e dr. Pereira Pinto, administradores. Presentes ainda os membros do conselho fiscal.

A abrir os trabalhos, o embaixador Augusto de Castro começou por ler a ordem do dia após o que o sr. Arthur Cupertino de Miranda, em nome do conselho de administração, dirigindo-se á assembleia de accionistas, analisou detalhadamente os multiplos aspectos que caracterizam a economia angolana.

Usando da palavra, o sr. Arthur Cupertino de Miranda ainda antes da ordem do dia, começou por dirigir-se ao presidente da assembleia geral, embaixador Augusto de Castro a quem saudou efusivamente como alta figura nacional a quem o País deve inestimáveis serviços no jornalismo e na actividade diplomática. O orador teve também palavras de muito apreço para os accionistas, pondo em relevo o apoio que sempre o conselho de administração deles tem recebido no exercício da sua actividade.

O sr. Arthur Cupertino de Miranda passou, em seguida, a fazer uma análise minuciosa ao condicionalismo económico-financeiro da província de Angola salientando, designadamente, o esforço que através de uma política de consideração prioritária tem vindo a ser feito no nosso Ultramar, procurando incentivar todo um processo de desenvolvimento capáz de vencer as dificuldades que se nos opõem, bem como a necessidade de uma política de aproveitamento paralelo dos recursos naturais em todos os campos da actividade económica, susceptível de culminar numa estratégia global de desenvolvimento.

Seguidamente o orador enunciou alguns dos mais importantes acontecimentos ocorridos em 1970, destacando, entre eles, o surto de progresso económico que continua a observar-se em todo o espaço português «não obstante a persistência das dificuldades relacionadas quer com a defesa da integridade da Nação, a complexidade de alguns problemas de origem financeira, designadamente o problema das transferências e a difícil tarefa que é a planificação de toda a economia nacional em ordem ao seu equilibrado e harmónico desenvolvimento».

Como factos relevantes do ano transacto referiu também a compreensão cada vez maior dos sectores internacionais pelo caso português e os movimentos de aproximação económica luso-espanhola e luso-brasileira, em que tão decididamente se empenharam as instituições bancárias dos países interessados, com particular relevo para o Banco Português do Atlântico, fundador e associado do Banco Comercial de Angola

Passando depois a analisar as dificuldades com que deparou o processo de integração económica «filiadas no acentuado desnivelamento económico entre o espaço metropolitano e o ultramarino», o orador ocupou-se dos problemas com que depara a política de financiamento da economia ultramarina, considerando com particular atenção os que resultam «da insuficiência do crédito a médio e longo prazos, provocando um excessivo recurso ao curto prazo renovável, incapaz de estimular a expansão e a segurança da actividade produtiva», e os que advêm da «carência de estudos e projectos válidos de investimento»

«Em apoio à exportação, seria também de desejar que se pudesse contar para breve nos territórios ultramarinos com o respectivo seguro de crédito»

Noutro passo do seu discurso, o sr. Arthur Cupertino de Miranda acentuou.

«Ao primeiro objectivo se propõem os departamentos financeiros a criar pelos Bancos comerciais; além das instituições especiais de crédito nesse sentido orientadas, e ao segundo, as iniciativas de promoção económica em curso através da criação de organismos adequados para estudo e avaliação de projectos. Quanto aos departamentos financeiros, porém, saudando embora com maior esperança a sua criação, desde já se expressa o receio de que, por si sós, não consigam desempenhar integralmente o papel importante que lhes está consignado, não sòmente pela relativa limitação dos recursos financeiros disponíveis, como até, pela incerta estabilidade de grande parte desses recursos. Pelo que toca aos organismos de estudo e promoção económica, impõe-se uma estruturação ámpla e eficiente, de modo a despertar iniciativas, estudar os financiamentos dos empreendimentos, interessar elementos válidos na sua realização, imprimir-lhes utilidade económica e capacidade de competição, alcançar as melhores soluções tecnológicas».

E mais adiante:

«De assinalar também o papel que no arranque assim considerado, pode ser chamada a desempenhar a administração publica através da formação de empresas de economia mista, estimulando e insuflando confiança nos investidores indecisos.»

Também os Bancos comerciais têm uma função a desempenhar. É certo que eles não devem estar jungidos a empresas industriais, com o risco de se envolverem em operações de responsabilidade excessivas e provocarem mesmo distorções e desequilíbrios na distribuição do crédito. Mas a promoção e até a participação minoritária nas empresas mais representativas de desenvolvimento económico em muitos casos incentivará o progresso.

De considerar, por ultimo, com empenho, o financiamento das industrias voltadas á exportação nas várias modalidades que o mesmo comporta, designadamente a concessão de crédito ás unidades que produzem para o exterior, permitindo-lhes, melhorar as instalações e os equipamentos ou facilitar o pré-financiamento e o financiamento das operações de exportação dos bens e serviços que impliquem processos produtivos morosos e defrontem concorrência internacional.

A completar este apoio á exportação, de desejar seria também que se pudesse contar para breve nos territórios ultramarinos, com o respectivo seguro de crédito.»

«Nas vendas para o exterior, Angola registou um acréscimo de cerca de 28 %»

Depois desta intervenção de carácter geral, o orador passou a ocupar-se especialmente da economia angolana, analisando em pormenor os indicadores mais salientes da sua evolução, reveladores de um dinamismo notável durante o ano de 1970. E a propósito afirmou: «Mercê desse progresso; o comércio externo experimentou, então, um período de expansão até hoje ainda não igualado, com um somatório de importações e exportações que deverá ultrapassar os 22 milhões de contos; sendo de destacar as vendas para exterior cujo índice de elevação se situa num acréscimo de cerca de 28 por cento contra 20,5 registado entre 1968 e 1969.

Tendo em consideração os países de destino, a exportação repartiu-se em cerca de 60,6% para o estrangeiro e 37,5% para a zona do escudo destacando-se no primeiro caso, como é natural os países importadores de café, (no topo os E. U. A. e a Holanda).»

«O valor bruto da produção da indústria extractiva» Passou de 2,1 milhões de toneladas em 1968, para 3,5 milhões em 1969 e 4,4 milhões em 1970»

Acentuou ainda o presidente do conselho de administração do B. C. A.:

«Deve-se este incremento notável da exportação angolana ao ritmo igualmente acelerado que marcou a sua actividade económica nos sectores referidos das industrias extractivas e das producões essenciais do sector agrícola.

Em termos absolutos e pela sua expressão monetária, o valor bruto da produção, da industria extractiva passou de 2,1 milhões em 1968, para 3,5 milhões em 1969 e 4,4 milhões em 1970.

Não foi tão expressivo o crescimento observado no sector das industrias transformadoras, cujo ritmo de expansão parece ter experimentado certo abrandamento. Mesmo assim o valor bruto acumulado das industrias transformadoras deve apresentar um acréscimo da ordem dos 18%, revelando-se mais promissoras as perspectivas de investimento para o ano em curso.»

«Foram constituídas em Angola, em 1970, cerca de 401 sociedades, contra 288 em 1969»

Disse em seguida o sr. Cupertino de Miranda:

«Com efeito, embora o numero de sociedades dissolvidas em 1970 tenha quase igualado a soma das sociedades extintas em 1968 e 1969, com um capital correspondente a 29 297 contos, o numero das que foram constituídas no ano transacto é superior ao do ano anterior — cerca de 401 em 1970 contra 288 em 1969, — somando respectivamente, 378 899 contos e 361 110 contos.

Em paralelismo com as exportações também as importações experimentaram no ano de 1970 um aumento sensível superando largamente o índice de crescimento do ano anterior: 13% em 1970 contra 4,5% em 1969. Aumento que se deve em grande parte ao acréscimo verificado nas importações de equipamentos e produtos essencialmente destinados ao fomento da economia angolana.»

«Com balanças comerciais negativas em 1967 e 1968, o comércio angolano beneficiou, no ano findo, de um saldo positivo da ordem de 1,5 milhões de contos»

Analisando os condicionalismos que influenciam a balança comercial da província disse o sr. Cupertino de Miranda:

«O fenómeno de maior interesse nesse capítulo da balança comercial é, no entanto, sem duvida, a acentuação que já se vinha verificando desde o ano anterior, do excesso das exportações sobre as importações, beneficiando o comércio externo angolano com um saldo positivo da ordem de 1,5 milhões de contos no ano findo, contra 129 000 contos em 1969.

Facto tanto mais de registar, quanto é certo que a balança comercial angolana foi negativa em 1967 e 1968, embora por causas que devem ser imputadas ao enorme esforço de apetrechamento que durante esses anos foi efectuado, de modo a dotar as industrias extractivas e transformadoras bem como as infra-estruturas portuárias e transportes com os equipamentos necessários ao seu eficaz desenvolvimento, como efectivamente veio a comprovar-se pelos resultados alcançados».

E mais á frente: «De referir também com interesse, pelo seu significado, a evolução operada á origem dos produtos importados, em que se assinalou uma acentuação, embora ligeira, do valor percentual, das importações de origem estrangeira, consequência, certamente, das dificuldades observadas no mecanismo de compensação do sistema monetário nacional. Na verdade, enquanto em 1970 os produtos importados da zona do escudo representaram 38,2% do total, contra 39,6% em 1969 e 1968, os produtos de origem estrangeira ocuparam 61,8% desse total contra 60,4% em 1969 e 1968.»

E referindo a problemática do mercado monetário:

«Ainda dentro do contexto da análise da economia angolana merece uma referência particular o mercado monetário cujos principais índices definidores se revelam através da evolução operada na criação dos meios de pagamento com destaque para a formação de depósitos, cuja formação nos Bancos Comerciais se tem processado nos anos de 1969 e 1970, a um ritmo de aumento percentual da ordem dos 37,6% e 36,2%, respectivamente

Da mesma forma, também o crédito concedido pelos Bancos comerciais cresceu, nos períodos referidos 34,1% e 36,3%, o que bem revela a importancia da contribuição prestada por tais instituições ao desenvolvimento da economia angolana, contribuição a que nem sempre se tem feito a devida justiça e apreciado o seu justo valor.

Em termos globais pode estimar-se em mais de 18 milhões de contos a oferta de moeda em fins de 1970, dos quais cerca de 14,3% milhões em meios imediatos de pagamento (circulação fiduciária e disponibilidades á vista) e 3,3 milhões em meios quase-imediatos (depósitos a prazo e com pré-aviso).

De sublinhar o decréscimo percentual observado na circulação monetária que ocupando, em 1968, 17,3% do valor global dos meios de pagamento, baixou para 14,4% em 1969, e para 11,6% em 1970.»

«É-nos muito grato assinalar o sentido da valorização que continua a observar-se na nossa instituição, em termos que a situaram na posição de primeiro Banco comercial com sede no Ultramar»

Passando da análise da economia angolana para a actividade específica do Banco, fortemente influenciada pelos parâmetros económicos e financeiros acima referidos, disse o sr. Cupertino de Miranda:

«É-nos, antes de mais, muito grato assinalar o sentido de valorização que se continua a observar na nossa instituição, em termos que decisivamente a situaram na invejável posição de primeiro Banco comercial como sede no Ultramar.

Resulta essa situação, sobretudo, do contributo valioso que o Banco Comercial de Angola continua a prestar à economia angolana, transferindo para os seus sectores produtivos percentagem muito significativa da poupança da Província.

Mantiveram-se, com efeito, elevados os índices de presença do nosso Banco nos valores globais dos depósitos e no crédito concedido, expressos, respectivamente, em 42% da massa monetária confiada à Banca comercial e 43% de todo o crédito proporcionado.

Tem particular significado a este respeito, a evolução observada em matéria de depósitos, cujo somatório subiu de 3 642 743 contos em 1969 para 4 709 514 em 1970, ou seja uma subida da ordem dos 29%, facto que, sem dúvida, se fica a dever à confiança que o nosso Banco merece, pelo alto nível de qualidade dos seus serviços, e, não obstante os termos cada vez mais incompreensíveis com que a concorrência bancária neste sector da captação de numerário, se vem processando. Concorrência que tem sido acompanhada com o maior interesse e, também, com a maior preocupação quanto às consequências futuras que por si só é susceptível de desencadear em prejuízo do salutar desenvolvimento económico da Província».

«No sector das operações activas procuramos sobretudo incentivar os empreendimentos de maior interesse para a economia de Angola»

Prosseguindo na sua exposição acerca da actividade do B. C. A., acentuou:

«Também no sector das operações activas se revelou a actuação do nosso Banco muito viva, procurando, sobretudo, incentivar os empreendimentos de maior interesse para a economia de Angola ou voltados para a exportação, bem como os de maior expressão no seu desenvolvimento futuro.

Terá interesse a este propósito anotar a evolução operada no domínio da carteira comercial, que, tendo começado, em 1957, com um desconto de letras da ordem dos 271 188 contos, atingiu, em 1970, na mesma rubrica, o valor de 6,7 milhões de contos.

Integram-se, ainda, na política de expansão do Banco, constituindo índice significativo do seu crescimento, o aumento de capital verificado no ano transacto, que permitirá, com a aprovação do presente relatório e contas, elevar o capital e reservas da Instituição para a verba expressiva de 356 000 contos; o alargamento da sua actividade a Moçambique, onde se espera, durante o ano em curso, abrir agências em Lourenço Marques, Beira e Nampula; e, finalmente, a operação, em vias de concretização, de integração do nosso Banco do activo e passivo das dependências que o prestigioso Barclays Bank, DCO, vinha explorando há quase um século na Província portuguesa do Índico e de que resultará uma representação sua no nosso capital accionista.

Pelo seu relevante significado, tais factos dispensam comentários, bastando, por si, para assinalar de modo definitivo o ano de 1970, que bem pode considerar-se, em relação ao futuro, como um marco destacado na vida do nosso Banco.

A integração do Barclays Bank, de Moçambique, oferecerá melhores condições para a intervenção no mercado mundial do dinheiro que urge canalizar para as necessidades económicas nacionais»

E, expondo mais desenvolvidamente a política de gestão:

«Acrescentaremos apenas o relevo que o novo capital vai possibilitar ao Banco Comercial de Angola, particularmente através da criação dos Departamentos Financeiros destinados a operar no médio e

(Continua na ultima página)

O ESTILO «MULHER DE ARMAS» — Grande curiosidade das elegantes alemãs rodeou a apresentação, na Semana Internacional da Moda de Munique, desta linha de sugestão militar apresentada pela alta costura londrina. É um êxito para Alec Berman, que levará agora os seus modelos a idêntico certame em Düsseldorf

SERÁ EM COIMBRA O MAIS COMPLETO CENTRO HOSPITALAR DO PAÍS

— segundo o relatório da Junta Distrital

COIMBRA, 27 — Reuniu-se o Conselho do Distrito sob a presidência do sr. prof. dr. Bissaia Barreto, ladeado pelos procuradores srs. dr. Viriato Namora, e António de Magalhães Castela, respectivamente pelas Câmaras Municipais de Coimbra e Condeixa-a-Nova.

O sr. prof. dr. Bissaia Barreto leu o relatório da Junta distrital, o qual descreveu o que tem sido a obra daquele organismo nestes últimos trinta anos, principalmente na luta contra a tuberculose criando e mantendo dispensários, construindo três sanatórios instalando-os da melhor forma. Em instituições, arsenal anti-tuberculoso que já não se torna necessário é, todavia, preciso para dominar outros males.

Deu conta da constituição do Centro Hospitalar de Coimbra, formado pelo Hospital Geral da Colónia do Brasil, que sucedeu ao Hospital-Sanatório da Colónia Portuguesa do Brasil; a Obra de Assistência Materno-Infantil «Dr. Bissaia Barreto, o Hospital Pediátrico de Celas e Hospital Ortopédico de Recuperação. sucedendo os dois últimos, respectivamente, ao Hospital-Sanatório de Celas e ao Hospital Hélio-Marítimo da Gala e que depois se transformou num valioso Centro de Traumatologia e Recuperação e que muito vai enriquecer a Zona Centro do País. Por sua vez, o Centro de Neurocirurgia de Coimbra é integrado no Hospital Geral da Colonia Portuguesa do Brasil, embora mantenha a mesma designação e passa a constituir um dos seus serviços.

Desta forma, tudo ficará a constituir o mais completo e mais perfeito Centro Hospitalar do nosso País — como não há outro.

Todas aquelas unidades nos pitalares foram criadas e mantidas pela Junta Distrital, pelo que é motivo de satisfação chegar a este momento, depois de cada uma delas ter cumprido brilhantemente a sua função sem que qualquer outra a pudesse ter ultrapassado no seu valor, nem material nem funcional, nem social verificar que agora se juntam e, em equipa, vão fazer uma recobertura assistencial em toda a área do distrito.

AS CASAS DAS CRIANÇAS

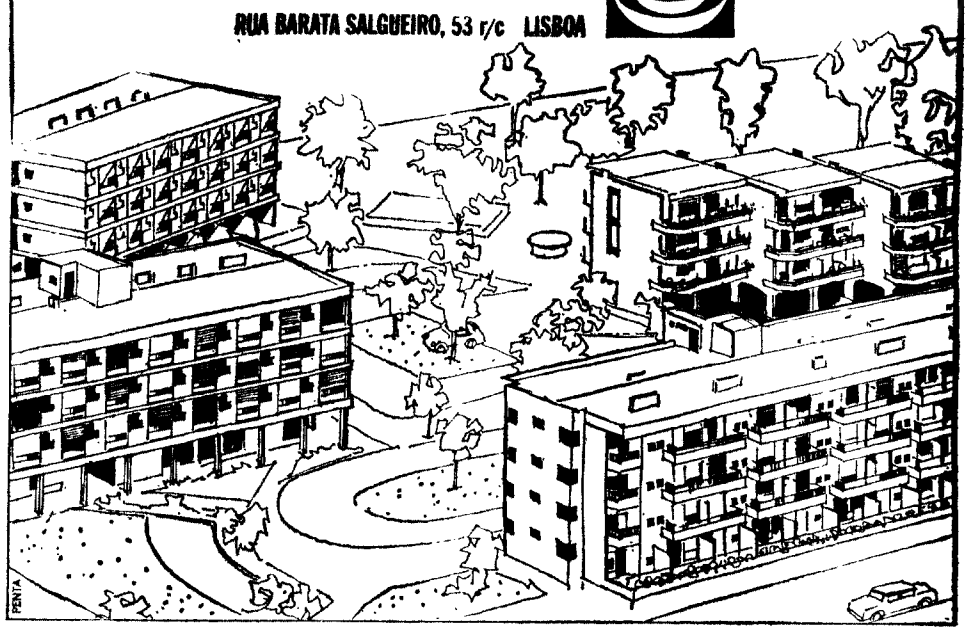
O sr. prof. dr. Bissaia Barreto lembrou a ânsia de se conseguirem instalações que recebam os filhos das mães que trabalham e não tenham horas livres para cuidar deles no período pré-escolar. Analisou o problema das Casas da Criança dizendo que não há tempo nem dinheiro para manter a mesma orientação até hoje preferida e que consistia em construir uma casa e pô-la a funcionar. Em sua opinião, há que mudar de rumo e por isso parecia-lhe mais prático e de maior conveniência, sempre que possível, arrendar casa, adaptá-la e nela pôr a funcionar a Casa da Criança, resolvendo assim o grave problema da Protecção ás Crianças e Auxílio ás Mães que trabalham. Fez considerações a esse respeito, e disse que o problema, grave e pesado, dizendo respeito á alimentação e ao pagamento do pessoal, encargos que custam mais de cem contos por ano, chama-os a Junta a si.

Finda a leitura do relatório, o sr. dr. Viriato Namora usou da palavra em nome dos procuradores e afirmou que aquela reunião se podia considerar um acto histórico na vida da Junta Distrital de Coimbra pois que a constituição do Centro Hospitalar de Coimbra e a integração dos estabelecimentos de assistência que a Junta construira durante 40 anos terminava a sua acção assistencial no vasto sector até hoje a seu cargo mas que havia de ter em conta que essa acção tinha possibilitado benefícios inestimáveis a toda a população do distrito e para além dele.

Fez, depois, uma análise a todo o relatório, salientando que o pensamento do presidente da Junta Distrital quanto a assistência pré-escolar, e disse que esse pensamento tem toda a oportunidade comprovada pelas declarações do sr. ministro da Educação Nacional ao seu projecto de Reforma do Ensino, no capítulo de educação pré-escolar, em que as Casas da Criança já existentes poderão vir a desempenhar papel imediato. Por fim, fez ainda algumas considerações sobre a instituição de Casas da Criança, salientando o gesto do sr. comendador António da Costa Carvalho e de sua esposa, a escritora Sara Beirão que proporcionaram a construção de uma Casa da Criança na terra natal do primeiro (Travanca de Lagos), propondo, em seguida que o relatório fosse aprovado por aclamação, o que sucedeu.

JOVICA
ELECTRODOMÉSTICOS
LISBOA:
Largo D. Estefânia, 12-C — Telefone 534536
Avenida 5 de Outubro, 53-C — Telefone 47769
FILIAIS:
CACÉM — SINTRA — CASCAIS — VENDA NOVA

APARTAMENTOS
QUINTA DOS LOMBOS
NA PRAIA DE CARCAVELOS
TOTALMENTE EQUIPADOS
INICIADA A VENDA DA 2ª FASE
Informe-se das extraordinárias vantagens de comprar agora
VISITE O "NOVO APARTAMENTO MODELO" NO LOCAL
Dias úteis das 14 às 19 h Sábados e Domingos das 11 às 13 h e das 14 às 20 h
RUA BARATA SALGUEIRO, 53 r/c LISBOA



PARA COMPRAR OU VENDER AS SUAS JÓIAS
BARBOSA, ESTEVES & C.ª, LD.ª
293 - Rua da Prata 295

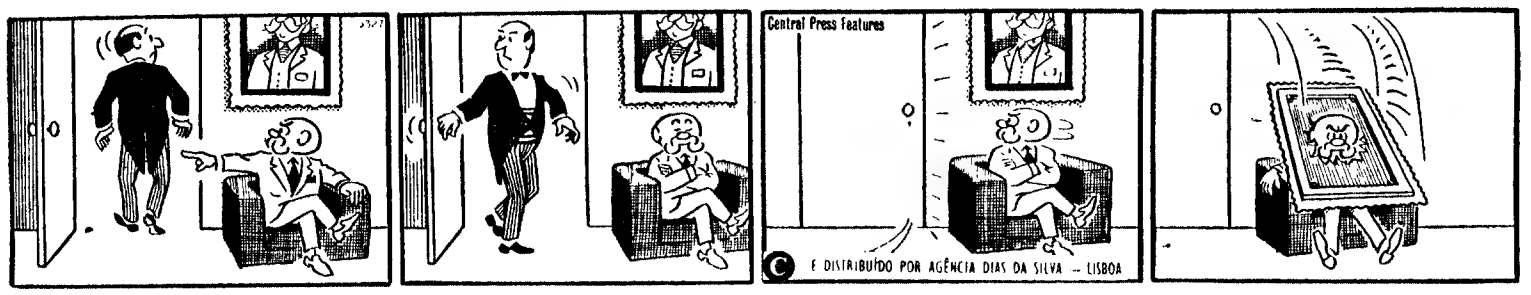
ACESSÓRIOS DE INDÚSTRIA
Casa Chaves Caminha
LISBOA: — Tel. 725163
PORTO: — Tel. 22556

CONFIE NA
Ourivesaria da GUIA
COMO O FAZ HÁ QUASE 100 ANOS, UMA CLIENTELA CADA VEZ MAIS NUMEROSA
RUA D. DUARTE, 4-B
(Edifício do Hotel Mundial)

Ford ESCORT
O PEQUENO GRANDE CARRO
2 ou 4 PORTAS E ESTATE CAR
STAND MODERNO
RUA JOÃO SARAIVA, 15 — LISBOA — (Alvalade)
Telef. 71 10 65 (10 linhas)
Salão de Exposição: Av. Fontes Pereira de Melo, 15-A
CONCESSIONÁRIOS Ford em LISBOA e nos concelhos de [illegible] — LOURES — OEIRAS — SINTRA — VILA FRANCA DE XIRA

OS PEANUTS

CAROL DAY



AVENTURAS DO TIO CARLOS

HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 1 de Abril de 1941 publicava:

«LONDRES, 1 — As últimas informações recebidas confirmam que os navios de guerra alemães «Scharnhorst» e «Gneisenau» se encontravam abrigados dentro do porto de Brest, quando as nossas formações de bombardeamento realizaram o ataque muito violento sobre a zona do mesmo porto durante a noite de 31. Deflagraram focos de incêndio e foram observadas explosões em muitos locais sobre toda a área ocupada pelas docas. Todos os nossos aviões empregados nessa acção regressaram sem novidade às suas bases.»

Moradias — Seixal

TERRENOS

Os que restam, c/ projecto, cálculos registo, escritura. Alvará da C. M. S. Perto escolas técnica e primária. Zona comercial, cinema, etc. Baratos. Uma pechincha. Telef. 2790998.

FESTAS DA PÁSCOA

Horário dos comboios

A C. P. organiza, por motivo das FESTAS DA PÁSCOA, os desdobramentos aos comboios regulares de longo curso, que se reconhecerem necessários.

Além destes comboios de desdobramento ficam, também, previstos comboios especiais os quais só se efectuarão caso a afluência de passageiros o justifique.

O pormenor destes horários consta dos avisos afixados nas estações.

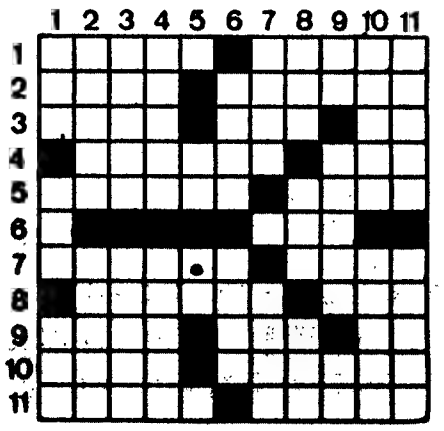
Palavras cruzadas

(COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N.º 5850

HORIZONTAIS: 1 — Encho (fig.) Divisas. 2 — Bola revestida de pele. Bola de neve. 3 — Estimai. Czar da Russia cognominado «O Terrível». Alumínio (s. q.). 4 — Corsário. Passada. 5 — Habitante de Casas. Aneis. 6 — Artigo definido. Naquele lugar. 7 — Residência. Árvore indiana cuja casca é empregada como adstringente. 8 — Enfiadas. Ecoa. 9 — Coruma. Dádiva. Pronome pessoal. 10 — Amarrar. Notificar. 11 — Ganho (fig.). Desejara.

VERTICAIS: 1 — Rio do estado do Mato Grosso. Preposição. Figura que simboliza o povo americano. 2 — Prazo. Louco. 3 — Içais. A folhagem das plantas (pl.). 4 — Tombara. Estimais. 5 — Prefixo de privação. Oferece. Conjunção. 6 — Pinto. Ópera de Verdi. 7 — Guia. Tareia. 8 — Pronome pessoal. Renque. Pronome pessoal. 9 — Pedra de moinho. Tempo do verbo ir. Apelido. 10 — Acanhado. Marcar. 11 — Divisões de uma casa (pl.). Brotara.



Resolveu completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5849

HORIZONTAIS: 1 — Talas. Trama. 2 — Roera. Renas. 3 — Assel. Astra. 4 — Mas. Sul. 5 — Lar. MAL. 6 — Casas. Morar. 7 — Os. Amo. 95. 8 — Criardo. 9 — FALA. Cêba. 10 — Acaba. Mover. 11 — [illegible] Anela.

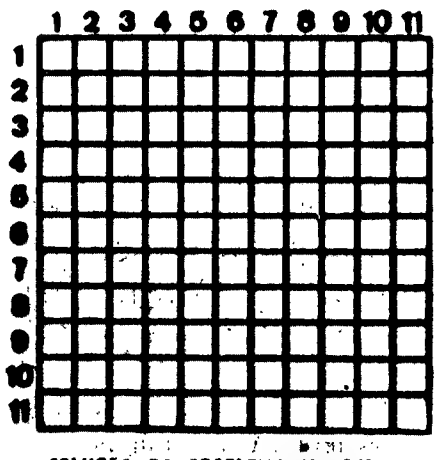
VERTICAIS: 1 — Tras. Calos. 2 — [illegible] — Lesmas. Cila. 4 — [illegible] 5 — [illegible] 6 — [illegible] 7 — [illegible] 8 — [illegible] 9 — [illegible] 10 — [illegible] — Anas. Revera.

(Provérbio: MAL FALA, MAL OUVE.)

PROBLEMA N.º 9693

HORIZONTAIS: 1 — Antiga cidade da Mésia Superior. Campo semeado de aveia. 2 — Enlaças. Corrigi. 3 — Uma das ilhas Jónias. Fechara as asas para descer mais depressa. 4 — Apelido. Preposição latina que designa movimento. O mesmo que uma (ant. e pop.). Ribeira da Ásia Russa. 5 — Nome de mulher. Armaria (abrev.). 6 — Piedosa. Suspiros. 7 — Nome de jogo. Ferro temperado. Pátria. 8 — Letra grega. O mesmo que abano. O lado do vento. 9 — Cidade do Estado de S. Paulo. Bramidos. 10 — Cova. Branqueia com cal diluída em água. 11 — Cilada. Emparelhas.

VERTICAIS: 1 — Nome pelo qual se designava outrora Dido, fundadora de Cartago. Prega. 2 — O mesmo que embriaguez (pop.). Experimentar. 3 — Romancista português autor de «Os Maias». Escudeiro. Para barlavento. 4 — Pancada com o taco (na bola de bilhar). Terra nova e arroteada de fresco. 5 — Guarnecida de asas. Pássaro. 6 — Espécie de formiga (Bras.). 7 — Insulta com varas. Organização das Nações Unidas. 8 — Apupara. Avalia. 9 — Época. Um milhar. Chefe etíope. 10 — Ilha do Pequeno Belt. Campónia. 11 — Laço. Nome de flores.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9692

HORIZONTAIS: 1 — At. Afano. Cr. 2 — Fel. Ano. Soa. 3 — Alas. Rual. 4 — Importunara. 5 — Móa. Aam. Rer. 6 — Auras. Elisa. 7 — Ora. Ric. 8 — Cioba. 9 — Por. Rir. Mel. 10 — [illegible] Au. 11 — Ratas. Amola.

VERTICAIS: 1 — Afeiamar. Per. 2 — Teimou. [illegible] 3 — Lágara. 4 — [illegible] 5 — Fa. [illegible] 6 — Anela. Oil. 7 — [illegible] — Rio. Lia. Ora. 9 — [illegible] 10 — [illegible] 11 — [illegible]

36 MENSALIDADES

SUAVES E SEM FIADOR

MÁQ. LAVAR ROUPA E LOIÇA
FRIGORÍFICOS
FOGÕES
ESQUENTADORES
ASPIRADORES
TELEVISORES
GRAVADORES
GIRA-DISCOS
e outros

M. L. FERREIRA
R. Dona Estefânia, 48-A (Junto ao largo)
LISBOA

PIANOS VERTICAIS E DE CAUDA
ALUGAM-SE
Estabelecimentos VALENTIM DE CARVALHO
Comércio e Indústria, S. A. R. L. — 95, Rua Nova do Almada, 99 — LISBOA

LUSTRES

Se está interessado na sua compra, não o faça sem visitar a Fábrica, Av. 5 de Outubro, 203, r/c., esq.º (Ao Campo Pequeno) — Telefone 77 16 39.

VENDA AO PÚBLICO

CAMISAS POR MEDIDA
HIRONDELLE
R. Pedro Nunes, 20 (ao Saldanha)

JUNTA DE CRÉDITO PÚBLICO

CERTIFICADOS DE AFORRO

Resultados do 36.º sorteio trimestral realizado em 31-3-1971

Prémios atribuídos a unidades representadas nos certificados a seguir indicados

1 — 1.º prémio: 100.000$ — certificado n.º 311 798

2 — 2.os prémios: 30.000$ cada — certificados n.os 279 966 e 328 350

3 — 3.os prémios: 20.000$ cada — certificados n.os 264 546 - 290 752 e 315 572

10 4.os prémios: 5.000$ cada — certificados n.os 24 595 - 39 660 - 46 531 - 194 690 201 173 - 263 917 - 266 105 - 283 199 357 090 e 369 839

60 — 5.os prémios: 1.000$ cada — certificados n.os 199 371, 205 646, 221 261, 227 079, 233 966, 237 342, 239 262, 242 494, 243 862, 245 236, 246 457, 247 612, 249 032, 250 415, 251 917, 253 703, 255 417, 256 896, 258 326, 259 799, 261 312, 263 206, 263 689, 264 604, 266 221, 268 021, 268 740, 269 966, 271 362, 273 066, 273 665, 274 429, 275 820, 277 352, 278 567, 278 610, 281 615, 282 121, 282 782, 283 045, 285 953, 286 482, 287 331, 291 286, 292 165, 292 449, 296 250, 297 062, 297 326, 301 195, 302 012, 302 426, 306 067, 307 040, 307 334, 310 963, 312 076, 316 604, 320 906 e 324 621.

Estes prémios correspondem a certificados dos valores de aquisição de 70.000$, 21.000$, 14.000$, 3.500$ e 700$, respectivamente.

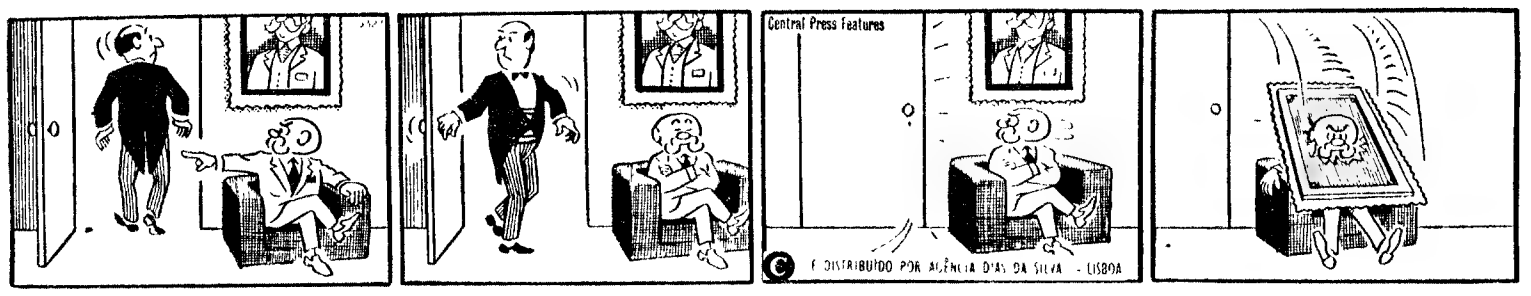
O próximo sorteio, realiza-se em 30 de Junho de 1971.

Direcção-Geral dos Serviços da Junta do Crédito Público, 31 de Março de 1971.

O DIRECTOR-GERAL
J. Seitari Allegro

OS PEANUTS

CAROL DAY



AVENTURAS DO TIO CARLOS

HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 1 de Abril de 1941 publicava:

«LONDRES, 1 — As últimas informações recebidas confirmam que os navios de guerra alemães «Scharnhorst» e «Gneisenau» se encontravam abrigados dentro do porto de Brest, quando as nossas formações de bombardeamento realizaram o ataque muito violento sobre a zona do mesmo porto durante a noite de 31. Deflagraram focos de incêndio e foram observadas explosões em muitos locais sobre toda a área ocupada pelas docas. Todos os nossos aviões empregados nessa acção regressaram sem novidade às suas bases.»

Moradias — Seixal

TERRENOS

Os que restam, c/ projecto, cálculos registo, escritura. Alvará da C. M. S. Perto escolas técnica e primária. Zona comercial, cinema, etc. Baratos. Uma pechincha. Telef. 2790998.

FESTAS DA PÁSCOA

Horário dos comboios

A C. P. organiza, por ocasião das FESTAS DA PÁSCOA, os desdobramentos dos comboios regulares de longo curso, [illegible] nos dias [illegible].

Além desses comboios de desdobramento ficam, também, previstos comboios especiais os quais só se efectuarão caso a afluência de passageiros o justifique.

O pormenor destes horários consta dos avisos afixados nas estações.

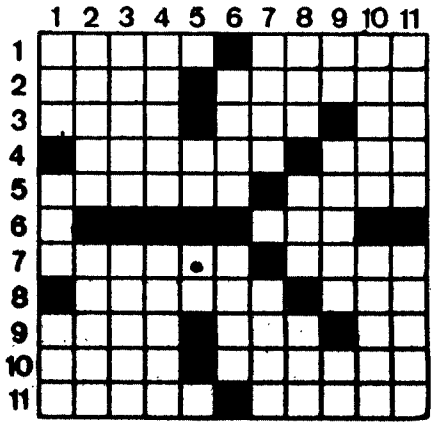
Palavras cruzadas

(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 5850

HORIZONTAIS: 1 — Encho (fig.). Divisas. 2 — Bola revestida de pele. Bola de neve. 3 — Estimar. Czar da Rússia cognominado «O Terrível». Alumínio (s. q.). 4 — Corsário. Passada. 5 — Habitante de Casas. Anéis. 6 — Artigo definido. Naquele lugar. 7 — Residência. Árvore indiana cuja casca é empregada como adstringente. 8 — Enfiadas: Ecoa. 9 — Caruma. Dádiva. Pronome pessoal. 10 — Amarrar. Notificar. 11 — Ganho (fig.). Desejara.

VERTICAIS: 1 — Rio do estado do Mato Grosso. Preposição. Figura que simboliza o povo americano. 2 — Prazo. Louco. 3 — Içaos. A folhagem das plantas (pl.). 4 — Tombara. Estimas. 5 — Prefixo de privação. Oferece. Conjunção. 6 — Pinto. Ópera de Verdi. 7 — Gura. Tarda. 8 — Pronome pessoal. Renque. Pronome pessoal. 9 — Pedra de moinho. Tempo do verbo ir. Apelido. 10 — Acanhado. Marcar. 11 — Divisões de uma casa (pl.). Brotara.



Resolveu completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5849

HORIZONTAIS: 1 — Talas. Trama. 2 — Roera. Renas. 3 — Assel. Astra. 4 — Mas. Sul. 5 — Lar. MAL. 6 — Casas. Morar. 7 — Os. Amo. 96. 8 — Criardo. 9 — FALA. Cilba. 10 — Acaba. Mover. 11 — Sósia. Areia.

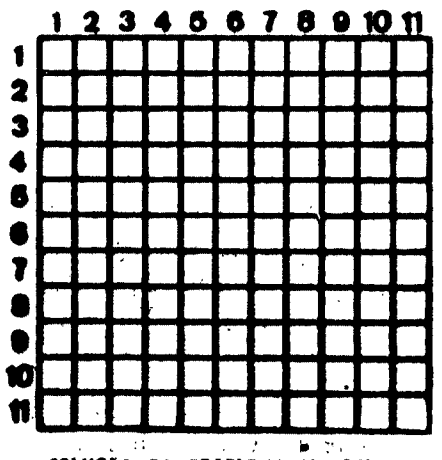
VERTICAIS: 1 — Traí. Coitos. 2 — Aos. Lás. Aos. 3 — Leamos. Cila. 4 — Aragna. Rolet. 5 — [illegible] Ae. 6 — MAL. 7 — Tria. Mor. Má. 8 — [illegible] Açor. 9 — Anilar. OUVE. 10 — Mar. [illegible] 11 — Asas. Roseira.

(Provérbio: MAL FALA, MAL OUVE.)

PROBLEMA N.º 9693

HORIZONTAIS: 1 — Antiga cidade da Mesopotâmia. Surpreendido de avesso. 2 — Entregas. Corrigi. 3 — Uma das ilhas Jónias. Fechara as asas para descer mais depressa. 4 — Apelido. Preposição. Alma que designa movimento. O mesmo que uma (ant. e pop.). Ribeira da Ásia Russa. 5 — Nome de mulher. Armania (abrev.). 6 — Piedosa. Suspiros. 7 — Nome de jogo. Ferro temperado. Patrão. 8 — Letra grega. O mesmo que abaixo. O [illegible] 9 — Cidade do Estado de [illegible] Paraíba. Brandos. 10 — Cova. Branqueia com [illegible] 11 — Cidade. Emparelhas.

VERTICAIS: 1 — Nome pelo qual se designava outrora D. [illegible] fundadora de Cartago. Prega. 2 — O mesmo que [illegible] (pop.). Experimentar. 3 — Romancista português autor de «Os Maias». Estudeira. Para barlavento. 4 — Pancada com o taco (no bolo de bilhar). Terra nova e arroteada de fresco. 5 — Guarnecida de asas. Pássaro. 6 — Espécie de formiga (Bras.). 7 — Insulta com vaias. Organização das Nações Unidas. 8 — Apupara. Avalia. 9 — Época. Um milhar. Chefe etíope. 10 — Ilha do Pequeno Belt. Campónia. 11 — Laço. Nome de flores.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9692

HORIZONTAIS: 1 — Af. Afano. Cr. 2 — Fel. Ano. Soa. 3 — Alas. Rual. 4 — Importunara. 5 — Moa. Aam. Rer. 6 — Auras. Elisa. 7 — Ora. Ris. 8 — Ciaba. 9 — Par. Rir. Mel. 10 — Em. Lásio. Au. 11 — Ratas. Amola.

VERTICAIS: 1 — Afaimar. Per. 2 — Teimou. Sama. 3 — Lépara. 4 — Se. Ana. Ia. 5 — Fa. Rasoiras. 6 — Anata. Ola. 7 — [illegible] 8 — Ro. Lia. Om. 9 — Suaria. 10 — [illegible] Real. 11 — Raiaras. Lua.

36 MENSALIDADES

SUAVES E SEM FIADOR

MÁQ. LAVAR ROUPA E LOIÇA
FRIGORÍFICOS
FOGÕES
ESQUENTADORES
ASPIRADORES
TELEVISORES
GRAVADORES
GIRA-DISCOS
e outros

M. L. FERREIRA
R. Dona Estefânia, 48-A (Junto ao largo)
LISBOA

PIANOS VERTICAIS E DE CAUDA
ALUGAM-SE
Estabelecimentos VALENTIM DE CARVALHO
Comércio e Indústria, S. A. R. L. — 95, Rua Nova do Almada, 99 — LISBOA

LUSTRES

Se está interessado na sua compra, não o faça sem visitar a Fábrica, Av. 5 de Outubro, 203, r/c., esq.º (Ao Campo Pequeno) — Telefone 77 16 39.

VENDA AO PÚBLICO

CAMISAS POR MEDIDA
HIRONDELLE
R. Pedro Nunes, 29 (ao Saldanha)

JUNTA DE CRÉDITO PÚBLICO

CERTIFICADOS DE AFORRO

Resultados do 36.º sorteio trimestral realizado em 31-3-1971

Prémios atribuídos a unidades representadas nos certificados a seguir indicados

1 — 1.º prémio: 100.000$ — certificado n.º 311 798

2 — 2.os prémios: 30.000$ cada — certificados n.os 279 966 e 328 350

3 — 3.os prémios: 20.000$ cada — certificados n.os 264 546 - 290 752 e 315 572

10 4.os prémios: 5.000$ cada — certificados n.os 24 595 - 39 660 - 46 531 - 194 690 201 173 - 263 917 - 266 105 - 283 199 357 090 e 369 839

60 — 5.os prémios: 1.000$ cada — certificados n.os 199 371, 205 646, 221 261, 227 079, 233 966, 237 342, 239 262, 242 494, 243 862, 245 236, 246 457, 247 612, 249 032, 250 415, 251 917, 253 703, 255 417, 256 896, 258 326, 259 799, 261 312, 263 206, 263 689, 264 604, 266 221, 266 021, 268 740, 269 968, 271 362, 273 066, 273 665, 274 429, 275 820, 277 352, 278 567, 278 810, 281 615, 282 121, 282 783, 283 045, 285 953, 286 482, 287 331, 291 286, 292 165, 292 449, 296 250, 297 062, 297 326, 301 195, 302 012, 302 426, 306 087, 307 040, 307 334, 310 963, 312 076, 316 604, 320 906 e 324 621.

Estes prémios correspondem a certificados dos valores de aquisição de 70.000$, 21.000$, 14.000$, 3.500$ e 700$, respectivamente.

O próximo sorteio, realiza-se em 30 de Junho de 1971.

Direcção-Geral dos Serviços da Junta do Crédito Público, 31 de Março de 1971.

O DIRECTOR-GERAL
J. Soltari Allegro

Casa da Imprensa: insegurança financeira

— assim é definida a situação no relatório de 1970

Os sócios da Casa da Imprensa apreciaram ontem o relatório da direcção referente ao exercício de 1970. A assembleia realizou-se na sede da instituição, á Rua da Horta Seca, sob a presidência do jornalista Rogério Perez.

No seu relatório, a direcção a que preside o jornalista João Gomes, começa por chamar a atenção dos associados para *«a situação de insegurança financeira em que vive permanentemente a instituição»*.

Com efeito, as despesas da Casa da Imprensa atingiram, em 1970, cerca de 700 contos. As receitas fixas, as únicas que não são contingentes, orçam actualmente por cerca de 225 contos. Conclui-se, portanto, que é necessário suprir anualmente um «déficit» da ordem dos 475 contos.

As receitas fixas são constituídas pelas seguintes verbas: quotização dos associados (cerca de 20 contos anuais); rendimento do prédio da Rua do Loreto (205 contos); juros dos títulos em carteira e dos depósitos á ordem (cerca de 20 contos). Em 1970, as maiores verbas das despesas foram as seguintes: medicamentos — 189 697$80; médicos privativos e especialistas — 98 485$00; análises e radiografias — 24 823$00; auxílio a viúvas — 124 300$00; despesas de administração — 248 492$00.

O «déficit» é coberto, como se sabe, recorrendo á organização de espectáculos (Prémios da Imprensa, Corrida da Imprensa, Ciclo de Cinema) e a donativos de entidades públicas e privadas. No ano passado, foi ainda alugado provisóriamente o 4.º andar do edifício-sede e passou a contar-se com os benefícios resultantes do acordo com a Caixa de Previdência relativamente á comparticipação na despesa médico-medicamentosa.

O relatório analisa, depois, os vários aspectos da vida da instituição e, no final, propõe a aprovação de votos de agradecimento ao governador civil de Lisboa e ao ministro da Saúde; aos empresários Manuel dos Santos e Ortigão Ramos; á Fundação Gulbenkian e ao presidente do Município de Lisboa; ao presidente da direcção da Caixa de Previdência e Abono de Família dos Jornalistas; aos médicos privativos da instituição, dr. Sobral Blanco e dr.ª Regina Portela; a todo o pessoal que presta serviço na Casa da Imprensa.

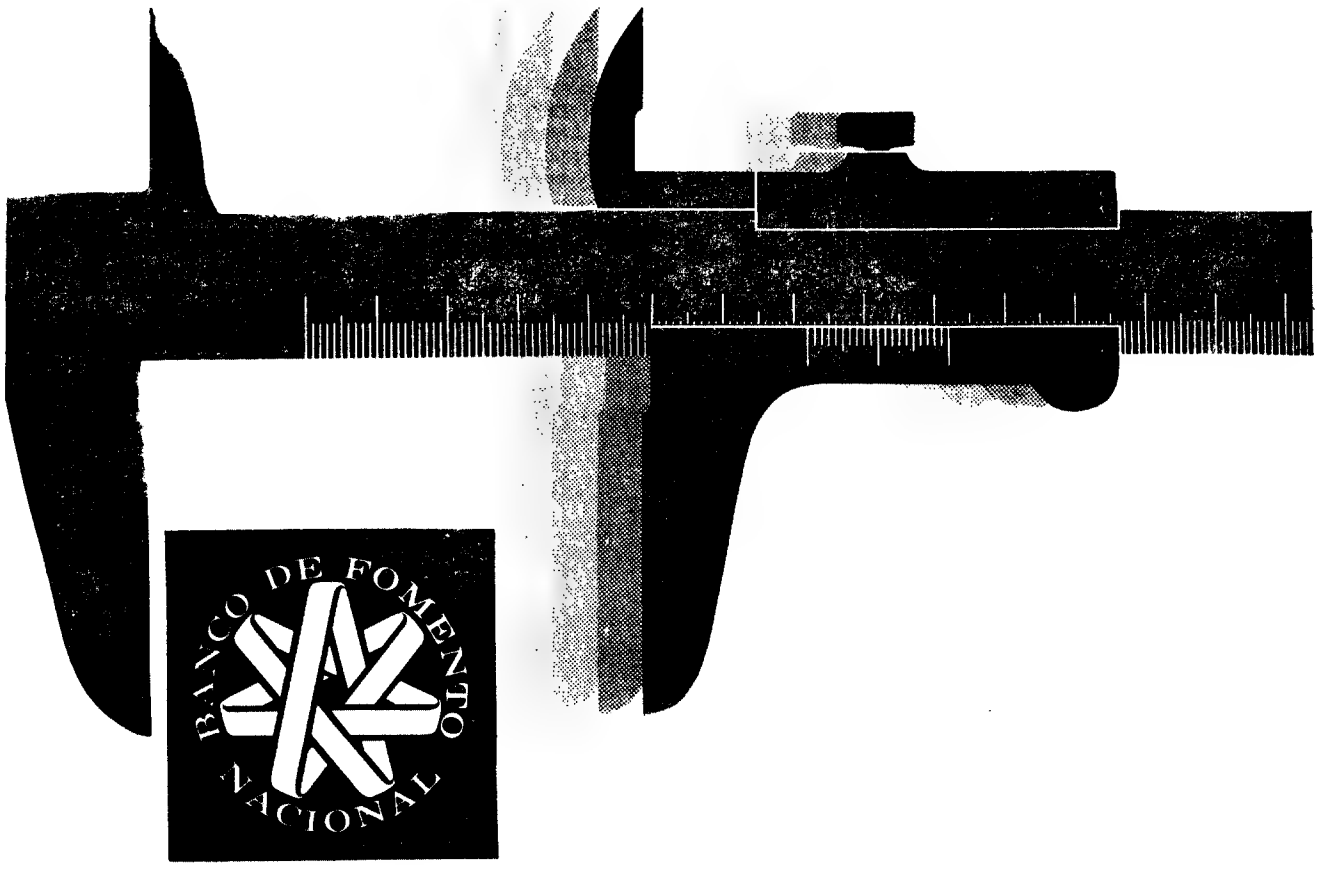
MAIS HORAS DE LEITURA NA BIBLIOTECA DO PORTO

PORTO, 1 — Devido ao movimento extraordinário que a sala de leitura geral da Biblioteca Publica Municipal do Porto tem registado nos ultimos anos, a direcção daquele departamento municipal decidiu alargar o horário de funcionamento, das 10 ás 23 e 30, sem interrupção, a título experimental, a partir do próximo dia 1 de Abril e até 31 de Julho.

O MATADOURO DE PAÇO DE ARCOS VAI PARA PORTO SALVO

Na ultima reunião da Camara Municipal de Oeiras, presidida pelo sr. engº Armando Subtil, voltou a ser debatido o problema da transferência para Porto Salvo (em terreno ja escolhido) do matadouro localizado em condições precárias, em Paço de Arcos.

Outros assuntos foram tratados na reunião: a nomeação do vereador dr. Mário Arez para representar a Camara de Oeiras no Congresso dos Municípios a realizar em Lourenço Marques; a limpeza publica de Alfragide; a conveniência da montagem (por parte das organizações industriais) de fornos crematórios destinados aos lixos, á semelhança do que já existe na Rinchoa (Sintra); a necessidade urgente de se proceder á construção de uma estrada entre o Damaia e a Buraca e, ainda, a falta de uma estação dos C. T. T. em condições em Algés.



NOVA DIMENSÃO DA TAXA DE JURO

O Banco de Fomento Nacional remunera á Taxa de Juro de

5,75%

ao ano os depósitos a prazo superior a um ano.

Isenção total de impostos.

Disponibilidade dos depósitos por meio de livranças

Consulte os nossos serviços

BANCO DE FOMENTO NACIONAL

IMPULSIONADOR DO CRESCIMENTO ECONÓMICO NO ESPAÇO PORTUGUÊS

Actualidade internacional

PROBLEMAS DE CRESCIMENTO ECONÓMICO DA ALEMANHA DO LESTE

Por JOE ALEX MORRIS

Exclusivo «The Los Angeles Times»/«D.L.»

BONN — Como a Polónia, também a Alemanha de Leste enfrenta problemas de carácter económico

Todavia o Governo de Berlim-Leste ainda não decretou os aumentos espectaculares de preços que provocaram motins em cidades da Polónia.

O consumidor leste-alemão encontra-se ameaçado por um Inverno longo e rigoroso: o Governo começou já a pedir ao público que reduza o seu consumo de electricidade enquanto existem indícios de que as cidades da Alemanha Oriental se encontrariam num «black-out» parcial.

Certos produtos alimentares, particularmente a carne e a manteiga, estariam à venda em quantidades limitadas, sendo as suas entregas irregulares devido aos problemas de transporte.

Os problemas económicos da Alemanha de Leste foram recentemente expostos de uma maneira pouco habitual, quando o Governo de Berlim Leste submeteu ao Parlamento o Plano e o Orçamento para 1971.

A taxa de crescimento prevista para 1971 é a mais baixa desde há alguns anos.

Pior ainda, os investimentos serão inferiores no próximo ano aos de 1970, tendo o Governo admitido que os objectivos de produção que tinham sido fixados não foram respeitados em numerosos sectores.

HABITAÇÕES A MENOS

No novo plano existe um reduzido número de boas notícias para os alemães de leste. As exportações em divisas fortes acusam um atraso de 214 milhões de dólares relativamente à verba fixada, tendo o Governo decidido aumentar as exportações para os países comunistas em 16 por cento, a fim de tentar compensar tal baixa.

Os economistas de Bonn concluem, com base nestes factos, que os alemães de leste terão de apertar ainda mais o cinto no decurso dos próximos meses, dado que se atribui uma importância cada vez maior à exportação.

No aspecto habitacional, ponto fraco das economias de Leste, o objectivo de 76 000 novas habitações fixado para 1970 não foi atingido, enquanto o número previsto para 1971 é ainda menor — 73 000.

A totalidade dos investimentos na construção não atingirá, em 1971, metade dos deste ano, ao passo que a verba destinada aos investimentos industriais é mais importante que anteriormente.

O plano não contém promessas concretas relativamente ao aumento do rendimento real (quatro por cento em 1970), fazendo apenas alusão ao aumento do rendimento, proporcionalmente ao da produção.

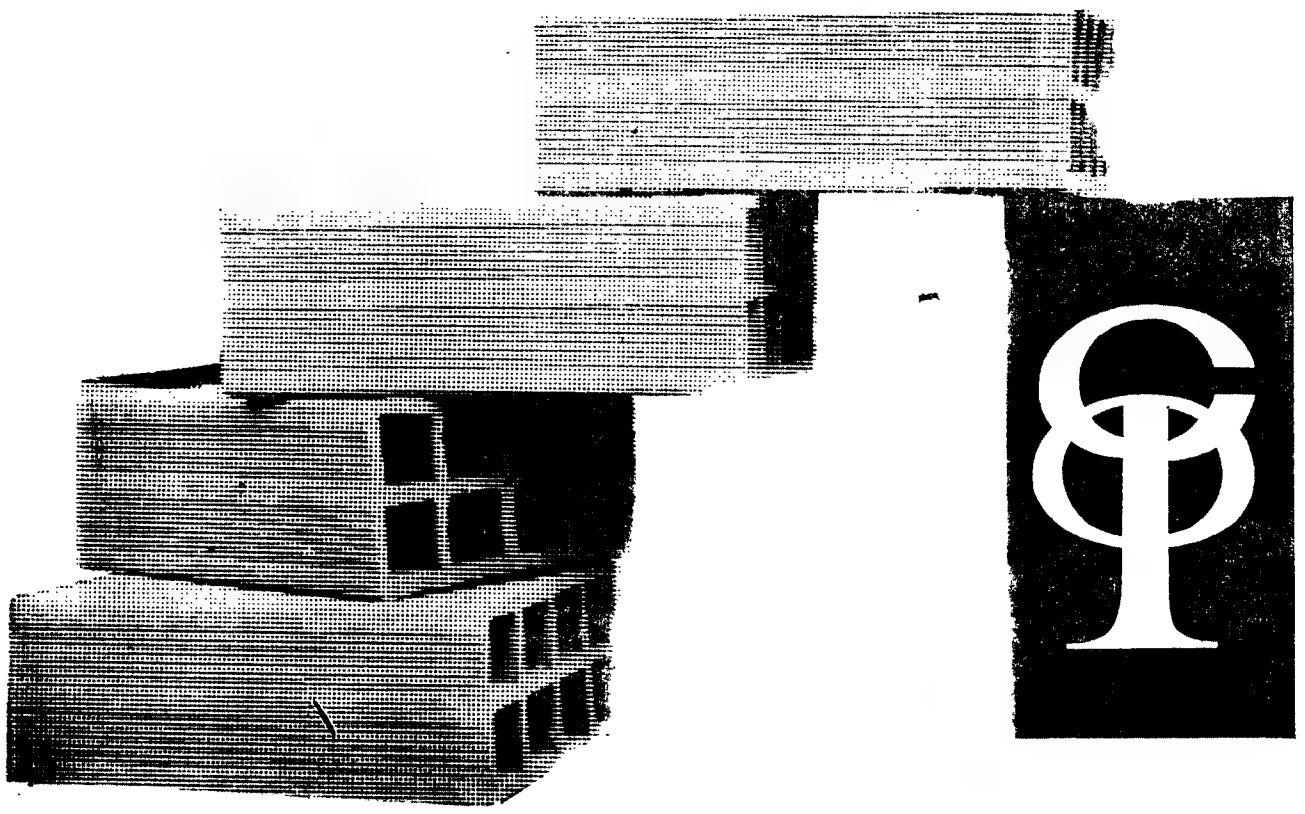
Embora admitindo que os objectivos fixados pelo Plano não foram atingidos em 1970, os alemães de leste são, como habitualmente, vagos acerca dos detalhes. Desculpam-se com o rigor do Inverno de 1969-1970, «o pior desde há anos», quando pretendem explicar o fracasso do Governo no aspecto da produção agrícola.

PREÇOS ESTÁVEIS

O Plano para 1971 tem em consideração este fracasso, prevendo apenas um aumento do rendimento nacional de 4,9 por cento, em comparação com 6,3 em 1970.

A questão da subida dos preços, a qual, aparentemente, deu origem aos motins na Polónia, não se encara do mesmo modo na Alemanha de Leste. Berlim principiou, com efeito, a partir de 1967, a aumentar os preços e a fixá-los a níveis realistas, e estes têm-se mantido estáveis desde então.

Na Alemanha de Leste, o problema principal é, sobretudo, o do abastecimento. Para a maioria dos observadores, não deve, possivelmente, conduzir a explosões comparáveis às da Polónia, tanto mais que o nível de vida dos alemães de leste é o mais elevado de todos os países da Europa Oriental.



NÃO DEIXE RUIN O SEU SONHO

Deposite as suas economias no CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS e transforme a renda ao senhorio em prestações mensais de um empréstimo até dez anos para aquisição da sua casa.

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

O emprego do «laser» no corte de tecidos

Por WILLIAM JONES

(Exclusivo «The Washington Post» - «D L »)

FREDERICKSBURG (Virgínia) — Uma empresa americana fez, há dias, a primeira demonstração pública do emprego do raio «laser» no corte de tecidos.

O presidente da Genesco Inc., Franklin Jarman, considerou a invenção como «o primeiro grande passo em frente verificado na indústria, depois da máquina de costura». E declarou que ela seria capaz de revolucionar a indústria americana de confecções, cuja actividade atinge a cifra de 50 000 milhões de dólares por ano.

A máquina, que foi, há dias, apresentada aos jornalistas e aos concorrentes da Genesco, já está a ser utilizada no corte de 25 a 40 fatos por hora. A companhia disporá, mais tarde, de três máquinas, capazes de cortar 50 fatos por hora.

«Vamos confeccionar fatos com maior rapidez e a preços mais baixos», declarou o presidente da Genesco, que lembrou que, normalmente, os prazos de entrega são de seis semanas. A máquina permitirá que as mesmas se façam em menos de metade do tempo, o que fará com que os retalhistas possam acompanhar as vendas de mais perto e experimentar novos estilos.

A nova máquina de cortar dispõe de quatro elementos: um ordenador que «armazena» as instruções para o corte, assim como as formas dos diversos elementos dos fatos, o «laser», uma mesa de corte e um sistema de aprovisionamento. O raio «laser» queima (mais exactamente, faz evaporar) a fazenda, segundo as linhas programadas. O talhe é tão fino como o de um punhal.

Daqui em diante, todos os fatos de uma medida determinada serão exactamente iguais, quando, dantes, se verificavam ligeiras modificações, devidas à espessura do giz, ao fio da tesoura, bem como à precisão e firmeza de mão do alfaiate.

Se um alfaiate desembaraçado é capaz de cortar sete centímetros e meio por segundo, o raio «laser» pode talhar setenta e cinco. Dez vezes mais.

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da Republica, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto, em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

UM FALSO MÉDICO FEZ 150 OPERAÇÕES

HARWICH (Inglaterra), 1 — (A. N. I.) — Trabalhou em 12 hospitais ingleses e fez 150 operações um homem que se intitulava médico pela Universidade de Kabul, no Afeganistão.

Abdul Sharify, que conseguiu ludibriar as autoridades inglesas durante quatro anos e que foi expulso da Grã-Bretanha, aonde teve de regressar porque a Holanda se recusou a recebê-lo, declarou que entre as operações que fez se conta uma traqueotomia e acrescentou: «Fiz estas intervenções tão bem como qualquer outro médico e um profissional como eu deve ser tratado com respeito».

Sharify afirmou que aprendeu muito com os outros médicos, que tinha confiança em si próprio e que a prova de que quanto fez foi bem feito é nunca ter havido queixas por causa do seu trabalho.

Tempestade de protestos nos EUA contra a condenação de Calley

WASHINGTON, 1 — (R.) — A condenação do tenente Calley está a provocar uma tempestade de protestos nos Estados Unidos. Milhares de pessoas fazem apelos de clemência ao Presidente Nixon e o Senado prepara uma moção pedindo que a pena de prisão perpétua seja reduzida.

Antigos combatentes apresentaram-se em várias cidades, junto das prisões, alegando que se Calley era culpado eles também deviam ser presos.

A maior parte dos protestos populares contra a condenação do tenente dizem que ele se limitou a obedecer ás ordens dos seus superiores, pelo que não está certo designá-lo como bode expiatório.

COMENTÁRIO SOVIÉTICO

MOSCOVO, 1 — (R.) — A Tass, anunciando a sentença de prisão perpétua proferida contra o tenente William Calley, comentou hoje que os verdadeiros causadores do massacre de My Lai tinham escapado ao castigo.

«Sob pressão de um público indignado, o Pentágono teve de fazer julgar o tenente Calley por participar no massacre da população civil de Song My, uma aldeia sul-vietnamita. Contudo, os principais causadores desse banho de sangue escaparam ao castigo» — acrescentou a agência noticiosa soviética.

REDUÇÃO DA TAXA DE DESCONTO EM INGLATERRA

LONDRES, 1 — (R.) — A taxa de desconto do Banco de Inglaterra foi hoje reduzida, de 7 para 6 por cento, ficando ao nível mais baixo desde a crise do esterlino em 1967, que levou á desvalorização da moeda.

A taxa bancária britanica é a chave das taxas de empréstimo em todo o território. A redução de hoje, apenas dois dias depois da indústria ter sido libertada de algumas das taxas mais pesadas, deve dar um novo ímpeto á expansão industrial.

Manifestantes ocuparam apartamentos em Roma

ROMA, 1 — (R.) — Cerca de 200 jovens esquerdistas erigiram barricadas e arremessaram contra a Polícia pedras, barras de ferro e outros projécteis, após ocuparem ontem dezenas de apartamentos semi-acabados nos arrabaldes desta capital.

Os guardas, tentando expulsar os manifestantes, responderam com granadas de gás lacrimogéneo. Ficaram feridos pelo menos três polícias e numero não revelado de jovens.

A acção dos manifestantes foi em apoio de centenas de moradores de «bairros de lata», expulsos anteontem dos 600 apartamentos.

A Polícia chamou, por fim, reforços e os manifestantes dispersaram, após largarem fogo a duas barricadas. Depois, ocuparam por breve tempo duas secções locais do Partido Comunista, mas foram expulsos rápidamente pelos guardas.

SEIS MESES DE FÉRIAS PARA SERVAN-SCHREIBER

PARIS, 1 — (R.) — O chefe oposicionista francês Jean-Jacques Servan-Schreiber decidiu a noite passada iniciar um período de férias de seis meses do seu cargo de secretário-geral do Partido Radical Socialista, após uma divisão entre os seus membros.

Servan-Schreiber foi muito falado na Primavera passada quando ganhou uma eleição secundária para a Assembleia Nacional, em Nancy, no Leste da França, vencendo o candidato do Partido Gaullista, que governa o país. Mais tarde, perdeu outra eleição secundária em Bordéus, onde se candidatou contra o primeiro-ministro, Jacques Chaban-Delmas.

Trabalhadores escravos numa fazenda

SÃO PAULO, 1 — (F. P.) — O jornal conservador «O Estado de São Paulo» denunciou hoje a existência de uma fazenda com camponeses escravos no município de Itambe, Estado do Paraná.

Segundo o jornal, a denúncia foi feita pelo camponês Elmo Garcez que declarou, na Polícia, ter sido espancado naquela fazenda. O trabalhador acrescentou que ele e os camaradas estavam sujeitos ao regime de escravidão, pois não recebiam salários e quando formulavam protestos eram espancados.

A Polícia investiga para averiguar a verdade dos factos.

INTERHOTEL

Sociedade Internacional de Hotéis, SARL

PAGAMENTO DO JURO INTERCALAR DE 1970

Avisam-se os Senhores Accionistas de que está a pagamento o juro intercalar em referência, cujo valor por acção é o seguinte:

ACÇÕES DA SÉRIE A

Juro ilíquido	35$06
Impostos a deduzir	4$78
	30$28

ACÇÕES DA SÉRIE B

Juro ilíquido	9$72
Impostos a deduzir	1$68
	8$04

A liquidação das importâncias respectivas será feita através do Banco Totta & Açores (sede, em Lisboa, filial do Porto e agência de Coimbra) ou do Banco da Madeira para o que bastará a apresentação das respectivas cautelas.

PARAGENS TRANSPORTES SUBURBANOS

COMUNICADO

Dando satisfação a todos os reclamantes que se nos têm dirigido acerca das restrições à paragem dos autocarros das empresas suburbanas dentro de Lisboa, na impossibilidade de o fazermos pessoalmente, vimos informar que tais restrições nos foram impostas, pelo que não têm os concessionários quaisquer responsabilidades em tal medida e tomaram até já as providências que se impunham em exposições fundamentadas às Entidades competentes.

Agradecemos a melhor compreensão para com o pessoal que presta serviço nas carreiras, que nenhuma culpa tem do sucedido, a fim de se evitarem os problemas que vêm surgindo com tanta frequência.

Os Concessionários

ARBORICULTORA, LDA.
AUTO VIAÇÃO BUCELENSE
BOA VIAGEM — TRANSPORTES, S. A. R. L.
ISIDORO DUARTE
EMPRESA DE CAMIONETAS BARRAQUEIRO
EMPRESA DE VIAÇÃO EDUARDO JORGE, LDA.
HENRIQUE LEONARDO MOTA, LDA.

Actualidade internacional

CASSIUS CLAY CONFESSA: «ESTOU DEPENADO»

CHICAGO, 1 — (F. P.) — Cassius Clay confessou que já não lhe restava pràticamente nada dos dois milhões e meio de dólares (cerca de 70 mil contos) que lhe rendeu o combate contra Joe Frazier.

Ontem, perante um auditório de estudantes no Colégio Oficial de Chicago, o antigo campeão do Mundo deu as seguintes explicações: «Recebi efectivamente dois milhões e meio, mas «o homem branco» de Washington retirou-me um milhão e meio logo no dia seguinte ao do encontro. Depois veio o Estado de Nova York que me exigiu 389 000 dólares. Deste modo restavam-me ainda 620 000 dólares, mas tive de pagar ao treinador, aos meus «sparring-partiners» e a várias outras despesas. Feitas bem as contas, tinha ainda 450 000 dólares no banco».

«A seguir *(prosseguiu Clay)* foi preciso pensar na família. Comprei portanto um «rancho» e adaptei-o. Também não quis ser ingrato para com os meus pais e o meu irmão. E agora, acreditem ou não, estou pràticamente depenado».

«Mas haverá ainda uma desforra» — *assegurou ele, numa audiência perante a qual falou durante cerca duma hora: o que lhe rendeu 1500 dólares. (Mais ou menos 42 contos).*

CIDADES BOMBARDEADAS PELA AVIAÇÃO PAQUISTANESA

— anuncia uma agência indiana

NOVA DELHI, 1 — (F. P.) — Aviões do Paquistão Ocidental bombardearam ontem várias cidades do Paquistão Oriental, entre elas Rajshashi (no Noroeste) e Khulna (no Sudoeste), onde causaram muitas vítimas — anuncia a agência indiana Press Trust of India, que se baseia nas declarações de viajantes chegados da fronteira indo-paquistanesa.

Enquanto Rádio Paquistão, captada em Nova Delhi, continua a afirmar que a situação voltou á normalidade no Paquistão Oriental e que foi levantado o recolher durante 12 horas em Dacca, a agência indiana sublinha, pelo seu lado, que se travaram violentos combates, durante todo o dia, em todo o país, entre as tropas governamentais e as forças do xeque Mujibur Rahman.

Segundo um estudante membro da Liga Awami, citado pela agência indiana, morreram 600 000 a 700 000 pessoas, desde o início das hostilidades, no Paquistão Oriental.

Diz a mesma agência que grupos de soldados do Paquistão Ocidental teriam sido cercados e desarmados na fronteira indo-paquistanesa, especialmente em Gauhati, Puran Khasia e Balu.

ACUSAÇÃO A INDIA

NOVA DELHI, 1 — (R.) — O Governo do Paquistão acusou hoje a União Indiana de ter enviado soldados armados para as regiões fronteiriças do Paquistão Oriental — informa Rádio Paquistão.

A emissora anunciou que as autoridades paquistanesas seguem atentamente a situação e tomaram as «medidas adequadas».

SAIU HOJE

motor

NESTE NÚMERO:

- Adeus Jack Brabham (PHILIPPE TOUSSAINT)
- Reportagem do V Rallye a Monção (AUGUSTO VILELA)
- Domingo: portugueses em Jarama
- O Circuito das Festas do Mar (ARTUR FERREIRA)
- Alfred Neubauer: 80 anos de lenda
- Andretti ganhou no «teste» de Ontário
- Octanas: a grande deficiência dos combustíveis nacionais (BANDEIRA DE LIMA)
- Novo: Simca 1100 Special (ADRIANO CERQUEIRA)
- Motocross das Mercês
- Karting: um motor espanhol (HERLANDER GARCIA)
- Noticiário e as habituais secções

EM SUPLEMENTO ESPECIAL

VII RALLYE ÀS ANTAS

E

RALLYE NOCTURNO DO SPORTING

Um guia com completa informação de tudo o que virão a ser estas duas provas dos Nacional de Rallyes e Regional de Promoção-Sul

28 PÁGINAS — PREÇO: 2$50

SABE O QUE É A INFORMÁTICA?

CONHECE A NOVA TÉCNICA DOS COMPUTADORES ELECTRÓNICOS QUE REVOLUCIONOU O MUNDO?

TEREMOS PRAZER EM O CONTAR ENTRE OS NOSSOS AMIGOS QUE NO PRÓXIMO DIA 2, ÀS 21.30, NO HOTEL FLORIDA, ASSISTIRÃO A UM COLÓQUIO SOBRE ESTES ASSUNTOS.

DIRIJA-SE À NOSSA SEDE PARA OBTER UM CONVITE

INESME — Instituto de Estudos Mecanográficos

RUA CASTILHO, 61, 4.º, DT.º — LISBOA — TELEFONE 56 10 00

Operações de Bolsa

BANCO DO ALENTEJO

NOVIDADES LITERÁRIAS

— EDIÇÕES DO MÊS —

CHAMA DEVORADORA

por **John Steinbeck** (Prémio Nobel)

Um livro escrito com coragem, audácia, lucidez e compaixão... Sem dúvida, o livro mais amadurecido de Steinbeck.

Col. «Autores de Sempre»
Preço: Br. 35$00 — Enc. 55$00

SEGREDO INTERESTELAR

por **Alexei Panshin**

Um tema verdadeiramente apaixonante. Um novo autor que vem enriquecer, de maneira significativa a ja famosa Colecção «Argonauta»

Livros de Bolso — 15$00

A FAMÍLIA FORSYTE — 3.º Vol.

por **John Galsworthy** (Prémio Nobel)

Com este 3.º volume de A FAMÍLIA FORSYTE, fica completa a obra do grande romancista inglês, que repete, em Portugal, o êxito já assinalado em 38 países em que foi publicado

Col. «Dois Mundos»
Preço: Br. 65$00

O CASO DO ROSTO SUBSTITUÍDO

por Eric Stanley Cardney

Novamente em acção, o inspector Perry Mason e Della Street, numa história movimentada de muito «suspense» em que, no final, quem perde é o criminoso...

Col. «Vampiro» — Livro de Bolso
Preço: 15$00

DAR SANGUE É UM DEVER SOCIAL

Pedidos contra reembolso ao EDITORIAL LIVROS DO BRASIL rua dos Caetanos, 22 LISBOA

À VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

CONTABILIDADE APLICADA E GESTÃO ADMINISTRATIVA

Por JORGE GONÇALVES AMARO

Sistemas de Escrituração
As Aberturas de Escrita nas Sociedades
O Sistema de Inventário Permanente — Sua Contabilização
O Comércio em Regime de Comissões e Consignações

CONTABILIDADE APLICADA E GESTÃO ADMINISTRATIVA

Por JORGE GONÇALVES AMARO

As Aberturas de Crédito — Comércio Internacional
As Vendas a Prestações
As Contas Correntes com Taxas Recíprocas
As Regularizações de Escrita
O Balanço e as Mapas Complementares

230 PÁGINAS / 75$00

EDITORIAL INOVA

APARTADO 466 / PORTO

MINISTÉRIO DA SAÚDE E ASSISTÊNCIA

HOSPITAL DE SANTA MARIA

CONCURSO PARA O ANO DE 1971

IMPRESSOS

Conc. Público n.º 44/71

As respectivas condições encontram-se patentes todos os dias úteis, das 9 ás 12 e das 14 ás 17 horas, excepto aos Sábados (das 9 ás 12.30 horas), na Secretaria do Serviço de Aquisições.

A abertura das propostas terá lugar no dia e hora indicada nos respectivos Cadernos de Encargos.

Lisboa e Hospital de Santa Maria, 29 de Março de 1971.

O CHEFE DO SERVIÇO DE AQUISIÇÕES

(a) Manuel Brisco Pina de Jesus

VIOLAÇÕES DO CESSAR-FOGO NO CANAL

NAÇÕES UNIDAS (Nova York), 1 — (R.) — Israel e o Egipto acusaram-se mutuamente de terem violado o cessar-fogo e disparado tiros através do Canal de Suez — anunciaram hoje observadores das Nações Unidas.

Os observadores elaboraram relatórios sobre a actividade aérea através do Canal em duas ocasiões e sobre fogo antiaéreo egípcio, a partir de 7 de Março, portanto, para além da dáta em que o Egipto se tinha recusado a prolongar oficialmente o cessar-fogo.

PADRE JULGADO NO BRASIL

SÃO PAULO, 1 — (A.N.I.) — O padre Giulio Vicini, de Milão, foi condenado a quatro meses de prisão por actividades subversivas.

A assistente social Yara Ladini, julgada sob acusação idêntica foi absolvida.

CONDENAÇÕES EM ESPANHA

MADRID, 1 — (R.) — O tribunal da ordem publica, desta capital, condenou ontem nove membros do Partido Comunista Espanhol, a penas de cadeia, de um a dois anos, por associação ilegal.

Foi declarado ao tribunal que os réus tinham realizado actividades comunistas, incluindo a distribuição de propaganda do tipo comunista e recrutamento de novos membros na província de Málaga, no Sul do país, nos últimos dois anos.

Três outros homens foram, também, condenados pelo tribunal, a dois anos de prisão, por propaganda ilegal.

CATORZE CRIANÇAS MORTAS

HOUSTON (Texas), 1 — (A.N.I.) — Catorze crianças morreram e outras ficaram gravemente feridas, quando um camião pesado embateu violentamente, ontem á tarde, contra o autocarro de um colégio.

O motorista do camião causador do desastre encontra-se hospitalizado, sob prisão.

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

MENOS EMIGRAÇÃO PARA O BRASIL

RIO DE JANEIRO, 1 — (A. N. I.) — O fluxo de imigrantes portugueses no Brasil tem diminuído considerávelmente nos últimos anos — afirmou o ministro Mendes da Luz, da Embaixada de Portugal no Brasil.

Durante o ano passado, apenas 2500 imigrantes portugueses entraram no Brasil. Há poucos anos, a média era de vinte a trinta mil — salientou o ministro, numa palestra que proferiu no Rio.

B. B. e Claudia: «As petroleiras»

PARIS, 1 — (A. N. I.) — Brigitte Bardot, que em breve irá desposar Christian Kalt, assinou um contrato para protagonista de um filme ao lado de Claudia Cardinale. «As petroleiras», é o título desta película, cujas filmagens decorrerão em Espanha.

SUSCITOU GRANDE INTERESSE NA FRANÇA O PROGRAMA DO CONGRESSO DO I. A. A.

PARIS, 1 — (A. N. I.) — É grande o interesse em França, em todos os meios mais directamente ligados com a informação, com o «marketing» em geral e com a publicidade em particular, pela próxima realização em Lisboa do 22.º Congresso Mundial da IAA.

Esta disposição ficou bem expressa no convite feito ao secretário-geral do «Chapter» português da IAA, Jorge Rodrigues, para se deslocar a Paris a fim de apresentar o programa do Congresso perante uma escolhida audiência entre a qual se contavam não apenas os membros do «Chapter» francês da IAA mas também muitas outras personalidades ligadas ás actividades económicas, banca, investigação tecnológica, etc., num total de cerca de uma centena de pessoas.

A reunião efectuou-se anteontem no hotel Scribe, estando presentes o presidente da IAA para a Europa, prof. J. M. Lenormand, o director da Casa de Portugal, José Augusto dos Santos, e o presidente do «Chapter» francês, prof. Jean Méc, que apresentou o orador em termos expressivos.

Jorge Rodrigues começou por situar a realização do Congresso no contexto do desenvolvimento actual da vida portuguesa, nos seus vários aspectos, passando depois à explicação e descrição do programa completo, desde a sessão de trabalho nos dias 16 a 18 de Junho, até ás múltiplas e atraentes actividades sociais, que se estendem de 13 a 19 do mesmo mês, acompanhando sempre a sua exposição com a projecção de diapositivos ilustrativos, num total de cerca de uma centena.

O programa exposto foi objecto de inúmeros e significativos aplausos, sendo de prever, pelas reacções da assistência, a vinda a Portugal de numerosa representação francesa.

Após esta reunião, o director da Casa de Portugal convidou todos os presentes para uma recepção que se efectuou nas instalações daquela representação nacional, à qual assistiram também o Embaixador de Portugal, dr. Marcello Mathias, e sua mulher, e que se prolongou por algumas horas.

O presidente da IAA para a Europa, Jean Max Lenormand, acompanhado por sua mulher e pelo prof. Emile Morando, director do I. R. E. P., o maior instituto francês de investigação ligado á publicidade, durante a recepção na Casa de Portugal em Paris

Semana de Actualizações Cirúrgicas no Porto

PORTO, 1 — Organizada pelo Serviço de Cirurgia n.º 3, decorrerá no salão nobre do Hospital de Santo António, de 19 a 24 de Abril a «Semana de Actualizações Cirurgicas», cujo programa é o seguinte:

Dia 19, ás 11 horas inauguração, pelo sr. dr. Gil da Costa, director nonorário do Serviço de Cirurgia, seguindo-se o desenvolvimento do tema: «Pancreatites Crónicas e Cistos Pancreáticos», pelo sr dr. Alvaro Rodrigues, professor da Faculdade de Medicina. Dia 20, ás 10, «Reanimação Respiratória dos Operados», pelo sr. dr. Armando Pinheiro, assistente do Serviço de Reanimação Respiratória; ás 11, «Invaginações intestinais», pelo sr. dr. José Maria Rodrigues de Carvalho, director de cirurgia do Hospital de Viana do Castelo; dia 21, ás 10, «Diverticulos Esofágicos», pelo sr. dr. Oliveira Santos, director de cirurgia do Hospital de Santo António; ás 11, «Radioisótopos em Patologia Abdominal de Urgência», pelo sr. dr. Joaquim Bastos professor da Faculdade de Medicina. Dia 22, ás 10, «O Pneumotorax e o Cirurgião», pelo sr. dr. Rui Branco, interno do Hospital de Santo António; ás 11, «Traumatismos Diafragmáticos», pelo sr. dr. Amarante Junior, também da Faculdade de Medicina do Porto. Dia 23 ás 11, «Cirurgia da Tireoideia: Conceitos Objectivos e Tácticas», pelo sr. dr. Eduardo Amaral, professor da Faculdade de Medicina de Lisboa. Dia 24, «As Possibilidades Actuais e Perspectivas da Cirurgia Cardíaca», pelo sr. dr. Machado Macedo, director de serviço Hospitais Civis de Lisboa.

A assembleia geral do «Amoníaco Português» aprovou o relatório e contas de 1970

A assembleia geral do «Amoníaco Português» reuniu-se no dia 25 de Março passado, sob a presidência do sr. dr. Cimourdain de Oliveira, secretariado pelos srs. dr. Rocha Calhorda e Pinto Coelho.

O administrador-delegado, sr. eng.º João Paulo Castello Branco, fez aos accionistas uma exposição detalhada, em que focou vários aspectos essenciais da vida actual da empresa e sua projecção futura, em comentário ao relatório apresentado. Referiu-se aos melhoramentos tecnológicos introduzidos nas instalações de Estarreja e ao aumento da produtividade global, acentuando: «Esse aumento de valor acrescentado ainda não se projectou sobre a retribuição do capital, mas já beneficia o pessoal que trabalha na empresa, na medida em que os encargos com vencimentos passaram, de 1969 para 1970, de 35 400 para 38 500 contos. Espera-se que os próximos resultados permitam também uma justa remuneração do capital».

Finalmente, o sr. eng.º Castello Branco disse que retomava as palavras do sr. presidente do conselho de administração para agradecer o apoio que o Governo vem concedendo ao «Amoníaco Português» o qual resulta, na sua convicção, da confiança depositada em todos os que constituem a empresa.

A assembleia geral aprovou, em seguida, por unanimidade o relatório e contas de 1970 e votos de louvor ao conselho de administração, ao conselho fiscal, á mesa da assembleia geral e ao pessoal ao serviço da empresa, após o que foi encerrada a sessão.

FEDERAÇÃO DOS MUNICÍPIOS

Reuniu-se a Federação dos Municípios de Lisboa, que se ocupou de questões de interesse comum aos cinco concelhos federados.

A assembleia geral da «SOCEL»

A assembleia geral da «Socel» — Sociedade Industrial de Celulose, S. A. R. L., reuniu-se anteontem, na sede social, para discutir e votar o relatório, balanço e contas do conselho de administração e o parecer do conselho fiscal relativos ao exercício findo em 31 de Dezembro de 1970. Presidiu o sr. prof. Fernando Olavo, ladeado pelos srs. prof. eng.º Eduardo Henrique Cansado Carvalho e José Telles de Vasconcellos Manso de Carvalho.

O presidente evocou a memória do falecido presidente do conselho de administração da empresa, eng.º Eduardo Rodrigues de Carvalho, seguindo-se no uso da palavra o administrador sr. eng.º Vasco de Quevedo Pessanha, o qual se referiu á necessidade de um aumento da capacidade das instalações fabris.

Por fim, a assembleia aprovou por unanimidade os documentos postos á sua apreciação.

Sindicato Nacional dos Caixeiros e Profissões Similares do Distrito de Lisboa

SECÇÃO PROFISSIONAL DE PRAÇA E VIAJANTES

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA

CONVOCAÇÃO

Em conformidade com as disposições estatutárias, é convocada a Assembleia Geral da Secção Profissional de Praça e Viajantes, a reunir extraordinàriamente no dia 17 de Abril de 1971, no Pavilhão dos Desportos Náuticos (Antigo Espelho de Água) em Belém, pelas 20,30 horas, em primeira convocação, com a seguinte:

ORDEM DOS TRABALHOS

1 — Discussão de assuntos relacionados com o Programa de Actividade da Secção para o triénio de 1970/72, elaborado pela respectiva Direcção e aprovado na Assembleia Geral de 6 de Novembro de 1970.

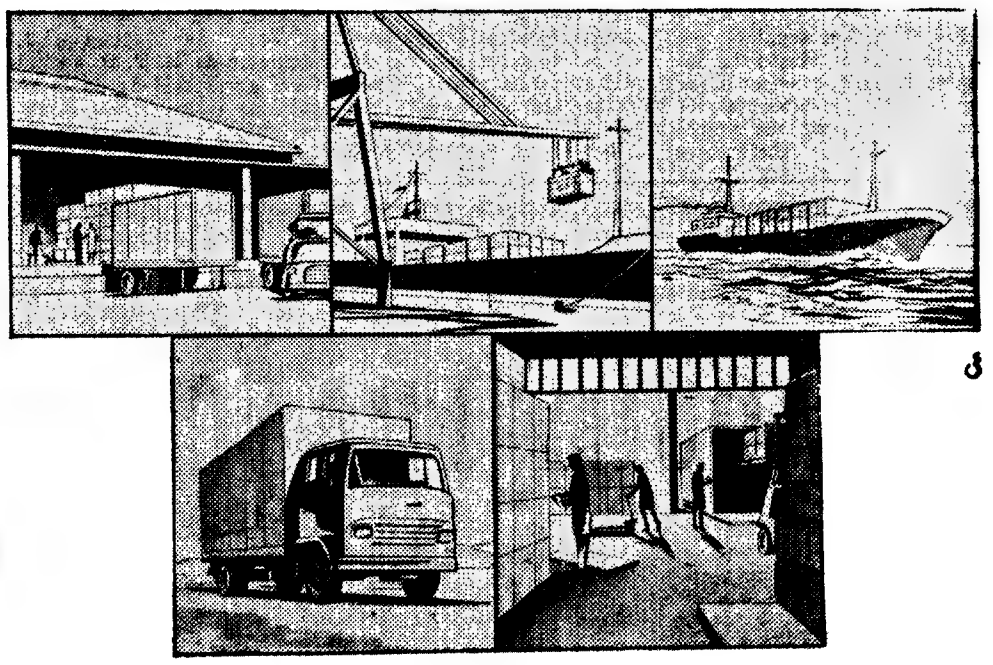
2 — Apresentação e discussão da proposta enviada por uma comissão de sócios, e autenticado com assinaturas colhidas entre a classe, visando a formação dum Sindicato de Vendedores.

3 — Antes da ordem dos trabalhos, será concedida meia hora para debate geral de assuntos que interessem aos profissionais da Secção.

Não havendo número legal de sócios presentes, desde já se convoca nova reunião no mesmo local, para as 21.30 horas do mesmo dia, que funcionará com qualquer número de sócios, conforme determina o artigo 30.º dos Estatutos.

Lisboa, 30 de Março de 1971

O Presidente da Direcção da Secção Profissional de Praça e Viajantes — a) *José Francisco Lopes Vitor.*



Lusitainer uma nova forma de transporte

Utilize um contentor para o transporte das suas mercadorias

— O contentor proteje as mercadorias contra as intempéries e outros possíveis riscos de manipulação

— ... e também contra roubo

— A regularidade dos serviços e a maior rapidez dos navios especializados permite entregas mais rápidas, seguras

— E cómodas porque beneficiam igualmente da vantagem do Serviço Porta a Porta — eficiência e economia

N/M ACTUÁRIA LISBOA - LEIXÕES - LONDRES

3 saídas por mês de 10 em 10 dias

SG SERVIÇO DE CONTENTORES

Consulte-nos. Prestar-lhe-emos todas as informações sobre este novo Serviço

A ASSEMBLEIA GERAL DA SONAP

APROVOU A CRIAÇÃO DE UM CONSELHO GERAL

Os accionistas da Sociedade Nacional de Petróleos — Sonap reuniram-se em assembleia geral, primeiro em sessão ordinária, para deliberar sobre o relatório e contas do conselho de administração e o parecer do conselho fiscal, referentes ao exercício findo em 31 de Dezembro do ano de 1970, e nomeação de um administrador, nos termos dos estatutos, e preenchimento de uma vaga existente no conselho fiscal, e, depois, em sessão extraordinária, para discutir e votar uma proposta de alteração a alguns artigos dos estatutos e nomeação de dois membros para o conselho geral.

Na primeira todos os documentos foram aprovados pelos accionistas, com votos de louvor ao conselho de administração, conselho fiscal e mesa da assembleia geral.

Presidiu aos trabalhos o sr. dr. Virgílio Baião, secretariado pelos srs. D. Luís da Câmara e dr. Pedro Fernandes. No uso da palavra, o presidente do conselho de administração, sr. Manuel Bulhosa, teceu oportunas considerações quanto ao momento actual do ramo petrolífero — produção, transporte, industrialização e comercialização —, tendo feito notar que a política do Grupo Sonap tem sido constantemente orientada no sentido da defesa do portuguesismo das suas empresas.

Recordou, em seguida, que na altura da fundação da Sonap quase se não concebia que alguém não pertencente aos grandes países ou aos grupos internacionais se abalançasse a entrar nos complicados problemas mundiais do petróleo.

O sr. Manuel Bulhosa fez, em seguida, uma larga referência sobre a evolução da conjuntura dos petróleos, nas últimas décadas, e definiu com excepcional clarividência as diferenças de estrutura neles existentes, afirmando que, no princípio da presente década, o mundo dos petróleos se aproxima bastante mais, em aspectos fundamentais, do período dos anos de 50 do que da época de 60.

Deteve-se, a seguir, numa análise minuciosa da actividade do Grupo de Empresas Sonap em África, para esclarecer, apoiado em documentos, a doutrina nacional que a sua vocação sempre procurou levar a cabo, bem como os altos interesses da província de Moçambique, que elas têm servido com a maior eficiência possível. Referiu depois o facto de, por ter atingido o limite de idade, resignar ao cargo de administrador, ao fim de quase 40 anos de exercício.

Acerca deste facto usaram da palavra os accionistas srs. Francisco Bulhosa e drs. António Fezas Vital e Mexia de Almeida, e o presidente da mesa. Os accionistas elegeram, por unanimidade, para o conselho de administração o dr. Manuel Alves da Silva, e para vogal do conselho fiscal o sr. Pierre Château.

Após breve intervalo, seguiu-se a sessão extraordinária, durante a qual foi aprovada, unânimemente, a alteração proposta aos estatutos, pela qual foi criado um conselho geral, do qual podem fazer parte antigos e actuais administradores, funcionários superiores da Sociedade e outras individualidades de reconhecido valor.

Nestes termos a assembleia designou, por aclamação, os antigos administradores, srs. Manuel Bulhosa e eng.º Albano Homem de Mello, para o conselho geral.

Falaram, acerca do assunto, o dr. Francisco de Castro Caldas, sr. Francisco Bulhosa, dr. Mexia de Almeida e dr. Virgílio Baião. Usaram depois da palavra o eng.º Albano Homem de Mello e o sr. Manuel Bulhosa, para agradecer as referências de que tinham sido alvo e o facto de os accionistas lhes haverem permitido continuar a, de algum modo, servir a Sonap.

Um voto de louvor á mesa, aprovado por aclamação, encerrou os trabalhos.

A TELEVISÃO (1.º PROGRAMA DA R. T. P.)

VAI CHEGAR À MADEIRA AINDA ESTE ANO

Falando na assembleia geral da R. T. P., o presidente do conselho de administração, sr. dr. Ramiro Valadão, anunciou que, no segundo semestre deste ano, será alargado ao Arquipélago da Madeira o 1.º programa da R. T. P. e significou a necessidade de, a seguir, se proceder nos Açores — conforme é desejo do secretário de Estado da Informação — ao início dos mesmos trabalhos.

Presidiu á assembleia o sr. eng.º José Aires Santa Clara Gomes, tendo sido aprovados por unanimidade o relatório e contas do conselho de administração e o parecer do conselho fiscal. A assembleia geral aprovou diversos votos de louvor e agradecimento e, por fim, foram preenchidos os cargos cujo mandato terminava.

Necrologia

FALECIMENTOS

Madre Maria do Carmo Pereira Lopes da Fonseca

FÁTIMA, 1. — Faleceu aqui madre Maria do Carmo Pereira Lopes da Fonseca, natural de Albaritel (Vila Nova de Ourém). Madre Maria do Carmo, como era conhecida, tinha 57 anos, e ingressou em 21 de Junho de 1931, na Congregação das Religiosas Reparadoras de Nossa Senhora das Dores, de Fátima.

Dirigiu a revista «Stella», propriedade da congregação, desde 1940 a Fevereiro de 1961.

D. Ilda Esteves de Lemos Viana

Após prolongado sofrimento, faleceu, esta madrugada, no Hospital de Jesus, a sr.ª D. Ilda Esteves de Lemos Viana, natural de S. Miguel de Acha (Castelo Branco), viuva do dr. Virgílio Feio de Lemos Viana, mãe da sr.ª dr.ª Maria do Céu Esteves de Lemos Viana, advogada e funcionária superior do Banco Nacional Ultramarino, irmã da sr.ª D. Alice Esteves Martins de Moura, casada com o sr. eng.º Alberto Martins de Moura, e do sr. dr. Joaquim Esteves, médico em Santarém, casado com a sr.ª D. Maria Antónia Pita Esteves, cunhada das sr.as D. Maria Adélia da Cunha Esteves, D. Cesaltina Romão Esteves e do sr. dr. José Feio de Lemos Viana, tia dos sr.tos D. Maria Armanda Esteves Mota, D. Maria Hermínia Esteves Henriques, D. Maria Adélia Esteves Torres Campos, D. Maria Hermínia Esteves Romão, D. Maria Candida Pita Esteves Ribeiro da Silva, dr.ª Maria Hermínia Pita Esteves Grenha, D. Maria da Luz Pita Esteves, D. Maria Sofia Lemos Viana e D. Nicoleta Lemos Viana e dos srs. eng.º Rui Lemos Viana, dr. João Romão Esteves e José Alberto da Cunha Esteves. A extinta era dotada de altas qualidades, deixando grande saudade.

O funeral realiza-se amanhã, ás 12 horas, saindo da igreja de S. João de Deus para jazigo no cemitério da naturalidade. Os serviços funebres estão a cargo da Agência Magno.

FUNERAIS

Alexandre de Andrade Gomes

GUARDA, 1. — Constituiu sentida e expressiva manifestação de pesar, traduzindo apreço, simpatia e respeito gerais, o funeral do sr. Alexandre de Andrade Gomes, figura de grande prestígio, que sempre se impôs pelas suas firmes e lucidas ideias de republicano, pelo aprumo das atitudes, pela generosidade e tolerancia. Era um homem de bem e de grande carácter, que foi chefe de família e cidadão exemplar.

Fora, por muitos anos, funcionário superior da Singer, contava 85 anos, era natural da freguesia da Ramela (Guarda), casado com a sr.ª D. Maria Augusta Gomes e pai do sr. dr. João José Gomes, prestigioso advogado e democrata, casado com a sr.ª D. Maria de Lourdes Luís Cunha Gomes; da sr.ª D. Maria de Lourdes Gomes Soares Teles, casada com o sr. dr. Orlindo Soares Teles, e do sr. Luís Augusto Gomes, chefe da Secretaria Judicial do Tribunal desta comarca, casado com a sr.ª D. Maria Noémia Teles de Carvalho Gomes.

«Miss» Gladys Mary Leslie Baker

FÁTIMA, 1. — Ficou sepultada, por sua expressa vontade, no cemitério paroquial de Fátima «Miss» Gladys Mary Leslie Baker, falecida na Casa de São Miguel, desta localidade. Contava 78 anos, era irlandesa, filha de Richard E. Baker e de Mary J. Baker, neta do pintor Charles Robert Leslie e do célebre viajante e explorador «sir» Samuel White Baker, que em 1864 descobriu o lago Alberto-Nvanza, na África Central.

Pintora, mas principalmente escritora e jornalista, foi correspondente do «Irish Catholic» em Portugal, onde viveu durante quarenta anos. A sua obra mais importante foi um livro sobre Fátima, intitulado «The Finger of God is Here» (O dedo de Deus está aqui).

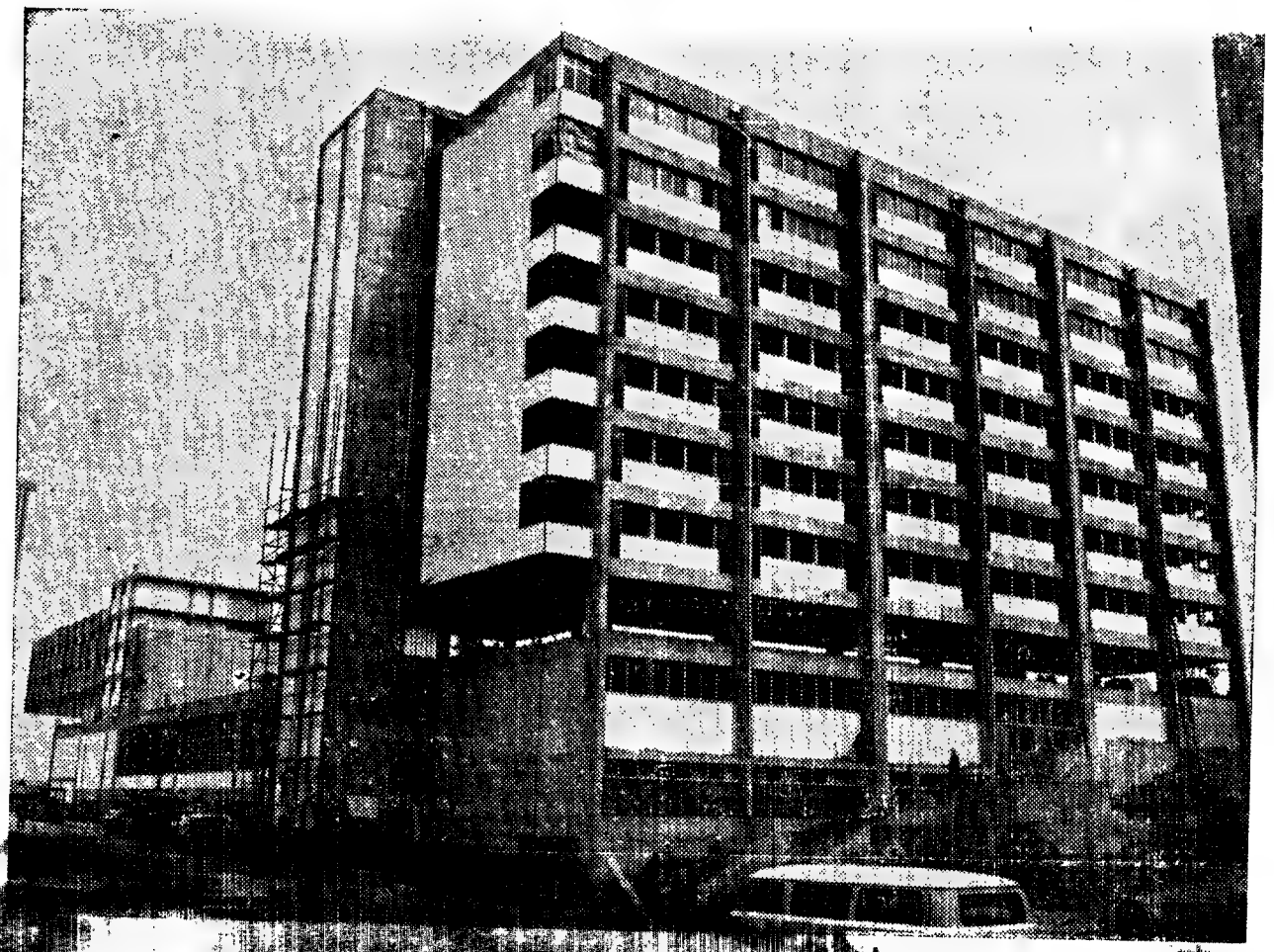
Rev. Manuel Vieira Felicidade

Da capela do Colégio Pio XII saiu, esta tarde, para a terra da naturalidade, o funeral do rev. Manuel Vieira Felicidade, de 41 anos, pároco da Charneca da Caparica, falecido no Hospital de Santa Maria, onde há pouco tempo dera entrada.

SOCIEDADE DE CONSTRUÇÕES

JOAQUIM FRANCISCO DOS SANTOS, LDA.

RUA APRÍGIO MAFRA, 33-R/C — LISBOA



ORGULHA-SE DE TER CONSTRUÍDO, COMO EMPREITEIRO GERAL, O

NOVO REFEITÓRIO

TAP

(O MAIOR DO PAÍS E TALVEZ DA EUROPA)

- CAPACIDADE: 5000 REFEIÇÕES
- VALOR DA EMPREITADA DE CONSTRUÇÃO CIVIL: 30.000 CONTOS

INÍCIO DA OBRA: 22/5/970

CONCLUSÃO: 1/4/971

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

Afonso Pinto de Magalhães recebeu a medalha de mérito desportivo

Quantos andam a par do desporto nacional conhecem o valor do dirigente desportivo sr. Afonso Pinto de Magalhães, actual presidente da direcção do F. C. Porto, figura prestigiosa que pode servir de exemplo no campo do desporto nacional.

Porque realmente, Afonso Pinto de Magalhães é um exemplo a destacar, o Ministério da Educação Nacional entendeu conceder-lhe a medalha de Mérito Desportivo. Foi o próprio ministro prof. dr. Veiga Simão, quem fez a entrega do galardão.

Aquele membro do Governo foi recebido no Estádio das Antas ao fim da tarde de ontem, por toda a direcção do clube, encontrando-se presentes numerosas outras individualidades, entre as quais os srs. dr. Carlos Graça (governador civil substituto), dr. Vale Guimarães (chefe do distrito de Aveiro), dr. Sobral Torres (vice-presidente da Camara Municipal do Porto), dr. Armando Rocha (director-geral dos Desportos), muitos dirigentes desportivos e associados do F. C. Porto.

O prof dr Veiga Simão percorreu as magníficas instalações das Antas, dali seguindo para a sede do clube, que visitou demoradamente.

Na vistosa sala de troféus (sala «Afonso Pinto de Magalhães»), apreciou o ministro Veiga Simão os cinco mil troféus expostos.

O presidente da assembleia geral, dr. Ponciano Serrano, saudou o ministro da Educação Nacional, salientando a honra daquela visita e depois de fazer uma breve história do clube, destacou a acção de Afonso Pinto de Magalhães.

O prof. dr. Veiga Simão respondeu, frisando a honra que tivera em visitar as instalações do F. C. Porto, as quais lhe deixaram uma impressão esplêndida, muito além do que imaginára anteriormente. Destacou as magníficas estruturas em que o clube se alicerça para atender aos atletas e ao principal fim da sua actividade: servir o desporto. Afirmou que dirigentes, atletas e associados se podem realmente orgulhar da obra. Mais adiante, falando desse orgulho, destacou a acção preponderante de Afonso Pinto de Magalhães, para dizer que o clube tinha os dirigentes que merecia e que por isso mesmo era com a maior satisfação que ia entregar ao presidente da direcção portista a medalha de Mérito Desportivo, como prova de muito apreço pela grandiosa obra realizada no clube e pelo muito que fizera pelo desporto em geral. A terminar, saudou o clube, os seus dirigentes e toda a massa associativa.

Afonso Pinto de Magalhães, ao agradecer, disse que «mais não fizera do que entregar-se com carinho e amor ao seu clube de sempre, clube que representava uma cidade, cidade que era também a sua e que se dedicava ao desporto, desporto que ele também gostava e apreciava, razão porque servira como melhor pudera, bem ou mal, isso não interessava, mas com a firme convicção de que o fizera com tranquilidade de sua consciência.» Mais adiante, salientou que a medalha que lhe era atribuida não era só dele, mas sim de toda a equipa que com ele trabalhara e acabou por destacar a honra que tivera, tanto ele como o clube, com a presença nos seus terrenos do prof. dr. Veiga Simão.

Notável palestra do dr. Silva Rocha

Várias dezenas de pessoas assistiram, ontem, no Hotel Mundial, á brilhante palestra do dr. Silva Rocha, subordinada ao tema «Influência da alimentação no rendimento desportivo do atleta».

Uma palestra com interesse — proferida por um clínico ilustre, cuja autoridade em assuntos de Medicina Desportiva é de há muito reconhecida. Assim o entenderam os muitos ouvintes que, no final, tributaram ao dr. Silva Rocha prolongada ovação.

Lemos: Três jogos na bancada

A Federação de Futebol aplicou os seguintes castigos:

1.ª DIVISÃO — Três jogos a António Lemos do F. C. Porto.

Repreensão por escrito a Sousa do Tirsense e a Humberto Coelho do Benfica.

Multa de 500$00 ao Leixões Sport Clube.

2.ª DIVISÃO — Três jogos a Ramos Franco, do Gouveia, e a José Bastos, da Sanjoanense.

Dois jogos de interdição e multa de 750$00 ao Grupo Desportivo de Sesimbra.

3.ª DIVISÃO — Dez jogos a Manuel Folgoa, do Macedo de Cavaleiros.

Seis jogos a Plácido Alves, do Paio Pires.

Cinco jogos a Henrique Ferreira, do S Pedro da Cova.

Quatro jogos a Frafa, do Macedo de Cavaleiros.

Três jogos a Gonçalves, do Limianos; Santos do Casa Pia; Vale, do Juventude e Gomes Ferreira, do Esperança.

Dois jogos a Abelha, do Sporting de Lamego e a Carmo, do Nazarenos

Um jogo a Melo do Cova da Piedade.

Repreensão por escrito a Primitivo, do União Sport; Simões, do Cova da Piedade; Janota, do Lusitano de Évora e Fialho, do mesmo clube.

Multa de 500$00 á Associação Desportiva de Fafe.

Multa de 300$00 ao Sport Clube Sacavenense.

Multa de 200$00 á União Desportiva Vila-franquense.

Multas de 100$00 ao Grupo Desportivo Portalegrense, Associação Desportiva Vale-cambrense e ao Penalva do Castelo.

JUNIORES — Seis jogos a Mouralinho, do Alverca.

Três jogos a Manuel Maia, do Avanca; João Soares, do Belenenses; Antas, Grafino e Pinho, os três do União Sport.

Repreensões por escrito a Alberto Silva, do Leixões e a José Teles, do União Sport.

Repreensões por escrito ao Boavista Dragões Sandinenses, Desportivo de Peniche, Olhanense e Farense.

JUVENIS — Cinco jogos a Fernando Rodrigues, do Casa Pia.

Três jogos a Silva, do São Roque e a Cabral, do Marrazes.

Dois jogos a Almeida, do Represenses.

Um jogo a Brito, do Desportivo de Cuf e a Moreira, do Nazarenos.

Repreensão por escrito a Marques, do Amora.

HOMERO SERPA FALA HOJE

O nosso camarada Homero Serpa orientará, hoje, pelas 21 e 30, na sede da Cooperativa dos Trabalhadores de Portugal, um colóquio sobre temas desportivos, cuja realização está a ter aguardada com franco interesse.

ASSIM VAI O TOTOBOLA...

Prognósticos dos Órgãos de Informação para o Concurso n.º 30 – 10.ª Época

Açores — 1XX 1XX 1X1 112X; Brados do Alentejo — 11X 2X1 121 2X11; Cavalgada do Ritmo — 1X1 211 1X1 11X2; Comércio de Portimão — 1X1 211 111 2X22; Correio dos Açores — 111 2X1 111 1121; Correio de Coimbra — X11 211 121 1122; A Defesa — X11 X11 111 X121; Desportivo das Beiras — XX1 X1X 121 122X; Diário do Sul — 1X1 2X1 1X2 X121; O Distrito de Setubal — 1X1 212 211 222X; Ecos de Estremoz — 12X 221 2X1 21X2; Ecos do Desporto — X11 211 111 1121; Estrela da Manhã — 111 111 111 11XX; Eu Sei Tudo — 211 211 111 1X21; A Ilha—1XX 111 11X X12X; Imagens Piedenses — 111 1X1 X11 112X; Jornal do Barreiro — 112 212 XXX 11XX; Jornal do Fundão — 1X1 2X1 111 1X21; Jornal da Lixa—111 111 121 1122; Jornal do Sul — 1X1 211 1X1 11XX; Jornal de Viseu — 111 211 1X1 X1X1; Linhas de Elvas — 211 211 111 1122; Mundo Desportivo—1X1 X11 111 1121; Notícias de Felgueiras — 1XX 2X1 1X1 X1X1; Notícias de Guimarães — 111 21X 1X1 1X22; Peça Que Não Maça — 1X1 111 111 11X1; Povo Algarvio — X11 X11 121 1122; Passatempo JJ. 1X1 111 111 12X1; A Rabeca — 1X1 211 111 XX21; Rádio Oceano — 121 211 111 11X1; Boletim Desportivo ENR — 111 111 111 1111; Centro Desportivo — 121 X1X 111 1122; O Comércio do Porto — 111 X11 111 11X1; O Concelho de Estarreja — 111 211 121 1121; Correio do Vouga — 111 211 111 1121; De Tudo Um Pouco — 1X1 111 XX1 1122; As 10 Espere Por Nós — 1X1 X11 111 X121; Diário de Coimbra — 1XX 211 111 1122; Diário do Minho — 1X1 X1X 111 X121; Ecos de Cacia — 1X1 211 121 2X11; Dos Fracos Não Reza a História — 122 212 1XX 1122; Jornal das Aves — 121 2X1 1X1 21X1; Jornal da Beira — 121 X1X 121 1X2X; O Jornal de Felgueiras — 121 X11 1X1 1121; Litoral — X11 X11 111 X12X; O Norte Desportivo—111 X1X 1X1 212X; Notícias de Chaves — XX1 211 1XX XX22; Notícias d'Évora — X21 X11 1X1 112X; Notícias do Douro — 1X1 211 111 1121; Novidades — X2X 21X 111 X121; A Ordem — 211 12X 212 X121; Póvoa de Lanhoso — 1X1 211 121 1122; Prog. Sem Nome — 111 XXX 111 1X11; Boa Atitude — [illegible]; Rádio Clube do Norte — 211 1X1 121 1X21; Auto Rádio — X11 111 11X 11X2; Campeão Português — 211 X11 11X 1121; Reconquista—X11 X11 1X1 1122; Renovação — 11X X11 111 1121; Repórter do Dia — X11 X11 1X1 112X; Repórter do Dia (Angola) — XX1 211 XX1 1121; Republica — XX1 211 11X 1121; Resenha Desportiva — XX1 211 1X1 112X; Revista de Som — 12X X11 121 1122; O Sorriso da Hora do Almoço — X1X 11X 111 11XX; Boletim Desportivo T. A. — 121 X11 111 1X2X; Colina Sagrada — 112 1X1 1X1 X2X2; Comércio de Leixões — 111 211 1X1 112X; Jornal Notícias — X11 XX1 1X1 11X1; A Lição do Menino Quim — 21X 22X 111 X111; Miscelânea Musical — 121 X11 111 1X2X; Momento do Totobola — X2X 211 111 X1X1; Montra do êxito — X11 11X 121 11X1; Mosaico — 111 11X 111 2112; Musica e Desporto — 111 2X1 1X1 112X; Penalti — 111 111 111 1121; Primeiro de Janeiro — 11X 111 1X1 1X21; Diário do Porto — XXX X11 1XX X1X1; Prog. da Manhã — 1X1 111 X21 1X2X; Rádio Sports — X1X 2XX XXX XX2X; Prog. da Só-Rádio — XXX 212 1X1 1X21; O Porto — X1X 2X1 11X 1X22; Manchete Desportiva — X11 1X1 111 1111; João Semana — 1X1 111 11X 2211; Jornal de Sintra — 111 X11 1X1 2X2X; O Telégrafo — 1X1 211 1X1 1121; O Templário — 111 11X 111 1121; Terra Alta — 111 211 2X1 2122; A Voz Desportiva — 1X1 211 121 1122; A Voz do Domingo — 1X1 211 111 1111; Voz de Lamego — 121 111 111 1X21; A Voz de Palmela — 1X1 X11 111 XX2X; A Voz dos Ridículos — 211 11X X22 1111; Voz do Casa Pia — 12X X1X 112X; Diário de Lisboa — 1X1 111 12X 1XXX; O Apostolado — 1X1 111 1XX 21X1; Diário — 1X1 211 111 X122; A Nossa Chave — 111 X11 111 X122; Notícias do Totobola — X21 21X 111 1121; Estadio—XX1 X11 111 1X21; Ronda da Noite — 121 211 111 112X; Bondiazinho — 111 111 1X1 X122; Brado Africano — 111 11X 1X1 112X; Cidade 71 — 1XX XX1 1XX XX22; Domingo Alegre — 1X1 211 111 2111; Jornal Desportivo — 111 X11 11X 2221; Passatempo — 1X1 211 X22 2X22; Roteiro Sonoro — 1X1 2X1 2X1 11X2; Terceiro Programa — X1X XX1 12X 1122; Vamos Jogar no Totobola—X11 X11 X21 2122.

CONCURSO N.º 30
10.ª ÉPOCA

N.º	JOGOS	RESUMO 1	RESUMO X	RESUMO 2	BOLAS (a) 1	BOLAS (a) X	BOLAS (a) 2
1.	Guimarães-Boavista	75	27	7	8	3	1
2.	Porto-Sporting	51	41	18	6	4	2
3.	Belenenses-Cuf	87	20	3	9	2	1
4.	Tirsense-Académica	28	33	49	3	4	5
5.	Barreirense-Varzim	88	19	3	9	2	1
6.	Benfica-Setubal	86	20	4	9	2	1
7.	Leixões-Farense	95	10	5	10	1	1
8.	Penafiel-Lamas	54	36	20	6	4	2
9.	B. Mar-U. Leiria	90	16	4	10	1	1
10.	Riopele-Braga	71	22	17	8	2	2
11.	Olhanense-Portimonense	79	25	6	8	3	1
12.	Luso-Atlético	11	22	77	1	3	8
13.	Torriense-Montijo	53	27	30	6	3	3

E a chave lógica será: 111 211 111 1121

(a) — Nos termos do art.º 10.º de Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades indicadas no presente mapa.

Notícias de futebol

Pedroto na Suíça num curso de técnicos

Pedroto, representará os treinadores portugueses no curso das federações filiadas, que se realiza de 28 a 30 de Junho próximo, em Klosters (Suiça).

★

De 7 a 10 do corrente, a Académica de Coimbra actuará em França. Tem dois jogos programados: contra o Berrichone perante o Angonléme.

★

Fernando Pedrosa é o nome indigitado para presidir á nova direcção do Vitória de Setubal.

★

A equipa alemã do Offenbach joga no dia 7 (contra o Benfica), a 9 (perante o Beira-Mar) e no dia seguinte contra o Boavista.

★

Entre 10 e 13 do corrente, o Belenenses desloca-se á Madeira.

★

A 1 e 3 de Junho o Vitória de Setubal estará em Lille, num torneio internacional. Outros grupos presentes: Ajax, Anderlecht e Lille.

★

Ficaram sem efeito as negociações para o Futebol Clube do Porto se exibir em Inglaterra, contra o Chrystal Palace e o Coventry City

★

Jaime Graça recuperou da sua lesão e está firme no «onze» benfiquista para domingo.

★

O Vitória de Guimarães reconduziu os seus corpos gerentes.

PRÉDIO URBANO DENOMINADO «VIVENDA IVONE», NA R. JOSÉ DIOGO DA SILVA, EM OEIRAS E PRÉDIO RÚSTICO COM A ÁREA DE 1520 M2 NA MESMA LOCALIDADE

LEILÃO

DIA 2, PELAS 11 HORAS

Por determinação do Meritíssimo Juiz de Direito do Tribunal Judicial da comarca de Oeiras, nos autos de carta precatória emanada da 3.ª Vara Cível de Lisboa, serão postos em praça **no próprio local**, os imóveis acima indicados, sendo o primeiro composto de rés-do-chão, 1.º andar, com a área de 840 m2, a confrontar do norte com Pedro Paz e dos restantes lados com Felisbela Lopes Grilo, descrito na Conservatória do Registo Predial de Oeiras, sob o n.º 6140 a fls. 153 v.º do Livro B-20 e inscrito na matriz sob o art.º 232 e, o segundo de terra de cultura arvense, descrito na mesma Conservatória sob o n.º 6141 a fls. 54 do Livro B-20 e inscrito sob o art.º 629, secção 58.

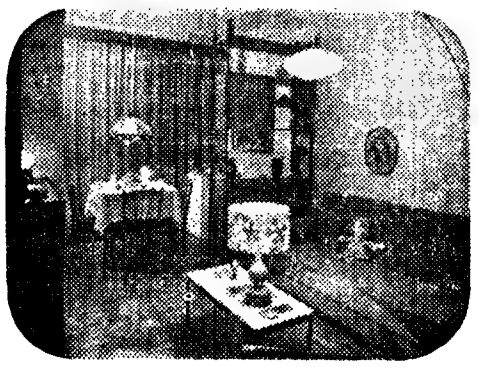
A LEILOEIRA, LDA.

Av. 5 de Outubro, 23-1.º — Lisboa — Telefs.: 4 59 34 — 4 62 59

AO ALCANCE DA SUA BOLSA

Andares de 2 a 10 divisões assoalhadas. Apartamentos mobilados desde 140 contos

Propriedades para habitação ou rendimento em zonas de rápido desenvolvimento e valorização



6.000 clientes satisfeitos recomendam-nos

CONSULTE

J. PIMENTA

SARL

ESCRITÓRIOS

LISBOA: Praça Marquês de Pombal, 15, 1.º — Telefs 4 58 43/4 78 43
QUELUZ Rua D Maria I, 30 — Telef 95 20 21/22
COIMBRA. Avenida Fernão de Magalhães, 470, 1.º Sala 1
CASTELO BRANCO: Pr do Rei D José (com entrada pela Rua da Figueira)
BRAGA. Av Marechal Gomes da Costa, n.º 590, 3.º Dt.º
LUANDA: Henrique L. Castendo — Apartado 1224

LOCAIS DE CONSTRUÇÃO

PAÇO DE ARCOS: Bairro Comendador Joaquim Matias
CASCAIS. Conjunto Turístico da Pampilheira
REBOLEIRA. Edifício Oeiras

DE SANGUE PARA OS HOSPITAIS CIVIS
UMA SUGESTÃO DE J. PIMENTA, SARL

Bolsa de Lisboa

FUNDOS DO ESTADO	Efec	Compra	Vende
Consolidado 3 3/4%	—	—	486$
Consolidado 3%	—	—	495$
Consolidado 3 1/2%	—	—	604$
Centenários 4%	—	—	1.400$
Obras Tesouro 5%	—	—	1.000$
Externo Série	—	585$	—
Externo Série 2	—	605$	—
Externo 3 Série	—	670$	—
Externo 3 Série 2	—	—	770$
Cautelas 3 Série	170$	170$	—
OBRIGAÇÕES			
Águas Lisboa 5%	—	—	—
A P I 5% 56	—	—	885$
A P I 5% 58	—	—	—
C P 4 1/2% 65	—	—	—
C P 5 1/2% 67	—	—	—
C U P 6%	930$	925$	—
C U P 6% 68	—	900$	925$
Gás Elect 4% 48	—	—	—
Gás Elect 4 1/2% 51	—	855$	—
Gás Elect 5% 52	—	—	—
Gás Elect 5% 53	—	—	—
Gás Elect 5% 59	—	—	—
Gás Elect 5% 62	—	955$	—
Gás Elect 5% 63	—	950$	—
Gás Elect 5% 65	—	950$	—
Gás Elect 5% 67	—	970$	—
M E A Alentejo 5%	—	—	—
M E Cávado 5%	—	760$	—
M E Cávado 6%	—	930$	940$
M E Douro 5%	760$	760$	—
M E Douro 6%	—	930$	940$
M E Norte Port 5%	—	—	860$
M E S Estrela 6%	—	—	—
M E Zêzere 5% 55	—	—	—
M E Zêzere 5% 57	—	—	—
Lisnave 6%	930$	930$	940$
Metropolitano 4%	890$	890$	—
Metropolitano 3 3/4%	—	—	—
Moçambique 5%	—	—	—
Nac Elect 5%	—	745$	755$
Nitrates 5%	—	—	—
Nitrates 5% 60	—	750$	—
Petroquímica 5%	—	—	—
Port Celu 5%	—	—	—
Sacor 5% 54	—	960$	970$
Sacor 5% 60	—	—	—
Siderurgia 5% 2.ª	—	—	—
Siderurgia 5% 3.ª	—	730$	—
Siderurgia 5% 4.ª	—	—	—
Sonete 5%	780$	—	—
T A P 4%	890$	—	—
Termoelect Port 5%	740$	740$	750$
U E P 3 3/4%	—	—	—
U E P 4%	—	—	89$
U E P 4 1/2%	—	90$	—
U E P 5%	—	—	73$
U E P 5% 60	—	710$	—
U E P 5% 63	—	860$	—

Ultramarinos	Efec	Compra	Vende
Ag S Tomé e Príncipe	—	—	—
Açúcar	125$	125$	127$
Cuz	—	—	70$
Cabinda	—	212$	—
Diamantes Angola	2 150$	2 130$	2 180$
M E Revué	—	620$	650$
Ilha do Príncipe	—	—	700$
Moçambique	—	180$	—
Sonete N	—	415$	425$
Sonete O	—	428$	430$
Zambézia	—	65$	—
Diversas			
Cidla	—	—	—
Cim Leiria	—	—	4 600$
Cim Tejo	—	8 000$	8 200$
Cia Navegação	—	1 5 0$	1.550$
C U	—	1.350$	1 400$
Ind Aliança	700$	650$	—
Nac Navegação	—	3 800$	3 900$
Petroquímica	—	1.200$	—
Port e Colónias	—	—	—
Port Celulose	—	4 200$	4 250$
Port Pesca	—	1 120$	50$
Port Tabacos	—	605$	—
Sacor	4 000$	3 980$	4 050$
Siderurgia Nac	—	2 220$	2 290$
Sacie	3.670$	3.650$	3.700$
Tabacos de Portugal	—	400$	1.520$
Tabaqueira	—	6 200$	6.300$
U E Azoto	560$	660$	665$
Água Elect e Gás			
Águas Lisboa P	—	390$	—
Águas Lisboa 34	—	418$	425$
Águas Lisboa 36	—	405$	—
C P Electricidade	1.200$	199$	1.200$
C P Electricidade nom	1 200$	200$	205$
C P Electricidade 969	—	—	—
Eléct Beiras	1 720$	7 5$	720$
Gás Electr	446$	444$	347$
H E Alto Alentejo	179$5	179$5	180$
H E Norte Portugal	220$	220$	230$
H E S Estrela	—	—	—
Nac Electricidade	—	—	—
U E P	210$5	201$5	202$
FUNDOS DE INVESTIMENTO			
F Atlântico	—	202$6	208$7
F O E S	—	126$2	130$

ALMEIDA, BASTO & PIOMBINO & C.ª
TODAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS
Rua do Ouro, 52-54 — LISBOA — Tel 366066/7
Teleg ALMEIRO — Telex 47 ALAPI P

AÇÕES			
Bancos			
Agricultura	2 790$	2 790$	2 795$
Alentejo	1 165$	1.160$	1.170$
Angola	3 900$	3 900$	3 930$
Burnay	—	—	—
Crédito Predial	7 700$	7.700$	7.750$
E Santo	6 480$	6.470$	6.490$
E Santo N	—	—	—
Fonsecas S P	—	23 400$	26 000$
Fomento	2.930$	2.900$	2.945$
L G Açores P	—	—	—
L G Açores N	—	—	—
B Atlântico P	—	6 210$	6 290$
Portugal N	3 350$	3 350$	3 360$
Portugal P	—	4 100$	4 250$
Totta Aliança	5 860$	5 850$	5 900$
Ultramarino N	—	3 850$	3 900$
Ultramarino P	4 210$	4 200$	4 210$
Seguros			
Alentejo	159$5	59$5	60$
Douro	—	2 000$	—
Mundial	1.020$	1.018$	.022$
Sagres	—	2.860$	2.950$
Tranquilidade	—	—	95.000$
Ultramarino	—	—	—
Ultramarinos			
Açúcar de Angola	—	750$	790$
Ag Casequel	620$	520$	630$
Ag Incomat	—	—	900$
Ag Neves	—	—	420$

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base: Dez. 65=100)

	25/3/71	31/3/71	1/4/71
GERAL	152,0	152,1	152,2
METROPOL.	148,2	148,0	148,1
ULTRAM.	180,1	182,5	182,6

PAISES	Compras	Vendas
Africa do Sul — Rand	35$50	38$00
Alemanha — Marco	1$70	8$00
América		
—Dollars de 1 a 2	27$90	28$40
— de 5 a 20	28$20	28$70
— de 50 a 000	28$30	28$80
Argentino — Peso Novo	5$00	6$50
Austria — Schilling	$10	$ 6
Bélgica — Franco	$56	$59
Brasil — Cruzeiro	4$50	5$80
Canadá — Dólar	27$80	28$30
Dinamarca — Coroa	3$70	4$00
Espanha — Peseta	$40,5	$42
França — Franco	5$00	5$30
Holanda — Florim	7$80	8$ 0
Inglaterra — Libra	68$00	10$00
Italia — Lira	$04,4	$04,7
Marrocos — Dirhan	4$90	5$50
Noruega — Coroa	3$85	4$ 5
Suecia — Coroa	5$35	5$65
Suiça — Franco	6$58	6$78
Ouro		
Inglaterra—Libra isabe	290$00	310$00
Inglaterra — 1/2 Libra	300$00	320$00
Ouro fino — Barra	36$20	38$20

J. BURNAY, L.DA
RUA DO OURO, 72

Papéis de crédito
Notas estrangeiras
Tel. 231278

SUGESTÕES PARA UMA MARCA

Grande empresa de lacticínios solicita sugestões para a designação comercial do seu novo departamento de produtos lacto-dietéticos especialmente destinados á alimentação infantil, a promover brevemente junto da Classe Médica.

As marcas sugeridas — de preferência curtas e de fácil memorização — deverão suscitar a alusão à natureza genérica dos produtos, ao tipo particular de promoção, ou à finalidade a que se destinam.

Às marcas classificadas nos três primeiros lugares serão atribuídos prémios pecuniários no valor de 5.000$00, 3.000$00 e 1.000$00, respectivamente.

As sugestões a apresentar, num número máximo de três por participante, deverão mencionar a identificação e endereço do autor, e ser remetidas a este jornal ao n.º 755

Máquina de lavar roupa Miele
a perfeição do pormenor

Miele

A própria segurança

Agente Oficial:

MARQUES & MOURA, LDA.

Praça Dr. Nuno Pinheiro Torres, 11-A
Telef. 70 66 58 — LISBOA (Benfica)

Maria Emília de Menezes Braz Garrido

Missa do 1.º aniversário

Maria de Lourdes Braz Garrido Narciso, José de Matos Craveiro Narciso, Maria José Garrido Narciso, José Aurélio Garrido Narciso, Carmen de Menezes Braz Barbosa e mais família — participam que amanhã dia 2 pelas 11 horas, na Igreja de S. João de Deus, será celebrada missa pelo eterno descanso de sua querida mãe sogra avó, irmã e parentes agradecendo desde já a todas as pessoas que se dignem assistir a este piedoso acto.

VILA FRANCA DE XIRA

FAUSTO NUNES DIAS

Fundador do jornal «Vida Ribatejana»

(Falecido em 4 de Março de 1971)

MISSA DO 30.º DIA

Felisberto Valério participa que amanhã, 6.ª-feira, 2 do corrente, ás 19 e 30 horas, na Igreja Matriz de Vila Franca de Xira, será celebrada missa pelo eterno descanso do que foi seu grande e sempre chorado amigo, agradecendo desde já e muito reconhecido a todas as pessoas que se dignarem assistir a este piedoso acto.

CARTAZ DOS CINEMAS

SÃO JORGE

(M 17 anos) Tel. 54153
Às 15.15 18.15 e 21.30
6.ª SEMANA
DE UM INVULGAR EXITO!
O PATIFE
com Jean-Louis Trintignant

ODEON

(M. 6 anos) Tel. 326283
Às 15.15 e às 18.15 (pr red.)
EM ÊXITO TOTAL
O GRANDIOSO FILME DE DESENHOS ANIMADOS PARA CRIANÇAS
AS VIAGENS DE GULLIVER PARA ALÉM DA LUA
(Eastmancolor)

SÓ À NOITE, ÀS 21.30
(M 17 anos)
Sara Montiel em 5.ª semana triunfal no filme ESSA MULHER

VOX

(Adultos) Tel. 720808
Às 21.45 h
5.ª SEMANA DE SENSAÇÃO
Com o excitante e discutido filme colorido de André Cayatte
OS CAMINHOS DE KATMANDOU
Soberbo desempenho de Pascale Andret, Serge Gainsbourg e Arléne Lahl

Às 18.30 (M 6 anos)
A RAPARIGA DOS ALPES
Um belo filme em Technicolor
Junto à Av. de Roma

BERNA

(M 12 anos) Tel 776098
Às 18.30 e 21.45 h
2.ª SEMANA SENSACIONAL!
Peter O'Toole, Ava Gardner e Richard Harris
na espectacular superprodução de Lino de Laurentiis, realizada por mestre John Huston
A BIBLIA
Um filme de todos os tempos, agora em Panavision de 70 mm e Technicolor
À Av. Marquês de Tomar

LUMIAR

(Adultos) Tel. 795293
Às 21 h.
A FÚRIA DO CANGACEIRO
OS DEVASSOS

IMPERIAL

(M 17 anos) Tel. 45923
Às 21 h
GIGANTES NO INFERNO
O MISTÉRIO DA ORQUÍDEA VERMELHA

SÃO LUIZ

(Adultos) Tel. 327172
2.ª SEMANA
Às 15.15 18.15 e 21.30
Gregory Peck — Tuesday Weld em
ENTRE A HONRA E O AMOR
Ele casado—45 anos Ela bonita — 20 anos
Um filme de John Frankenheimer
Panavision — Color

ALVALADE

(M. 12 anos) Tel. 717480
ESTREIA — HOJE ÀS 21.45
JOHN WAYNE em
RIO LOBO
Technicolor

EUROPA

(M. 6 anos) Tel. 661016
Hoje, ás 15.15 e 21.30
Em continuação de estreia
O mais maravilhoso filme de desenhos animados de todos os tempos
BAMBI
A obra-prima de Walt Disney
Technicolor

POLITEAMA

(M 12 anos) Tel 426305
Às 15.15 (Pr. red.) e ás 21.30
EM 2.ª SEMANA
UM FILME DE ALTA EMOÇÃO E DE SENSAÇÃO ESPECTACULAR
AS RODAS DA LOUCURA
com Darren McGavin, Sean Garrison, Susan Clark e Anne Baxter
A vida dos ases do volante num desafio á morte estimulado pela ambição de glória, dinheiro e paixão das mulheres

HOJE, ás 18.30—sessão clássica com a sensacional obra-prima ATÉ À ETERNIDADE (Adultos)

CHIADO TERRASSE

(M. 17 anos) Tel. 320917
Às 21 h
A MÃO LIVRE À 4.ª FEIRA

CASINO ESTORIL

(M. 10 anos) Tel. 264821
Às 17 e ás 21.30 h.
NUNCA FORAM VENCIDOS
com John Wayne, Rock Hudson, António Aguilar, Roman Gabriel e Bruce Cabot

MONUMENTAL

(M. 12 anos) Tel. 555131
Às 15.15 e 21.30
O talento e a voz
A presença e o charme de Barbra Streisande e Yves Montand em
MELINDA
Realização de Vicente Minnelli
Technicolor — Panavision

QUINZENA SÉRIE NEGRA
Amanhã — Adultos — 18.45 h.
O PRISIONEIRO DO PASSADO
de Delmer Daves, c/ Humphrey Bogart e Lauren Bacal

SATÉLITE

(Adultos) Tel 562632
6.ª SEMANA
Às 15.30 18.30 e 21.45
Um filme de Claude Soutet
COISAS DA VIDA
Eastmancolor
Premio Louis Delluc
com Michel Piccoli Romy Schneider e Lea Massari

ESTUDIO 444

(Adultos) Tel 779095
Às 15.30 18.30 e 21.45
13.ª SEMANA
Um filme romantico
O SILENCIO DO AMOR
com Marie Dubois e Matthieu Carriere
EASTMANCOLOR

MUNDIAL

(M. 12 anos) Tel. 538743
Às 18.30 e 21.45
Shirley MacLaine e Clint Eastwood numa espectacular aventura para não mais esquecer!
OS ABUTRES TÊM FOME
Um filme de mestre Lon Liegel
Em Panavision e Technicolor

METRO: Estação Picoas

CONDES

(Adultos) Tel 322523-326710
Às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
Um filme de François Truffaut
DOMICILIO CONJUGAL
com Jean Pierre Léaud e Claude Jade

LIDO

(M. 17 anos) Tel. 937593
Às 21.30 h.
Um drama dos nossos dias!!!
ZITA
Interpretação de Joanna Shimkus e de Katina Paxinou

IMPÉRIO

(Adultos) Tels 555134/5
Às 15 e ás 21.15
2.ª SEMANA
A mais bela história de amor no ambiente escaldante da revolução
Segundo Boris Pasternack
Um filme de David Lean
«DOUTOR JIVAGO»
com Omar Sharif — Geraldine Chaplin — Julie Christie
70 mm — Metrocolor
ATENÇÃO: O filme começa a ser exibido ás 15.15 e ás 21.30

ESTÚDIO

(Adultos) Tel. 555134
4.ª SEMANA
Às 15.30 18.30 e 21.45
A obra-prima de Jean Luc Godard
«O ACOSSADO»
(A Bout de Souffle)
com Jean Paul Belmond e Jean Seberg

LIZ

(M. 12 anos) Tel. 48560
Às 21 h.
DAVID COPERFIELD
UM AMOR AO SOL

TIVOLI

(M. 17 anos) Telef. 50595
4.ª SEMANA
Às 3 da tarde (a p. red.) e 9.30 da noite
Lilli Palmer, Cristina Galbo e John Moulder Brown em
INTERNATO DE RAPARIGAS

RESTELO

(M. 17 anos) Tel. 610375
Às 21.30
OS INTOCÁVEIS
com John Casswets

AVIS

(Adultos) Tel. 47163
Às 15.30 e 21.45
Divertida comedia sentimental!
QUEM SE METE COM RAPAZES...
com Gianni Morandi
Technicolor

EDEN

(M. 12 anos) Tel. 320768
ESTREIA HOJE, ÀS 21.45
JOHN WAYNE em
RIO LOBO
Technicolor

Às 15.15, 18.30 — Adultos
Ultimas exibições
MANEQUIM DESFIGURADO

ROYAL

(M. 12 anos) Tel. 865037
Às 21 h.
UMA SENHORA NUM AUTOMÓVEL, COM ÓCULOS E UMA ESPINGARDA

ROMA

(Adultos) Tel. 72778
3.ª SEMANA
Às 15.30 e 21.45
JEAN GABIN
numa excepcional interpretação
A HONRA DA FAMILIA
Technicolor

* outros espectáculos

● LISBOA

TEATROS

VASCO SANTANA — Às 21 e 40: «A Cozinha» (17 anos).
CAPITÓLIO — Às 21 e 45: «A querida mamã» (17 anos)
TRINDADE — Às 21 e 45: «O Duelo» (17 anos)
LAURA ALVES — Às 21 e 45: «O Santo e a Porca» (12 anos)
MARIA MATOS — Às 21 e 45: «O Inocente» (17 anos)
VILLARET — Às 21 e 45: «Depois da queda» (17 anos)

CINEMAS

OLIMPIA — Às 9: «Tarzan em Nova York» (12 anos)
JARDIM — Às 21: «Quem roubou a coroa?»
PARIS — Às 21: «Cada um com o seu» (17 anos).
IDEAL — Às 21: «O Anjinho» (17 anos).
CINEARTE — Às 21: «Jamaica» (17 anos).

● Linha de Cascais

OEIRAS — OEIRAS-CINE — Às 21: «O passageiro da chuva» (17 anos).
ESTORIL — CASINO — Às 17 e às 21 e 30: «Nunca foram vencidos» (12 anos).
ESTORIL — PALÁCIO — Às 21 e 30: «A Partilha» (17 anos).
CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «A grande vigarice» (17 anos).

● Outra Banda

ALMADA — INCRIVEL — Às 21 e 15: «Último domicílio conhecido» (17 anos)
LARANJEIRO — INSTRUÇÃO E RECREIO — Às 21 e 30: «Selvagem é o vento» (17 anos).

● Linha de Sintra

AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 21 e 15: «Confidencialíssimo» (17 anos).
VENDA NOVA — CINE-PORTUGAL — Às 21 e 15: Hércules contra o filho do Sol» e «O vingador mascarado» (12 anos).
QUELUZ — QUELUZ-CINEMA — Às 21 e 15 «Chicago, Chicago» e «Com jeito vai... gritando» (17 anos).
MEM MARTINS — CINE-CHABY — Às 21 e 30: «Zingara a canção cigana» (12 anos).

● PORTO

TEATROS

ANTÓNIO PEDRO — Às 21 e 45: «As Bodas de Sangue» (17 anos)
SA DA BANDEIRA — Às 21 e 45:

CINEMAS

SÃO JOÃO — Às 21 e 30: «A Bíblia» (12 anos)
COLISEU — Às 21 e 30: «A carta ao Kremlin» (17 anos).
RIVOLI — Às 21 e 30: «Antes morta que viva» (12 anos).
AGUIA DE OURO — Às 21 e 30: «Porto Massacre» (12 anos).
JULIO DINIS — Às 21 e 30: «Cinco para o Inferno» (17 anos).
BATALHA — Às 21 e 30: «O gendarme em férias» (12 anos)
TRINDADE — Às 21 e 30: «Melinda» (12 anos).
ESTUDIO — Às 21 e 30: «Uma mulher meiga» (17 anos)
CARLOS ALBERTO — Às 21: «Arizona Colt» e «Os Espiões matam em silêncio» (17 anos).
OLIMPIA — Às 21 e 30: «O preço do poder» (12 anos)
VALE FORMOSO — Às 21 e 30: «Ben-Hur» (12 anos).

● COIMBRA

GIL VICENTE — Às 21 e 30: «Adeus Amigo!» (17 anos)
AVENIDA — Às 21 e 30: «A honra da família» (17 anos).
TIVOLI — Às 21 e 30: «O espadachim Capa Negra» (12 anos).
SOUSA BASTOS — Às 21 e 30: «Hércules e a Rainha» (12 anos).

farmácias de serviço

● LISBOA

ALCANTARA — Vieira, Rua Prior do Crato 74 (tel 660187)
ALFAMA — Pereira Suc., Rua do Paraíso, 88-100 (te 863224)
ALMIRANTE REIS — Cândido Monteiro, Avenida Almirante Reis, 2-B (tel 4575 1). **Góis Suc.,** Rua dos Anjos, 2-C (te 840101)
ALTO DO PINA — Ibéria, Rua Barão de Sabrosa, 235 A (te 728277)
ALVALADE — Sanex Avenida da Igreja, 31-C tel 776905) **Aeroporto,** Avenida Almirante Gago Coutinho 0'-D (tel 722384) **Rio de Janeiro,** Avenida Rio de Janeiro 4-C (tel 721409)
AMEIXOEIRA — S. Bartolomeu Via Paulo Jorge, (às Galinheiras) (tel 790969)
AREEIRO — Algarve, Avenida de Roma, 7-B (tel 777478)
AVENIDAS NOVAS — Figueiras, Avenida Marquês de Tomar, 20 (tel 44995) **Cruz Nunes,** Praça Duque de Saldanha, 4 (tel 418845), **Novais,** Avenida Luís Bívar 1 (tel 44324)
BAIRRO ALTO — Pinharanda, Rua da Rosa, 94 tel 321534)
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Ascenso, Rua 27 n.º 4 (tel 3 2 6)
BAIXA — Lima Amaro Praça da Alegria, 27 (tel 321149) **Valadas,** Rua da Madalena, 235 (t 326260): **Cortez,** Rua de S. Nicolau, 93 (Tel 325378)
BELÉM — Gomes, Rua da Junqueira, 326 (tel 638 93) **Bom Sucesso,** R Bartolomeu Dias, 63-A (tel 6 1454)
BENFICA — Santa Cruz, Avenida Gomes Pereira, 34-A (tel 704828), **Ribeiro,** Estrada da Luz, 99 (tel 780969)
CAMINHOS DE FERRO — Conceição, Calçada de D Gastão, 30 (te 381279)
CAMPO GRANDE — Cabrita, Campo Grande, 220 (tel 772397)
CAMPO DE OURIQUE — Pinheiro, Rua de Campo de Ourique, 3 (tel 686640), **Urbano de Freitas,** Rua Silva Carvalho, 5 (Telef 662838) **Elma,** Rua Maria Pia, 358-A (tel 686 76)
CAMPOLIDE — Oliveira, Rua de Campolide, 54-A (tel 684424)
CONDE REDONDO — Salus Rua Luciano Cordeiro 13 (te 42239)
ENTRECAMPOS — S. Miguel Praça Francisco Morais, 1 (tel 771469)
ESTEFANIA — S. Jorge, Avenida Rovisco Pais, 32-A e 32-B (tel 534027)
ESTRELA — Tagus, Praceta da Rua Possidónio da Silva 62-A (te 669485); **Rodrigues & Aires,** Rua da Lapa 54 54 (tel 662.46)
GRAÇA — Branquinho, Rua de Sapadores 87 (tel 842725
LUMIAR — Central, Rua do Lumiar 77 (t 790480)
MARQUÊS DE POMBAL — Ribeiro & Castro, Lda., Rua Braamcamp 52-C (tel 43409)
OLIVAIS — Antunes Rosas, Praça Cidade do Luso lote 99 (Olivais-Sul) (tel 313610), **Central,** Rua Alferes Barrilaro Ruas, 7 C (Olivais-Norte) (t 315539)
PALHAVÃ — Laranjeiras, Rua Filipe da Mata 160 (tel 76 035)
PAMPULHA — Pinheiro, Rua Presidente Arriaga 6 (tel 69 059)
PICHELEIRA — Luzmar, Rua João Nascimento Costa, 16-A (tels 728395-720703)
RESTELO — Belém, R Tristão Vaz, 0-A (á encosta do Restelo) (telefone 6 2248
SANTO AMARO — Dilema, Rua Aliança Operária, 49 A (tel 636620) **Costa,** Rua dos Lusíadas, 32 (tel 636704).
S. BENTO — Confiança, Praça das Flores 59 (tel 327790)
S. PAULO — Africana, Rua Bernardino Costa 45 (te 327901)
S. PAULO — Africana, Rua Bernardino Costa, 45 (tel 369120)
SETE RIOS — Curie, Av Madame Curie, 15-A (tel 778439)

● Linha de Cascais

ALGÉS — Branco, Aven Comb Grande Guerra, 29 (tel 21208)
CAXIAS — Nova — R. Bernardim Ribeiro, 1-A — (tel 242839)
PAÇO DE ARCOS — Godinho da Silva — Av Patrão Lopes 4 (T 2432039).
OEIRAS — Central — R João Teixeira Simões, 18 (Tel. 2430058)
PAREDE — Grincho — Av da Republica 87 (tel 247'204)
ESTORIL — S. João, S João do Estoril (T 261 86)
MONTE ESTORIL — Ostende, Rua de Esparta, [illegible] (Tel. 260391).
CASCAIS — Cordeiro — Av Comb G Guerra, 40, (tel 280 70) * **Nova,** Est de Alvide — Fontaínhas, (tel 28 10 44)
S. PEDRO DO ESTORIL — S. Pedro (Tel 263052)

● Linha de Sintra

AMADORA — Amadora, P 28 de Maio, 3 A (Telef 9355 8 * **Carmele,** Rua Elias Garcia lote 18 Tel 933303) * **Helénica,** Rua Elias Garcia 2 (T 9336 3) * **S. Jorge** R Pedro de Negro, S. Reboleira (Telef 938703)
DAMAIA — Lemos, R de Goa, 2-A (Tel 97 21)
QUELUZ — Zeller, Rua Republica, 83 (Tel 950045) * **Correia,** L do Mercado, 3 (Tel 950905)
CACÉM — Central — R Elias Garcia, 55 (Telefone 2940034)
MEM MARTINS — Quimia — Estrada Mem Martins, 285 (tel 2910012)
S. PEDRO DE SINTRA — Valentim (Tel 9804561
SINTRA — Marrazes — Rainha D Amélia, 40 (Tel 980058).
COLARES — Colares — Abreia (Tel 299088)

● Outra banda

ALCOCHETE — Nunes, L. Coronel Ramos da Costa, 0 (Te 234 37)
ALHOS VEDROS — Gusmão — Rua Cândido dos Reis, 30 (Te 224020)
ALMADA — Macedo Henriques Rua Bernardo Francisco da Costa lote 1 (Te 27 297)
BAIXA DA BANHEIRA — Aliança — Est Nacional 14 (Tel 224302
BARREIRO — Central — Av Alfredo da Silva, 48 (Te 2273207)
COVA DA PIEDADE — Império — R Cabo da Boa Esperança, 31-A (Telefone 274356)
MOITA — Silva Rocha — P da Republica, 6 (Tel 239029)
MONTIJO — Diogo, Rua Almirante Reis, 42 (Tel 230032
SESIMBRA — Leão — Av Salazar (Te 229471).
SETÚBAL — Oliveira, L. da Misericórdia (T 24488)
SETUBAL — Misericórdia — L. da Misericórdia (Tel. 27760) * **Brasil** — P. do Brasil (Tel 24788)
SEIXAL — Seromenho — R Paiva Coelho, 38 (Tel 2218560)

● [illegible]

Aliança, Rua da Conceição 2 (Te 24203) * **Bonfim,** Rua do Bonfim, 13 (Te 51444 * **Cardoso dos Santos,** R D Manuel [illegible] (Tel 27 88) * **Correio,** P Mous. de Albuquerque 50 Tel 60869 * **Cosme,** Rua Costa Cabral 584 (Tel 4 5 1 * **Ferreira** P D Afonso V, 5 (Tel 68 975) * **Ferreira de Carvalho,** Rua de Bernardim 354 (T 2764 * **Gomes Ferreira,** Rua Faria Guimarães 449 (Telefone 4 907 * **Henriques,** P da Batalha 64-64-A Tel 25 73 * **Luso Francesa** Rua de Sá da Bandeira 40 (Tel 26 3 * **Moreno Lda.,** L de Domingos 44 (Tel 2354 * **Porto,** P da República 22 (Te 20294 * **Prelada,** Rua Central de Francos 316 Te 643 2) * **S. Diniz** R de S. Diniz 428 (Tel 4228 * **Campos,** R P L Cabral, 943 (Foz) (Tel 68013).

● COIMBRA

Olivais — Rua Bernardo de Albuquerque (t. 22804) * **Universal — Praça 8 de Maio** (t. 23744) * **Adelino,** Praça da República (tel. 23609).

Diário de Lisboa
Renascença Gráfica, S.A.R.L.
Administração e Publicidade:
Rua Castilho, 185-1.º
Telef. 65 45 31-2-3-4
Redacção e Serviços Técnicos:
Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
End. Tel. DIBOA. Telex 1363
Lisboa — Portugal

ASSEMBLEIA GERAL DO BANCO COMERCIAL DE ANGOLA

(Continuação da pág. central)

longo prazos, actividade creditícia de que tão carecida se mostra a nossa economia ultramarina, como acima já tivemos ocasião de referir, acentuando também o relevo que para a sua expansão e grandeza futuras revestirão o alargamento da actividade a Moçambique e a absorção das dependências do Barclays, tudo traduzido em notável acréscimo de horizontes e possibilidades financeiras, além de nova abertura a ligações internacionais com maiores facilidades de intervenção no mercado mundial do dinheiro que urge cada vez mais orientar e canalizar para as necessidades económicas nacionais».

A concluir, o Sr. Cupertino de Miranda acentuou:

«Não me compete emitir um juízo de valor sobre a actividade do nosso Banco em 1970 de que procurei dar um rápido conspecto nas palavras que acabo de proferir. Falam por si os números alcançados e as posições conquistadas. Assim me abstenho de vos fatigar com mais considerações.

Mas não seria justo finalizar sem exprimir quanto a administração deste Banco está grata a S. Ex.as o sr. Presidente do Conselho e Ministros das Finanças e Economia e do Ultramar, a S. Ex.as os governadores-gerais de Angola e Moçambique, e secretários provinciais, a todos pela compreensão com que se têm dignado apreciar os nossos planos e tarefas integrados no progresso económico e social das grandes parcelas da Pátria que orgulhosamente servimos.

Por ultimo seja dita uma palavra — e como desejaria que ela fosse expressiva: — para significar o preito da minha admiração a todos quantos no Ultramar português se batem, com indómito heroísmo, pela integridade e grandeza da Nação.»

APROVADOS POR UNANIMIDADE O RELATÓRIO, BALANÇO E CONTAS RELATIVOS AO EXERCÍCIO DE 1970

Terminada a sua exposição, o sr. Arthur Cupertino de Miranda foi vivamente aplaudido pela clareza e oportunidade dos considerandos formulados tendo merecido também especial atenção os termos em que foram apresentados os resultados da gerência de 1970 e a política de gestão preconizada para o próximo ano bancário.

O dr. Augusto de Castro, presidente da mesa da assembleia geral, dirigiu também palavras de muito apreço á actividade do conselho de administração, tendo em seguida posto á consideração da assembleia dos accionistas o «relatório, balanço e contas», que foi aprovado por unanimidade.

De acordo com o parecer do conselho fiscal e no seguimento da aprovação do «relatório, balanço e contas», a assembleia manifestou também o seu acordo com as propostas recomendadas á mesa, designadamente a que consagrava um voto de louvor ao conselho de administração pela esclarecida e criteriosa condução dos negócios do Banco, voto este extensivo aos seus colaboradores pelo entusiasmo e dedicação revelados.

Voltando á ordem do dia e nos termos do seu n.º 2.º, relativo ao cumprimento do estabelecido nos arts. 14.º e 23.º dos Estatutos, o sr. eng. João Carlos Sobral Meireles apresentou uma proposta no sentido de ser conferida competência á Mesa para cumprimento do preceituado nos artigos estatutários acima referidos.

Posta á apreciação, a assembleia manifestou também neste ponto a sua concordância.

Pediu, em seguida, a palavra o sr. prof. Doutor Gonçalves de Proença, vice-presidente do Banco Comercial de Angola, que apresentou uma proposta á mesa no sentido de ser dispensado o escrutínio secreto para preenchimento das vagas existentes no Conselho Fiscal, tendo a propósito afirmado: «Creio traduzir o sentimento da assembleia ao sugerir a dispensa do escrutínio secreto, na medida em que estou certo de que, quer o accionista indicado para o preenchimento da vaga do conselho fiscal, quer o elemento do conselho fiscal indicado para ocupar a presidência do mesmo conselho, são merecedores do sufrágio unânime de todos os presentes.»

Posta á apreciação da assembleia, a proposta foi aprovada por unanimidade, tendo sido designados para presidente do conselho fiscal o dr. Vasco Taborda Ferreira e para o cargo de vogal o dr. José dos Santos Mota.

Em seguida, o dr. Mário Miranda Monteiro pediu a palavra para apresentar duas propostas, recomendando á assembleia de accionistas um voto de louvor á mesa da assembleia na pessoa do seu presidente, embaixador dr. Augusto de Castro, e, ainda, um voto de confiança para a elaboração da acta, considerando-a aprovada logo que assinada pelo presidente da mesa. Depois de aprovada por unanimidade aquela proposta, o embaixador Augusto de Castro deu por findos os trabalhos da assembleia geral.

De vez em quando

Aveiro e Braga há muito ansiavam por ter cada uma delas, o seu Conservatório. Ao longo dos anos fizeram-se diligências várias e de vária ordem, mas a solução do problema sempre fora adiada, facto compreensível se nos lembrarmos que montar e manter um Conservatório não é o mesmo que comprar um piano em segunda mão e pagar uma simples mensalidade a qualquer professor de solfejo. A Fundação Gulbenkian, porém, tomou o assunto a seu cargo. Zás — os dois Conservatórios aí estão. Continua a haver quem afirme que o dinheiro não dá felicidade. Talvez, mas quando o ha até a música é outra.

V. D.

Chegou a Lisboa o Presidente da Honeywell Bull

O Presidente da Honeywell Bull, Sr. Henri Desbruères, chega hoje a Lisboa, vindo de Paris acompanhado do Director da mesma empresa Sr. Duke Sterling.

A presença no nosso País, destas personalidades, representando um dos principais Grupos mundiais no domínio da Informática, demonstra que o desenvolvimento deste sector, no nosso País, é, cada vez mais, acompanhado com interesse ao nível das grandes organizações internacionais da indústria de computadores.

O Sr. Desbruères estará em Portugal alguns dias, durante os quais terá contactos com entidades dos nossos meios económicos e financeiros, com quem discutirá problemas ligados à expansão das actividades do Grupo em Portugal.

O tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLOGICO

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal Continental o céu estava geralmente muito nublado e o vento era fraco.

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máximas: Tavira 6°,1; mínimas: Penhas da Saúde, —°.

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS — Porto 0°; Penhas Douradas 5°; Coimbra, 8°; Portalegre, 9°; Lisboa 3°; Faro 3°; e Funchal, 3°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS, ÀS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — No atmosfera 11°,5, na água do mar, 3°,8.

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ

Agravamento do estado do tempo durante a noite, progressivamente de Norte para Sul: períodos de chuva, passando a aguaceiros; vento fraco, tornando-se moderado de Noroeste.

Amanhã
Nascer às 7 e 22
Ocaso às 20 horas

Amanhã Dia 10 Dia 18 Dia 25

MARÉS:

PREIA-MAR: **Hoje** — 8 e 21 (3,4 m); 20 e 48 (3,5 m). **Dia 2** — 9 e 30 (3,2 m); 22 e 0 (3,3 m). **Dia 3** — 0 e 49 (3 m); 23 e 22 (3,2 m).
BAIXA-MAR: **Hoje** — e 11 (1,3 m); 3 e 32 (1,6 m). **Dia 2** — 2 e 22 (1,6 m); 4 e 45 (1,8 m). **Dia 3** — 4 e 05 (1,8 m); 16 e 35 (2 m).

Regressou a Madrid o ministro do Ar

Por via aérea regressou, esta tarde, a Madrid, o ministro do Ar de Espanha, general Julio Salvador Diaz-Benjumea, que visitou oficialmente o nosso País.

No aeroporto estiveram a apresentar-lhe cumprimentos de despedida, o secretário de Estado da Aeronáutica, o chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas, o chefe do Estado Maior da Força Aérea, o embaixador de Espanha e o adido aeronáutico daquele país.

ACABA DE SAIR MAIS UM VOLUME DA COLECÇÃO
BANDA DESENHADA N.º 3
VERSUS
por JACK WOHL
EM CADA BANDA UMA HISTÓRIA DE ARTHUR, O HOMEM-TODOS-NÓS QUE NÃO TEM CORPINHO QUE CHEGUE PARA OS SAFANÕES QUE O MUNDO LHE DÁ!
Preço: 20$00
À venda nas livrarias e tabacarias
Pedidos a:
PORTUGAL PRESS,
R. Coelho da Rocha, 26, 1.º Dt., Lisboa-3

A LOTARIA DE HOJE

NÚMEROS PREMIADOS

30770 — 4 800 000$
3774 — 480 000$
7495 — 240 000$

APROXIMAÇÕES AO 1.º PRÉMIO

30769 — 15 000$
30771 — 15 000$

PRÉMIOS DE 18 CONTOS

10726 12999 14079 16004 20362 22664 24619 24642 24724 26122 29264 32361 33998 34683 40117 41256 46373 48480 49363 49814

PRÉMIOS DE 480$00 (Centenas)

3701 a 3800; 7401 a 7500 e 30701 a 30800

PRÉMIOS AOS ALGARISMOS FINAIS

Todos os números cujos três últimos algarismos sejam 670 ou 770, têm direito a 1800$00, de prémio, em cada bilhete. Os terminados em 495 ou 774, são contemplados com 1440$ e, se terminados em 098, 324, 404, 708 ou 717, são contemplados com 960$00. Por sua vez, os números cujos dois algarismos finais sejam 00 ou 70, são premiados com 840$00 e os terminados em 05, 38, 74 ou 95, são premiados com 480$00. Por último, todos os restantes números cujo algarismo final — terminação — seja 0, são premiados com 360$00, também em cada bilhete.

Esta informação não dispensa a consulta da lista oficial.

Sonho do Japão
5 maravilhosas viagens ao Oriente
JAPÃO
TAILÂNDIA
HONG KONG-MACAU
FILIPINAS
PÉRSIA
24 dias inesquecíveis no FASCINANTE ORIENTE
CONSULTE O SEU AGENTE DE VIAGENS OU A:
SAS
Av. da Liberdade, n.º 236-A — LISBOA — Telef. 57110

TRAVASSOS
venderam o
3.º PRÉMIO
7495
240 CONTOS

A GRANDE VERDADE NO DIA DAS MENTIRAS...
A SORTE GRANDE
4.800 CONTOS — 30770
Foi distribuida aos balcões da
CASA DA SORTE
A CASA QUE HÁ 30 ANOS SEGUIDOS MANTÉM O 1.º LUGAR NA VENDA DE PRÉMIOS GRANDES
Os Hospitais Civis precisam de dadores de sangue

SUPLEMENTO LITERÁRIO

656 ■ 1 DE ABRIL ■ 1971

DALI POR DALI

NENHUM MUSEU parisiense mostrou até agora uma retrospectiva Dali. Terá ela lugar no decorrer do próximo ano. São raras, nas colecções francesas, as pinturas de Dali. Menos de uma dezena. O melhor da sua obra, que ele vende a preço de ouro, encontra-se na Inglaterra e nos Estados Unidos, onde um museu Dali foi inaugurado há pouco, abrigando, na realidade, a colecção particular dum industrial de Cleveland (Ohio) que possui oitenta e cinco telas do pintor. Ora Dali terá pintado apenas cerca de trezentas telas...

Ao contrário de Picasso, esse outro «Espanhol de génio que deslumbra os franceses», Dali pinta lentamente e relativamente pouco.

Prefere viver. Como um príncipe. Rodeado de cortesãos que assistem ao despertar do mestre, pelas 11 horas. Recebe pouco. Fala muito, vestido de veludo púrpura e renda branca. A sua vida é talvez uma das suas obras mais conseguidas.

Com Picasso e Miró, Dali é uma das três glórias espanholas da pintura contemporânea. O regime franquista, que se apercebeu do seu valor artístico e «turístico», tratou de as «institucionalizar», construindo museus para as suas obras. Os dois primeiros jogam mais na defensiva: desejam doar à Espanha parte das suas obras, mas ignoram o intercessor Franco.

Não é o caso de Dali, «monárquico e imperial», como todos sabem. Foi o último a ter o seu museu, em Figueras, sua terra natal. «Lá onde nasci e fui baptizado...»

Mas com Dali as coisas nunca são nem simples nem comuns. Construir um museu? Para ele, já existe. É o teatro municipal de Figueras. Como se o século de Isabel II o tivesse preparado para ele; uma bomba, durante a guerra fraticida, acabou por lhe conferir uma silhueta de ruína fantástica.

«É uma sorte que só a mim acontece. Imaginai que durante a guerra civil uma bomba caiu sobre o Teatro Municipal. Isso produziu o que Marcel Duchamp chamava um *ready made*...

Com uma pequena bomba, o teatro transformou-se num museu. O anfiteatro foi absolutamente arrasado... ficou um jardim ao ar livre. Como se um arquitecto cretino tivesse tentado fazer do teatro um museu. Suspensos nas paredes, os camarotes tomaram a aparência de nichos de estilo Piranésio. Servir-me-ei disso para refazer toda a história da escultura. Modificando-os de uma maneira surrealista, logo, espectacular.

Dali visto por Dali: «monárquico e imperial»

— *Que pensa pôr dentro do museu?*

— Porque não tenho embrião, isto é, criança, legarei tudo o que possuo ao património nacional: os quadros da minha colecção privada e a minha obra de gravura, que conta cento e setenta e cinco peças, mais as ilustrações da *Divina Comédia*. Já inaugurei simbólicamente uma parte do tecto, com um grande fresco de 16 metros. Pintei-o no *atelier*, em tela. Seguidamente, foi colado ao tecto. É uma apoteose da minha terra natal, na qual figuro meio nu e com gavetas no rosto, no peito, na barriga e nos pés. As gavetas, que estão abertas ao contrário, encontram-se cheias de moedas de ouro que tombam sobre o povo de Figueras, o que muito lhe agradará.

— *Porquê moedas de ouro?*

— Porque gosto muito de ouro.

— *O metal ou o dinheiro?*

— O ouro, simbólicamente. Eu sou um místico, e todos os místicos têm amado o ouro. Todos os alquimistas quiseram fazer ouro. Espiritualizar a matéria, é surificá-la. É a grande preocupação dos místicos. Eu sou desta religião, transformo as ideias e tudo o que toco em ouro. O ouro, faço-o eu. O ouro está nos bancos ou não sei onde. O importante para mim é que a ideia se transforme em ouro. Eis porque fiquei louco de contentamento quando um quadro de Velasquez foi vendido por 6 milhões de dólares.

É preciso reparar bem nisto, sobretudo porque é um acontecimento que nega a afirmação dos adeptos da arte abstracta segundo a qual não mais se regressará à arte figurativa pela simples e absurda razão de que existe a fotografia. Ao contrário, eu afirmo que, após a arte abstracta, a arte figurativa terá uma tal actualidade que se copiará a fotografia literalmente: é o que faz a *pop'art*. Pintam-se apenas bocas, narizes... E muito mal... Se os pintassem como Meissonnier, seria admirável. A *pop'art* é arte figurativa de muito má qualidade. Mas isso prova que a arte figurativa se porta bem.

— *Qual é a diferença entre uma fotografia, a melhor, e um quadro pintado por um grande artista?*

Salvador Dali: «Eu sou um místico — e todos os místicos têm amado o ouro»

— Hoje em dia, há uma diferença de 6 milhões de dólares! É essa a diferença! Com a agravante que, se por hipótese um muito bom fotógrafo tivesse, no seu tempo, captado do mesmo ângulo o retrato de Juan Pareja, toda a gente teria achado que a foto era muito melhor, porque muito mais detalhada.

— *Qual é então o mistério?*

— Todo o mistério reside em que, em Velasquez, a imagem entra pelo olho, que é o órgão mais divino que Deus criou. E não é um olho como os outros... É o olho de Velasquez. E a imagem sai pela ponta do pincel... Enquanto que, numa fotografia, a imagem entra por um olho mecânico. De tal forma que, quando um fotógrafo tira trinta *clichés* de um mesmo modelo, ele próprio não sabe qual é o melhor... O que quer dizer que, no ponto de vista da participação do espírito, isso está de tal modo longe da pintura que há sempre seis milhões de dólares de diferença.

— *O quadro mais caro do mundo é o melhor?*

— Não, forçosamente. Os preços estão ligados às flutuações do gosto. Hoje, a cotação de Cézanne está no ponto alto. Mais tarde ver-se-á que os quadros de Meissonier valerão muito mais. Isso depende muito da cultura da época. Hoje tem fraco nível. Compra-se pintura porque se acredita que ela é boa. Ora Cézanne não é mais que caricatura. Como dizia Michel de Montaigne: «É ele que faz o cesto e o põe sobre a cabeça». Cézanne é o pintor mais inapto que eu conheço. E como a época é ela própria desajeitada, reconhece-se nele...

Dali acaba de ilustrar com extraordinário virtuosismo a «Vénus aux fourrures», de Sacher Masoch. Para um tal assunto, não lhe faltou a inspiração. Nem foi necessário levantar-lhe a questão para o pôr a falar. Masoch interessa-o vivamente, pois que ele é um masoquista «de excelente qualidade». Sempre

(Cont. na pág. 7)

Jacques Michel

Manuel João Gomes: «A Religião entre os críticos»
José Vaz Pereira: «De D. Sebastião
Nelson de Matos: «(Esta

SUPLEMENTO LITERÁRIO

656 ■ 1 DE ABRIL ■ 1971

DALI POR DALI

NENHUM MUSEU parisiense mostrou até agora uma retrospectiva Dali. Terá ela lugar no decorrer do próximo ano. São raras, nas colecções francesas, as pinturas de Dali. Menos de uma dezena. O melhor da sua obra, que ele vende a preço de ouro, encontra-se na Inglaterra e nos Estados Unidos, onde um museu Dali foi inaugurado há pouco, abrigando, na realidade, a colecção particular dum industrial de Cleveland (Ohio) que possui oitenta e cinco telas do pintor. Ora Dali terá pintado apenas cerca de trezentas telas...

Ao contrário de Picasso, esse outro «Espanhol de génio que deslumbra os franceses», Dali pinta lentamente e relativamente pouco.

Prefere viver. Como um príncipe. Rodeado de cortesãos que assistem ao despertar do mestre, pelas 11 horas. Recebe pouco. Fala muito, vestido de veludo púrpura e renda branca. A sua vida é talvez uma das suas obras mais conseguidas.

Com Picasso e Miró, Dali é uma das três glórias espanholas da pintura contemporânea. O regime franquista, que se apercebeu do seu valor artístico e «turístico», tratou de as «institucionalizar», construindo museus para as suas obras. Os dois primeiros jogam mais na defensiva: desejam doar à Espanha parte das suas obras, mas ignoram o intercessor Franco.

Não é o caso de Dali, «monárquico e imperial», como todos sabem. Foi o último a ter o seu museu, em Figueras, sua terra natal. «Lá onde nasci e fui baptizado...»

Mas com Dali as coisas nunca são nem simples nem comuns. Construir um museu? Para ele, já existe. É o teatro municipal de Figueras. Como se o século de Isabel II o tivesse preparado para ele; uma bomba, durante a guerra fraticida, acabou por lhe conferir uma silhueta de ruína fantástica.

«É uma sorte que só a mim acontece. Imaginai que durante a guerra civil uma bomba caiu sobre o Teatro Municipal. Isso produziu o que Marcel Duchamp chamava um *ready made*...

Com uma pequena bomba, o teatro transformou-se num museu. O anfiteatro foi absolutamente arrasado...

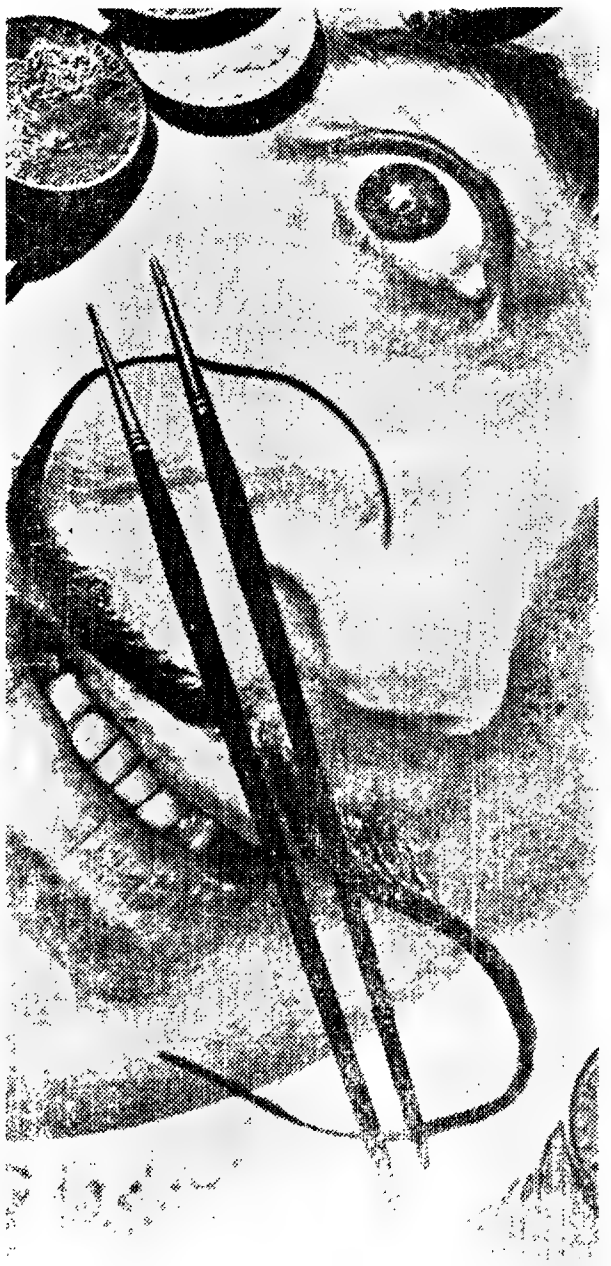
ficou um jardim ao ar livre. Como se um arquitecto cretino tivesse tentado fazer do teatro um museu. Suspensos nas paredes, os camarotes tomaram a aparência de nichos de estilo Piranésio. Servir-me-ei disso para refazer toda a história da escultura. Modificando-os de uma maneira surrealista, logo, espectacular.

— *Que pensa pôr dentro do museu?*

— Porque não tenho embrião, isto é, criança, legarei tudo o que possuo ao património nacional: os quadros da minha colecção privada e a minha obra de gravura, que conta cento e setenta e cinco peças, mais as ilustrações da *Divina Comédia*. Já inaugurei simbólicamente uma parte do tecto, com um grande fresco de 15 metros. Pintei-o no *atelier*, em tela. Seguidamente, foi colado ao tecto. É uma apoteose da minha terra natal, na qual figuro [illegible] e com [illegible] no peito, [illegible] nas pés. As [illegible]

— O ouro, simbólicamente. Eu sou um místico, e todos os místicos têm amado o ouro. Todos os alquimistas quiseram fazer ouro. Espiritualizar a matéria, é aurificá-la. É a grande preocupação dos místicos. Eu sou desta religião, transformo as ideias e tudo o que toco em ouro. O ouro, faço-o eu. O ouro está nos bancos ou não sei onde. O importante para mim é que a ideia se transforme em ouro. Eis porque fiquei louco de contentamento quando um quadro de Velasquez foi vendido por 6 milhões de dólares.

É preciso reparar bem nisto, sobretudo porque é um acontecimento que nega a afirmação dos adeptos da arte abstracta segundo a qual não mais se regressará à arte figurativa pela simples e absurda razão de que existe a fotografia. Ao contrário, eu afirmo que após a arte abstracta, a [illegible]



grafo tivesse, no seu tempo, captado do mesmo ângulo o retrato de Juan Pareja, toda a gente teria achado que a foto era muito melhor, porque muito mais detalhada.

— *Qual é então o mistério?*

— Todo o mistério reside em que em Velasquez, a imagem entra pelo olho, que é o órgão mais divino que Deus criou. E não é um olho como os outros... É o olho de Velasquez. E a imagem sai pela ponta do pincel... Enquanto que a câmara fotográfica [illegible] entra por um olho mecânico. De tal forma que quando um fotógrafo tira trinta *clichés* de um mesmo modelo, ele próprio não sabe qual é o melhor... O que quer dizer que no ponto de vista da participação do espírito, isso está de tal modo longe da pintura que há sempre seis milhões de dólares de diferença.

— *O quadro mais caro do mundo é o melhor?*

— Não, forçosamente. Os preços estão ligados às flutuações do gosto. Hoje, a cotação de Cézanne está no ponto alto. Mais tarde ver-se-á que os quadros de Meissonier valerão muito mais. Isso depende muito da cultura da época. Hoje tem fraco nível. Compra-se pintura porque se acredita que ela é boa. Ora Cézanne não é mais que [illegible]. Como dizia Michel de Montaigne: «É ele que faz o gosto e o põe sobre [illegible]. Cézanne é o pintor mais [illegible] que eu conheço. E [illegible] a época é ela [illegible]

Dali [illegible] com [illegible] a [illegible] de [illegible]

Manuel João Gomes: «A Religião entre os críticos»
José Vera Pereira: «De D. Sebastião a Glauber Rocha»
Nelson de Matos: «(Estas) Dúvidas | 2» • Prontuário

Poesia & Não

(ESTAS) DÚVIDAS / 2

Por Nelson de Matos

FIAMA HASSE PAIS BRANDÃO
(ESTE) ROSTO
INICIATIVAS EDITORIAIS
LISBOA, 1970

NO ARTIGO ANTERIOR procurámos, com alguma precisão, situar o livro de Fiama num dos espaços em que a sua leitura é possível e, simultaneamente, apontar e definir o *sentido* dessa leitura. O livro, aliás, de algum modo no-lo sugere. Não há leitura que se efective na total independência do texto — sequer como um trabalho paralelo. Toda a leitura se realiza sobre o texto e é nela que verdadeiramente se completa o processo de produção iniciado pela escrita.

O livro de Fiama poderá, como dissemos, apresentar-se hermético e difícil a um leitor menos atento ou menos prevenido. Tais dificuldade resultam, sobretudo, de um *vício* de leitura que consiste em encarar o texto como o lugar de uma relação com um universo extralinguístico que ao leitor competiria decifrar A crítica burguesa nos foi habituando a um tal processo na intenção evidente de assim contribuir para a dissimulação do modo de produção dos textos no qual a ideologia que representa se encontra manifestamente interessada. Com isso se anula não só o aspecto crítico que o texto em si mesmo contém, como também todo o processo de produção que aí igualmente se efectua.

Se tentarmos a leitura do livro de Fiama procurando interpretar simbólica ou metafòricamente a sua linguagem acharemos, sem dúvida, uma das nossas primeiras dificuldades. Isto na medida em que o próprio texto tenta pôr em causa ou até mesmo anular esse processo metafórico através da utilização de parentesis, travessões, itálicos, representando como que comentários que dessa forma se insinuam sobre o texto base. Dois exercícios da escrita se entrelaçam, pois, ao longo deste livro. Vejamos alguns exemplos retirados de diversos poemas:

1. (pág. 16) — *Desde o princípio — a alba — à sua tarde (...)*
2. (pág. 20) — *(...) o Verão,*
   que começava — eu vi —
   [entre muralhas (...)
3. (pág. 22) — *À vila ensino agora*
   — à sua imagem — a ascen-
   [são por águas
4. (pág. 34) — *Ossos — eu oiço-os —*
   latem. (...)
5. (pág. 38) — *a mesma via*
   (láctea),
6. (pág. 38) — *na ardósia viva — a noite —*
7. (pág. 38) — *caiu depois o pó*
   (lunar ou deste corpo térreo)
8. (pág. 40) — *ao fluxo e à rede das raízes*
   (radículas) contra o muro.
9. (pág. 43) — *(...) a abelha (o nome apis)*
10. (pág. 43) — *E conforme às aves voam*
    [(rémiges) dizer avis
    (ave).
11. (pág. 45) — *as ruas exteriores em que*
    [essa terra refracta os pró-
    [prios sons
    — vozes, tanger —, as ruas
    [expostas; e o mistério en-
    [trevisto
    de uma gaze (ou musselina)
    [entretecida
    entre edifícios vivos (certa
    [cidade) e um espaço per-
    [corrido
    (o quarto) pelo sangue

ou até mesmo este poema que encerra o livro e que, por sinal, de algum modo nos fala do trabalho nele contido:

Estes cantos (sedimentos) de uma terra
onde se passa em cada dia (em campos)
de erva jacente — secura, os seus jazi-
[gos —, por folhas
de pomares (revi a apicultura), pelas pe-
[dras terciárias (da cidade),
com a visão ao fundo: os montes incluídos
(ou horizonte) no panorama escrito; no-
[mes
(latinos) de aves que emergiram da poa-
[lha das fontes
(cerebrais) onde persistem. Expandem-se
[(da sílaba)
os sons com que percute o bico, os trinos,
a ave; a terra é um chão estático
de árvores, em floração. As ruas estão
[silentes
(silhuetas), de cidade: lajes, a fronte.

Várias funções adquirem, portanto, estes parentesis e travessões que se espalham na teia do discurso inicial e o tendem a esclarecer ou clarificar. Desde os comentários que nos revelam a presença da autora no trabalho de produção do texto (*exemplos 2 e 4*), aos que procuram simplesmente esclarecer as alusões do discurso inicial (*exemplo 7*), aos que encerram a origem de citações ou sugestões que de outros textos são recebidas,

(pág. 44) — *o centro é o fogo e o verbo surto*
[do real: a palavra dita (gali-
leu): no início a terra, então o
[fogo (os fornos crematórios),
os vários acidentes — sonos,
[sombras — e a água (a que é
[dos náufragos) decomposta
em lodo, depois em transparên-
[cia. (...)

ou,

(pág. 50) — *(...) como se as coisas emitis-*
[sem a sua forma
para a memória (de leonardo);
[ainda que
depois, o passado (secreto) as
[devolvesse (hegel)
aos costumes próprios; o sismo,
[a seu tempo; a luz
(pública) extinta aos lagos gé-
[lidos (do (frio)
rossio de setecentos)
(...)

ou ainda, como inicialmente dissemos, aqueles comentários que directamente tendem a destruir ou anular o efeito metafórico que o texto base não pôde deixar de utilizar (*exemplos 1 e 6*). Este último exemplo (*na ardósia viva — a noite —*) é por de mais significativo do processo utilizado.

Tudo se passa como se dois modos da escrita aqui directamente se confrontassem — um procurando revelar o outro, destruí-lo, pô-lo em causa, anulá-lo por um processo reflexivo. Tal processo envolve criticamente o *texto clássico* na medida em que este privilegiava a capacidade metafórica ou alusiva da linguagem que utilizava. Fiama põe em causa essa prática da escrita ao mesmo tempo que a vai utilizando. Para ela, o texto não tem que iludir as suas relações com um universo extralinguístico através de um conjunto de figuras, de formas de retórica, que vão marcando como que uma distância em relação a esse universo, privilegiando ou mitificando a *criação artística*. O que Fiama privilegia é toda uma prática da escrita, um trabalho de elaboração que tende ele próprio a produzir o *sentido* e o *significado* do texto.

....

São da memória os sons, o nascimento.
A própria fala cria
o objecto e separa-o
do silêncio.

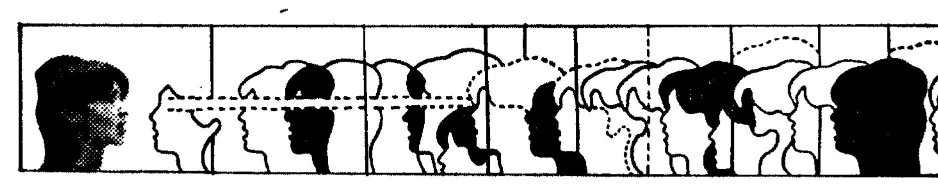
ou ainda esta estrofe do poema da página 37 igualmente elucidativa do significado da prática escritural que este texto desenvolve e explicita:

....

Pelas paisagens entra-se na fala:
nomeio os pastos térreos
as campas vivas (o cemitério longe
é o real). tonalidades
da tarde os vários bandos
velos de lã (rebanhos
nesses campos são reais).

....

A fala deixou, pois, de ser a representação ou a reprodução inerte de uma realidade



que lhe era anterior. Ela tende apenas, através da sua dinâmica interna, do jogo de símbolos em que se organiza, a fazer falar essa realidade, esse *conteúdo* que lhe pré-existe e de certo modo a motiva. A fala (a escrita) — di-lo Fiama — cria o objecto e separa-o do silêncio.

Por um mesmo trabalho, a leitura de um texto tende a arrancá-lo ao silêncio da página onde as letras adormecem, definitivamente encerradas na sua natureza de signos. A leitura tende a fazer *passar* o texto através de uma escrita que sobre ele se exercita e nele encontra as *razões* para esse seu exercitar-se. E se toda a leitura (como todos os textos) tende a acrescentar e a rever todas as leituras que sobre o mesmo texto anteriormente se realizaram, se o próprio texto só *vale* pela multiplicidade de leituras que consente e suporta, convém talvez falar aqui dos artigos que Eduardo Prado Coelho anteriormente publicou neste Suplemento. (21 e 28 de Janeiro de 1971).

Depois de definir, segundo o modelo proposto por Roman Jakobson, as várias funções da linguagem, Eduardo Prado Coelho conclui que o texto de Fiama privilegia acentuadamente a função referencial e a estilística (aparentemente opostas), em confronto com um quase total apagamento das funções expressiva, emotiva ou apelativa. «*Da função referencial, na medida em que, muitas vezes, o discurso é para ser tomado integralmente à letra, exigindo o esforço de uma certa* literalidade *contra o vício simbólico da leitura tradicional. Da função estilística, fácil é de ver, dado o excepcional trabalho sobre o corpo fónico das palavras, ao nível, portanto, do significante (...)*.

Cremos de facto que é o privilégio dado a estas duas funções da linguagem o que mais claramente caracteriza o discurso poético de Fiama Hasse Pais Brandão. Nada neste texto nos convida a uma leitura de carácter simbólico, que tenda a decifrar-lhe o enigma, o *mistério*, na medida em que ele próprio tenta anular e pôr em causa esse processo de escrita. Fá-lo comentando-o na teia da sua própria articulação através dos enunciados contidos em parêntesis e travessões, ou ainda em exercícios de *literalidade* de que este poema poderá ser um claro exemplo:

Já visito os órgãos, as estâncias
onde se vê a obra ao vivo,
o seu reboco, as espátulas, o vibrar oco
das salas.
Visito, atravessando salas e os adornos, esses
[homens
que têm espáduas vivas e árduas,
os ferros que retalham
os seus talhões de obra.
Ouvi-os, sob os bandos voadores,
sob as quatro
estações falar de emigração: das casas de-
[volutas
e transferidas;
de feridas e de soros, de serem
vivos,
de seus aforros e as sepulturas
onde por ruas vão, por traves mestras;
tal como a ossatura é viva de uma casa
na vila, tal como visito
as vias
desses homens que emigram.

Por outro lado, fácil é de ver, como diz Eduardo Prado Coelho, o excepcional trabalho que este texto realiza sobre o corpo fónico das palavras, concedendo deste modo uma cuidada atenção à função estilística da linguagem. Examine-se, por exemplo, todo o processo de aliterações e assonancias que se desenvolve ao longo do poema inscrito na página 49 e de que aqui transcrevemos o início:

Do poente, olmos, abril arborizado, seus es-
[tigmas (dolorosos),
vagidos esparsos, o paço arruinado, lumiar,
[poços
de águas de março, os destroços, as quintas
[(nobres) secas de oitocentos
o clarão visto que reveste os campos de feno
[do luminoso (tom
de cobre). depois de brumas (esparsas)
[que a todo o tempo emergem

....

Com isto cremos poder encerrar este breve percurso em torno de um texto pleno de labirintos, sinuosidades, de um inexcedível rigor. Uma brecha (esperamos) talvez se tenha aberto no meio da sua aparente inviolabilidade. Cabe ao leitor (se o quiser) percorrer agora esse percurso e acrescentar a estas a sua própria leitura, o seu próprio trabalho. Delas o texto se alimentará — nelas verdadeiramente prosseguirá o processo de produção pela sua escrita iniciado. Só dessa forma a *letra*, inquieta, romperá o silêncio da página onde ficou inscrita e se instalará em definitivo no espaço das ideias.

NÍTIDO NULO
novo romance de Vergílio Ferreira
...o Nulo é um ... que pela ironia e uma
... inclui se in-
... mesmo adentro da ... bra
316 pp.
65$00
...UGÁLIA EDITORA LIMITADA

Poesia & Não

(ESTAS) DÚVIDAS / 2

Por Nelson de Matos

FIAMA HASSE PAIS BRANDÃO
(ESTE) ROSTO
INICIATIVAS EDITORIAIS
LISBOA, 1970

NO ARTIGO ANTERIOR procurámos, com alguma precisão, situar o livro de Fiama num dos espaços em que a sua leitura é possível e, simultaneamente, apontar e definir o *sentido* dessa leitura. O livro, aliás, de algum modo no-lo sugere. Não há leitura que se efective na total independência do texto — sequer como um trabalho paralelo. Toda a leitura se realiza sobre o texto e é nela que verdadeiramente se completa o processo de produção iniciado pela escrita.

O livro de Fiama poderá, como dissemos, apresentar-se hermético e difícil a um leitor menos atento ou menos prevenido. Tais dificuldade resultam, sobretudo, de um *vício* de leitura que consiste em encarar o texto como o lugar de uma relação com um universo extralinguístico que ao leitor competiria decifrar. A crítica burguesa nos foi habituando a um tal processo na intenção evidente de assim contribuir para a dissimulação do modo de produção dos textos no qual a ideologia que representa se encontra manifestamente interessada. Com isso se anula não só o aspecto crítico que o texto em si mesmo contém, como também todo o processo de produção que aí igualmente se efectua.

Se tentarmos a leitura do livro de Fiama procurando interpretar simbólica ou metafòricamente a sua linguagem acharemos, sem dúvida, uma das nossas primeiras dificuldades. Isto na medida em que o próprio texto tenta pôr em causa ou até mesmo anular esse processo metafórico através da utilização de parentesis, travessões, itálicos, representando como que comentários que dessa forma se insinuam sobre o texto base. Dois exercícios da escrita se entrelaçam, pois, ao longo deste livro. Vejamos alguns exemplos retirados de diversos poemas:

1. (pág. 16) — *Desde o princípio — a alba — à sua tarde (...)*

2. (pág. 20) — *(...) o Verão, que começava — eu vi — [entre muralhas (...)*

3. (pág. 22) — *À vila ensino agora — à sua imagem — a ascen- [são por águas*

4. (pág. 34) — *Ossos — eu oiço-os — latem. (...)*

5. (pág. 38) — *a mesma via (láctea),*

6. (pág. 38) — *na ardósia viva — a noite —*

7. (pág. 38) — *caiu depois o pó (lunar ou deste corpo térreo)*

8. (pág. 40) — *ao fluxo e à rede das raízes (radículas) contra o muro.*

9. (pág. 43) — *(...) a abelha (o nome apis)*

10. (pág. 43) — *E conforme às aves voam [(rémiges) dizer avis (ave).*

11. (pág. 45) — *as ruas exteriores em que [essa terra refracta os pró-*
[prios sons
— vozes, tanger —, as ruas [expostas; e o mistério en-
[trevisto
de uma gaze (ou musselina) [entretecida
entre edifícios vivos (certa [cidade) e um espaço per-
[corrido
(o quarto) pelo sangue

ou até mesmo este poema que encerra o livro e que, por sinal, de algum modo nos fala do trabalho nele contido:

Estes cantos (sedimentos) de uma terra
onde se passa em cada dia (em campos)
de erva jacente — secura, os seus jazi-
[gos —, por folhas
de pomares (revi a apicultura), pelas pe-
[dras terciárias (da cidade),
com a visão ao fundo: os montes incluídos
(ou horizonte) no panorama escrito; no-
[mes
(latinos) de aves que emergiram da poa-
[lha das fontes
(cerebrais) onde persistem. Expandem se
[(da sílaba)
os sons com que percute o bico, os hinos,
a ave; a terra é um chão estático
de arvores, em floração. As ruas estão
[silentes
(silhuetas), de cidade: lajes, a fronte.

Várias funções adquirem, portanto, estes parenteses e travessões que se espalham na teia do discurso inicial e o tendem a esclarecer ou clarificar. Desde os comentários que nos revelam a presença da autora no trabalho de produção do texto (*exemplos 2 e 4*), aos que procuram simplesmente esclarecer as alusões do discurso inicial (*exemplo 7*), aos que encerram a origem de citações ou sugestões que de outros textos são recebidas,

(pág. 44) — *o centro é o fogo e o verbo surto [do real: a palavra dita (gali-*
leu); no início a terra, então o [fogo (os fornos crematórios),
os varios acidentes — sonos, [sombras — e a água (a que é
[dos náufragos) decomposta
em todo, depois em transparên-
[cia. (...)

ou,

(pág. 50) — *(...) como se as coisas emitis-*
[sem a sua forma
para a memória (de leonardo);
[ainda que
depois, o passado (secreto) as
[devolvesse (hegel)
aos costumes próprios; o signo,
[a seu tempo; a lu
(pública) extinta aos lagos gé-
[lidos (do (frio)
rossio de setecentos)
(...)

ou ainda, como inicialmente dissemos, aqueles comentários que directamente tendem a destruir ou anular o efeito metafórico que o texto base não pôde deixar de utilizar (*exemplos 1 e 6*). Este último exemplo (*na ardósia viva — a noite —*) é por de mais significativo do processo utilizado.

Tudo se passa como se dois modos da escrita aqui directamente se confrontassem — um procurando revelar o outro, destruí-lo, pô-lo em causa, anulá-lo por um processo reflexivo. Tal processo envolve criticamente o *texto clássico* na medida em que este privilegiava a capacidade metafórica ou alusiva da linguagem que utilizava. Fiama põe em causa essa prática da escrita ao mesmo tempo que a vai utilizando. Para ela, o texto não tem que iludir as suas relações com um universo extralinguístico através de um conjunto de figuras, de formas de retórica, que vão marcando como que uma distância em relação a esse universo, privilegiando ou mitificando a *criação artística*. O que Fiama privilegia é toda uma prática da escrita, um trabalho de elaboração que tende ele próprio a produzir o *sentido* e o *significado* do texto.

. . . .

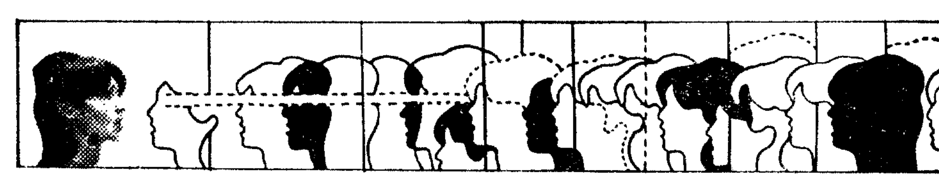
São da memória os sons, o nascimento.
A própria fala cria
o objecto e separa-o
do silêncio.

ou ainda esta estrofe do poema da página 37, igualmente elucidativa do significado da prática escritural que este texto desenvolve e explicita:

. . . .

Pelas paisagens entra-se na fala:
nomeio os pastos térreos
as campas vivas (o cemitério longe
é o real) tonalidades
da tarde os vários bandos
velos de lã (rebanhos
nesses campos são reais).
. . . .

A fala deixou, pois, de ser a representação ou a reprodução inerte de uma realidade



que lhe era anterior. Ela tende apenas, através da sua dinâmica interna, do jogo de símbolos em que se organiza, a fazer falar essa realidade, esse *conteúdo* que lhe preexiste e de certo modo a motiva. A fala (a escrita) — di-lo Fiama — cria o objecto e separa-o do silêncio.

Por um mesmo trabalho, a leitura de um texto tende a arrancá-lo ao silêncio da página onde as letras adormecem, definitivamente encerradas na sua natureza de signos. A leitura tende a fazer *passar* o texto através de uma escrita que sobre ele se exercita e nele encontra as *razões* para esse seu exercitar-se. E se toda a leitura (como todos os textos) tende a acrescentar e a rever todas as leituras que sobre o mesmo texto anteriormente se realizaram, se o próprio texto só *vale* pela multiplicidade de leituras que consente e suporta, convém talvez falar aqui dos artigos que Eduardo Prado Coelho anteriormente publicou neste Suplemento. (21 e 28 de Janeiro de 1971).

Depois de definir, segundo o modelo proposto por Roman Jakobson, as várias funções da linguagem, Eduardo Prado Coelho conclui que o texto de Fiama privilegia acentuadamente a função referencial e a estilística (aparentemente opostas), em confronto com um quase total apagamento das funções expressiva, emotiva ou apelativa. «*Da função referencial, na medida em que, muitas vezes, o discurso é para ser tomado integralmente à letra, exigindo o esforço de uma certa* literalidade *contra o vício simbólico da leitura tradicional. Da função estilística, fácil é de ver, dado o excepcional trabalho sobre o corpo fónico das palavras, ao nível, portanto, do significante (...)*».

Cremos de facto que é o privilégio dado a estas duas funções da linguagem o que mais claramente caracteriza o discurso poético de Fiama Hasse Pais Brandão. Nada neste texto nos convida a uma leitura de carácter simbólico, que tenda a decifrar-lhe o enigma, o *mistério*, na medida em que ele próprio tenta anular e pôr em causa esse processo de escrita. Fá-lo comentando-o na teia da sua própria articulação através dos enunciados contidos em parêntesis e travessões, ou ainda em exercícios de *literalidade* de que este poema poderá ser um claro exemplo:

Já visito os órgãos, as estâncias
onde se vê a obra ao vivo,
o seu reboco, as espátulas, e vibrar oco
das salas.
Visito, atravessando salas e os átrios, esses
[homens
que têm espáduas vivas e actuas,
os ferros que retalham
os seus talhões de obra
Ouvi-os, sob os bandos voadores,
sob as quatro
estações falar de emigração: das casas de-
[voluta
e transferidas;
de feridas e de soros, de serem
vivos,
de seus aforros e as sepulturas
onde por ruas vão, por traves mestras;
tal como a ossatura é viva de uma casa
na vila, tal como visito
as vias
desses homens que emigram.

Por outro lado, fácil é de ver, como diz Eduardo Prado Coelho, o excepcional trabalho que este texto realiza sobre o corpo fónico das palavras, concedendo deste modo uma cuidada atenção à função estilística da linguagem. Examine-se, por exemplo, todo o processo de aliterações e assonâncias que se desenvolve ao longo do poema inscrito na página 49 e de que aqui transcrevemos o início:

Do poente, olmos, atrás alberjado, seus es-
[tigmas (dolorosos),
vagidos esparsos, o paço arruinado, lumiar,
[poços
de águas de março, os destroços, as quintas
[(nobres) secas de oitocentos
o clarão visto que reveste os campos de frac
[do luminoso (tom
de cobre), depois de brumas (esparsas)
[que a todo o tempo emergem
. . . .

Com isto cremos poder encerrar este breve percurso em torno de um texto pleno de labirintos, sinuosidades, de um inexcedível rigor. Uma brecha (esperamos) talvez se tenha aberto no meio da sua aparente inviolabilidade. Cabe ao leitor (se o quiser) percorrer agora esse percurso e acrescentar a estas a sua própria leitura e o seu próprio trabalho. Delas o texto se alimentará — nelas verdadeiramente prosseguirá o processo de produção pela sua escrita iniciado. Só dessa forma a *letra*, inquieta, romperá o silêncio da página onde ficou inerte e se instalará em definitivo no espaço das ideias.

NÍTIDO NULO
novo romance de Vergílio Ferreira
«Nítido Nulo é um livro «utópico» e «irreal» que pela ironia e uma certa «contestação» do próprio género literário em que se inclui, se investe de uma acentuada originalidade, mesmo adentro da restante obra do Autor.»
316 pp.
65$00
PORTUGÁLIA EDITORA LIMITADA

DE D. SEBASTIÃO A GLAUBER ROCHA

Por José Vaz Pereira

O I FESTIVAL DO CINEMA BRASILEIRO resumiu-se a muito fumo e pouco fogo. O programa inicialmente anunciado fez crescer água na boca mas as desilusões chegaram depois. Num certame mastodôntico, á medida que as jornadas se sucediam, dava a impressão de que o talento era racionado. Dum cinema que produz 100 longas-metragens por ano, o Festival parecia teimar e insistir em banalidades insípidas e que não reflectiam de modo algum uma escola, uma personalidade nacional.

Uma política realista

As deficiências desta mostra já foram apresentadas e torna-se ocioso repeti-las: as ausências notórias, a falta de documentação, o disparate cronológico das exibições, o nível escaldante dos preços e a violência do horário foram as mais destacadas.

Mas seria injusto deixar de apontar alguns méritos do Festival ou, pelo menos, provocados por ele: sacudiu a sonolência da «época» cinematográfica, provou que existe um publico interessado e com capacidade de reacção, e deu a entender que há cinema brasileiro, do qual, apesar de tudo, se pode falar com mais à-vontade do que o cinema português. Isto porque um, dois, três, quatro — vá lá — meia duzia de filmes não chegam para demonstrar que, como potência cinematográfica, existimos

Dizíamos que o Festival provou que há um cinema brasileiro. Terá provado, da mesma maneira, que há um cinema novo, um cinema novíssimo? Julgamos que não e — salvo *Macunaíma* — assistiu-se a filmes que conseguem, mesmo quando têm ou pretendem ter carácter experimental, fazer a ilustração laudatória do convencionalismo.

Em 80 por cento dos casos, as obras projectadas pareciam apenas ter uma ambição: o consumo fácil. E não exceptuamos filmes «políticos» como *A Vida Provisória* e *Fome de Amor* em que as boas intenções conseguem belo casamento com o oportunismo.

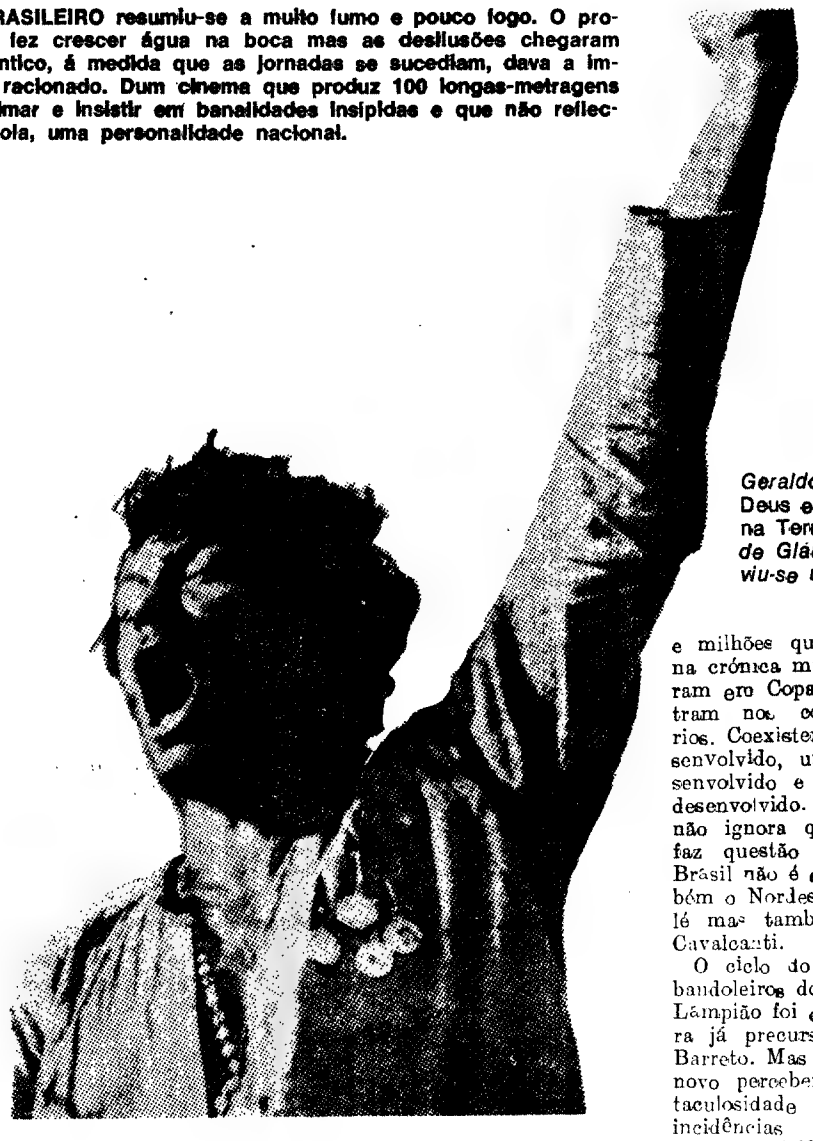
Os brasileiros ganharam 40 prémios em festivais internacionais. É bonito mas também suspeito. Não terão insistido alguns (não é o caso de Glauber Rocha, de Carlos Diegues) para lá da exploração das raízes nacionais da cultura brasileira, no negócio do exotismo-capaz-de-pôr-nas-nuvens-o-crítico-francês? Na musica (Lelouch, cá estamos!), na intensidade do folclore, no sortilégio da própria língua. Os homens e as platelas não gostam necessàriamente do que conhecem. Aplaudem e apaixonam-se com inevitável frequência, por aquilo que desconhecem.

E há que também realçar a política inteligente do INC (Instituto Nacional do Cinema) que apoiou a renovação do cinema brasileiro e que concedeu créditos para projectos que sem esse apoio, ficariam na gaveta. Não se importou de saber quem estava a filmar e o que se estava a filmar — o importante era o sucesso internacional do cinema brasileiro. Esta atitude audaciosa iria dar resultados de que os novos realizadores (que formaram entretanto uma cooperativa de produção e distribuição, chamada Difilm) seriam os principais beneficiados.

Com textos de Frantz Fanon e subsídio do Banco

De qualquer modo, auxílios oficiais, créditos particulares, patrocínio de grandes empresas — era muita gente a mexer na mesma panela. Os realizadores de menor envergadura soçobraram e não puderam ou não souberam fugir ao compromisso. De qualquer modo a situação anteriormente não se pode encarar de uma forma estática. A partir de 1964 conseva-se uma margem de liberdade desde que não se chamem as coisas pelos próprios nomes (em *Vida Provisória*, de Maurício Gomes Leite navegamos num país irreal em que os telefones funcionam para gabinetes-fantasmas, ocupados por homens sem face — logo o filme perde toda a combatividade ao desligar-se de qualquer contacto com o mundo concreto).

Glauber Rocha, em entrevistas concedidas a publicações francesas e norte-americanas, declara nomeadamente que os filmes mais representativos do cinema novo são detestados pela direita e pela esquerda num país em que política e politiquice são privilégios das classes superiores. O cinema novo tenta chamar a atenção para os brasileiros esquecidos — os milhões e milhões que não aparecem na crónica mundana, não torram em Copacabana nem entram nos conluios partidários. Coexistem um Brasil desenvolvido, um Brasil subdesenvolvido e um Brasil não desenvolvido. O cinema novo não ignora qualquer deles e faz questão de provar que Brasil não é só Rio mas também o Nordeste, não é só Pelé mas também o deputado Cavalcanti.



Geraldo del Rey em Deus e o Diabo na Terra do Sol, de Glauber Rocha: viu-se um fragmento

O ciclo do cangaço — os bandoleiros do interior de que Lampião foi expoente — tivera já precursores com Lima Barreto. Mas coube ao cinema novo perceber toda a espectaculosidade visual, todas as incidências contemporâneas, toda a violência dramática, toda a tradição de oralidade do banditismo do sertão. O fragmento de *Deus e o Diabo na Terra do Sol* que o publico teve ocasião de presenciar, integrado numa montagem sobre a história do cinema brasileiro, mostra o ciclo do cangaço ultrapassando a sua própria temática e ganhando uma ressonância universal.

As célebres lutas entre os coronéis e a desagregação do seu feudalismo poderoso e dos seus exércitos de jagunços não foram tão bem servidas. Citem-se os filmes de Ruy Guerra (*Os Deuses e os Mortos*) e de Paulo Thiago (*Os Senhores da Terra*) em que é notório um certo artificialismo barroco no tratamento mitológico do primeiro e um esquematismo primàriamente simbolista no segundo — lembremo-nos dos planos inconcebíveis em que a Polícia, a Tecnocracia e o Latifundio perseguem, a tiro, um jagunço de óculos pretos.

Até porque, a verdade verdadinha, ainda é um bocado difícil de «engolir» um filme com largas citações de Frantz Fanon e subsidiado por Bancos. Carlos Lacerda afirmou um dia, que para fazer cinema moderno não basta «botar um malandro e uma sinhá na mesma cama.» Mas também não se pode substituir o conteudo revolucionário pela citação revolucionária. Alguns destes filmes exibidos «falavam» tanto nos problemas do Terceiro Mundo que acabavam por se esquecer de os mostrar

A Fome na Selva e a Selva nas Cidades

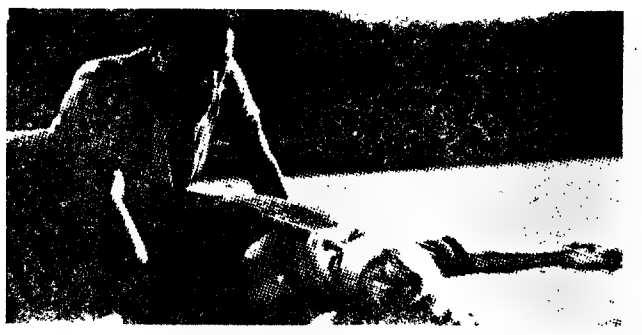
À falta de melhor, os críticos locais entretiveram-se a descobrir influências de Fellini, de Resnais, de Buñuel, de Godard, de Antonioni, de Polanski nas obras de Ruy Guerra, de David Neves, de Carlos Fontoura, de Nelson Pereira dos Santos.

Um filme pareceu, no entanto, não evocar outros nomes nem estar sujeito a modas: *Macunaíma*, de Joaquim Pedro de Andrade. Verdadeira explosão de autenticidade e de sarcasmo cruel, baseado num romance modernista de Mário de Andrade, fazia tábua rasa dos rodriguinhos dos que superabundaram nos outros filmes Numa sociedade que se destina a consumir produtos e a destruir embalagens, resolve-se levar o mito até às ultimas consequências. O resultado é a antropologia, é a autodevoração brasileira. As próprias beldades são mulheres-piranhas. O filme é a fome na selva e a selva nas cidades, difícil de relatar na sua truculência irreverente, simultâneamente cómico, trágico e corrosivo.

Temos que ser menos entusiastas em relação ás outras longas-metragens. *Os Cafagestes* de Ruy Guerra que tanto barulho fez reduz-se a uma crónica da malandragem carioca, influenciada por Fellini, Godard e até Bolognini (o da *Notte Brava*) e fotografado com limpeza. E, evidentemente, ao belo corpo de uma bela mulher: Norma Benguel. Quanto a *Copacabana me engana* de Carlos Fontoura, trata-se de um apontamento sobre uma juventude ociosa e inconsequente, obcecada pelos «drinks», por ter garota (se possível com experiência e casa própria) e carrinho. Filme sobre acéfalos, requeria talvez mais inteligência na «mise-en-scène».

Memoria de Helena, de David Neves rudemente tratado, pareceu-nos uma obra que não entrava no cinema como os rinocerontes entram nos jardins. O que já não é mau. Descrevia, com encanto, a vida de duas adolescentes mineiras Porque era também um filme sobre o assassinato da memória, falou-se e escreveu-se sobre a influência de Alain Resnais.

Antes, o Verão, de Gerson Tavares, era uma banalidade. *As Amorosas* de Walter Khouri («routier» do cinema brasileiro) uma grosseria repelente com preocupações existenciais. Sobre *A Vida Provisória* já afirmámos que se tratava de um filme falhado sobre uma política falhada: a aliança dos gorilas democráticos com intelectuais da esquerda para combater a influência ianque



Os Cafagestes: *Jece Valadão e Norma Benguel*

Resta-nos na contradança que passou a ser, a certa al-

(Cont. na pág. 7)

ÁTICA
EDITORES LIVREIROS
R. Alexandre Herculano, 17-A
LISBOA
Acaba de sair
FOLCLORE
por Pedro Homem de Mello
Como o Povo Português dança e canta
312 páginas: 80$00

Ruy Guerra

DE D. SEBASTIÃO A GLAUBER ROCHA

Por José Vaz Pereira

O I FESTIVAL DO CINEMA BRASILEIRO resumiu-se a muito fumo e pouco fogo. O programa inicialmente anunciado fez crescer água na boca mas as desilusões chegaram depois. Num certame mastodôntico, á medida que as jornadas se sucediam, dava a impressão de que o talento era racionado. Dum cinema que produz 100 longas-metragens por ano, o Festival parecia teimar e insistir em banalidades insípidas e que não reflectiam de modo algum uma escola, uma personalidade nacional.

Uma política realista

As deficiências desta mostra já foram apresentadas e torna-se ocioso repeti-las: as ausências notórias, a falta de documentação, o disparate cronológico das exibições, o nível escaldante dos preços e a violência do horário foram as mais destacadas.

Mas seria injusto deixar de apontar alguns méritos do Festival ou, pelo menos, provocados por ele: sacudiu a sonolência da «época» cinematográfica provou que existe um público interessado e com capacidade de reacção, e deu a entender que há cinema brasileiro, do qual, apesar de tudo, se pode falar com mais à-vontade do que o cinema português. Isto porque um, dois, três, quatro — vá lá — meia duzia de filmes não chegam para demonstrar que, como potência cinematográfica, existimos

Dizíamos que o Festival provou que há um cinema brasileiro. Terá provado, da mesma maneira, que há um cinema novo, um cinema novíssimo? Julgamos que não e — salvo *Macunaíma* — resistiu-se a filmes que conseguem, mesmo quando têm ou pretendem ter carácter experimental, fazer a ilustração laudatória do convencionalismo.

Em 80 por cento dos casos, as obras projectadas pareciam apenas ter uma ambição: o consumo fácil. E não exceptuamos filmes «políticos» como *A Vida Provisória* e *Fome de Amor* em que as boas intenções conseguem baralhar-se com o oportunismo.

Os brasileiros gabaram-se do pódio em festivais internacionais. É bom mas também suspeito. Neste festival sentido alguns (não todos, como de Glauber Rocha, de Carlos Diegues) para lá da exploração das raízes mais mais da cultura brasileira, no sentido do exotismo capaz de [illegible] nos olhos o crítico [illegible]? Na música (Jobim, [illegible]!), a inocuidade do folclore, no sortilégio da própria língua. Os homens e as plateias não gostam necessàriamente do que conhecem. Aplaudem e apaixonam-se com inevitável frequência, por aquilo que desconhecem.

E há que também realçar a política inteligente do INC (Instituto Nacional do Cinema) que apoiou a renovação do cinema brasileiro e que concedeu créditos para projectos que sem esse apoio, ficariam na gaveta. Não se importou de saber quem estava a filmar e o que se estava a filmar — o importante era o sucesso internacional do cinema brasileiro. E [illegible] de que os novos realizadores [illegible] formaram entre [illegible] uma cooperativa de produção e distribuição, chamada DI (Filme) seriam os próximos [illegible].

Com textos de Frantz Fanon e subsídio do Banco

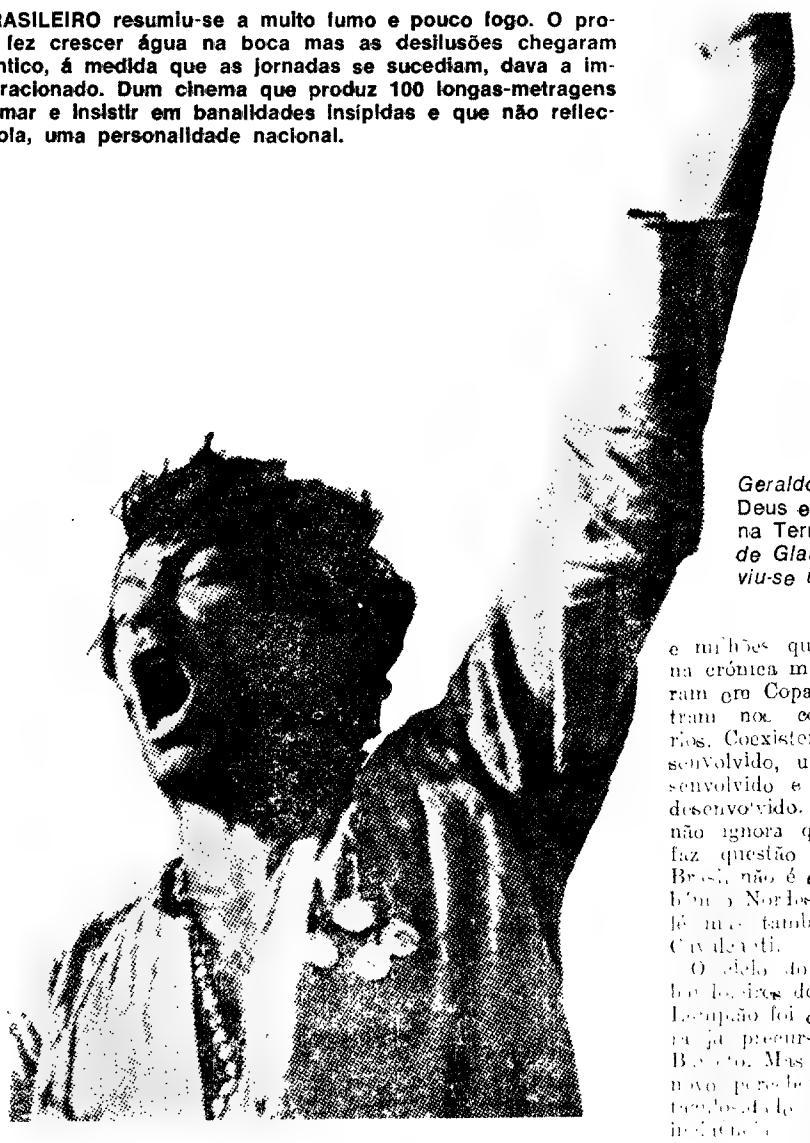
De qualquer modo, auxílios oficiais, créditos particulares, patrocínio de grandes empresas — era muita gente a mexer na mesma panela. Os realizadores de menor envergadura soçobraram e não puderam ou não souberam fugir ao compromisso. De qualquer modo a situação anteriormente não se pode encarar de uma forma estática. A partir de 1964 conseguiu-se uma margem de liberdade desde que não se chamem as coisas pelos próprios nomes (em *Vida Provisória*, de Maurício Gomes Leite navegamos num país [illegible] em que [illegible] para [illegible], ocupados por [illegible] — logo o filme perde toda a combatividade ao desligar-se de qualquer contacto com o mundo concreto).

Glauber Rocha, em entrevistas concedidas a publicações [illegible] e norte-americanas, declara [illegible] que os filmes mais representativos do cinema novo são detestados pela direita e pela esquerda num país em que política e politiqueiros são privilégios das classes superiores. O cinema novo teria chamar a atenção para os brasileiros esquecidos — os milhões e milhões que não aparecem na crónica mundana, não torram em Copacabana nem entram nos conluios partidários. Coexistem um Brasil desenvolvido, um Brasil subdesenvolvido e um Brasil não desenvolvido. O cinema novo não ignora qualquer deles e faz questão de provar que Brasil não é só Rio mas também o Nordeste, não é só Pelé mas também o deprimido Cavalcanti.

O ciclo do cangaço — os bandoleiros do interior de que Lampião foi expoente — tivera já precursores com Lima Barreto. Mas coube ao cinema novo perceber toda a espectacularidade visual, todas as [illegible] contemporâneas, toda a violência dramática, toda a tradição de oralidade do banditismo do sertão. O [illegible] de *Deus e o Diabo na Terra do Sol* que o público teve ocasião de presenciar, [illegible] numa montagem sob a história do cinema brasileiro, mostra o ciclo do cangaço [illegible] a sua própria mística e cunhando uma [illegible] universal.

As célebres lutas entre os [illegible] e a desagregação do sertão italiano poderoso e [illegible] exércitos de jagunços não foram tão bem servidas. Como [illegible] os filmes de Ruy Guerra (*Os Deuses e os Mortos*) e de Paulo Thiago (*Os Senhores da Terra*) em que é [illegible] um certo artificialismo [illegible] no tratamento mitológico do primeiro e um esquematismo primàriamente simbolista no segundo — lembremo-nos dos planos inconcebíveis em que a Polícia, a Tenencia e o Latifundio [illegible] a tiro, um jagunço de óculos pretos.

Até porque, a verdade verdadeira, ainda é um bocado difícil de vergonha um filme com largas citações de Frantz Fanon e subsidiado por Bancos. Carlos Lacerda afirmou um dia, que para fazer cinema moderno não basta «botar um malandro e uma sinhá na mesma cama.» Mas também não se pode substituir o conteúdo revolucionário pela citação revolucionária. Alguns destes filmes exibidos «falavam» tanto nos problemas do Terceiro Mundo que acabavam por se esquecer de os mostrar.



Geraldo del Rey em Deus e o Diabo na Terra do Sol, *de Glauber Rocha: viu-se um fragmento*

A Fome na Selva e a Selva nas Cidades

À falta de melhor, os críticos locais entretiveram-se a descobrir influências de Fellini, de Resnais, de Buñuel, de Godard, de Antonioni, de Polanski nas obras de Ruy Guerra, de Davia Neves, de Carlos Fontoura, de Nelson Pereira dos Santos.

Um filme pareceu, no entanto, não evocar outros nomes nem estar sujeito a modas: *Macunaíma*, de Joaquim Pedro de Andrade, Verdadeira explosão de autenticidade e de sarcasmo cruel, baseado num romance modernista de Mário de Andrade, fazia fábula nas dos rodrigalhos dos que superabundaram nos outros filmes. Numa sociedade que se baseia no consumir produtos e no destruir cadáveres, resolve-se levar o mito [illegible] às últimas consequências. O resultado é a antropofagia, é a autodevoração brasileira. As próprias beldades são mulheres-piranhas. O filme é a fome na selva e a selva nas cidades, difícil de relatar na sua truculência irreverente, simultâneamente cómica, trágica e corrosiva.

Temos que ser menos entusiastas em relação às outras longas-metragens: *Os Cafajestes* de Ruy Guerra que tanto barulho fez reduz-se a uma crónica da malandragem carioca, influenciada por Fellini, Godard e até Bolognini (o da *Notte Brava*) e fotografado com limpeza. E, evidentemente, ao belo corpo de uma bela mulher: Norma Benguel. Quanto a *Copacabana me engana* de Carlos Fontoura, trata-se de um apontamento sobre uma juventude ociosa e inconsequente, obcecada pelos «drinks», por ter garota (se possível com experiência e casa própria) e carrinho. Filme sobre acéfalos, requeria talvez mais inteligência na «mise-en-scène».

Memoria de Helena, de David Neves rudemente tratado, pareceu-nos uma obra que não entrava no cinema como os rinocerontes entram nos jardins. O que já não é mau. Descrevia, com encanto, a vida de dois adolescentes mineiros. Porque era também um filme sobre o assassinato da memória, falou-se e escreveu-se sobre a influência de Alain Resnais.

Antes, o Verão, de Gerson Tavares, era uma banalidade. As *Amorosas* de Walter Khouri («frontier» do cinema brasileiro) uma gosaria repetente com pretensões existenciais. Sobre a *Vida Provisória* já afirmámos que se tratava de um filme falhado sobre uma política falhada: a aliança de gorilas democráticos com intelectuais de esquerda para conhecer a influência [illegible].

Restamos [illegible] que [illegible] a certa al-

(Cont. na pág. 7)

Os Cafagestes: *Jece Valadão e Norma Benguel*

Ruy Guerra

Glauber Rocha

Joaquim Pedro de Andrade

Grande Otelo em Macunaíma

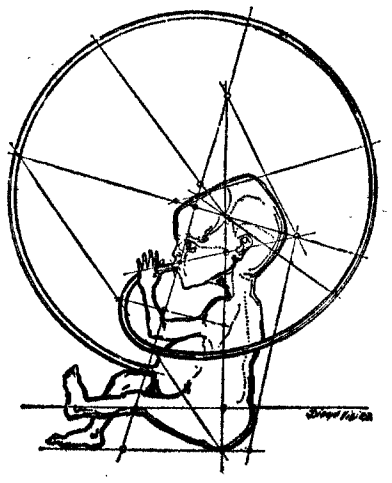
ÁTICA
EDITORES LIVREIROS
R. Alexandre Herculano, 17-A
LISBOA

Acaba de sair

FOLCLORE
por Pedro Homem de Mello
Como o Povo Português dança e canta
312 páginas: 80$00

DISTRIBUIÇÃO EXCLUSIVA:
LIVRARIA BERTRAND
APARTADO 37
AMADORA

DA NOSSA CRÍTICA DE ESPECTÁCULO E DE COM



I — DA NECESSIDADE

Todo o leitor que pegue no [seu] jornal encontra em certos dias, exactamente (e geralmente) depois da estreia, a crítica de teatro, cinema, concertos.

Alguns incluem fotografia ou desenho a ilustrar. O que quer dizer que a máquina do jornal funciona meticulosamente e reputa importante estar a tempo e horas com o [seu] pequeno-almoço ou lanche teatral. E faz bem porque o leitor lê mesmo. Uma reportagem que eu acho que fiz, do Saldanha á Estefania, deu-me o resultado de 100 % dos passantes

[«Ora diga-nos: lê a crítica?»]

serem leitores dos críticos. Seja ou não representativa a amostragem (a malta que aqui funciona é muito *sui generis)* prova mesmo assim que vale a pena pôr todos os portugueses a ler este *Método de Leitura Remansada*, que, como verão, está bastante bem organizadinho, legível, acessível ás mais desvairadas clientelas, além de poder ser posto nas mãos dos vossos filhos, sem perigo de maior. Aqui se verão respostas oportunas e mui sãs leituras.

[Sucede que três artigos versarão, de cada vez, a Religião, a Economia e a Política do Povo Crítico: Não serão, entretanto, diferenciados estes três assuntos. Há-de ver-se como, ao falar-se de religião se porá em questão a política & a economia. E vizo-verso. São tudo coisas inseparáveis aqui tratadas em particular só por razões pedagógicas.]

II — DA AUTORIDADE

A exegese da crítica de espectáculo está por fazer.

Ora sucede que a crítica de espectáculo é a única literatura-sobre-espectáculo que há em Portugal. Mas fazer a exegese da literatura-sobre-espectáculo é indispensável ao espectáculo.

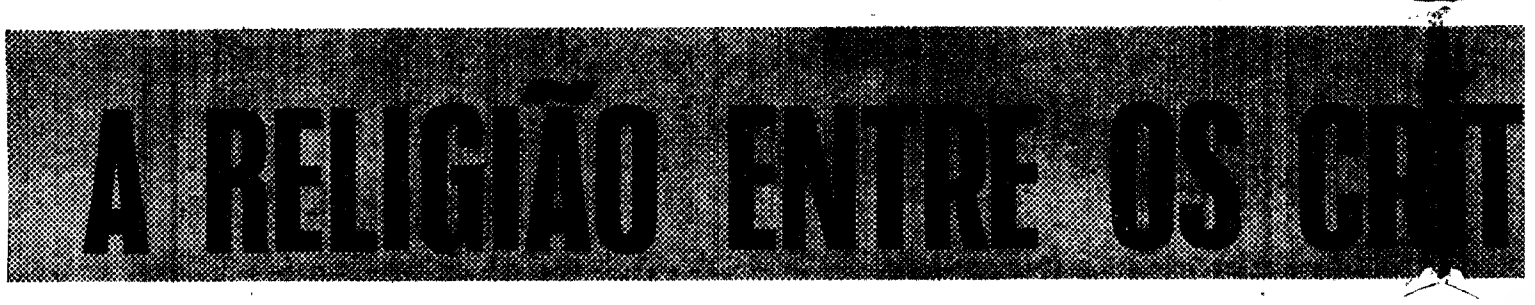
Logo, deve-se, para bem do espectáculo, fazer a exegese da crítica.

Esta (sorites) foi bem tirada, não?

III — DA BELEZA

Críticos de espectáculo são em Portugal bastante mais do que estes que eu vou contar; se conto este conto é porque penso que estes resumem os

outros *primeiro*, estes são os mais lidos *segundo*, os mais fáceis de encontrar *terceiro* e os modelos prototípicos dos outros que há *quatro*.



com licença de vossorias, virá á baila Lauro António, além de outros.

Como terão ocasião de ver, aqui se falará dos críticos desportivos e de eles serem alguns dos melhores críticos de espectáculo que há no mundo. Interessante, não é?

Dos críticos de televisão também se falará, *ma non troppo*.

Ficam, entretanto, para o Gil os críticos de musica, em quem não toco por estar consciente de que menos ainda que o teatro, o espectáculo musical não há-de ir longe. Depois, não frequento. Havendo ainda outra razão: cada um desses espectáculos é precioso de mais e sucede uma ou duas vezes cada exemplar, ao contrário do teatro que está meses inteiros a funcionar. Isto faz com que, sendo para minorias avisadas, não precise sequer de ser criticado, pelo menos como eu pretendo (ou não) que seja criticado o teatro.

Quanto ao espectáculo de futebol, não sejas cretino; cada jogo é visto *numa vez só* por mais gente que a maior parte das peças de teatro.

Acaba aqui a Introdução. Ão.

1.º — De como D. Quixote se meteu nisto

Estávamos nós todos meditabundos, a ver como começar, organizar e dar forma a este trabalho, preocupados sobremaneira com torná-lo legível a todas as 4.as classes e a todos os maus-humores-depois-de-um-dia-de-trabalho quando,

Quando se vê num jornal um crítico, dois críticos, alguns críticos falando de si. Por causa do I. Caeiro

Um deles fez-se notado. classificava a sua actividade, há uns anos a esta parte como uma *aventura* e a si mesmo (mais aos colegas Y e Z) dava o nome de Quixotes. Ora eu sou suficientemente Sancho para aproveitar a deixa; e pronto, aí estamos nós na frente do Engenhoso Fidalgo a servir de parábola-paradigma á actividade dos críticos de espectáculo de aqui.

Pois.

Tinha D. Quixote uma religião quando deixou a Mancha e se pôs a correr mundo. E era ela o culto da Bela Dulcineia, além de Deus e Pátria.

Tinha D. Quixote um certo capital: um elmo, uma lança monumental e um cavalo Rocinante, além de um escudeiro com seu Russo.

E tinha D. Quixote a sua política — destruir todos os gigantes, libertar todos os agravados, obrigar toda a criação ao culto de Sua Dona.

É segundo este paradigma que têm também os críticos seu culto, sua política, sua economia-cabedais.

O reino dos críticos é pois semelhante a uma aventura de cavaleiros de la Mancha, *depois de guardadas as devidas distancias*, como se verá.

2.º — Tinha D. Quixote uma Dulcineia

Posto isto, afundemo-nos no assunto da RELIGIÃO. *RELIGIÃO* tem aqui o seu sentido verdadeiro — etimológico-histórico — o sentido das ligações mais ou menos dangerosas que o crítico tem, em relação a determinados objectos, pessoas, animais, plantas, deuses, imagens, escolas, lições, museus, etc., etc. (RE+LIGARE). Assim, neste campo, como noutros, o meio é suficientemente aldeão-provinciano para sermos todos amigos. Donde que os críticos de espectáculo — teatro v. g. — são todos (até onde eu os conheço) conhecidos, amigos e até parentes de quem faz o teatro que se faz. Sendo assim o teatro uma coutada onde cada um caça o que pode e quer (e ainda fica alguma coisa para os pobres e clandestinos).

Isto, estão a ver que é importante: os críticos, tal qual vocês os vêem nos jornais, revelam-se mui pouco desimpedidos de laços.

[A recente polémica Lauro António-António P. Vasconcelos traz aos olhos do público a revelação de ligações perigosas entre os críticos e os patrões do cinema. Como quem ressuscita cadáveres, o Pedro falava do tempo em que a crítica era pura publicidade comercial e, nessa condição, dizia só que os actores eram os melhores do mundo, que a fotografia era lindíssima, que o filme era emocionante.

Como vão ver, nada disso acabou.]

Ao *marketing* da indústria cinema-teatral estão ligados por toda a espécie de laços, os críticos. PEGANDO CONCRETAMENTE EM COISAS CONCRETAS:

O crítico do «Diário de Notícias» (D. N.) classifica de *teatro de qualidade superior* «DEPOIS DA QUEDA» (no Villaret) e fala da *reacção particularmente ovacionante* do público na estreia.

Os riscos de terminar uma crítica em termos destes são fáceis de ver: tais termos significam o estar do lado de lá e nunca do lado dos que estão para gastar tempo e dinheiro e a quem seria útil explicar as razões de se chamar aquilo teatro *superior* (que não é... é inferiorissimo); como também não faria mal, a público e críticos, o estudo da causa de reacções emocionantes e ovacionantes entre nós.

[Eu digo: a reacção ovacionante do público na estreia do «DEPOIS DA QUEDA» é uma reacção própria do público de estreia, geralmente convidados, claques, gente do meio, amigos e familiares desta coisa toda. As estreias, sabe-o bem o crítico do D. N., são o trampolim para tudo o que há de alienante no teatro de Lisboa: o jogo da estreia aplaudida é bonito mas só convence não digo quem. Não convence mais ninguém.]

Posto isto e deixando para trás este assunto, topem-me só estes versinhos extraídos de outros críticos:

Um espectáculo emocionante.
Só não o sentirá
quem não tiver sangue nas veias.
(A CAPITAL)

Resta-nos augurar, desejando-o vivamente
que o novo espectáculo do Villaret [(...adjectivos)
possa conquistar público para muitos meses.
O facto de fornecer uma explicação (...)
do suicídio de Marylin Monroe
deve excitar imaginação
e é possível que leve ao Villaret
clientelas das mais contrastadas
(O SÉCULO)

Este último senhor professa a religião de quem? Está do lado de quem? Quem tiver olhos para ler que ouça!

BRETON, O POETA DO NASCER DO DIA

Breton, no traço de Pablo Picasso

TUDO o que eu amo é jovem e não saberia envelhecer, escrevia Breton em «Le Maître de l'image», em 1925. Aí celebrava Saint-Pol-Roux. Trinta anos mais tarde, a seus olhos os seus amores continuarão sem uma ruga. Foram publicados recentemente em França dois volumes que iluminam o percurso de Breton. Propõe-nos um deles os seus primeiros textos (de 1913 a 1919), bem como «Le Maître de l'Image», este servindo de prelúdio a uma recolha de estudos sobre o poeta—em que se juntam, nomeadamente, Jean Paulhan, Benjamin Péret e Julien Gracq («André Breton», ensaios e poemas reunidos por Marc Eigeldinger, com quatro retratos; ed. La Baconnière, Neufchâtel, 286 páginas). O outro volume reune os artigos, prefácios e entrevistas de Breton, de 1952 a 1966, ano em que morreu («Perspective cavalière», textos reunidos por Marguerite Bonnet, ed. Gallimard, 244 páginas).

As palavras de Paulhan desenham o rosto inalterado do poeta: Breton é «esta transparência no cruzamento dos clarões negros». Nunca ele se modificou na inquietação, na busca, na vigilância da transparência.

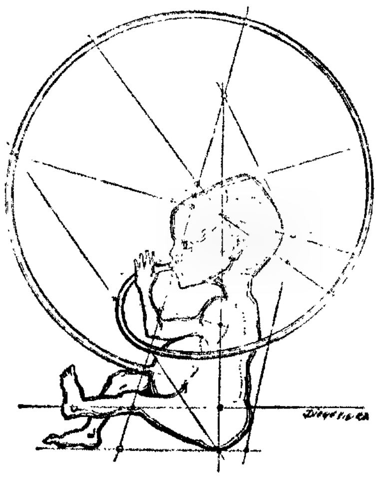
Os homens estão presos, atolados num mundo nocturno em poder de guardas mascarados: o «super-eu», a ideologia dominante. O papel do poeta, [illegible] Breton, consiste em abrir clareiras no inconsciente [illegible] libertar o desejo inscrito nos sonhos. Trata-se de desmantelar... a coligação das forças que velam para que o inconsciente seja incapaz de toda a violenta erupção (in «Position politique du surréalisme»).

O sentido da poesia, segundo Lautréamont, é «a verdade prática». O mesmo é dizer que ela alarga o campo da consciência, o domínio da liberdade. Pode definir-se André Breton como o poeta do nascer do dia. Durante toda a sua vida, nunca deixou de iluminar clareiras na «selva dos sentimentos».

François Bott
(Exclusivo «Le Monde» — «Diário de Lisboa»)

DA NOSSA CRÍTICA DE ESPECTÁCULO E DE COM

A RELIGIÃO ENTRE OS CRÍT



I — DA NECESSIDADE

Todo o leitor que pegue no [seu] jornal encontra em certos dias, exactamente (e geralmente) depois da estreia, a crítica de teatro, cinema, concertos.

Alguns incluem fotografia ou desenho a ilustrar. O que quer dizer que a máquina do jornal funciona meticulosamente e reputa importante estar a tempo e horas com o [seu] pequeno-almoço ou lanche teatral. E faz bem porque o leitor lê mesmo. Uma reportagem que eu acho que fiz, do Saldanha à Estefania, deu-me o resultado de 100 % dos passantes

[«Ora diga-nos: lê a crítica?»]

serem leitores dos críticos. Seja ou não representativa a amostragem (a malta que aqui funciona é muito *sui generis*) prova mesmo assim que vale a pena pôr todos os portugueses a ler este *Método de Leitura Remansada*, que, como verão, está bastante bem organizadinho, legível, acessível às mais desvairadas clientelas, além de poder ser posto nas mãos dos vossos filhos, sem perigo de maior. Aqui se verão respostas oportunas e mui sãs leituras.

[Sucede que três artigos versarão, de cada vez, a Religião, a Economia e a Política do Povo Crítico: Não serão, entretanto, diferenciados estes três assuntos. Há-de ver-se como, ao falar-se de religião se porá em questão a política & a economia. E vice versa. São tudo coisas inseparáveis aqui tratadas em particular só por razões pedagógicas.]

II — DA AUTORIDADE

A exegese da crítica de espectáculo está por fazer.

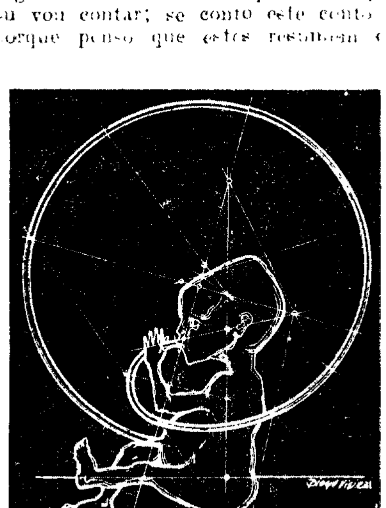
Ora sucede que a crítica de espectáculo é a única literatura-sobre-espectáculo que há em Portugal. Mas fazer a exegese da literatura-sobre-espectáculo é indispensável ao espectáculo.

Logo, deve-se, para bem do espectáculo, fazer a exegese da crítica.

Esta (sorites) foi bem tirada, não?

III — DA BELEZA

Críticos de espectáculo são em Portugal bastante mais do que estes que eu vou contar; se conto este conto é porque penso que estes resumem os



outros *primeiro*, estes são os mais [illegible]dos *segundo*, os mais fáceis de encontrar *terceiro* e os modelos prototípicos dos outros que há *quatro*.

Não se excluirão daqui os críticos de cinema, embora só se citem a talho de foice: como quem os quer pôr à vontade, ao mesmo tempo que lavo as minhas mãos, digo que não pego neles em peso, porque não tenho nada contra alguns deles; são eles que salvam os outros de entrar nesta dança, em que, com licença de vossorias, virá à baila Lauro António, além de outros.

Como terão ocasião de ver, aqui se falará dos críticos desportivos e de eles serem alguns dos melhores críticos de espectáculo que há no mundo. Interessante, não é?

Dos críticos de televisão também se falará, *ma non troppo*.

Ficam, entretanto, para o Gil os críticos de música, em quem não toco por estar consciente de que menos ainda que o teatro, o espectáculo musical não há-de ir longe. Depois, não frequento. Havendo ainda outra razão: cada um desses espectáculos é precioso de mais e sucede uma ou duas vezes cada exemplar, ao contrário do teatro que está meses inteiros a funcionar. Isto faz com que, sendo para minorias avisadas, não precise sequer de ser criticado, pelo menos como eu pretendo (ou não) que seja criticado o teatro.

Quanto ao espectáculo de futebol, não sejas cretino; cada jogo é visto *numa vez só* por mais gente que a maior parte das peças de teatro.

Venha aqui a Introdução, Ão.

1.° — De como D. Quixote se meteu nisto

Estavamos nós todos meditabundos, a ver como começar, organizar e dar forma a este trabalho, preocupados [illegible] torná-lo legível a todas as 4.as classes e a todos os maus-humores depois de um dia de trabalho quando.

Quando se vê num jornal um crítico, dois críticos, alguns críticos falando de si. Por causa do L. Castro

Um deles fez-se notado: classificava a sua actividade, há uns anos a esta parte como uma *aventura* e a si mesmo (mais aos colegas Y e Z) dava o nome de Quixotes. Ora eu sou suficientemente Sancho para aproveitar a deixa; e pronto, aí estamos nós na frente do Engenhoso Fidalgo a servir de parábola paradigma à actividade dos críticos de espectáculo de aqui.

Pois

Tinha D. Quixote uma religião quando deixou a Mancha e se pôs a correr mundo. E era ela o culto da Bela Dulcineia, além de Deus e Pátria.

Tinha D. Quixote um certo capital: um elmo, uma lança monumental e um cavalo Rocinante, além de um escudeiro com seu Ruço.

E tinha D. Quixote a sua política — destruir todos os gigantes, libertar todos os agravados, obrigar toda a criação ao culto de Sua Dona.

E segundo este paradigma que têm também os críticos seu culto, sua política, sua economia cabedais.

O reino dos críticos é pois semelhante a uma aventura de cavaleiros de la Mancha, *depois de guardadas as devidas distancias*, como se verá.

2.° — Tinha D. Quixote uma Dulcineia

Posto isto, atendemo-nos no assunto da RELIGIÃO. *RELIGIÃO* tem aqui o seu sentido verdadeiro — etimológico, histórico — o sentido das ligações mais ou menos dangerosas que o crítico tem, em relação a determinados objectos, pessoas, animais, plantas, deuses, imagens, escolas, igrejas, museus, etc., etc. (RE + LIGARE). Assim, neste campo, como noutros, o meio é suficientemente aldeão provinciano para sermos todos amigos. Donde que os críticos de espectáculo — teatro v. g. — são todos (até onde eu os conheço) conhecidos, amigos e até parentes de quem faz o teatro que se faz. Sendo assim o teatro uma coutada onde cada um caça o que pode e quer (e ainda fica alguma coisa para os pobres clandestinos).

Isto, estão a ver que é importante: os críticos, tal qual vocês os vêem nos jornais, revelam-se mui pouco desimpedidos de laços.

[A recente polémica Lauro António-António F. Vasconcelos traz aos olhos do público a revelação de ligações perigosas entre os críticos e os patrões do cinema. Como quem ressuscita cadáveres, o Pedro falara do tempo em que a crítica era pura publicidade comercial e, nessa condição, dizia só que os actores eram os melhores do mundo, que a fotografia era lindíssima, que o filme era emocionante.

Como vão ver, nada disso acabou.]

Ao *marketing* da indústria cinema-teatral estão ligados por toda a espécie de laços, os críticos, PEGANDO CONCRETAMENTE EM COISAS CONCRETAS.

O crítico do «Diário de Notícias» (D. N.) classifica de *teatro de qualidade superior* «DEPOIS DA QUEDA» (no Villaret) e fala da *reacção particularmente emocionante* do público na estreia.

Os riscos de [illegible] uma crítica em termos destes são fáceis de ver: tais termos significam estar do lado de lá [illegible] que estão para gastar tempo e dinheiro e a quem seria útil expor as razões de se chamar àquilo teatro *superior* (que não é... é inferioríssimo); como também não faria mal, a público e críticos, o estudo da causa de reacções emocionantes e ovacionantes entre nós.

[Eu digo: a reacção ovacionante do público na estreia do «DEPOIS DA QUEDA» é uma reacção própria do público de estreia, geralmente convidados, [illegible], gente do meio, amigos e [illegible] toda. As [illegible] D. N. [illegible]: o jogo da estreia aplaudida [illegible]. Não [illegible].]

[illegible]

[illegible]
Só não [illegible]
quem não [illegible]

(A CAPITAL)

[illegible]
[illegible] do Villaret
[(...) críticos)
[illegible] público [illegible] muitos [meses.
O facto de [illegible] (...)
do suicídio de Marylin Monroe
deve [illegible] imaginação
e é possível que leve ao Villaret
clientelas das mais contrastadas **

(O SÉCULO)

Este último senhor professa a religião de quem? Está do lado de quem? Quem tiver olhos para ver que veja!

BRETON, O POETA DO NASCER DO DIA

TUDO o que eu amo e jovem e não saberia envelhecer, **escrevia Breton em** «Le Maître de l'image», **em 1925. Aí celebrava Saint-Pol-Roux. Trinta anos mais tarde, a seus olhos os seus amores continuarão sem uma ruga. Foram publicados recentemente em França dois volumes que iluminam o percurso de Breton. Propõe-nos um deles os seus primeiros textos (de 1913 a 1919), bem como «Le Maître de l'image», este servindo de prelúdio a uma recolha de estudos sobre o poeta—em que se juntam, nomeadamente, Jean Paulhan, Benjamin Péret e Julien Gracq («André Breton», ensaios e poemas reunidos por Marc Eigeldinger, com quatro retratos; ed. La Baconnière, Neufchâtel, 286 páginas). O outro volume reune os artigos, prefácios e entrevistas de Breton, de 1952 a 1966, ano em que morreu («Perspective cavalière», textos reunidos por Marguerite Bonnet, ed. Gallimard, 244 páginas).**

Breton, no traço de Pablo Picasso

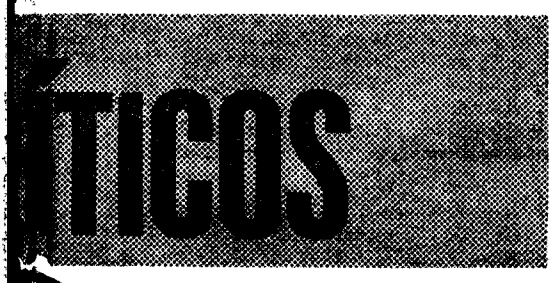
As palavras de Paulhan desenham o rosto inalterado do poeta: Breton é «esta transparência no cruzamento dos clarões negros». Nunca ele se modificou na inquietação, na busca, na vigilância da transparência.

Os homens estão presos, atolados num mundo nocturno em poder de guardas mascarados: o «super-eu», a ideologia dominante. O papel do poeta, segundo Breton, consiste em abrir clareiras, zonas iluminadas no inconsciente social e individual, bem como em libertar o desejo inscrito nos sonhos. Trata-se de desmantelar [illegible] a coligação das forças que velam para que o inconsciente seja incapaz de toda a violenta erupção (in «Position politique du surréalisme»).

O sentido da poesia, segundo Lautréamont, é «a verdade prática». O mesmo é dizer que ela alarga o campo da consciência, o domínio da liberdade. Pode definir-se André Breton como o poeta do nascer do dia. Durante toda a sua vida, nunca deixou de iluminar clareiras na «selva dos sentimentos».

François Bott
(Exclusivo «Le Monde» — «Diário de Lisboa»)

COMO LÊ-LA (1)

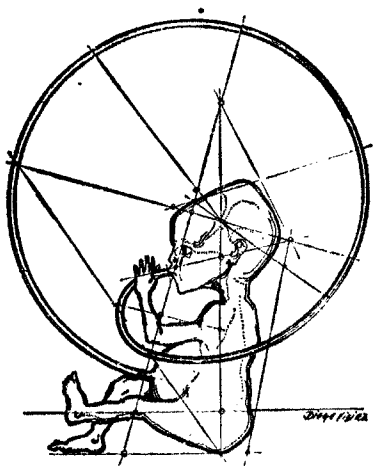


Por Manuel João Gomes

(Ler *O Século* de 25/2/71, sob o título, aliás lindo, de *Teatro bom e para durar*).

3.º — A quanto obrigava o amor de Dulcineia

Uma outra característica da crítica, no que diz respeito à sua religião, é a militância numa ideologia que poderíamos classificar de PAU PARA TODA A COLHER (como nos escutas de B. P.), suficientemente larga-cega para — vamos a um casozinho concreto —



admitir Marguerite Duras, *jovem anarquista*, no molho em que metem Miller, um sentimental(ão) democrata u. s. a.

A *amante inglesa* - Marguerite e o *Quentin*-Miller não são fenómenos diferentes para os críticos. Uma observação atenta mostrará que, mais millério que durásio é o ponto de vista dos críticos: se a alguma ideologia está ligada a dos críticos é à de coisa nenhuma, um sistema requentado à pressão, mas em processo de cozimento há desvairados anos.

[A consistência política a descobrir no espectáculo em crítica deveria consistir — isto a priori — no encontrar do tempo e do espaço que o espectáculo ocupa ou não ocupa. Ou então no verificar do espectáculo como acima deste tempo-espaço. Ou, então, se o espectáculo não tem mesmo nada a ver com o tempo e o espaço.]

Uma leitura atenta de exemplos recentes em crítica (seja *Depois da Queda*) revelará a total falta de uma razão política nas análises feitas. Criticando «DEPOIS DA QUEDA», todos os jornais de 25/2/71 assumiram a política milleriana expressa no texto e assumida pela encenação de Artur Ramos.

A política do possível. O conformismo com a política teatral em vigor. O conformismo da política teatral com as outras. A consistência de «DEPOIS DA QUEDA» — dizem eles — é a que tiver. É a consistência da política do *POSSÍVEL*, palavra que define uma opção de 69 e continua a ser opção em 71:

Que amor?
O amor possível — concluiremos no [final
... ...
Concorrem de modo funcional
para a criação de um clima (...)
e de toda esta miséria extrair
as difíceis pepitas do amor possível.
(O SÉCULO)

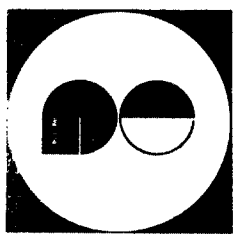
DEPOIS DA QUEDA é uma *longa, admirável, profunda reflexão sobre o viver com os outros* (= política, não?) *sendo-se só e buscando-se companhia.* (IDEM)

O assumir da política (=*viver com os outros*) milleriana é visível. O crítico Urbano Tavares Rodrigues acha *admirável* a *reflexão* milleriana com o carácter político indelével que aí se apresenta. Ligação perigosa a detectar é ainda o gosto ao dedo que o crítico de A CAPITAL faz neste mesmo campo:

> *«Como obra de teatro, não traz nada de novo. Porém, como documento humano é testemunho irrecusável do Caos em que vivemos (...) uma procura da verdade dentro de um determinado contexto social.»*

A fechadíssima recusão de Miller dentro de um sistema que Miller não

(Cont. na pág. 6)



NOVIDADES

PORTUGÁLIA EDITORA

OBRAS DE
JOSÉ GOMES FERREIRA

POESIA — III
(4.ª ed.)
55$00

POESIA — IV
(2.ª ed.)
55$00

PARAPSICOLOGIA
novos aspectos de velhos enigmas
Antologia
Col. Psicologia e Pedagogia, n.º 8 — 50$00

BENILDE OU A VIRGEM-MÃE (2.ª ed.)
José Régio
Obras Completas de José Régio — Teatro — 40$00

MULHERES APAIXONADAS (3.ª ed.)
D. H. Lawrence
Col. Romances Universais, n.º 6 — 75$00

AS SOLTEIRONAS DE CHAPÉU VERDE
Germanine Acremant
Bib. das Raparigas, n.º 41 — 35$00

Prontuário das Letras

«Escrever é lavrar»

Carlos de Oliveira, em 1958, evocando Afonso Duarte: «Escrever é lavrar, penso comigo, olhando esta Ereira onde se fecha hoje o círculo que o seu cantor traçou com a própria vida. E lavrar, numa terra de camponeses e escritores abandonados, quer dizer sacrifício, penitência, alma de ferro. Xistos, areais, cobertos de flores, de frutas, se a chuva deixar, o sol quiser, o tempo não reduzir as sementes e o coração a cinza. Tanta colheita perdida na literatura, e eu que o diga nesta linguagem de vocábulos pesados como enxadas, na voz lenta, difícil, entrecortada de silêncios, que os cavadores e os mendigos me ensinaram, lá para trás, no alvor da infância: um pouco de frio e neblina coalhada, sons ásperos, animais feridos».

Um grande escritor volta ao nosso convívio. Depois de *Micropaisagem*, depois da versão definitiva de *Pequenos burgueses*, aqui temos *O aprendiz de feiticeiro* (Publicações D. Quixote), três dezenas de textos escritos entre 1945 e 1970 que são, não uma ocasional recolha mais ou menos hábil, mas um autêntico *itinerário*, com tudo o que a palavra implica de constância e progressão. Progressão: porque o Carlos de Oliveira de 1970 está no apogeu criador: constância: porque o seu perfil humano é o da inteireza

Curiosamente, uma personagem emerge de muitos destes textos: Gelnaa, a companheira do escritor (anagrama de Ângela). Às vezes simples comentadora sagaz de um facto ou de um gesto. Gelnaa torna-se, em outras páginas, o braço terno, a forma viva da paixão, até que o leitor a sente quase como figura tutelar de uma obra elaborada sempre *contra a solidão*.

O espectro de um «fatum»

Falando há dez anos sobre teatro dizia Urbano Tavares Rodrigues ser necessário reconhecer quanto ele «se desviou da peripécia e da psicologia», embora continue sob «o espectro de um *fatum* que pode chamar-se consoante os casos, divindade ou hereditariedade, injustiça ou *nonsense*, guerra, morte ou vazio» *(Noites de Teatro*, I vol., Edições Ática) Estaria o escritor pensando já na sua futura experiência como dramaturgo? Porque uma das novidades Bertrand da semana é teatro com a assinatura de Urbano Tavares Rodrigues: *As torres milenárias*.

Sete burgueses (dois casais, um deles acompanhado da filha, e ainda um par de irmãos) vivem a desagregação do seu último reduto quando esquadrilhas de UFOS («Unidentified Flying Objects» — leia-se por exemplo «discos voadores») ameaçam destruir-lhes a casa, a cidade, o país, o modo mentiroso e fruste de existir Subitamente descobrem a sua textura: de vidro frágil E o que sobra dessa situação-limite é uma náusea, um vómito um punhado de palavras que só não são ocas porque as enche o pavor da fera acossada; aliás, não raro a esgrima nos lembrou Tennessee Williams ou Albee, senhores de uma certa agressão verbal. Quanto ás qualidades especificamente dramáticas do texto, «les jeux sont faits» e será a crítica, claro, a dizer o que se lhe oferece.

Barbosa na «Época»

Jorge Barbosa foi o tema da página literária da «Época» no passado dia 25 de Março. Sobre o poeta cabo-verdiano, recentemente falecido, escreveram Luís Forjaz Trigueiros, Manuel Gama, Rodrigo Emílio, Dugos Baptista, Nuno de Miranda e Rui Romano, que a nota de abertura classifica como «amigos, estudiosos ou seus continuadores».

Duas transcrições entre várias outras possíveis: «A poesia de Jorge Barbosa pode considerar-se como uma mitologia do longínquo; e nisso o poeta é expressão real e clara do seu povo, gente de emigração, fenómeno este que não se deve sómente á pobreza do solo e cuja justificação sociológica está na ânsia de partir, na sede de brasis, argentinas, américas e guinés. Uma mistura de aventureirismo fatalista, espécie de moléstia ou virtude atávica, de um povo nascido nas naus, será, porventura, a razão mais funda da inquietação geográfica do cabo-verdiano [illegible] sonhar outras terras» (Dugos Baptista); «A [illegible] neo-realista cá da [illegible] aprender com [illegible] a obra de Jorge Barbosa lhes aproveite» (Rodrigo Emílio).

Carlos de Oliveira: «Escrever é lavrar (...) E lavrar quer dizer sacrifício, penitência, alma de ferro»

Ou uma página a guardar, pois, cuidadosamente.

Pronto para ler

NAMORA, Fernando — Duas reedições na Europa-América. *Domingo á tarde* (8.ª edição, totalizando 63 mil exemplares em língua portuguesa) e *Um sino na montanha* (3.ª edição, 11.º milhar) Para Mário Sacramento uma obra dotada da «continuidade e (d)a coerência que caracterizam as superiores criações literárias»

SIMÕES, João Gaspar — Finalmente a reedição de *Vida e obra de Fernando Pessoa — história de uma geração* (Bertrand), de João Gaspar Simões, que aqui anunciámos em tempo. Ao mesmo tempo a Ática lança (e a Bertrand distribui) a 2.ª reedição do I volume de *Orpheu*

MACHEREY, Pierre — Com a chancela da Estampa, e pouco mais de três anos depois da edição original (Maspéro), um livro cuja actualidade será desnecessário sublinhar: *Para uma teoria da produção literária* Macherey: na linha de Gramsci, Lukács, Cornu, Althusser, mas com uma óptica suficientemente singularizada para ter constituído uma *nova* achega a estes problemas.

GAUMENT, Eric — Também em edição da Estampa, *O mito americano* (de lançamento recente em França). Análise impiedosa de um monstro minado nos seus alicerces. O que faz correr a América (para a destruição)?

EXPRESSO — Nome de clube, um clube formado pelas editoriais Prelo, Cor, Presença, Delfos Estampa e Seara Nova.

Livros mais baratos, com ampla escolha. E uma nova iniciativa: o livro do mês, que é *O pensamento de Bertrand Russell*, selecção e introdução de Romeu de Melo, para quem achar [illegible] de 40 por cento sobre o preço de capa. O Expresso [illegible] também o n.º 1 do seu [illegible] onde pode ler-se [illegible] de Castro.

COMO LÊ-LA (1)

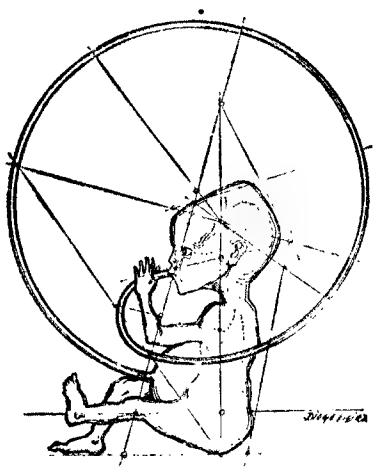
ÍTICOS

Por Manuel João Gomes

(Ler *O Século* de 25/2/71, sob o título, aliás lindo, de *Teatro bom e para durar*).

3.º — A quanto obrigava o amor de Dulcineia

Uma outra característica da crítica, no que diz respeito à sua religião, é a militância numa ideologia que poderíamos classificar de PAU PARA TODA A COLHER (como nos escutas de B. P.), suficientemente larga-cega para — vamos a um casozinho concreto —



substituir Margarette Duras, *jovem anarquista*, no molho em que metem Miller, um sentimental(tão) democrata [illegible].

A *amante inglesa* Margarette e o *Quentin* Miller não são fenómenos diferentes para os críticos. Uma observação atenta mostrará que, mais milléria que duríslo é o ponto de vista dos críticos: se a alguma ideologia está ligada a dos críticos é à de coisa nenhuma, um sistema requentado à pressão, mas em processo de cozimento há desvairados anos.

[A consistência política a descobrir no espectáculo em crítica deveria consistir — isto a prova — no encontrar do tempo e do espaço que o espectáculo ocupa ou não ocupa. Ou então no verificar do espectáculo como acima deste tempo-espaço. Ou, então, se o espectáculo não tem mesmo nada a ver com o tempo e o espaço.]

Uma leitura atenta de exemplos recentes em crítica (seja *Depois da Queda*) revelará a total falta de uma razão política nas análises feitas. Criticando «DEPOIS DA QUEDA», todos os jornais de 25/2/71 assumiram a política milleriana expressa no texto e assumida pela encenação de Artur Ramos.

A política do possível. O conformismo com a política teatral em vigor. O conformismo da política teatral com as outras. A consistência de «DEPOIS DA QUEDA» — dizem eles — é a que tiver. É a consistência da política do *POSSÍVEL*, palavra que define uma opção de 69 e continua a ser opção em 71:

Que amor?
O amor possível — concluiremos no [final
... ...
Concorrem de modo funcional
para a criação de um clima (...)
e de toda esta miséria extrair
as difíceis pepitas do amor possível.
(O SÉCULO)

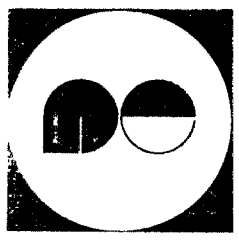
DEPOIS DA QUEDA é uma *longa, admirável, profunda reflexão sobre o viver com os outros* (= política, não?) *sendo-se só e buscando-se companhia.* (IDEM)

O assumir da política (*viver com os outros*) milleriana é visível. O crítico Urbano Tavares Rodrigues acha *admirável* a *reflexão* milleriana com o carácter político indelével que aí se apresenta. Ligação perigosa a detectar é ainda o gosto ao dedo que o crítico de A CAPITAL faz neste mesmo campo:

«Como obra de teatro, não tem nada de novo. Porém, como documento humano é testemunho irrecusável do Caos em que vivemos (...) uma procura da verdade dentro de um determinado contexto social.»

A [illegible] de Miller [illegible] que Miller não

(Cont. na pág. 6)



NOVIDADES

PORTUGÁLIA EDITORA

OBRAS DE
JOSÉ GOMES FERREIRA

POESIA — III
(4.ª ed.)
55$00

POESIA — IV
(2.ª ed.)
55$00

PARAPSICOLOGIA
novos aspectos de velhos enigmas
Antologia
Col. Psicologia e Pedagogia, n.º 8 — 50$00

BENILDE OU A VIRGEM-MÃE (2.ª ed.)
José Régio
Obras Completas de José Régio — Teatro — 40$00

MULHERES APAIXONADAS (3.ª ed.)
D. H. Lawrence
Col. Romances Universais, n.º 6 — 75$00

AS SOLTEIRONAS DE CHAPÉU VERDE
Germanine Acremant
Bib. das Raparigas, n.º 41 — 35$00

Prontuário das Letras

«Escrever é lavrar»

Carlos de Oliveira em 1958, evocando Afonso Duarte: «Escrever é lavrar, penso comigo, olhando esta Ereira onde se fecha hoje o círculo que o seu cantor traçou com a própria vida. E lavrar, numa terra de camponeses e escritores abandonados, quer dizer sacrifício, penitência, alma de ferro. Xistos, areais, cobertos de flores, de frutas, se a chuva deixar, o sol quiser, o tempo não reduzir as sementes e o coração a cinza. Tanta colheita perdida na literatura, e eu que o diga nesta linguagem de vocábulos pesados como enxadas, na voz lenta, difícil, entrecortada de silêncios que os cavadores e os mendigos me ensinaram, lá para trás, no alvor da infância, um pouco de frio e neblina coalhada, sons ásperos, animais feridos».

Um grande escritor volta ao nosso convívio. Depois de *Micropaisagem*, depois da versão definitiva de *Pequenos burgueses*, aqui temos *O aprendiz de terceiro* (Publicações D. Quixote) três dezenas de textos escritos entre 1945 e 1970 que são, não uma ocasional recolha mais ou menos hábil, mas um autêntico *itinerário*, com tudo o que a palavra implica de constância e progressão. Progressão: porque o Carlos de Oliveira de 1970 está no apogeu criador; constância: porque o seu perfil humano é o da inteireza.

Curiosamente, uma personagem emerge de muitos destes textos: Gelnaa, a companheira do escritor (anagrama de Ângela). Às vezes simples comentadora sagaz de um facto ou de um gesto. Gelnaa torna-se, em outras páginas, o braço terno, a forma viva da paixão, até que o leitor a sente quase como figura tutelar de uma obra elaborada sempre *contra a solidão*.

O espectro de um «fatum»

Falando há dez anos sobre teatro dizia Urbano Tavares Rodrigues ser necessário reconhecer quanto ele «se desviou da peripécia e da psicologia», embora continue sob «o espectro de um *fatum* que pode chamar-se consoante os casos, divindade ou hereditariedade, injustiça ou *nonsense*, guerra, morte ou vazio» (*Noites de Teatro*, I vol., Edições Ática). Estaria o escritor pensando já na sua futura experiência como dramaturgo? Porque uma das novidades Bertrand da semana e teatro com a assinatura de Urbano Tavares Rodrigues: *As torres milenárias*.

Sete burgueses (dois casais, um deles acompanhado da filha, e ainda um par de irmãos) vivem a desagregação do seu último reduto quando esquadrilhas de UFOS («Unidentified Flying Objects» — leia-se por exemplo «discos voadores») ameaçam destruir-lhes a casa, a cidade o país o modo mentiroso e fruste de existir. Subitamente descobrem a sua textura de vidro frágil. E o que sobra dessa situação-limite é uma náusea, um vómito, um punhado de palavras que só não são ocas porque as enche o pavor da fera acossada; aliás, não raro a esgrima nos lembrou Tennessee Williams ou Albee, senhores de uma certa agressão verbal. Quanto às qualidades especificamente dramáticas do texto, «les jeux sont faits» e será a crítica claro a dizer o que se lhe oferece.

Barbosa na «Época»

Jorge Barbosa foi o tema da página literária da «Época» no passado dia 25 de Março. Sobre o poeta cabo-verdiano, recentemente falecido, escreveram Luís Forjaz Trigueiros, Manuel Gama, Rodrigo Emílio, Dugos Baptista, Nuno de Miranda e Rui Romano, que a nota de abertura classifica como «amigos, estudiosos ou seus continuadores».

Duas transcrições entre várias outras possíveis: «A poesia de Jorge Barbosa pode considerar-se como uma antologia do longínquo e nosso o poeta é expressão real e clara do seu povo, gente de emigração, fenómeno este que não se deve sómente à pobreza do solo e cuja justificação sociológica está na ânsia de partir, na sede de brasis, argentinas, américas e guinés. Uma mistura de aventureirismo fatalista, espécie de moléstia ou virtude atávica, de um povo nascido nas naus, será porventura, a razão mais funda da inquietação geográfica do cabo-verdiano, sempre a sonhar outras terras» (Dugos Baptista); «A prata neo-realista cá da casa tem muito que aprender com ele. Que

Carlos de Oliveira: «Escrever é lavrar (...) E lavrar quer dizer sacrifício, penitência alma de ferro»

a obra de Jorge Barbosa lhes aproveite» (Rodrigo Emílio).

Ou uma página a guardar pois cuidadosamente.

Pronto para ler

NAMORA, Fernando — Duas reedições na Europa-América. *Domingo à tarde* (8.ª edição totalizando 63 mil exemplares em língua portuguesa) e *Um sino na montanha* (3.ª edição 11.º milhar). Para Mário Sacramento uma obra dotada da «continuidade e (d)a coerência que caracterizam as superiores criações literárias».

SIMÕES, João Gaspar — Finalmente a reedição de *Vida e obra de Fernando Pessoa — história de uma geração* (Bertrand), de João Gaspar Simões, que aqui anunciámos em tempo. Ao mesmo tempo a Ática lança (e a Bertrand distribui) a 2.ª reedição do I volume de *Orpheu*.

MACHEREY, Pierre — Com a chancela da Estampa e pouco mais de três anos depois da edição original (Maspéro), um livro cuja actualidade será desnecessário sublinhar: *Para uma teoria da produção literária*. Macherey: na linha de Goldmann, Lukács, Cornu, Althusser, mas com uma óptica suficientemente singularizada para ter constituído uma nova abordagem a estes problemas.

GAUMENT, Eric — Também em edição da Estampa: *O mito americano* (de lançamento recente em França). Análise impiedosa de um monstro mimado nos seus alcances. O que faz correr a América (para a destruição)?

EXPRESSO — Nome de clube, um clube formado pelas editoras Prog. Cor, Presença, Delfos, Estampa e Seara Nova.

Livros mais baratos, com ampla escolha. E uma nova iniciativa o livro do mês, que é *O pensamento de Bertrand Russell*, selecção e introdução de Romeu de Melo, para quem achar eloquente um desconto de 40 por cento sobre o preço de capa. O Expresso distribuiu também o n.º 1 do seu boletim, onde pode ler-se uma entrevista de Josué de Castro.

A RELIGIÃO ENTRE OS CRÍTICOS

(Cont. da pág. 5)

quebra — tudo isso é uma positiva *busca de verdade* para este crítico não menos que para o do D. N.:

O espectáculo bem pode chamar [multidões
pois para elas foi escrita esta his- [tória dramática
de tanta M. Monroe americana

(Claro, claro. Onde houver vedeta aí tereis espectador — essa verdade todos nós a sabemos.)

★

[PARÊNTESIS]

Um assunto muito importante. Como quem põe os tremas nos UU: sendo a política da crítica uma Política-Pau-Para-toda-a-Colher, necessàriamente há-de estar ao lado de um teatro que pollticamente seja P. P. T. A. C., no caso de, entre nós, o haver.

Há, sem dúvida. Não sofre confusão com o teatro de *Revista* (credo!), mas está *em revisão*... É para esse teatro que vão as setas do Cupido teatral, donde não ser difícil ver — por exemplo — as razões da atribuição dos Prémios da Imprensa em 1970 — assunto que não ficará sem ser aflorado no texto sobre POLÍTICA).

Os nossos críticos têm uma política: a cocktailigera política P. P. T. A. C.

A isto chama o crítico do REPÚBLICA o descompromisso. A estes críticos chama Orlando Neves os *quixotes*.

E não está mal. Cada quixote tem o(a) pança que merece.

★

Aí está, pois, como se encontra consistência política num texto que não tem tal coisa: isso é uma das características desta crítica.

Eis como não se faz notar a consistência política de um texto como o de Marguerite Duras (L'AMANTE ANGLAISE) um dos mais políticos de todos os textos dos últimos anos. Qual dos críticos viu neste texto a tragédia do Homem Unidimensional?

Será apenas que «*estamos diante de tentativas frustes de aproximação desse mundo larvar, subterrâneo, obscuro*» do «*pesadelo, do crime, do ódio*»? (SEARA NOVA — n.º 1499. Pg. 305) Então é a mesma coisa que em Miller: «*Rogério Paulo leva-nos á intimidade do ser, reconduz-nos a nós*»?

★

Não se aflijam. Mais dia menos dia aparece um filme de Constantino Esteves, que também nos vai levar ao fundo de nós! Para este crítico é tudo dantescamente, abyssalmente profundo. De tal maneira tudo é profundo e aprofundado que se acha positivo o carácter que «DEPOIS DA QUEDA» tem de ser capaz de chamar *clientelas, muitas e contrastadas*, por mor de ouvir falar de Marylin Monroe.

O comercialismo-via-Vedeta, voilá qui est bon. Assim falava a Mére Ubu Tavares Rodrigues.

3.º — De como Dulcineia não era o que D. Quixote pensava

O assunto versado atrás leva-nos a outro: um dos vícios do espectador português, como do leitor, do comprador e do cidadão *sine additu* é a chamada *vedetice*.

Sinal de uma civilização teísta e comercial, o vedetismo é talvez aqui o sítio em que mais se faz sentir a sua influência, quer na exploração da vedeta, quer na exploração do público.

Entrando de caras no assunto, havia no texto de Miller citado possibilidades de realizar um texto antivedeta depois de uma encenação localizável neste tempo-espaço.

Pois bem: um vício de um texto mistificatário foi aqui assumido por todos e também pela crítica teísta que, se não vive para desmistificar estas coisas, não sei bem para que será.

Além de excertos já citados, é ver mais; por exemplo, a acentuação que se dá ao problema quando a vedeta da peça (cedida pelo teatro Nacional) Rogério Paulo, é por todos os críticos tratada como tal, assim como Lurdes Norberto.

A crítica dos periódicos portugueses educa para o vedetismo o espectador que não tem tanto necessidade de ser educado neste assunto como precisa que lho vão recordando, pois que para essas e outras é que ele está predisposto. De perto:

«*Rogério Paulo até no jogo físico se aproxima de Miller. (...) há que assinalar o trabalho de criação de uma personagem que ora é Cristo (?!) ora fica a face a Judas para o beijo da traição. R. P. sabe como se faz — e fá-lo como sabe, muito bem.* (D. N.).

É uma tara!

Dizer coisas bonitas de Rogério Paulo não custa nem é mal. O dangeroso perigo começa quando não se diz porque é ele *criador, traidor, cristo, sabedor*, e etc.... E também quando não se versa acerca da conveniência de Rogério Paulo ser assim tão parecido fisionòmicamente com o Arturzinho Miller.

Eu sei. É o ver-se teatro com mentalidade de leitordacrónica-funcionáriopúblico.

Sendo o mesmo o comentário a isto:

«*Lurdes Norberto consegue uma prodigiosa (sic) semelhança física com Marylin Monroe*» (CAPITAL)

Quanto à ternura toda máscula deste crítico é ler:

«*Lurdes Norberto é um animalzinho maravilhoso de sensibilidade (...) Lurdes Norberto foi maravilhosamente mulher* (D. N.)

Estamos bem diante de uma crítica de sexo fraco-neutro e de um teatro que não o é menos.

Sobre a mesma L. N. temos ainda que «*tem no papel de Maggie a graça loira e carnosa, a sensibilidade à flor da pele (...) a terrível ansiedade de uma mórbida, irreprimível, vontade de destruição (...) utilizando estèticamente o corpo com segurança perfeita.* (O SÉCULO).

O que será isso de utilizar estèticamente o corpo com segurança perfeita? A crítica seria dizer isso. Dizer isto não é crítica: é o que eu tenho estado a dizer.

XVI RALLYE DAS CAMÉLIAS

TRIUNFO ABSOLUTO DOS PRODUTOS SACOR

CLASSIFICAÇÕES

	GERAL		GRUPOS	
1.º	Américo Nunes	Porsche	Grande Turismo	1.º
2.º	Ernesto Neves	NSU	Turismo de Série	1.º
3.º	Francisco Santos	Escort	Turismo Especial	1.º
4.º	Fernando Baptista	Austin Cooper S	Turismo Especial	2.º

ESTES CONCORRENTES USARAM EXCLUSIVAMENTE PRODUTOS DESTA MARCA

CIDLA / Distribuidores Exclusivos dos Lubrificantes SACOR

O que é isso de *«um primor de talento e de trabalho, essa figura sinuosa de artista desencantado?* (A CAPITAL).

E a história das semelhanças físicas? Onde está a vantagem? Está na doença destes espectadores-críticos, o vício de que temos estado a falar e a que muitos anos de uma cultura mitológica nos habituaram.

Que os deuses tenham piedade de nós.

Nota curiosa: As diferenças entre os termos desta crítica e o vocabulário posto em prática pelas publicidades
(a querida artista Milu — a atracção Aida Baptista — o gozadíssimo Solnado — a pimentosa Florbela — a admirável Laura Alves — um grande elenco com Simone e Tony de Matos — a corajosa peça de Aquilino Ribeiro — a linda musica de R. Bracinha)
talvez não sejam mera coincidência. Não é, que vos-i-o digo eu. E voltaremos ao assumpto, quando falarmos da economia.

4.º — Mas de como D. Quixote não via que Dulcineia era feia

Por todas estas razões e mais uma esta crítica está relativamente na ordem do dia. Nunca será senão crítica construtiva mesmo no momento em que precisaria de ser desconstrutiva. Está bem.

Este 4.º ponto leva-nos forçosamente ao primeiro. Da poderosa máquina de marketing ao serviço do teatrismo, os críticos são a roda mais importante na engrenagem e a eles devemos o estado de coisas actual, em primeiro lugar.

Por muito do que já se disse temos os ricos actores que temos, sem preparação nenhuma, mas que nos *«levam á intimidade do ser»* e nos reconduz a nós.

Temos Lurdes Norberto *comunicativa, convincente* — embora a arte do actor talvez não seja isso.

Temos Eduarda Pimenta *(que não tem nada de actriz* — MJG) mas que tem uma voz *quente* e *exercitada* (Século). E uma tal Libania Feiteira também a temos — *«digna de reparo pela certeza da articulação* (sic) *e do gesto»* (sic) — tão certinha que apetece perguntar: o que é que lhe faltará para ser uma actriz perfeita?

Crítica tão antidescoustrutiva que não é capaz de deitar abaixo um des. cenário de Abel Manta a servir uma encenação totalmente errada de Artur Ramos.

(«A cenografia, a direcção plástica enquadram perfeitamente a acção.» A Capital).

É preciso lata para falar em tais termos de uma cenografia mais que errada dentro de um texto que se quer naturalista, estilìsticamente prosaico, numa representação que de algum naturalismo se não afasta, numa opção por marcações stanislawskianas e evidentes.

Mas ninguém diz que não serve. Serve bem. Aqui entra em cena Carlos Porto, por sinal o unico que refere pològicamente o espectáculo: para ele será assim tão fácil aderir á encenação de Artur Ramos?

O texto de Miller é o começo do desconchavo quando usa técnicas de carpintaria teatral não naturalistas para arquitectar uma prosa realistigena que o é e o torna a ser, com um raio que a parta.

Artur Ramos ou assumia a falsidade do texto naturalistamente prosaico com o que isso representa de mau (e não é pouco). Ou então contestaria o texto por encenação verdadeiramente antinaturalista.

Sucede que pegou numa estética directàmente brechtiana, sem destruir um texto escrito com mente numa estética contraditória daquela. Ora não me linchem: uma encenação destas é um aborto á nascença, explosão cadaverosa e desconjuntada.

A questão do auditor imaginário não é tão fácil como parece: a servir-se de uma estética não naturalista, a entrar numa profissão de fé no distanciamento das personagens, o auditor deveria ser usado como veiculo de teatro narrativo, que pode ser. E isso exige uma contestação total do texto; a ser retirado o auditor, a encenação teria que renunciar a todo o antinaturalismo em que se constrói *alguma* encenação.

[Uma concepção de homem, sabe bem Carlos Porto que está por trás da estética brechtiana. Uma concepção de homem também está por trás da ideologia de Miller: trata-se exactamente de um homem que pensa em termos de mérito (O PREÇO) e de culpa (A QUEDA) um homem de tradição cristã (M) contraposto a um homem ateu e em progresso (B). Aceitar sem cólera a encenação de Artur Ramos. Carlos Porto sabe melhor do que eu que é impossível. Impossível como misturar azeite com água. E contudo aceita-a e justifica-a.]

●

Radicalmente isto quer dizer que «DEPOIS DA QUEDA» é uma masturbação que não tem nada a ver com o teatro senão dentro de um parentesco muito afastado. É teatro irrepresentável, impuro, sujo.

Claro.

E só um corpo de críticos como os do nosso mercado poderia deixá-lo construir impunemente.

5.º — ORAÇÃO FINAL

Aqui acaba o estudo sobre a religião dos críticos, que como se viu, é relativamente pagã e nas aras de muitos deuses faz acções sacrificais. A paternidade — oh! o complexo de Édipo invertido?!! — a fraternidade, a amizade, a cultura, o vedetismo, o bonitinhismo, o reformismo, o ignorantismo, o histerismo colectivo, a publicidade, a literatice, o periodismo, o encimadojoelho, o biscato, o botatadormir, o arturramamismo, etc.

No próximo numero trata-se DA ECONOMIA ENTRE OS CRÍTICOS. Que estes ou outros deuses dêem a todos saude e força e nos livrem da má vontade dos nossos inimigos (ORATIO PRO PAPA).

MANUEL JOÃO GOMES

O REINO CIRCULAR

MÁRIO BRAGA
2.ª EDIÇÃO

Prefácio de
ALBERTO FERREIRA

OBRAS DE MÁRIO BRAGA

A liberdade ou autonomia do autor em frente dos modelos neo-realistas tradicionais permitiu-lhe repescar outras formas de realismo, presentes na história da cultura e pouco ou nada aproveitadas. O realismo simbólico, que tão fortemente vincou a arte iluminista, ressurge na novela de Mário Braga com todo o seu poder virtual de desmistificação.

ALBERTO FERREIRA
(Do prefácio)

Volumes publicados:
HISTÓRIAS DE VILA
O LIVRO DAS SOMBRAS
O REINO CIRCULAR

Próximo volume:
OS OLHOS E AS VOZES
(Inédito)

Edições da

Parceria A. M. Pereira, L.da

LIVREIROS EDITORES
RUA AUGUSTA, 44-54
LISBOA

DALI por DALI

(Cont da pág 1)

o mesmo processo para chegar, por um encadeado da lógica paranóica, á valorização do que ele defende. Dali é pelo masoquismo e contra a actual vaga de erotismo. «O que é permitido não tem interesse». Eis a maneira como Dali vê o erotismo e o longo desvio que toma para o abordar.

— A minha mulher, Gala, encomendou-me um tecto para um castelo que lhe comprei, mesmo ao pé do meu museu. É um castelo gótico, absolutamente sublime. Ao princípio, ela não o queria, porque estava em ruínas. Mas um dia disse-me: «Aceito o teu presente na condição explícita que tu só me venhas visitar com convite escrito». Como eu sou um masoquista de excelente qualidade, tal condição encantou-me. E foi uma das razões pelas quais, logo que me propuseram ilustrar Sacher Masoch, fiquei absolutamente feliz. Porque eu creio que o masoquismo, embora fora de moda, é o mais actual dos refinamentos eróticos. Após este período horrível de promiscuidade em que vivemos, conheceremos uma era do masoquismo que está contido expressamente naquilo a que se chama o amor cortês, em que o amante tem a grande honra de ter que aguardar os favores da dama a que faz a corte.

— Você é contra o erotismo de hoje?

— É o pior. É por isso que se vêem todas essas revistas suecas... É verdadeiramente o fim. Os jovens não têm qualquer interesse pelo amor porque este é demasiado fácil.

Os costumes da nossa época são antieróticos. Porque mostram o corpo. Seria necessário o contrário. Os fatos devem servir para vestir o corpo e para criar *falsas hipóteses*. Voltaremos aos trajes que não deixarão revelar a menor ideia da anatomia que escondem. Como na época de Velasquez.

Paradoxalmente, descobre-se o erotismo no momento em que está condenado a desaparecer totalmente.

A era de Luís XIV e toda a Idade Média foram épocas eróticas. Nos nossos dias, nada.

Na Grécia antiga, que se cobria mal, é duvidoso que o erotismo tenha tido grande significado, pois que os gregos não conheciam o remorso da consciência nem a culpabilidade.

Num dia quente de Verão, um gelado faz-nos suspirar: «que pena que não seja um pecado!...» O que quer dizer que a ideia do pecado desempenha um papel enorme na sublimação de tipo puramente sensual.

De repente, Dali corta a conversa:

— Pronto, já aí tem com que ganhar dinheiro.

É meio-dia. Dentro de momentos, uma mulher loura, frágil e transparente, chegará, pontual, ao encontro marcado: o pintor e o seu modelo.

Ninguém saberá dizer se quando Dali fala de tudo pensa Dali em alguma coisa...

●

JACQUES MICHEL

De D. Sebastião a Glauber Rocha

(Cont. da pág. 3)

tura, o Festival com substituições, alterações, enfim, o fado de uma política curiosa: *As Proezas de Satanás na Vila de Leva e Traz.* Partindo de várias ideias originais que culminavam com a candidatura de Satanás á Presidência da Republica «com progresso para todos os brasileiros», o filme embora não atingisse os seus objectivos, combatia uma obsessão «desenvolvimentista» que não tinha em conta as necessidades reais da população e que fazia apenas o jogo de especuladores de alto coturno. Era a primeira realização de Paulo Gil Soares de que teremos provàvelmente a esperar mais surpresas. O filme fazia ainda alusão a característica psicológica comum aos povos de língua portuguesa: o «estar à espera de», o «deve vir qualquer coisa», o «é preciso ter paciência, há-de chegar» personificado num louco que clamava a próxima vinda,

com um novo reino, de D. Sebastião.

E já agor[illegible] também [illegible] nova festi[illegible] vez com toda [illegible] desconche[illegible]

Novos autores

(Cont. da pág. 8)

objectos artesanalmente apurados, nos quais a representação de formas de raiz geométrica também oscila entre a aparência da pintura no plano e a sua formulção em volume. Utilizando materiais aparentemente requintados, trabalhados segundo um luxuoso e [illegible] Raposo [illegible] o produto [illegible] reconhecível [illegible] parece conter um papel decorativo e um aproveitamento lúdico ligado aos jogos de infância. Uma deliberada gratuidade de tais objectos empresta-lhes, ao fim e ao cabo, a dimensão irónica que os faz funcionar no plano estético, franqueando-lhes uma leitura mais rica do que à primeira vista se pode inferir da sua simplicidade e do seu [illegible] acabamento [illegible]

ROCHA [illegible]

TAP

TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES

PRETENDE:

Preparadores

Que reunam os seguintes requisitos:

- **Curso industrial completo ou 2.º ciclo liceal ou Instrução primária e formação profissional especializada adquirida em organizações oficiais ou privadas de reconhecida idoneidade.**
- **Nacionalidade portuguesa**
- **Serviço militar cumprido ou dele isento**
- **Menos de 36 anos**

OFERECE:

- **Vencimento inicial compatível com as condições exigidas**
- **Benefícios sociais**
- **Salários diferidos**

Só serão consideradas as candidaturas que respondam às exigências postas

Inscrições no Serviço do Pessoal
Rua do Conde de Redondo, 79-1.º

LAMPADAS FLUORESCENTES [illegible]
[illegible] LISBOA

O que é isso de *«um primor de talento e de trabalho, essa figura sinuosa de artista desencantado?* (A CAPITAL).

E a história das semelhanças físicas? Onde está a vantagem? Está na doença destes espectadores-críticos, o vício de que temos estado a falar e a que muitos anos de uma cultura mitológica nos habituaram.

Que os deuses tenham piedade de nós.

Nota curiosa: As diferenças entre os termos desta crítica e o vocabulário posto em prática pelas publicidades
(a querida artista Milu — a atracção Aida Baptista — o gozadíssimo Solnado — a pimentosa Florbela — a admirável Laura Alves — um grande elenco com Simone e Tony de Matos — a corajosa peça de Aquilino Ribeiro — a linda musica de R. Bracinha)
talvez não sejam mera coincidência. Não é, que vos-i-o digo eu. E voltaremos ao assumpto, quando falarmos da economia.

4.º — Mas de como D. Quixote não via que Dulcineio era feio

Por todas estas razões e mais uma esta crítica está relativamente na ordem do dia. Nunca será senão crítica construtiva mesmo no momento em que precisaria de ser desconstrutiva. Está bem.

Este 4.º ponto leva-nos forçosamente ao primeiro. Da poderosa máquina de marketing ao serviço do teatrismo, os críticos são a roda mais importante na engrenagem e a eles devemos o estado de coisas actual, em primeiro lugar.

Por muito do que já se disse temos os ricos actores que temos, sem preparação nenhuma, mas que nos *«levam à intimidade do ser»* e nos reconduz a nós.

Temos Lurdes Norberto *comunicativa, convincente* — embora a arte do actor talvez não seja isso.

Temos Eduarda Pimenta *(que não tem nada de actriz* — MJG) mas que tem uma voz *quente* e *exercitada* (Século). E uma tal Libania Feiteira também a temos — *«digna de reparo pela certeza da articulação* (sic) *e do gesto»* (sic) — tão certinha que apetece perguntar: o que é que lhe faltará para ser uma actriz perfeita?

Crítica tão antidesconstrutiva que não é capaz de deitar abaixo um desconário de Abel Manta a servir uma encenação totalmente errada de Artur Ramos.

(*«A cenografia, a direcção plástica enquadram perfeitamente a acção.»* A Capital).

É preciso lata para falar em tais termos de uma cenografia mais que errada dentro de um texto que se quer naturalista, estilisticamente prosaico, numa representação que de algum naturalismo se não afasta, numa opção por marcações stanislawskianas e evidentes.

Mas ninguém diz que não serve. Serve bem. Aqui entra em cena Carlos Porto, por sinal o unico que refere politicamente o espectáculo: para ele será assim tão fácil aderir á encenação de Artur Ramos?

O texto de Miller é o começo do desconchavo quando usa técnicas de carpintaria teatral não naturalistas para arquitectar uma prosa realistígena que o é e o torna a ser, com um raio que a parta.

Artur Ramos ou assumia a fasidade do texto naturalistamente prosaico com o que isso representa de mau (e não é pouco). Ou então contestaria o texto por encenação verdadeiramente antinaturalista.

Sucede que pegou numa estética directamente brechtiana, sem destruir um texto escrito com mente numa estética contraditória daquela. Ora não me linchem: uma encenação destas é um aborto á nascença, explosão cadaverosa e desconjuntada.

A questão do auditor imaginário não é tão fácil como parece: a servir-se de uma estética não naturalista, a entrar numa profissão de fé no distanciamento das personagens, o auditor deveria ser usado como veículo de teatro narrativo, que pode ser. E isso exige uma contestação total do texto; a ser retirado o auditor, a encenação teria que renunciar a todo o antinaturalismo em que se constrói *alguma* encenação.

[Uma concepção de homem, sabe bem Carlos Porto que está por trás da estética brechtiana. Uma concepção de homem também está por trás da ideologia de Miller: trata-se exactamente de um homem que pensa em termos de mérito (O PREÇO) e de culpa (A QUEDA) um homem de tradição cristã (M) contraposto a um homem ateu e em progresso (B). Aceitar sem cólera a encenação de Artur Ramos. Carlos Porto sabe melhor do que eu que é impossivel. Impossivel como misturar azeite com água. E contudo aceita-a e justifica-a.]

●

Radicalmente isto quer dizer que «DEPOIS DA QUEDA» é uma masturbação que não tem nada a ver com o teatro senão dentro de um parentesco muito afastado. É teatro irrepresentável, impuro, sujo.

Claro.

E só um corpo de críticos como os do nosso mercado poderia deixá-lo construir impunemente.

5.º — ORAÇÃO FINAL

Aqui acaba o estudo sobre a religião dos críticos, que como se viu, é relativamente pagã e nas aras de muitos deuses faz acções sacrificais. A paternidade — oh! o complexo de Édipo invertido?!! — a fraternidade, a amizade, a cultura, o vedetismo, o bonitinhismo, o reformismo, o ignorantismo, o histerismo colectivo, a publicidade, a literatice, o periodismo, o encimado joelho, o biscato, o botatadormir, o arterramamismo etc.

No próximo numero trata-se DA ECONOMIA ENTRE OS CRÍTICOS. Que estes ou outros deuses dêem a todos saude e força e nos livrem da má vontade dos nossos inimigos (ORATIO PRO PAPA).

MANUEL JOÃO GOMES

O REINO CIRCULAR

MÁRIO BRAGA
2.ª EDIÇÃO

Prefácio de
ALBERTO FERREIRA

OBRAS DE MÁRIO BRAGA

A liberdade ou autonomia do autor em frente dos modelos neo-realistas tradicionais permitiu-lhe repescar outras formas de realismo, presentes na história da cultura e pouco ou nada aproveitadas. O realismo simbólico, que tão fortemente vincou a arte iluminista, ressurge na novela de Mário Braga com todo o seu poder virtual de desmistificação.

ALBERTO FERREIRA
(Do prefácio)

Volumes publicados:
HISTORIAS DE VILA
O LIVRO DAS SOMBRAS
O REINO CIRCULAR

Próximo volume:
OS OLHOS E AS VOZES
(Inédito)

Edições da

Parceria A. M. Pereira, L.da

LIVREIROS EDITORES
RUA AUGUSTA, 44-54
LISBOA

DALI por DALI

(Cont. da pág. 1)

o mesmo processo para chegar, por um encadeado da lógica paranóica, à valorização do que ele defende. Dali é pelo masoquismo e contra a actual vaga de erotismo. «O que é permitido não tem interesse». Eis a maneira como Dali vê o erotismo e o longo desvio que toma para o abordar.

— A minha mulher, Gala, encomendou-me um tecto para um castelo que lhe comprei, mesmo ao pé do meu museu. É um castelo gótico, absolutamente sublime. Ao princípio, ela não o queria, porque estava em ruínas. Mas um dia disse-me: «Aceito o teu presente na condição explícita que tu só me venhas visitar com convite escrito». Como eu sou um masoquista de excelente qualidade, tal condição encantou-me. E foi uma das razões pelas quais, logo que me propuseram ilustrar Sacher Masoch, fiquei absolutamente feliz. Porque eu creio que o masoquismo, embora fora de moda, é o mais actual dos refinamentos eróticos. Após este período horrível de promiscuidade em que vivemos, conheceremos uma era do masoquismo que está contido expressamente naquilo a que se chama o amor cortês, em que o amante tem a grande honra de ter que aguardar os favores da dama a que faz a corte.

— *Você é contra o erotismo de hoje?*

— É o pior. É por isso que se vêem todas essas revistas suecas... É verdadeiramente o fim. Os jovens não têm qualquer interesse pelo amor porque este é demasiado fácil.

Os costumes da nossa época são antieróticos. Porque mostram o corpo. Seria necessário o contrário. Os fatos devem servir para vestir o corpo e para criar *falsas hipóteses*. Voltaremos aos trajes que não deixarão revelar a menor ideia da anatomia que escondem. Como na época de Velasquez.

Paradoxalmente, descobre-se o erotismo no momento em que está condenado a desaparecer totalmente.

A era de Luís XIV e toda a Idade Média foram épocas eróticas. Nos nossos dias, nada.

Na Grécia antiga, que se cobria mal, é duvidoso que o erotismo tenha tido grande significado, pois que os gregos não conheciam o remorso da consciência nem a culpabilidade.

Num dia quente de Verão, um gelado faz-nos suspirar: «que pena que não seja um pecado!...» O que quer dizer que a ideia do pecado desempenha um papel enorme na sublimação de tipo puramente sensual.

De repente, Dali corta a conversa:

— Pronto, já aí tem com que ganhar dinheiro.

É meio-dia. Dentro de momentos, uma mulher loura, frágil e transparente, chegará, pontual, ao encontro marcado: o pintor e o seu modelo.

Ninguém saberá dizer se quando Dali fala de tudo pensa Dali em alguma coisa...

●

JACQUES MICHEL

TAP
TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES
PRETENDE:

Preparadores

Que reunam os seguintes requisitos:
— Curso industrial completo ou 2.º ciclo liceal ou Instrução primária e formação profissional especializada adquirida em organizações oficiais ou privadas de reconhecida idoneidade.
— Nacionalidade portuguesa
— Serviço militar cumprido ou dele isento
— Menos de 36 anos

OFERECE:
— Vencimento inicial compatível com as condições exigidas
— Benefícios sociais
— Salários diferidos

Só serão consideradas as candidaturas que respondam às exigências postas
Inscrições no Serviço do Pessoal
Rua do Conde de Redondo, 79-1.º

De D. Sebastião a Glauber Rocha

(Cont. da pág. 3)

tura, o Festival com substituições, alterações, enfim, o fado de uma política curiosa: *As Proezas de Satanás na Vila de Leva e Traz*. Partindo de várias ideias originais que culminavam com a candidatura de Satanás á Presidência da Republica «com progresso para todos os brasileiros», o filme embora não atingisse os seus objectivos, combatia uma obsessão «desenvolvimentista» que não tinha em conta as necessidades reais da população e que fazia apenas o jogo de especuladores de alto coturno. Era a primeira realização de Paulo Gil Soares de que teremos provàvelmente a esperar mais surpresas. O filme fazia ainda alusão a característica psicológica comum aos povos de língua portuguesa: o «estar à espera de», o «deve vir qualquer coisa», o «é preciso ter paciência, há-de chegar» personificado num louco que clamava a próxima vinda,

com um novo reino, de D. Sebastião.

E já agora ficamos também á espera de um novo festival. Mas desta vez com toda a gente. Os ilustres desconhecidos escusam de se incomodar

JOSÉ VAZ PEREIRA

Novos autores

(Cont. da pág. 8)

objectos artesanalmente apurados, nos quais a representação de formas de raiz geométrica também oscila entre a aparência da pintura no plano e a sua formulção em volume. Utilizando materiais aparentemente requintados, trabalhados segundo um luxuoso e adequado acabamento. Elmano Raposo apela para o produto industrial, aliás sem função prática reconhecível, que parece conter um papel decorativo e um aproveitamento lúdico ligado aos jogos de infância. Uma deliberada gratuidade de tais objectos empresta-lhes, ao fim e ao cabo, a dimensão irónica que os faz funcionar no plano estético, franqueando-lhes uma leitura mais rica do que à primeira vista se pode inferir da sua singeleza e do seu ponderado acabamento.

ROCHA DE SOUSA

LÂMPADAS FLUORESCENTES
E DE INCANDESCÊNCIA
todo Material Eléctrico B. T.
Revendem às lojas aos melhores preços e prazos de pagamento
ELECTROVENDAS
R. Silva Carvalho, 139-B/C — Telef. 65 52 43 — LISBOA

Artes Visuais

NOVOS AUTORES, JOVENS AUTORES E OUTROS

Por Rocha de Sousa

ESCREVENDO no jornal «A Capital», o crítico de arte Rui Mário Gonçalves abordou recentemente, a propósito sobretudo da exposição «Novos Autores» levada a efeito pela Galeria Judite Dacruz, o velho e interessante problema dos jovens artistas. Para ele, e segundo [illegible] dados divulgados há anos pela U. N. E. S. C. O., quarenta anos é o limite de idade para se definir, segundo esse prisma, a juventude de um autor. Para aquele crítico não parece ser muito aliciante o panorama das artes plásticas em Portugal nas vizinhanças de tal idade: «se pensarmos que quase sempre é nesse segundo fôlego que os artistas fazem o seu melhor, teremos uma perspectiva muito pessimista em relação ao meio cultural português». A sua posição quanto aos jovens, com certeza para um menor padrão de idade, também não é das mais sedutoras: «Se o jovem vale alguma coisa, que o seja pelo menos em relação ao nível médio da produção geral do nosso meio, que mesmo assim não é tão alto que mesmo um amador não possa, embora aparente e momentâneamente, atingir». Nestas circunstâncias, Rui Mário Gonçalves põe um problema que nos parece merecedor de destaque: «E fico a pensar se a verdadeira falta de simpatia militante não está a verificar-se em relação aos artistas que estão mais próximos da tal charneira perigosa e difícil para cada um, quando a vida artística já não pode ter para o artista o aspecto de uma lotaria, mas aventura que verdadeiramente compromete toda a sua vida e não mais se poderá cumprir levianamente». Admite-se portanto a ideia de um certo ostracismo a que teriam sido votados ùltimamente os artistas da zona dos quarenta anos de idade e mais. É uma questão pertinente que se põe sobretudo à crítica, visto ter sido ela, nos últimos tempos, um dos principais agentes promotores da vida artística portuguesa, acção, de resto, que pùblicamente reivindica.

Pela nossa parte, pensamos que não é tanto o problema da idade que se tem posto. De facto, a maior parte dos críticos começa justamente a evitar a designação de jovem [illegible] preferindo a de novo autor. Trata-se sobretudo de uma verificação que tem de ser aceite, mesmo històricamente, visto que o maior número de exposições realizadas nas nossas galerias se deve a artistas aparecidos mais ou menos nos últimos cinco anos, quase todos de idade que, em média, ficam muito àquem da charneira teórica apontada. Novos autores, ou autores recentes, independentemente da idade que entretanto se verifica ser baixa, novos autores que praticam uma arte de alto nível para que a crítica se mostre por eles interessada, por vezes até à promoção ostensiva e enfática. Com efeito, à crítica se deve, em grande medida, a importância pública atribuída a autores como António Palolo, Noronha da Costa, Eduardo Nery, Jasmim, Ana Vieira, António Mendes, Manuela Jorge, Fernando Calhau, Joaquim Vieira, Alberto Carneiro, João Machado, Álvaro Lapa, José Rodrigues, Ângelo de Sousa, Criner y Dintel, etc. De uma forma geral, sobre todos estes artistas e ainda sobre muitos outros, a crítica se tem debruçado com reconhecido entusiasmo. Em relação a alguns casos, poderemos mesmo dizer que esse entusiasmo tem sido encarniçado, quase obsessivo, muito mais que militante. Noronha da Costa, por exemplo, apenas com 29 anos, está muito longe de ter sido uma invenção do público e já fez correr mais tinta e prémios do que a maior parte dos nossos autores de quarenta anos. Pôs-se à crítica, nesse e noutros casos, certamente, mais um problema de qualidade do que de idade, e a circunstância de tais autores se entregarem com maior assiduidade a uma afirmação profissional por intermédio de exposições. Os artistas com quarenta anos (ou mais) estão já, em geral, profissionalizados de outra forma, trabalham para empresas, arquitectos ou em determinado tipo de obras públicas. Não se agitam tão à superfície, não são caixa de jornal, e a crítica entre nós, um pouco por necessidade didáctica, um pouco por ter de cuidar da sua própria promoção, tem sido descuidada quanto às exigências da investigação, tem sido desatenta quanto aos autores mais velhos. Em geral, até ignora esses autores, sob o pretexto de que eles estão em declínio ou já não cumprem um programa de modernidade, praticam apenas uma «aventura que verdadeiramente compromete toda a sua vida e não mais se poderá cumprir levianamente». Um grupo que envolve artistas de mais idade, como o da Galeria Interior, mereceu à crítica os maiores ataques dos últimos anos, ou um esquecimento programado, com excepção para o jovem António Sena, estudado e promovido segundo uma nítida «simpatia militante». De facto, os autores com mais de quarenta anos exigem um trabalho de crítica com características diferentes, um aprofundamento histórico, um apelo à memória e à inteligência, uma relação comparativa das tendências, uma análise mais isenta e menos sectàriamente criativa. Exigem verificação, comparação, reconhecimento, disponibilidade crítica. Não são vedetas, são referência indispensável de uma cultura em movimento, quer esta deixe ou não muito a desejar. Cabe à crítica não se alienar em relação ao movimento dessa cultura, mostrando que a sabe ler e situar, evitando o feio pecado de disfarçar as suas insuficiências e compromissos com a afirmação estafada de que não há por onde escolher. Aliás, também não se trata de escolher entre autores jovens e autores velhos: o que é preciso é saber-se reconhecer uma realidade, expondo-a nos seus diversos aspectos e no seu significado. O levantamento global dessa realidade não se faz de um dia para o outro, nem só de uma única maneira. A crítica, por exemplo, pode fazer-se de diferentes formas, segundo diferentes técnicas, e a pluralidade dos seus meios torna-se indispensável à formulação de um verdadeiro conhecimento daquela realidade. Os próprios artistas, nos nossos dias, assumem tal comportamento; e se os críticos desejam afirmar-se verdadeiramente criadores têm de saber assumir e reconhecer a diversificação dos seus próprios meios, da sua própria técnica. Saber ver implica um sem número de operações complexas, uma vivência rica, por vezes semelhante à do artista, uma mobilidade aberta e um profundo sentido de respeito pelos objectos da experiência alheia.

ELMANO RAPOSO, MÁRIO VARELA e PIRES VIEIRA

Galeria de Arte Moderna

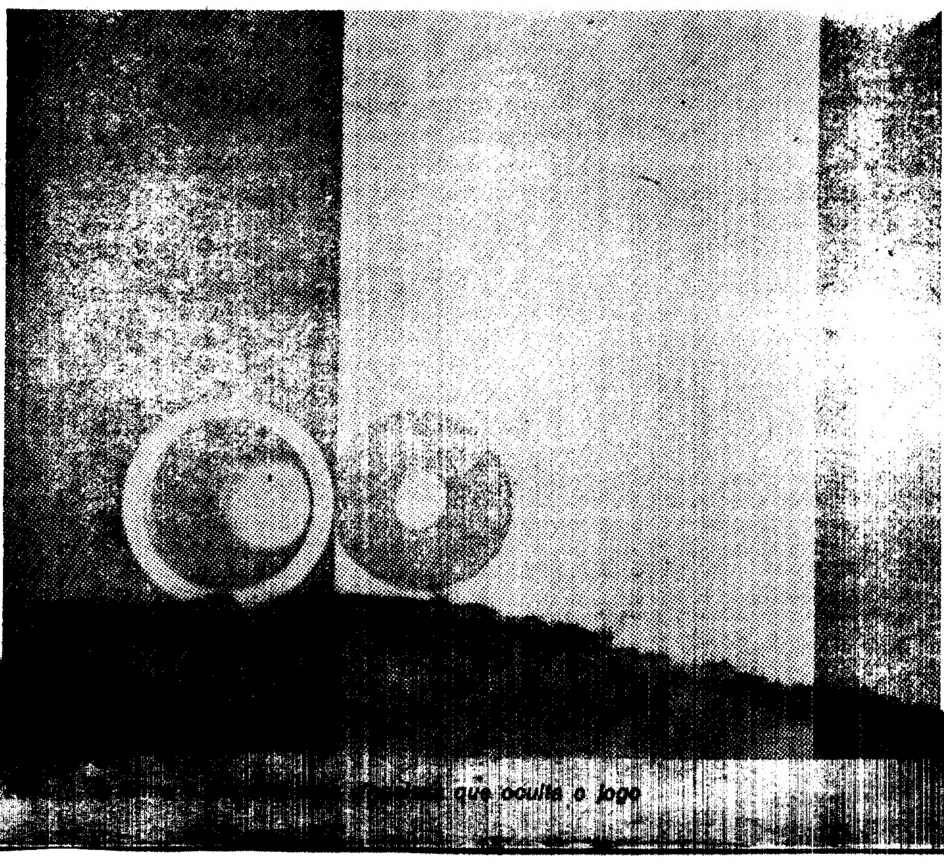
Novos autores, afinal, na Galeria de Arte Moderna da S. N. B. A., sala agora de novo em funcionamento sob a responsabilidade do Conselho Técnico daquele organismo, dentro do mesmo espírito praticado no ano passado. Autores recentes, dois deles (Mário Varela e Pires Vieira) há pouco presentes na Galeria Quadrante, que procuram comprometer-se pùblicamente numa aventura de modernidade, praticando experiências que não são muito originais mas que se revestem de uma espécie de alegria e de confiança capazes de mobilizarem a nossa atenção. Muito pouco devem estes autores, nos termos físicos da sua orientação estética, aos pressupostos da realidade portuguesa, procurando aqui introduzir os dados de uma aprendizagem que a informação de outros meios e formas de cultura vão lentamente somando ao nosso universo. Nenhuma das propostas, no entanto, talvez pela própria timidez inventiva, se acerta deliberadamente a uma experiência mais profunda do lugar e do meio, embora conservando a sua modernidade estrutural.

Pires Vieira tinha já apresentado na Galeria Quadrante grandes construções em madeira pintada, solicitando a mobilidade visual do espectador e conjugando a leitura da cor no plano com a articulação de espaços, com a realidade tridimensional. Proposta de objectos gratuitos, construção real e virtual do espaço, envolvimento e mobilização activa do ver, a decisão estética de Pires Vieira enferma de um certo simplismo de formulação, reveste-se de pouco significado real e resulta comprometida pela ausência do apuramnto técnico que tais formas exigem. É mais interessante, todavia, a sua proposta agora apresentada na Galeria de Arte Moderna, utilizando uma formulação plástica bidimensional e tridimensional que se conjuga entre a parede e o chão, extraindo portanto certas ilações para o campo perceptivo justamente por tal conjugação.

Mário Varela, que prolonga em grande medida a pintura mostrada na Galeria Quadrante, despojada, gráfica e rigorosa, parece já consciente das possibilidades expressivas encerradas no confronto entre a realidade geométrica e a memória reassumida da pintura informal e gestual, referência paisagística e sensível a um outro tipo de acção. O seu apelo criativo vai ao ponto de confrontar essa linha de orientação, as ilusões estabelecidas pela representação no plano, com a construção pictórica, irònicamente explicada, num espaço tridimensional.

Elmano Raposo continua a sua produção de

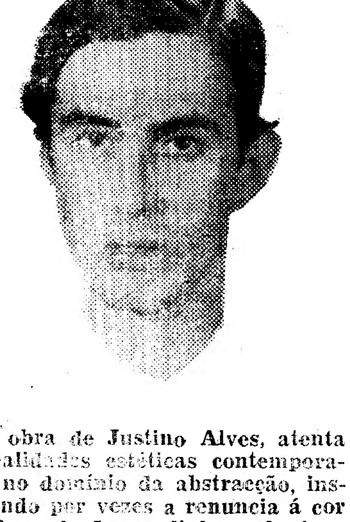
(Cont. na pág. 7)



... que oculta o jogo

AUTORES de HOJE

Justino Alves



NASCEU EM 1940, na cidade do Porto. Diplomado em pintura pela Escola Superior de Belas Artes do Porto. Foi Director da Academia de Musica e Belas Artes da Madeira e é presentemente assistente na E. S. B. A. L.. Foi bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian e do Legado Ventura Terra.

Participou em várias exposições Magnas e Extra-Escolares da E. S. B. A. P., no Salão dos Novíssimos, no Salão Nacional de Arte, nas exposições da J. T. C. S., na Exposição Nacional da Sociedade de Gravadores, nas exposições individuais e itinerantes da Galeria Alvarez, em exposições nos museus de Amarante e Abade de Baçal, na Exposição promovida pelo Banco Português do Atlantico, na Exposição comemorativa do Cinquentenário da Morte de Amadeo de Sousa Cardoso, na IV Nostra d'Arte (Roma), na VI Bienal de Paris, 1969.

Obteve o Prémio Joaquim Lopes (1958), uma Menção Honrosa na Exposição em Coimbra (1961), uma Medalha de Prata em Roma e o Prémio Nacional de Pintura em 1969. Está representado em colecções particulares portuguesas e estrangeiras.

A obra de Justino Alves, atenta ás realidades estéticas contemporaneas no domínio da abstracção, inscrevendo por vezes a renuncia á cor e a formulação da linha pelo jogo de relevos subtis, prima sobretudo pelo cuidado artesanal, pelo equilíbrio das harmonias cromáticas e tonais, e pela relação entre o toque, a matéria sensível onde se reconhece a presença da mão, e as estruturas abstracto-geométricas onde se julga reconhecer a memória latente do mundo visível, micro e macro-aparências que à paisagem urbana se podem referir. Pintura em certa medida «datée», ela resiste aos modos pela estabilidade coerente da [illegible] natureza.

NOVOS AUTORES, JOVENS AUTORES E OUTROS

Artes Visuais

Por Rocha de Sousa

ESCREVENDO no jornal «A Capital», o crítico de arte Rui Mário Gonçalves abordou recentemente, a propósito sobretudo da exposição «Novos Autores» levada a efeito pela Galeria Judite Dacruz, o velho e interessante problema dos jovens artistas. Para ele, e segundo certos dados divulgados há anos pela U. N. E. S. C. O., quarenta anos é o limite de idade para se definir, segundo esse prisma, a juventude de um autor. Para aquele crítico não parece ser muito aliciante o panorama das artes plásticas em Portugal nas vizinhanças de tal idade: «se pensarmos que quase sempre é nesse segundo fôlego que os artistas fazem o seu melhor, teremos uma perspectiva muito pessimista em relação ao meio cultural português». A sua posição quanto aos jovens, com certeza para um menor padrão de idade, também não é das mais sedutoras: «Se o jovem vale alguma coisa, que o seja pelo menos em relação ao nível médio da produção geral do nosso meio, que mesmo assim não é tão alto que mesmo um amador não possa, embora aparente e momentâneamente, atingir». Nestas circunstâncias, Rui Mário Gonçalves põe um problema que nos parece merecedor de destaque: «E fico a pensar se a verdadeira falta de simpatia militante não está a verificar-se em relação aos artistas que estão mais próximos da tal charneira perigosa e difícil para cada um, quando a vida artística já não pode ter para o artista o aspecto de uma lotaria, mas aventura que verdadeiramente compromete toda a sua vida e não mais se poderá cumprir levianamente». Admite-se portanto a ideia de um certo ostracismo a que teriam sido votados ùltimamente os artistas da zona dos quarenta anos de idade e mais. É uma questão pertinente que se põe sobretudo à crítica, visto ter sido ela, nos últimos tempos, um dos principais agentes promotores da vida artística portuguesa, acção, de resto, que pùblicamente reivindica.

Pela nossa parte, pensamos que não é tanto o problema da idade que se tem posto. De facto, a maior parte dos críticos começa justamente a evitar a designação de jovem [illegible] preferindo a de novo autor. Trata-se sobretudo de uma verificação que tem de ser aceite, mesmo històricamente, visto que o maior número de exposições realizadas nas nossas galerias se deve a artistas aparecidos mais ou menos nos últimos cinco anos, quase todos de idade que, em média, ficam muito àquem da charneira teórica apontada. Novos autores, ou autores recentes, independentemente da idade que entretanto se verifica ser baixa, novos autores que praticam uma arte de alto nível para que a crítica se mostre por eles interessada, por vezes até à promoção ostensiva e enfática. Com efeito, à crítica se deve, em grande medida, a importância pública atribuída a autores como António Palolo, Noronha da Costa, Eduardo Nery, Jasmim, Ana Vieira, António Mendes, Manuela Jorge, Fernando Calhau, Joaquim Vieira, Alberto Carneiro, João Machado, Álvaro Lapa, José Rodrigues, Ângelo de Sousa, Criner y Dintel, etc. De uma forma geral, sobre todos estes artistas e ainda sobre muitos outros, a crítica se tem debruçado com reconhecido entusiasmo. Em relação a alguns casos, poderemos mesmo dizer que esse entusiasmo tem sido encarniçado, quase obsessivo, muito mais que militante. Noronha da Costa, por exemplo, apenas com 29 anos, está muito longe de ter sido uma invenção do público e já fez correr mais tinta e prémios do que a maior parte dos nossos autores de quarenta anos. Pôs-se à crítica, nesse e noutros casos, certamente, mais um problema de qualidade do que de idade, e a circunstância de tais autores se entregarem com maior assiduidade a uma afirmação profissional por intermédio de exposições. Os artistas com quarenta anos (ou mais) estão já, em geral, profissionalizados de outra forma, trabalham para empresas, arquitectos ou em determinado tipo de obras públicas. Não se agitam tão à superfície, não são caixa de jornal, e a crítica entre nós, um pouco por necessidade didáctica, um pouco por ter de cuidar da sua própria promoção, tem sido descuidada quanto às exigências da investigação, tem sido desatenta quanto aos autores mais velhos. Em geral, até ignora esses autores, sob o pretexto de que eles estão em declínio ou já não cumprem um programa de modernidade, praticam apenas uma «aventura que verdadeiramente compromete toda a sua vida e não mais se poderá cumprir levianamente». Um grupo que envolve artistas de mais idade, como o da Galeria Interior, mereceu à crítica os maiores ataques dos últimos anos, ou um esquecimento programado, com excepção para o jovem António Sena, estudado e promovido segundo uma nítida «simpatia militante». De facto, os autores com mais de quarenta anos exigem um trabalho de crítica com características diferentes, um aprofundamento histórico, um apelo à memória e à inteligência, uma relação comparativa das tendências, uma análise mais isenta e menos sectàriamente criativa. Exigem verificação, comparação, reconhecimento, disponibilidade crítica. Não são vedetas, são referência indispensável de uma cultura em movimento, quer esta deixe ou não muito a desejar. Cabe à crítica não se alienar em relação ao movimento dessa cultura, mostrando que a sabe ler e situar, evitando o feio pecado de disfarçar as suas insuficiências e compromissos com a afirmação estafada de que não há por onde escolher. Aliás, também não se trata de escolher entre autores jovens e autores velhos: o que é preciso é saber-se reconhecer uma realidade, expondo-a nos seus diversos aspectos e no seu significado. O levantamento global dessa realidade não se faz de um dia para o outro, nem só de uma única maneira. A crítica, por exemplo, pode fazer-se de diferentes formas, segundo diferentes técnicas, e a pluralidade dos seus meios torna-se indispensável à formulação de um verdadeiro conhecimento daquela realidade. Os próprios artistas, nos nossos dias, assumem tal comportamento; e se os críticos desejam afirmar-se verdadeiramente criadores têm de saber assumir e reconhecer a diversificação dos seus próprios meios, da sua própria técnica. Saber ver implica um sem número de operações complexas, uma vivência rica, por vezes semelhante à do artista, uma mobilidade aberta e um profundo sentido de respeito pelos objectos da experiência alheia.

ELMANO RAPOSO, MÁRIO VARELA e PIRES VIEIRA
Galeria de Arte Moderna

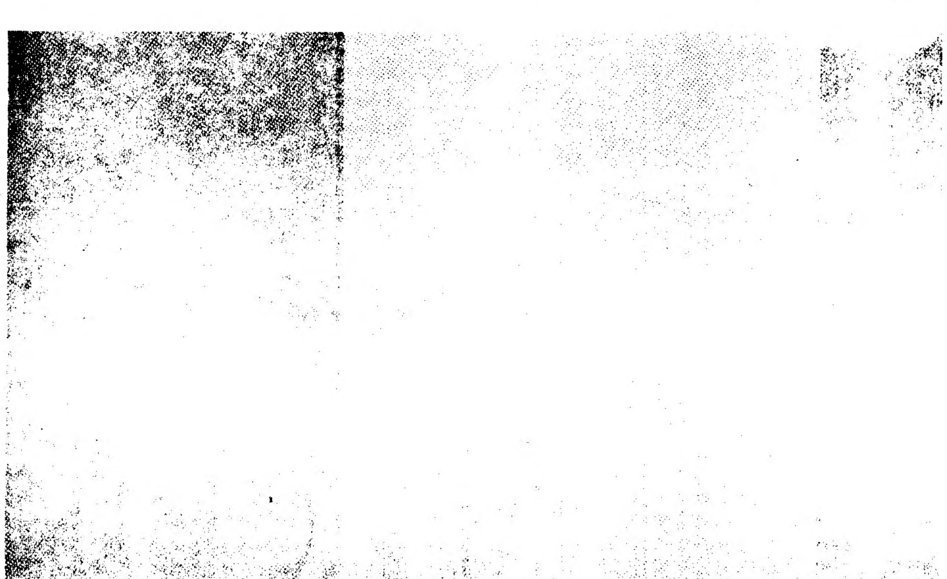
Novos autores, afinal, na Galeria de Arte Moderna da S. N. B. A., sala agora de novo em funcionamento sob a responsabilidade do Conselho Técnico daquele organismo, dentro do mesmo espírito praticado no ano passado. Autores recentes, dois deles (Mário Varela e Pires Vieira) há pouco presentes na Galeria Quadrante, que procuram comprometer-se pùblicamente numa aventura de modernidade, praticando experiências que não são muito originais mas que se revestem de uma espécie de alegria e de confiança capazes de mobilizarem a nossa atenção. Muito pouco devem estes autores, nos termos físicos da sua orientação estética, aos pressupostos da realidade portuguesa, procurando aqui introduzir os dados de uma aprendizagem que a informação de outros meios e formas de cultura vão lentamente somando ao nosso universo. Nenhuma das propostas, no entanto, talvez pela própria timidez inventiva, se acerta deliberadamente a uma experiência mais profunda do lugar e do meio, embora conservando a sua modernidade estrutural.

Pires Vieira tinha já apresentado na Galeria Quadrante grandes construções em madeira pintada, solicitando a mobilidade visual do espectador e conjugando a leitura da cor no plano com a articulação de espaços, com a realidade tridimensional. Proposta de objectos gratuitos, construção real e virtual do espaço, envolvimento e mobilização activa do ver, a decisão estética de Pires Vieira enferma de um certo simplismo de formulação, reveste-se de pouco significado real e resulta comprometida pela ausência do apuramnto técnico que tais formas exigem. É mais interessante, todavia, a sua proposta agora apresentada na Galeria de Arte Moderna, utilizando uma formulação plástica bidimensional e tridimensional que se conjuga entre a parede e o chão, extraindo portanto certas ilações para o campo perceptivo justamente por tal conjugação.

Mário Varela, que prolonga em grande medida a pintura mostrada na Galeria Quadrante, despojada, gráfica e rigorosa, parece já consciente das possibilidades expressivas encerradas no confronto entre a realidade geométrica e a memória reassumida da pintura informal e gestual, referência paisagística e sensível a um outro tipo de acção. O seu apelo criativo vai ao ponto de confrontar essa linha de orientação, as ilusões estabelecidas pela representação no plano, com a construção pictórica, irònicamente explicada, num espaço tridimensional.

Elmano Raposo continua a sua produção de

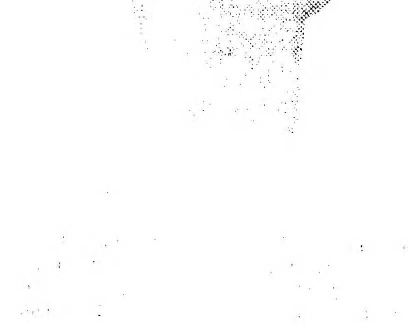
(Cont. na pág. 7)



Pintura de Elmano Raposo: uma singeleza que oculta o jogo

AUTORES de HOJE

Justino Alves



NASCEU EM 1940, na cidade do Porto. Diplomado em pintura pela Escola Superior de Belas Artes do Porto. Foi Director da Academia de Musica e Belas Artes da Madeira e é presentemente assistente na E. S. B. A. L.. Foi bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian e do Legado Ventura Terra.

Participou em várias exposições Magnas e Extra-Escolares da E. S. B. A. P. [illegible] doso, na IV Mostra d'Arte (Roma), na VI Bienal de Paris, 1969.

Obteve o Prémio Joaquim Lopes (1958), uma Menção Honrosa na Exposição em Coimbra (1961), uma Medalha de Prata em Roma e o Prémio Nacional de Pintura em 1969. Está representado em colecções particulares portuguesas e estrangeiras.

[illegible] a matéria [illegible] onde se reconhece a presença da mão, e as estruturas [illegible] onde se julga reconhecer a memória latente do mundo visível, micro e macro-aparências que à paisagem urbana se podem referir. Pintura em certa medida «datée», ela resiste aos modos pela estabilidade coerente da sua natureza.